UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA ESCOLAR E DE
DESENVOLVIMENTO HUMANO

AIDA DUARTE BINZE

Práticas culturais e escolarização de mulheres em Moçambique:
um caminho para ressignificação dos Ritos de Iniciação

(versão corrigida)

SÃO PAULO
2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA ESCOLAR E DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

AIDA DUARTE BINZE

Práticas culturais e escolarização de mulheres em Moçambique:
um caminho para ressignificação dos Ritos de Iniciação

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e de Desenvolvimento Humano, na Linha de Pesquisa Psicologia Escolar, Educação e Políticas Públicas, sob a orientação da Profa. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

(versão corrigida)

SÃO PAULO
2022

Folha de Aprovação

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e de Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Título: **Práticas culturais e escolarização de mulheres em Moçambique:** um caminho para ressignificação dos Ritos de Iniciação

Autora: Aida Duarte Binze
Orientadora: Profa. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Aprovado em:

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação Biblioteca
Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Duarte Binze, Aida
Práticas culturais e escolarização de mulheres em Moçambique: um caminho para ressignificação dos Ritos de Iniciação / Aida Duarte Binze; orientador Marilene Proença Rebello de Souza . -- São Paulo, 2022.
226 f.
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. mulheres. 2. escolarização. 3. ritos de iniciação. 4. psicologia escolar. 5. ressignificação. I. Proença Rebello de Souza , Marilene, orient. II. Título.

Dedico esta tese ao meu querido Pai, que partiu deste mundo no final desta caminhada no momento em que eu mais precisava dele. Ele sempre foi o meu guia e o meu amuleto da sorte.

Obrigada, Pai, por tudo. Saudades Eternas.

Dedico também ao meu filho Lewis Kevin Binze Cabral D´almada, que entrou na minha vida durante este processo do doutorado. Em vários momentos, pensei em desistir, mas a força do seu olhar e a sua alegria foram a minha âncora para seguir em frente. Perdão, filho, pelas longas horas de ausências.

Obrigada, meu pequeno, pela companhia nessa caminhada.

Dedico, igualmente, a minha mãe Adelaide Mozene Binze, meu suporte da vida inteira; e a minha Avo Ndambire João por serem a minha inspiração de coragem e determinação,

com elas aprendi que o lugar da mulher é também na escola.

Agradecimentos

À Profa. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza, por ter me incentivado nesta linda caminhada, pela sábia e valiosa orientação, pela confiança e pela amizade, por ter acreditado em mim em um momento em que nem eu acreditava. Sem ela eu não conseguiria realizar este sonho. Meus sinceros agradecimentos.

Ao Instituto de Bolsas de Moçambique, pela concessão da bolsa de estudos, graças a ela pude dar seguimento a minha pesquisa no Brasil.

À CAPES, pela concessão da bolsa emergencial no final dos estudos. Este apoio foi fundamental para conclusão desta etapa.

Ao Instituto de Psicologia que, pela segunda vez, me acolheu e permitiu que eu pudesse desenvolver esta pesquisa em solo brasileiro.

Às Profas. Dras. Maurilane Bicca e Alayde Maria Pinto Digiovanni, que participaram da banca de qualificação e, com muita sensibilidade, deram ricas contribuições para o trabalho.

À extinta Universidade Pedagógica e, especialmente, ao Prof. Doutor Rogério Uthui, ex-Reitor desta instituição, pela oportunidade que me deu para continuação dos meus estudos no solo brasileiro.

Ao meu ex-orientador, Lineu Nório Kohatsu, pelas contribuições valiosas nesta pesquisa.

Às madrinhas, alunas e às instituições de estado que participaram desta pesquisa em Moçambique, em especial ao Diretor Provincial de Educação e de Desenvolvimento Humano; ao Diretor Provincial de Saúde; ao Diretor Provincial da Mulher Criança e Ação Social; e à substituta da secretária da Organização das Mulheres Moçambicanas de Nampula. A todos vocês: muito obrigada pelas contribuições valiosas.

Aos meus colegas de Trabalho e aos meus alunos.

Às Professoras do Instituto de Psicologia, Marie Claire, Maria Teresa C. Souza, Teresa Isabel Leme, pelo suporte e por ter abraçado esse meu sonho.

Às minhas amigas e às madrinhas do meu filho, Márcia Bavaresco, Márcia Melo, Márcia Justino, Mariana Proença, Marilene Proença e Beatriz de Paula Souza. Vocês foram fundamentais nesta etapa da minha vida. Por conta do apoio recebido, eu e meu filho nunca nos sentimos desamparados. Eu e o Lewis ganhamos uma grande família aqui no Brasil que levaremos em nossos corações.

À Tânia Cristina Borges, minha amiga desde o mestrado, com sua paciência inigualável, mesmo cansada, doente, se dispôs a me ajudar na correção do texto e nos cuidados do meu filho. Sempre se mostrou ser uma segunda mãe para ele. Obrigada pela amizade.

À Viviane Angélica, minha colega e amiga de vários anos. Obrigada pelas ricas contribuições nesta pesquisa, pela amizade e paciência e pelo amor incondicional ao nosso pequeno.

Aos meus colegas e às minhas colegas de trabalho em Moçambique: Madalena Tirano Bive, Ana Paula, Teresa, José Salinas, Nhambe. Sinto-me muito grata pelo apoio e carinho na breve passada no território brasileiro.

Às assistentes sociais do serviço social da USP, em especial à Gina Pimentel. Obrigada pelo apoio.

À minha filha de coração, Maira Luana, que também se dedicou à revisão do texto. Aos meus amigos, Fábio Alcantra da Zeladoria da USP, a Lionete, Sónia, Fernanda Bombarde, Adriane Camargo, Josilanã Nogueira, Bruno Martins, Cássia Goreti e Bruna. Vocês foram e continuarão a ser importantes alicerces para mim.

Aos meus colegas do grupo de orientação: Ana Maria Tejada Mendoza, Felipe de Oliveira, Andrea Mutarelli, Eduardo Frias, Lucy Duró, Eloísa Beppu, Daniela Gazzotti, Maria Thereza Albardía, Alexandre de Lucca (*In Memoriam*), Vanessa Malpighi, Gisele Costa, Sabrina Gasparetti Pani, Berenice Tourinho. Agradeço pelas contribuições sábias.

Às secretárias do PSA, Maria Olívia Martins Rosa e Sandra Dias dos Santos Pereira, pelo apoio incondicional.

Aos meus irmãos Santos Duarte Binze, meu irmão mais velho, meu melhor amigo e hoje exerce o papel de Pai com sabedoria . Rosa Duarte, Fernando Duarte, Afonso Duarte Binze e Fernanda Duarte Binze meus companheiros de uma vida toda, meus melhores amigos que, apesar da distância, estão presentes na minha vida e sempre torcem por mim. Obrigada, manos e manas!

"A nossa atenção foi atraída pelo toque do tambor e nos conduziu até uma casa onde as meninas ensaiavam, em reclusão, um número de dança para a festa do fim dos ritos de iniciação. Elas, mal nos viram, puseram-se a dançar, pedindo dinheiro. Cumprimos com a tradição: as meninas estavam a angariar fundos para a festa do fim dos ritos. Demos dinheiro e elas dançaram com mais vigor e as madrinhas ofereceram-nos umas sementes. A minha irmã quis logo saber se eram comestíveis, o que provocou um riso geral, porque dessas sementes se extraia o óleo para alongamento vaginal. Participamos nas batucadas. Naquelas danças recuperamos a inocência e nos reencontramos naquela adolescência que ao som do batuque desenhava os caminhos do futuro."

Paulina Chiziane

Resumo

Esta pesquisa toma por objeto de estudo os Ritos de Iniciação e a escolarização. Tem por objetivo investigar a relação entre práticas tradicionais de Moçambique, em especial os Ritos de Iniciação, e a educação escolar da mulher nos grupos étnico-linguísticos Macua e Yao, situados ao Norte de Moçambique. Buscou-se, assim, identificar as contradições entre a educação da mulher em seu âmbito formal, ou seja, na instituição escolar, e informal, especificamente nos ritos, de modo a refletir como o papel da cultura na formação das mulheres Macua e Yao interfere no processo de escolarização, fortemente marcado pela exclusão escolar. Para a materialização da pesquisa, realizou-se o trabalho de campo nas províncias de Nampula e Niassa, ambas localizadas no Norte de Moçambique. Foram efetuadas cinco entrevistas: com as "Madrinhas", mulheres responsáveis pelos ritos, dos grupos Macua e Yao; com representantes da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM); e com as representantes de entidades governamentais da Direção Provincial da Educação e de Desenvolvimento Humano (DPEDH), da Direção Provincial de Saúde (DPS) e da Direção Provincial da Mulher, Criança e Ação Social (DPMCAS). Além disso, foi realizado um encontro com mulheres universitárias moçambicanas que passaram pelos Ritos de Iniciação, por meio da técnica de grupo focal, que responderam um questionário ao final das reuniões com o grupo. Organizamos, ainda, uma Mesa Redonda na Universidade para discussão do tema. Os Ritos de Iniciação das mulheres dos grupos étnico-liguístico Macua e Yao são marcados pela menarca, que se configura como um ritual de passagem para o universo adulto. Esse processo é acompanhado pelo processo de inserção das mulheres Macuas e Yaos na sociedade. Por um período mínimo de um mês, elas participam dos rituais, em que uma série de aprendizados são transmitidos pelas mulheres mais velhas. Esse ritual é definido por uma marcante diferença cultural de gênero, sendo um traço dessa formação a submissão das mulheres ao gênero masculino. Os dados foram analisados à luz das teorias feministas e da Psicologia Histórico-Cultural, entre outras escolhas teóricas, com o intuito de entender as atuais tensões dessa prática e trazer sugestões de ressignificação dos ritos nessas culturas, propondo uma prática coletiva, junto a essas mulheres, para a criação de possibilidades de emancipação diante do manejo do saber tradicional e do saber escolarizado.

Palavras-chave: mulheres; escolarização; ritos de iniciação; psicologia escolar; ressignificação.

Abstract

This research takes as the object of study the Rites of Initiation and the schooling process . The purpose of this research is to investigate the relation between traditional Mozambican practices, especially the Initiation Rites, and the school education of women from the Makua and Yao ethnolinguistic groups, which are located in the North region of Mozambique. I sought to identify the contradictions between the formal education of women, that is, in a school institute, and the informal education, specifically in the rites. That allows us to reflect about the role of culture in the instruction of Makua and Yao women, and how it interferes in the schooling process, usually marked by exclusion from school. For the materialization of the research, I conducted a fieldwork in Mozambique in the provinces of Nampula and Niassa, both located in the North of Mozambique. The four following publics were interviewed: Godmothers who are responsible for the rites, one from the Makua and one from the Yao group; representatives of the Organization of Mozambican Women (OMM); universitary women who went through the initiation rites and organized a *focus group*; and government entities, such as The Provincial Directorate of Education and Human Development (DPEDH), The Provincial Directorate of Health (DPS), and The Provincial Directorate for Women, Children and Social Affairs (DPMCAS) and organized a Round Table at the University for discussing the issue. The initiation rites of women in the ethnolinguistic groups Makua and Yao are marked by menarche, characterized as a ritual of passage to the adult universe. That process is followed by the insertion of Makua and Yao women in society. For a period of at least a month, they join the initiation rites, in which older women share a series of lessons with the young ones. The ritual is defined by an outstanding cultural difference of gender, being the submission of women to the masculine gender a characteristic of their upbringing. Among other theoretical choices, I analyzed the data collected in field through feminist theories and the Vygotskiana cultural-historical psychology. The purpose was to understand the current tensions of that practice and to bring suggestions to resignify the rites in those cultures, proposing a collective practice in collaboration with those women to create new possibilities of emancipation regarding the handling of traditional and school knowledge.

Keywords: women; schooling; initiation rites; school psychology; resignification.

Lista de Abreviaturas

DPEDH - Direção Provincial de Educação e Desenvolvimento Humano

OMM - Organização da Mulheres Moçambicanas

DPGMCA - Direção Provincial do Género, Mulher, Criança e Ação Social

DPS - Direção Provincial de Saúde

UNICE F- Fundo das Nações Unidas para a infância.

EP1 - Ensino Primário do 1º Grau

EP2 - Ensino Primário do 2º Grau

ESG - Ensino Secundário Geral do 1º grau

ESG2 - Ensino Secundário Geral do 2º grau

MULEIDE - Mulher, Lei e Desenvolvimento

AMME - Associação Moçambicana das Mulheres e Educação

INE - Instituto Nacional de Estatística

Apresentação **15**

Introdução **20**

Capítulo 1. A Geopolítica moçambicana 28

1.1 Moçambique: localização, economia, educação e aspectos sociolinguísticos 28

1.2 Breve histórico sobre a educação em Moçambique 30

1.3 Taxa de fecundidade em Moçambique 34

Capítulo 2. Ritos de Iniciação em Moçambique: tradição e relação com o desenvolvimento humano a partir do enfoque histórico-cultural **41**

2.1 Apresentando os Ritos de Iniciação Macua e Yao em Moçambique 41

2.2 Os Ritos de Iniciação no contexto do desenvolvimento humano a partir do enfoque histórico-cultural 49

Capítulo 3. A pesquisa **64**

3.1 O objeto de estudo 64

3.2 Objetivo geral 65

3.3 Objetivos específicos 65

3.4 As fontes de dados 65

3.5 Procedimentos de investigação e análise de dados 68

Capítulo 4. O lugar da mulher em Moçambique e a igualdade de gênero **72**

Capítulo 5. Ritos de Iniciação e escolarização **101**

5.1 Atividades desenvolvidas nos Ritos de Iniciação dos grupos étnicos- linguísticos Macua e Yao 101

5.2 Dos Ritos de Iniciação: práticas e segredos a partir do olhar das "Madrinhas" 102

5.3 As fases dos Ritos de Iniciação segundo Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM) 110

5.4 Os Ritos de Iniciação e o casamento 111

5.5 Identificação dos principais fatores que influenciam o processo de escolarização das mulheres, fortemente marcado pela exclusão da escola, e sua relação com os Ritos de Iniciação. 113

5.6 Reflexão sobre as relações de Gênero na sociedade moçambicana e sua influência na manutenção dos Ritos de Iniciação dos grupos étnico-linguísticos Macua e Yao 118

5.6.1 Dos Ritos de Iniciação: relatos de mulheres e repercussões em suas vidas 118

5.6.2 O papel das políticas públicas oficiais de educação e a formação das mulheres na cultura tradicional. 125

Considerações finais 136

Proposta Político-Pedagógica frente aos Ritos de Iniciação e a escolarização 142

Referências 146

APÊNDICES 150

APÊNDICE A – Entrevista com as "Madrinhas" 150

APÊNDICE B – Entrevista com Dirigente da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM) 154

APÊNDICE C – Entrevista com Dirigente da Direcção Provincial de Educação e de Desenvolvimento Humano (DPEDH) 156

APÊNDICE D - Entrevista com Dirigente da Direção Provincial de Saúde (DPS) 160

APÊNDICE E – Trabalho com o grupo focal 167

APÊNDICE F - Roteiro do grupo focal 177

APÊNDICE G – Cartas de Apresentação 184

APÊNDICE H – Termo de Consentimento 189

ANEXOS 190

ANEXO A – Informe sobre Casamento Prematuros na Província de Niassa 190

ANEXO B – Plano de Ação para a Redução da Desistência 206

ANEXO C – Breve Informe sobre Planejamento Familiar 217

ANEXO D – Lei nº 6/92 de 6 de Maio 221

Introdução

Os Ritos de Iniciação em Moçambique são práticas culturais que organizam um sistema de valores e reforçam os papéis e identidades de gênero presentes nas brincadeiras infantis e na construção da vida social moçambicana. Os Ritos também marcam a passagem da criança para a fase adulta. Essa prática é predominante em todo país, ainda que mais fortemente arraigada no Norte de Moçambique. Sou natural de Nampula, localizada no Norte de Moçambique. Aos 15 anos, passei pelos Ritos de Iniciação em decorrência de minha menarca, fator biológico determinante para o início da prática. Os Ritos Iniciação não só marcam a passagem da menina e do rapaz da fase da adolescência para a fase adulta, como também unem as comunidades. A uma mulher que não passa pelos Ritos de Iniciação não é permitida a participação em cerimônias importantes dentro da comunidade, tais como velórios, festas comunitárias, conversar com pessoas mais velhas. Qualquer atitude considerada negativa do indivíduo não iniciado é literalmente associada ao fato de este não ter passado pelos Ritos de Iniciação.

Quando eu passei pela Iniciação, Ndambire, minha avó materna, estava à frente desse processo, de modo que não precisei me afastar do convívio familiar durante o confinamento, além de me isolar apenas por uma semana, haja vista que o ritual tradicional prevê o isolamento de, no mínimo, um mês. Assim, o fato de minha avó ter sido minha "Madrinha" tornou possível meu retorno à escola formal, não interrompendo minha escolarização. Minha mãe também passara pelos Ritos de Iniciação, mas teve autonomia profissional, trabalhando como funcionária pública. Por causa de sua própria trajetória de vida, minha mãe sempre me ensinou a necessidade de trabalhar para obter autonomia financeira. Ademais, meus pais me desobrigaram a casar após sair dos Ritos, por questões religiosas, pois professavam a religião evangélica e já viviam longe da zona rural. Desse modo, cumpri algumas etapas dos Ritos, mas não fui obrigada a me submeter a todas elas, como melhor explicarei ao longo deste trabalho.

Fiquei na *palhota*[1] de minha avó, por uma semana, aprendendo os saberes a respeito dos Ritos e da vida: como se cuidar no período menstrual, como cuidar da família e do meu

[1] Casas fabricadas de material precário, geralmente de barro e palha.

futuro marido, a importância do respeito pelas pessoas mais velhas; e, entre tantos ensinamentos e aprendizagens, o alongamento das *mathunas*[2] também foram marcas dos Ritos de Iniciação. Embora tenha crescido ouvindo a minha avó e minha mãe dizerem que o lugar de uma menina era ao lado das mulheres, aprendendo deveres domésticos para garantir o casamento, passar mais tempo ao lado da minha avó Ndambire, durante o período do confinamento, me fez assimilar as condutas de comportamento social com mais seriedade. Diariamente, ouvia minha avó dizendo que eu deveria estar preparada para ser uma excelente esposa para o meu futuro marido e que, para isso, eu tinha que ter todos os dotes culinários, como também saber agradá-lo sexualmente, ser uma mulher dócil, paciente e nunca ousar levantar a voz para ele, mesmo se eu tivesse razão.

Ao completar a 7ª classe do ensino primário, assim como a minha Iniciação, vi-me obrigada pela minha mãe a cursar o Professorado[3], ainda que o meu sonho, desde pequena, fosse outro: ser uma contabilista. Havia me tornado uma adolescente com um comportamento pouco adequado para o que se previa como padrão, minha preferência pelas amizades masculinas e o gosto pelo futebol, até então visto como uma modalidade masculina, preocupava minha mãe, pois, na sua percepção, eu poderia ficar grávida prematuramente, daí que ela precisava garantir que, no mínimo, eu tivesse alguma profissão.

Portanto, contra a minha vontade, ingressei na formação de professores, que, na época, devido à escassez de profissionais, após os três anos de formação, a pessoa era automaticamente colocada em um posto de trabalho. Contra minhas expectativas, durante os estudos de formação, eu passei a gostar do magistério, área na qual atuo até hoje.

Durante a formação, percebi que eu era a mais nova entre as mulheres que lá se encontravam. Estava rodeada de mulheres experientes, algumas até eram mães, essas seguiam os estudos à procura de uma profissão que garantisse um emprego para o sustento dos seus filhos. Em conversas noturnas, dentro do quarto compartilhado por oito mulheres, eram abordados vários assuntos, dentre os quais o único que eu não participava era sobre sexualidade, pois ainda não havia iniciado a minha vida sexual e sentia vergonha disso. Com o tempo, elas perceberam que eu ainda era virgem e não tinha iniciado a vida sexual, foi quando tudo mudou

---

[2] Lábios inferiores da vagina em língua Macua.
[3] Magistério.

e comecei a receber ofensas e ameaças, chegaram a inferir que uma mulher virgem aos 20 anos teria uma doença incurável e, certamente, grande dificuldade de conseguir um marido. Nesses momentos de humilhação, eu sentia não fazer parte do grupo.

Em um desses finais de semana em que éramos dispensados para ir visitar a família, contei para minha mãe o que estava acontecendo e perguntei se eu corria risco de ficar doente e não casar por iniciar a minha vida sexual tardiamente. A resposta dela foi não e, apesar de categórica, era notável sua surpresa, pois até aquela altura ela não tinha certeza se eu havia iniciado a minha vida sexual. Terminei a formação, meu mal-estar diante do grupo passou e logo assumi um posto de trabalho em uma escola primária para trabalhar como alfabetizadora. Na experiência como professora no ensino primário, nas províncias de Nampula e Niassa, ambas ao Norte de Moçambique, tive contatos com alunas que se sentiam bastante constrangidas por conta dos efeitos que as práticas tradicionais dos Ritos de Iniciação tiveram sobre elas.

Observei, naquela época, várias meninas desistindo da escola e refugiando-se no casamento, porque não conseguiam se integrar ao mundo escolar após terem voltado dos Ritos, uma prática muito importante na comunidade moçambicana em geral. Para elas, naquele momento, o casamento era o único lugar onde poderiam ser aceitas de fato. Explicarei melhor a que tipo de aceitação me refiro no desenvolvimento deste trabalho, que visa expor práticas socioculturais relacionadas aos Ritos de Iniciação em Moçambique e discutir em que medida eles podem interferir no aprendizado das meninas na escola.

Segundo a escritora moçambicana Paulina Chiziane (1994), em seu conto *Eu mulher*, quando uma grande desgraça recai na comunidade sob a forma de seca, epidemias ou guerra, as mulheres são severamente punidas e consideradas as maiores infratoras. Nesse sentido, a pesquisa sobre os Ritos de Iniciação e seus reflexos na cultura moçambicana, com destaque para a possibilidade de emancipação feminina, é bastante importante não só pela minha condição de mulher moçambicana, mas de profissional em Psicologia Escolar no Ensino Superior, de modo que essas questões psicossociais relativas à posição da mulher na sociedade suscitam em mim, ainda, uma série de reflexões que busquei elaborar e sistematizar nesta pesquisa.

Vale destacar que esta pesquisa foi um encontro de tradições e saberes. De um lado, desvelou-se tanto segredos quanto práticas públicas referentes aos Ritos de Iniciação; de outro, os ritos acadêmicos e científicos. Dentro da tradição científica, escolhe-se um tema de pesquisa, faz-se um recorte teórico e são estabelecidas questões que integram o objeto de análise, os objetivos gerais e específicos. Adota-se, assim, a metodologia para perscrutar a questão levantada e, com um arsenal teórico, analisa-se os dados levantados e aponta-se encaminhamentos futuros. Dito de maneira sucinta, a tradição científica ofereceu-me ritos e exigiu confinamentos para uma análise meticulosa sobre os Ritos de Iniciação que fomentam uma tradição moçambicana. Assim, algumas instituições me atravessaram para tornar esta pesquisa possível: seja a menarca, o casamento, a maternidade e ser mulher na sociedade moçambicana, seja ser professora acadêmica e pesquisadora de doutorado na Universidade de São Paulo (USP).

No Instituto de Psicologia da USP e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, cursei, primeiramente, o Mestrado. Sob a orientação do Prof. Dr. Lineu Kohatsu, defendi a Dissertação intitulada "Família e Deficiência no Grupo Étnico-Linguístico Yao de Norte de Moçambique", com apoio do CNPq, em 2013. Durante este curso, realizei simultaneamente o curso de "Orientação à queixa escolar", em 2011, oferecido pelo Instituto, como parte do meu aperfeiçoamento profissional[4]. A proposta de atuação do psicólogo como mediador entre os principais atores da cena escolar, a saber, o aluno, sua família e seus professores, de modo a identificar e fortalecer as potências destes e de suas relações, para a superação da queixa que motivou o encaminhamento, não apenas motivou minha atual pesquisa, como deu novas possibilidades e ferramentas para minha atuação diante da realidade educacional moçambicana. Para tal, considerei aspectos culturais, institucionais, pedagógicos, relacionais e históricos na produção das dificuldades no processo de escolarização, tal qual me orientou a bibliografia (SOUZA, 2010).

Hoje, após ter entrado em contato com conteúdos e reflexões desenvolvidas neste curso, volto ao passado e penso o quanto poderia ter feito, principalmente quando professora, para ajudar aquelas meninas no sentido de poderem superar algumas dificuldades e, dessa forma,

[4] Este Curso de Atualização é oferecido pelo Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob coordenação da Profa. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza e de Beatriz de Paula Souza.

encorajá-las a permanecerem no espaço escolar. Entretanto, naquela altura, não tinha uma construção teórica sólida para atuar de maneira que pudesse auxiliá-las na reelaboração dos traumas, transformando as experiências vividas por elas em aprendizados.

Partindo dessas reflexões que foram surgindo ao longo das experiências rememoradas, iniciou-se a presente investigação, que teve como ponto de partida a busca por referências bibliográficas e científicas para sustentar a tese apresentada. O processo de definição dos caminhos da pesquisa consistiu em cursar disciplinas que se relacionassem com o tema abordado, participar de grupos de pesquisa e de estudo, fóruns e eventos acadêmicos, além da permanente formação nas reuniões de orientação. Estas tarefas foram certamente facilitadas pela profícua relação de cooperação científica entre Brasil e Moçambique e a potente bibliografia decorrente dessa ponte.

A universidade pública no Brasil tem ainda a tradição de defesa da educação pública, gratuita e de qualidade, sendo o celeiro de nomes do quilate do Paulo Freire, que serve de bússola para pensarmos a educação como ferramenta de emancipação. Por isso, as experiências, nesse sentido, o tornam um país ideal para encontrar essas possibilidades de diálogo com uma bibliografia sólida.

Por meio deste trabalho, pretende-se expor e propor a necessidade do estabelecimento de um diálogo entre as práticas culturais tradicionais dos Ritos de Iniciação e as políticas públicas educacionais para a formação da mulher moçambicana, de maneira tal que as diferenças entre estes dois universos sejam consideradas como potencialidades e não como ameaça para a escolarização das meninas que ainda estão cursando a Educação Básica em Moçambique. Isto passaria por uma ressignificação dos Ritos de Iniciação, de forma a criar diretrizes políticas na área de educação e uma rede de assistência a essas mulheres, sejam as que passaram pelos ritos ou as que ainda irão passar. Para as que cumpriram os Ritos de Iniciação e hoje estão fora do casamento, qual é a responsabilidade do poder político e da sociedade moçambicana? Como contribuir para que os diversos atores que participam desse processo possam considerar os Ritos de Iniciação como algo transformador, agregador e nunca excludente. Esta pesquisa tem também caráter etnográfico, mas se propõe também a apresentar uma possibilidade de intervenção, respeitando a tradição dos ritos. Acreditamos que possa haver uma possibilidade de ressignificar os Ritos de Iniciação para atender melhor a essas mulheres e ampliar o repertório de possibilidades delas para além do casamento e da maternidade.

Trabalharemos, nesta tese, o conceito da *ressignificação* dos Ritos de Iniciação, pois entendemos que esta prática se perpetua nas comunidades e está arraigada na vida dessas mulheres. Com base no trabalho de campo, podemos perceber que a prática dos Ritos de Iniciação em si não está em questão, mas, sim, a forma como ela é feita e os ensinamentos transmitidos. Propomos uma ressignificação dos Ritos de Iniciação porque ficou claro, ao longo do trabalho de campo, que esta prática não é garantia de casamento, muito pelo contrário, coloca a mulher numa situação de submissão ao homem, no caso o seu marido, de vulnerabilidade e exposta a todo tipo de violência, normalizada por ela e pela sociedade.

O estudo deste tema é de extrema importância para o país, visto que estas práticas culturais atingem a maioria da população moçambicana. Porém, esta prática ao mesmo tempo que se perpetua, integrada ao cotidiano das comunidades, passa a ser analisada criticamente por meio de estudos que contribuem para desvelar os efeitos que elas apresentam sobre as meninas.

Como ponto de partida, a pesquisa revelou-se como um grande desafio, pois, à medida que me aprofundava no objeto de estudo, fui me dando conta de que existem aspectos da cultura delicados e que devem ser tratados com bastante cautela. Esta pesquisa certamente me colocou diante do dilema de encontrar a melhor maneira de expor segredos e respeitar a tradição, tanto para quem a conhece quanto para quem não tem nenhuma intimidade com o universo retratado. Falar de tradições africanas com as lentes de tradições científicas é desnudar uma cultura historicamente lida a partir de perspectivas colonizadoras. Assim, tive um duplo desafio: fazer uma autocrítica sobre minha própria cultura, sem, no entanto, fortalecer argumentos constituídos do ponto de vista do colonizador.

Nesse sentido, tomo de empréstimo o que diz Castiano:

> Em todas as sociedades/comunidades humanas existem sujeitos que cultivam pontos-de-vistas que sejam críticos relativamente às tradições e aos valores adjacentes e sobretudo ‘sujeitos argumentativos’, sendo estes aqueles que se confrontam com interpretações adversas às suas próprias sobre os eventos, processos valores locais/endógenos. (CASTIANO, 2013, p.7).

Essas interpretações são pontos de vista importantes para olhar o papel da cultura como um todo e não apenas para alguns aspectos de forma isolada, ou seja, elas propiciam uma visão que contemple múltiplas camadas de uma realidade recortada para propósitos de análise. Em linhas gerais, apesar das especificidades, a sociedade moçambicana compartilha com outros

quadrantes do mundo, com o Brasil, por exemplo, a triste constatação de que a mulher é impelida a lugares de submissão e inferioridade em relação ao homem, pois a história do patriarcado tem intersecções em muitos países e culturas.

Considerando a inserção das comunidades Macuas e Yaos na aldeia global[5], alguns valores sobre poder e organização social têm a coloração local no modo como são transmitidos, conferindo, assim, a identidade de seu povo, inventando e preservando tradições locais. Contudo, há uma grande necessidade de se ressignificar essa história que é fecundada a partir da polinização de elementos culturais de todo o mundo. A dinâmica de circulação de elementos culturais pelo tempo e história admitem múltiplas possibilidades de interpretações em uma mesma realidade social e natural, bem como prevêem possibilidades de construção social alternativa das estruturas de poder (CASTIANO, 2013).

Trazendo para o universo desta pesquisa, entende-se que Ritual de Iniciação pode ser visto como uma prática ideológica[6], que perpetua valores, crenças e condutas formadoras da identidade de gênero de determinado grupo étnico. Portanto, defende-se, com esta tese, a necessidade de que os saberes tradicionais e os científicos dialoguem de forma a manter as mulheres na escola após os rituais, assim como que estes saberes permitam a elas o acesso a outros tipos de emancipação. Defende-se, assim, a dualidade do sujeito mulher, tanto na sua face individual quanto na sua face coletiva.

Nas sociedades africanas, o grupo é supremo, e os interesses de grupo, claramente, suplantam os interesses dos indivíduos. Considerando a máxima, de Simone de Beauvoir, de que não se nasce mulher, mas se torna mulher, esta pesquisa se atenta à dimensão fundamental do papel da cultura no desenvolvimento da mulher moçambicana, uma vez que, do ponto de vista da teoria histórico-cultural:

> [...] o desenvolvimento orgânico da [criança] realiza-se em meio cultural, converte-se em um processo biológico historicamente condicionado. Ou seja, qualquer ciência que estude o homem em qualquer aspecto, e ainda mais a

[5] Milton Santos propõe o conceito de global como ação que une o global e o local. O geógrafo brasileiro defendia que, ao se levar o suposto universal ao local, cria-se uma particularidade. Particularidade e universalidade se fertilizam mutuamente e faz da universalidade um conceito a ser superado. SANTOS, Milton. *A natureza do espaço.* Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

[6] A ideologia tem uma função básica que é constituir uma identidade do indivíduo. Portanto, ao entrar no grupo, ele adquire então uma identidade como efeito fundamental da ideologia. Por isso, tem que se entender que esta prática, embora tenha aspectos sujeitos a críticas, compõem também vários componentes sociais e culturais de um povo que os Ritos de Iniciação visam manter (KHAPOYA, 2015).

> Psicologia, deve assumir, o fato de que trata de um objeto histórico-social como constitutivo da sua investigação. (SHUARE, 2017, p.62).

Vale destacar que Shuare (2017) entende a Humanidade no masculino, detalhes como esse nos obrigam a lembrar que os estudos sobre ser ou tornar-se mulher estão submetidos a um suposto universal masculino, heteronormativo e branco. Assim nasceram as interpretações de que as distinções entre os sexos sempre existiram e sempre existirão, pois, supostamente, as condições biológicas permitiram que assim o fosse. Nessa condição biológica, a mulher se apresenta como o sexo frágil. Esta forma de raciocinar é exatamente igual àquela que prescreve que à mulher cabe o papel de casar e ser mãe. Dessa forma, quando essa extrapola as funções na vida pública e tenta atuar no mercado profissional, sua atividade é entendida como "ajuda" ao marido. Na qualidade de mera "ajudante", à mulher é ofertado um salário menor, ainda que ela desempenhe as mesmas funções que o homem (SAFFIOTI, 1987, p.15).

Invariavelmente, o debate sobre gênero atravessa toda a nossa pesquisa, pois entendemos que os Ritos de Iniciação, objeto da pesquisa, não podem ser dissociados das discussões sobre gênero. Para isso, iremos articular as nossas interpretações com autoras e autores que se debruçam sobre essa temática, com destaque para Saffioti (1987), Evaristo (2016), Chiziane (2015), Carvalho (2012), pois elas trazem discussões interessantes para pensar a mulher e a igualdade de gênero, uma vez que esta pesquisa irá percorrer vários caminhos para responder ao problema que coloca em causa: o de acesso e permanência das mulheres na escola após passarem pelos Ritos de Iniciação.

Saffioti (1987) afirma que a identidade social da mulher é, sem dúvida, construída pelos distintos papéis atribuídos a ela que delimitam, com precisão, o que é de fato trabalho da mulher e trabalho do homem. Este posicionamento é, até os dias de hoje, visível em Moçambique, e mesmo no Brasil, embora encontremos um maior número de mulheres ocupando tarefas que antes eram designadas aos homens.

Os Ritos de Iniciação em Moçambique têm uma origem histórica que remete ao processo de independência do colonialismo português, conferindo-lhe maior visibilidade como forma de expressar a liberdade do Estado-Nação. Porém, nos anos 1980, surgiu uma campanha,

encabeçada pelo partido Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO[7], para acabar com os Ritos de Iniciação, pois consideravam esta prática muito opressora para as mulheres. Por incrível que pareça, foram as próprias mulheres que se colocaram a favor da continuação desta prática, assegurando, assim, a importância e os valores que os Ritos de Iniciação têm ao preparar a mulher e o seu corpo para uma série de atributos considerados necessários para o casamento, em Moçambique. Decorrente da prática dos ritos, as mulheres do Norte de Moçambique são vistas como detentoras da ciência das práticas sexuais, o que as colocam como as mais desejadas e capazes de segurar um casamento, ainda que essa interpretação aumente sua objetificação, inferiorizando-as enquanto mulheres, elas compartilham o orgulho de serem vistas dessa forma.

A prática dos Ritos de Iniciação no Norte moçambicano prepara as mulheres, desde o início, para corresponderem às expectativas desse tipo de sociedade, em que os homens e as mulheres não se "misturam", isto é, as mulheres têm atividades reservadas exclusivamente a elas, assim como os homens. A forma como o homem e a mulher são colocados perante a sociedade passa por um processo de naturalização. Ao se estabelecer um papel fixo para cada sexo, a vivência cotidiana dessa teoria dos papéis impossibilita a percepção de mudanças nas relações de gênero por meio do tempo e do espaço, além de limitar a identificação de diferentes formas de ser homem e mulher (CARVALHO, 2012, p.42).

Observa-se que a sociedade do Norte de Moçambique tende a se fechar e a se defender diante do novo cenário de interpretações sobre ser mulher. Cenário este que, nos anos 1968 e 1977, começou a se alastrar pelo mundo com a reivindicação central do *movimento feminista contemporâneo*, que consistiu na luta pela "libertação" da mulher. A luta pela libertação de Moçambique, encabeçada pela FRELIMO, não foi capaz de absorver a luta pela libertação da mulher em curso desde então, ainda que, até hoje, mundialmente as reivindicações do movimento feminista também não foram plenamente alcançadas.

Assim, em Moçambique, a luta das mulheres começa com o surgimento de muitas organizações, em 1975, após a Independência, tais como: Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM); Gabinete da Primeira dama de Moçambique (bem semelhante aos gabinetes das primeiras Damas pelo mundo); Mulher, Lei e Desenvolvimento (MULEIDE);

[7] Frente de Libertação de Moçambique, partido que liderou a libertação do país da condição de colônia e obteve sucesso dia 25 de setembro de 1975. O partido está no poder desde então.

Fórum Mulher e Associação Moçambicana das Mulheres e Educação (AMME). Todas essas associações surgem a partir do engajamento da defesa dos direitos e da liberdade da mulher (CASIMIRO, 2014).

Estes movimentos criados em Moçambique são apoiados pelo Governo e mostram um grande engajamento das mulheres, porém há muito ainda por fazer para que os seus efeitos se tornem mais visíveis, como, por exemplo, a ampliação da divulgação deste trabalho, com o objetivo de alcançar outras mulheres que não têm acesso à informação e que, invariavelmente, são aquelas que mais sofrem com as consequências das práticas culturais.

Neste sentido, esta pesquisa está atenta aos vários fatores mencionados, mas também destaca um outro aspeto que se constata: uma exclusão massiva de crianças e adolescentes da escola após os Ritos de Iniciação. Foi possível constatar esses aspectos durante o trabalho de campo, por meio de várias entrevistas realizadas com os responsáveis do governo, tais como: Direção Provincial de Educação e de Desenvolvimento Humano (DPEDH), Direção Provincial de Saúde (DPS), Direção Provincial Gênero, Mulher Criança e Ação Social DPGMCAS.

Vale ressaltar que a maior parte dos alunos em Moçambique é absorvida pelo ensino público. A taxa bruta de escolarização: em 2015, foi de 106%; em 2016, 116%; e em 2017, foi de 173%. Ainda assim, segundo a UNESCO[8], esses dados indicam a capacidade aparente de acomodar todas as crianças em idade escolar no ensino primário. Fala-se de capacidade aparente, pois a experiência prática mostra que existem crianças que nunca foram matriculadas na escola e, na sua maioria, se encontram na zona rural. As três províncias do Norte de Moçambique, Cabo Delgado, Niassa e Nampula apresentam uma taxa alta de analfabetismo sendo: 61%, 58% e 56% respectivamente, e as quatro províncias do Sul, Gaza, Inhambane, Maputo Província e Cidade de Maputo, têm taxas baixas de analfabetismo sendo: 32%, 32%, 19% e 10% respectivamente. Vale ressaltar que, quando se fala do sexo, as mulheres lideram essa percentagem. Em relação ao acesso à educação, embora haja um grande trabalho por parte do governo moçambicano de acesso da população à Educação, a exclusão escolar é ainda muito elevada, pois estima-se que 37% da população feminina com idade entre 15 e 19 anos é casada, propiciando, deste modo, gravidezes precoces e, consequentemente, uma exclusão massiva de

[8] Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

meninas na escola. Segundo a Unesco, Moçambique está entre os países com maior taxa de casamentos prematuros entre os países da ONU[9].

Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística - INE, o último Censo da População e Habitação de 2008/2017, realizado em 2017, mostra uma disparidade do número de alunos/as e alunas que entram na escola e que terminam o ano letivo, sendo que o índice de conclusão das meninas tende a ser inferior em todo o país e, principalmente, no Norte do país.

Assim, nas regiões do Norte de Moçambique, onde os Ritos de Iniciação são mais presentes, os índices de acesso, evasão e conclusão são, flagrantemente, mais graves do que no restante do país. Destarte, não é possível negar a importância da cultura para essas comunidades, pois ela faz parte da constituição da identidade de cada sujeito que educa ou é educado (FREIRE, 1998). Se os Ritos ensinam práticas e performances sexuais, eles também limitam a longevidade da vida escolar de gerações de mulheres moçambicanas. De um lado, essas mulheres manifestam o orgulho pela sua tradição, mas, de outro, decorrente dessa mesma prática, os índices apontam o aumento do analfabetismo e/ou baixa escolarização. Assim, não podemos fechar os olhos para a necessidade de se pensar uma prática político-pedagógica que garanta o acesso à escola e à ressignificação de uma tradição profundamente enraizada no imaginário de alguns povos.

Ponderando tais observações, para o desenvolvimento da pesquisa, houve também a realização de trabalho de campo em Moçambique com o objetivo de recolher dados a respeito desta temática. Esta etapa consistiu em fazer entrevistas com dirigentes de instituições governamentais e da sociedade civil, “Madrinhas” que realizam os Ritos e estudantes universitárias que passaram pelo ritual.

Para as entrevistas, seguiram-se as seguintes etapas: o primeiro contato contou com uma Carta de Apresentação da pesquisa e seus objetivos às instituições do governo e aos movimentos sociais. Apesar de bem recebida pelas secretarias, não foi fácil entrevistar esses profissionais por conta da sobrecarga de agenda. A realização das entrevistas na maioria das instituições, de um modo geral, levou mais de três semanas. Apenas em uma instituição foi possível reservar

[9] Comunidade de Desenvolvimento da África Austral- é um bloco econômico formado pelos países da África Austral que tem como objetivo, proporcionar o crescimento das economias dos países africanos e consequentemente, o desenvolvimento e melhoria na qualidade de vida de seu povo.

uma semana para que as entrevistas fossem realizadas. Com as “Madrinhas”, também foi um pouco difícil efetuar as entrevistas, visto que elas, na ocasião do trabalho de campo, se encontravam nas suas *machambas*[10], que normalmente são distantes das suas residências. Quando finalmente consegui encontrá-las, coincidentemente, pude entrevistar duas "Madrinhas" de etnias diferentes, Macua e Yao, respectivamente. Também entrevistamos estudantes universitárias que passaram pelos Ritos de Iniciação. Nesse caso, o processo das entrevistas foi mais simples, pois estavam no percurso normal das aulas. Realizamos, ao final do percurso do trabalho em campo, um grupo focal com as estudantes entrevistadas.

Ainda como parte da metodologia de levantamento de dados, organizei uma mesa redonda com o tema: "Ritos de Iniciação (nyanho) e escolarização das mulheres no Nampula e Niassa". Esta atividade teve por objetivo envolver e ampliar o público interessado neste tema, principalmente as mulheres. A mesa aconteceu no campo da Universidade Pedagógica de Moçambique no campus de Nampula e Niassa e contou com a participação da comunidade acadêmica e dos convidados envolvidos nas entrevistas. Este debate teve duração de aproximadamente três horas e meia. Na mesa redonda, fiz uma introdução, como forma de situar os convidados e participantes sobre o objetivo de se abordar aquele tema. Em seguida, a palavra foi passada aos convidados e, no final, abriu-se o espaço para a plateia se manifestar a respeito do tema. Nesse momento, o debate foi bastante rico e, na mesma medida, encorajador, evidenciando que realmente há uma grande necessidade de se falar sobre este tema, que é ainda pouco falado em Moçambique.

Neste primeiro momento de pesquisa, não consegui entrevistas com a Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM), por conta da sobrecarga de agenda. Quando tive a oportunidade de, mais uma vez, ir a Moçambique em um período de quatro semanas em dezembro de 2017, depois de sete meses, consegui entrevistas com a secretária da OMM.

Face a estes aspectos referenciados acima, foi possível levantar algumas questões norteadoras dessa pesquisa, a saber: como os Ritos de Iniciação no Norte de Moçambique contribuem para a exclusão da escola e para a produção das queixas escolares? No caso das meninas, que aspectos dos Ritos de Iniciação produzem o distanciamento da escola? Que diálogos precisam ser construídos entre práticas culturais tradicionais e as políticas

[10] Roça.

educacionais, de maneira a propiciar uma escolarização permanente e de qualidade? Para responder aos propósitos desta pesquisa, o presente trabalho está composto por **Apresentação**; **Introdução**; **Capítulo 1**, intitulado **A Geopolítica moçambicana**, discorremos sobre a geopolítica moçambicana. Neste capítulo, abordam-se aspectos sobre a situação geográfica de Moçambique, bem como sobre a economia, a educação e a diversidade sociolinguística do país e a taxa de natalidade. **Capítulo 2: Ritos de Iniciação em Moçambique**: tradição e relação com o desenvolvimento humano a partir do enfoque histórico-cultural. Neste capítulo abordam-se questões sobre a importância do estudo da adolescência na teoria histórico-cultural para entender e os Ritos de Iniciação. **Capítulo 3: A pesquisa**. Neste capítulo, são abordados aspectos sobre o percurso da pesquisa e os caminhos percorridos para materialização da pesquisa. **Capítulo 4: O lugar da mulher em Moçambique e a igualdade de gênero,** traz discussões sobre como se dá o lugar a mulher na cultura moçambicana a partir dos Ritos de Iniciação, com base nas teorias feministas. **Capítulo 5: Ritos de Iniciação e escolarização**, fazemos a triangulação dos resultados e das análises com os autores que abordam o tema e as **Considerações finais**.

De um modo geral, esta tese traz discussões relevantes para a temática da escolarização da mulher moçambicana no contexto cultural das práticas do Ritos de Iniciação.

Capítulo 1. A Geopolítica moçambicana

1.1 Moçambique: localização, economia, educação e aspectos sociolinguísticos

A República de Moçambique (RM) está localizada na costa leste da África Austral, possuindo uma área total de 799.380 km^2. Com base no censo de 2017 (INE, 2017), em 2017, sua população era de 28.8 milhões de habitantes. O país incorpora onze províncias em três regiões principais: Cabo Delgado, Nampula e Niassa formam a região Norte; Zambézia, Tete, Manica e Sofala, a região Central; Inhambane, Gaza, a Província e a cidade de Maputo constituem a região do Sul (Figura 1). A capital, Maputo, é considerada uma província e hospeda 5% da população do país. Aproximadamente, 70% da população vive em áreas rurais, 38% concentram-se nas províncias de Nampula e Zambézia (INE, 2014).

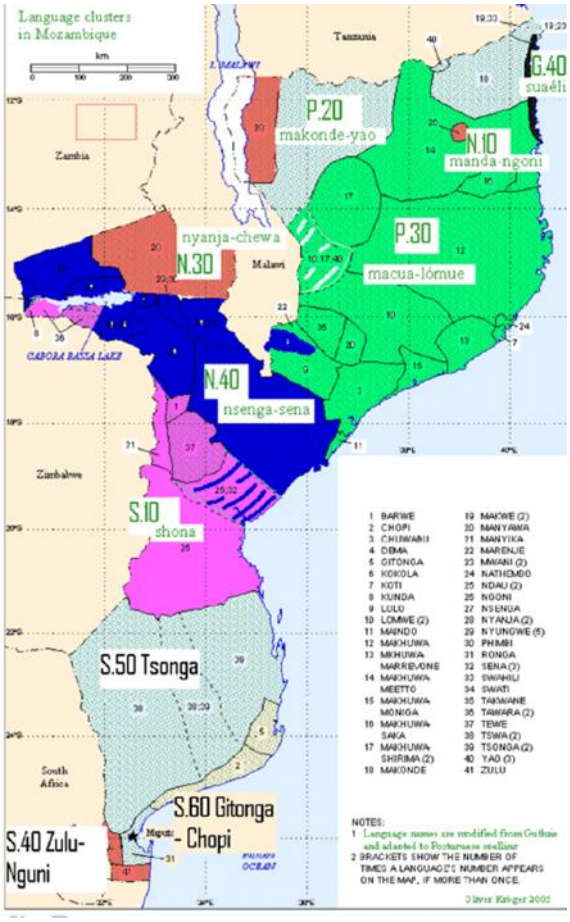
Apesar do crescimento econômico constante entre 1997 e 2011, Moçambique ainda é um dos países mais pobres, ocupando a posição 180ª no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dentre os 188 países analisados (PNUD, 2015). Ademais, existem fortes disparidades entre as regiões do país e entre as áreas rurais e urbanas em termos de acesso a serviços de educação, saúde e outros fatores de qualidade (INE, 2012).

Figura 1 – Mapa de Moçambique.

Fonte: https://www.irishaid.ie/what-we-do/countries-where-we-work/our-partner-countries/mozambique/. Acesso em: 20 fev. 2018.

O mapeamento das línguas faladas em Moçambique ainda é uma questão complexa (NGUNGA, 2011). Por isso, os dados que se seguem podem variar. Com base no recenseamento nacional de 2007 (INE, 2009), mais de vinte línguas moçambicanas são faladas como língua materna (Figura 2) por 85,3% da população com idade média de 58 anos. Emakhuwa é a mais falada (25,13%) e está concentrada no Norte, seguida por Xichangana (10,15%) no Sul, e Cisena (7,43%) e Elomwe (6,93%) no Centro. Isso mostra uma imagem fragmentada, uma vez que nenhuma dessas línguas é praticada em todo o país. Além disso, embora 50,4%, em 2007, afirmaram falar português como segunda língua, esta língua permanece, essencialmente, como uma língua urbana e é adquirida principalmente por meio da escolaridade.

Figura 2 – Mapa linguístico de Moçambique



Fonte: REGO, S.V. Descrição sistémico-funcional da gramática do modo oracional das orações em Nyungwe. Tese (Doutorado em Linguística Geral). Lisboa, Portugal, 2012.

Importa destacar que a figura 2 mostra a diversidade sociolinguística do país em nível provincial e que apenas em quatro províncias mais de 50% da população fala a mesma língua (Emakhuwa em Cabo Delgado e Nampula, Xitshwa em Inhambane, Xichangana em Gaza). Finalmente, é importante observar que em Cabo Delgado apenas 11% da população urbana relata usar o português como Língua de comunicação diária. Esta percentagem diminui para 0,9% nas áreas rurais (INE, 2009).

1.2 Breve histórico sobre a educação em Moçambique

No período colonial, a educação era discriminatória, em que os pretos e pobres eram colocados nas escolas religiosas, dirigidas pelos padres, e os filhos dos brancos[11] estudavam nas escolas oficiais. No entanto, mesmo antes do regime de Salazar, a presença de missões escolares católicas na costa Norte de Moçambique foi desafiada por uma forte influência muçulmana considerada pelos colonizadores como "uma barreira à assimilação de africanos na cultura e na nação portuguesas" (CROSS, 1987, p.556).

O período de transição que culminou com a independência começa em 1974 e vai até o dia 25 de junho de 1975, quando foi proclamada a independência Nacional, sob a liderança daquele que foi o primeiro Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel. Foi detectado, neste período, que 90% da população moçambicana era analfabeta, pois havia falta de professores, uma vez que eles tinham saído do país por causa do regime implantado em Moçambique, ficando o país sem quadros qualificados para responder à demanda educacional da população.

Como estratégia para erradicar o analfabetismo, o governo moçambicano teve que contratar professores de fora, principalmente dos países que seguiam o regime socialista, como, por exemplo, Cuba, Rússia, Bulgária, entre outros. Houve a nacionalização das escolas apesar da infraestrutura destruída e precária. Enquanto o sistema de educação era reestruturado, Moçambique entrou em uma segunda guerra civil, em 1976, provocada pelo movimento

[11] Assimilados são aqueles pretos que tinham condições econômicas aceitáveis e que eram considerados brancos.

dissidente da FRELIMO, atualmente denominado Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), que durou 16 anos.

Durante este período de guerra, houve a destruição de muitas escolas e infraestrutura, o que provocou o refúgio de moçambicanos, principalmente nos países vizinhos. Foi ainda no meio da guerra que o governo implementou, em 1983, o Sistema Nacional de Educação que vigora até os dias de hoje no país, destituindo o antigo, que esteve vigente de 1975 a 1982.

O novo Sistema Nacional de Educação trouxe aspectos novos a considerar; o ensino passou a ser gratuito até a 7ª classe e houve a ampliação dos anos de escolaridade até a 12ª classe. Isto fez muita diferença em relação ao antigo sistema, pois, no período colonial, o ensino era até a 4ª classe, em que os alunos eram obrigados a seguir cursos técnicos como Professorado e Enfermagem.

Moçambique ficou independente de Portugal, em 1975, após quase cinco séculos de colonialismo e dez anos de luta armada pela Independência (1964-1974). Em 1975, a Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO - estabeleceu um Estado de partido único baseado em ideologias orientadas pelo socialismo, sob a liderança do presidente Samora Machel. A independência logo foi seguida por um período de guerra civil (1976-1992) entre a FRELIMO e RENAMO.

Durante a década de 1980, o conflito armado entre FRELIMO e RENAMO quase paralisou o país: a economia entrou em colapso, as infra-estruturas foram destruída em todos os setores e a educação passou por um período de estagnação (MOUZINHO et al., 2002).

Houve a assinatura do acordo de paz em outubro de 1992. Em 1994, a primeira eleição democrática foi vencida pela FRELIMO. No entanto, os desenvolvimentos recentes, desde os resultados contestados das eleições de Outubro de 2014, confirmando a FRELIMO como o partido vencedor, levantaram incertezas quanto à situação política em Moçambique e despertou temores pela manutenção da paz.

Em 1983, foi estabelecido o Sistema Nacional Educacional - República Popular de Moçambique, 1983, Lei n° 4/83 – "submetido ao projeto de desenvolvimento de uma sociedade socialista" (CASTIANO, 2005, p.55) em consonância com os princípios marxistas-leninistas da FRELIMO. Assim, a sociedade passou a ter como base valores e identidades socialistas que

fundamentam o princípio de uma escola que tem como encargo superar a superstição e o tribalismo a nível local, restabelecendo um novo desenvolvimento cultural.

O sistema educacional em Moçambique é constituído por cinco níveis, dentre os quais estão:

- **Ensino pré-escolar (EPE)-** fazem parte deste ensino crianças de idade pré-escolar até os 6 anos de idade.
- **Ensino Primário (EP) -** compreende o 1º grau: da 1ª a 5ª classe, nomeado 1º nível – EP1. Contempla, teoricamente, crianças de 6 a 10 anos; e da 6ª a 7ª classe, 2º nível, com crianças de 11 e 12 anos – EP2.
- **Ensino Secundário (ES) -** o 2º grau - abrange de 8ª a 10ª classe, o 3º nível, com adolescentes de 13, 14 e 15 anos – ESG1[12].
- **Ensino Pré-universitário (EPU) -** de 11ª a 12ª classe, 4º nível, com o ensino pré-universitário para adolescentes de 16 e 17 anos – ESG2.
- **Ensino Universitário (EU)** - que compreende jovens a partir de 18 anos em diante.

É importante ressaltar que a taxa de analfabetismo em Moçambique é bastante alta em todo o país. Enquanto a área urbana apresenta menos de 20% de pessoas com 15 anos ou mais de idade que não sabem ler e nem escrever, a área rural está acima de 50%; destes 64,2% em 2007 e 49,4% em 2017 são do sexo feminino. Como apontam os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), as províncias do Niassa, Cabo Delgado e Nampula detém elevadas taxas de analfabetismo, acima de 60% para o sexo feminino e variando entre 36% e 41% para o sexo masculino.

Salienta-se também que taxas líquidas de escolarização são elevadas no ensino primário e baixas no ensino secundário segundo Instituto Nacional de Estatística. Estes dados mostram que existe um número considerável de crianças e jovens em idade escolar fora da escola. Embora a diferença das taxas por sexo (feminino e masculino) seja mínima, tanto para o ensino primário como para o secundário, o sexo masculino é ligeiramente superior no ensino primário e o sexo feminino no ensino secundário como aponta os dados acima.

[12] Ensino Geral.

Ainda, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), em análise sobre a distribuição do percentual de alunos desistentes por sexo, em 2018, nas províncias do Norte de Moçambique, Niassa, Cabo Delgado e Nampula, os alunos do sexo masculino apresentaram uma percentagem mais elevada de desistência no ensino primário (EP1 e EP2) sendo: em Niassa, mulheres 43,5% e homens 56,5%. Cabo Delgado: 45,6%; 54,4%. Em Nampula: 42,7%; 57,3%. Quadro diferente em relação ao ensino secundário (ESG1 e ESG2), quando a maior taxa de abandono da escola é entre as mulheres de Niassa: mulheres 50,3%; homens 49,7 %; Cabo Delgado: 60,5%; 39,5%. E Nampula: 41,8%; 58,2%.

Entre as causas da reversão desse quadro estão o casamento prematuro e a gravidez precoce, que acabam por contribuir para a exclusão escolar das mulheres moçambicanas, cerceando a emancipação feminina no atual contexto histórico. Segundo a UNICEF, a prática dos casamentos prematuros é associada à pobreza e é socialmente prejudicial às meninas. Porém, existem outros fatores que contribuem para que os casamentos prematuros prevaleçam até hoje em Moçambique: desde as práticas culturais (Ritos de Iniciação), que, sem dúvida, reforçam as relações desiguais de gênero, até o fraco acesso à informação, as disparidades no acesso às oportunidades econômicas, a serviços educacionais e de saúde.

Entre os países da África Austral e Oriental respectivamente, Moçambique encontra-se entre os que apresentam maior prevalência de casamentos prematuros, ficando atrás, somente, de Malawi, um país que, por sinal, faz fronteira com Moçambique. Segundo o representante da UNICEF em Moçambique, Marcoluigi Corsi, uma em cada duas meninas, representando (48,2%), casou antes dos 18 anos, destas 14,3% casaram antes dos 15 anos. Desse modo, busco investigar quais a relação entre a importância da cultura tradicional praticada em Nampula e Niassa, representada pelos Ritos de Iniciação, e o processo de escolarização das mulheres.

De acordo com os dados apresentados pelo Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano de Moçambique, as mulheres sempre lideram o índice de analfabetismo, principalmente no Norte de Moçambique, onde a prática dos Ritos de Iniciação predomina. Segundo o censo da população e habitação de 2017 divulgado pelo INE, a taxa de analfabetismo, que mede a proporção dos indivíduos que não possuem habilidade de leitura e de escrita em qualquer idioma, evidencia a desvantagem das mulheres no que concerne ao domínio da leitura, escrita e cálculos básicos; sendo que as províncias de Nampula, Cabo Delgado e Niassa, localizadas no Norte de Moçambique, apresentam os maiores indicadores do

país: no censo de 2007, era de 64,2%; e, no censo de 2017, foi de 49,4% respectivamente. Cabe salientar que houve uma maior redução da taxa de analfabetismo entre as mulheres em relação aos homens em 14.8 e 7.4 pontos percentuais.

1.3 Taxa de fecundidade[13] em Moçambique

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, a taxa de fecundidade refere-se ao número total de filhos nascidos vivos de uma mulher. O número médio de filhos por mulheres é importante para análise da dinâmica demográfica. É fundamental apresentarmos dados sobre taxas de fecundidade para que se entenda a situação real das mulheres e o seu lugar na sociedade. Considerando que a taxa de fecundidade em Moçambique é 4,92 filhos por mulher, em 2017.

De acordo com os dados do Censo de População e Habitação de Moçambique, a taxa de fecundidade variou desde os três últimos censos, a considerar: 1997: 6,2 filhos por mulher; 2007: 3,1; e, em 2017, o número da população voltou a crescer e a taxa foi acima de 4. Essas taxas altas de fecundidade mostram, claramente, que há uma grande necessidade de criação de políticas públicas que visam a criação de projetos de educação sexual, acesso à informação e aos serviços de saúde, planejamento familiar, utilização de métodos contraceptivos e a inclusão da mulher em vários espaços de trabalhos. Conforme os dados do relatório sobre a situação da população mundial de 2010, do Fundo da População das Nações Unidas (FNUAP), estes aspectos contribuem de forma significativa para redução das taxas elevadas de fecundidade.

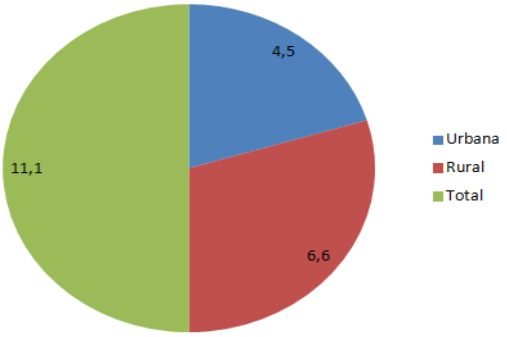
Estes dados revelam que essas taxas são relativamente altas, o que coloca as mulheres numa situação de vulnerabilidade em relação aos homens, visto que o papel de cuidar dos filhos reserva-se à mulher. Daí que, quanto mais filhos a mulher tiver, mais difícil será para ela frequentar a escola e, naturalmente, se inserir no mercado de trabalho.

[13] A fecundidade é uma das variáveis demográficas utilizadas para avaliar a tendência do crescimento vegetativo da população. É mensurada com base no quociente entre o número total de mulheres com idade entre 15 e 49 anos pelo número total de nascidos da região em determinado período. Segundo o, resultados definitivos de 29 de abril de 2019 homologado em Maputo.

A figura 3, abaixo, sobre a taxa de fecundidade, apresenta dados importantes sobre as taxas de fecundidade em Moçambique por área de residência da mulher, zonas urbana e rural, vejamos:

Figura 3 - Taxa de fecundidade de Moçambique, segundo área de residência, 2011

Area de residencia		
	Urbana	Rural
Desejado	3,8	5,8
Real	4,5	6,6
Total	**8,3**	**12,4**



Fonte: Adaptado dos dados do último censo da população e habitação de Moçambique 2017.

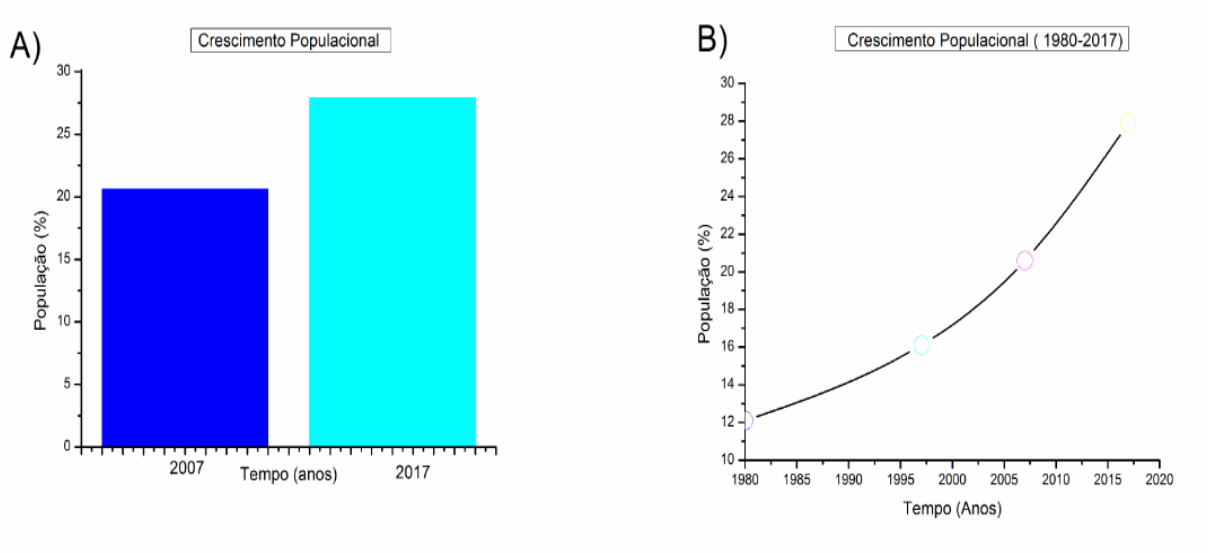
Este gráfico aponta que o índice de fecundidade das mulheres moçambicanas é de 6,6 filhos por mulher na zona rural, que conta proporção maior em relação à zona urbana, que tem uma taxa de 3,8. Alta para um país em pleno desenvolvimento, em que a pobreza prevalece e o acesso à informação e formas de prevenção a gravidez é inexistente, assim como a negação ao uso de contraceptivos, que por parte dos homens é muito forte. É importante considerar que o maior índice de fecundidade é um dos fatores que dificulta a integração das mulheres no mercado de trabalho, no espaço escolar e sua participação na tomada de decisão, pois a responsabilidade de cuidar dos filhos é, na maior parte das vezes, da própria mulher.

Ressalta-se que este cenário, evidenciado pela análise da Figura 3, nos permite refletir que as mulheres da zona urbana tendem a diminuir o número de filhos em relação às da zona rural, porque aquelas mulheres têm acesso à informação e a formas de prevenção (contraceptivos) das gravidezes indesejadas.

Aliados a isso, as mulheres da zona urbana começam, de certa forma, a acompanhar o movimento de desenvolvimento do país, passam a priorizar os estudos e, naturalmente, procuram se afirmar no mercado de trabalho. Tem se verificado também no plano político a sua participação. Não apenas participam, como também ocupam espaços importantes na tomada de decisões. Ainda assim, há estudos que comprovam que as desigualdades são muito grandes

entre os homens e as mulheres. Segundo o relatório da Organização Internacional do Trabalho, (OIT) de 22 de maio de 2019, que analisou a porcentagem feminina em posições de gestão e liderança em vinte e oito países da África , Moçambique aparece na 20ª posição. O relatório analisou, por regiões, a percentagem feminina em posições de gestão e liderança. Na África, dos 28 países que participaram neste estudo, Cabo Verde é o segundo com maior percentagem de mulheres em posição de liderança. Moçambique surge na 20ª posição e Angola em 26º lugar.

Figura 4 - Gráficos sobre a tendência do crescimento populacional de 2007 à 2017, ADAPTADO: pelos dados do último censo da população e habitação de Moçambique 2017.



Fonte: Adaptado dos dados do último censo da população e habitação de Moçambique, em 2017.

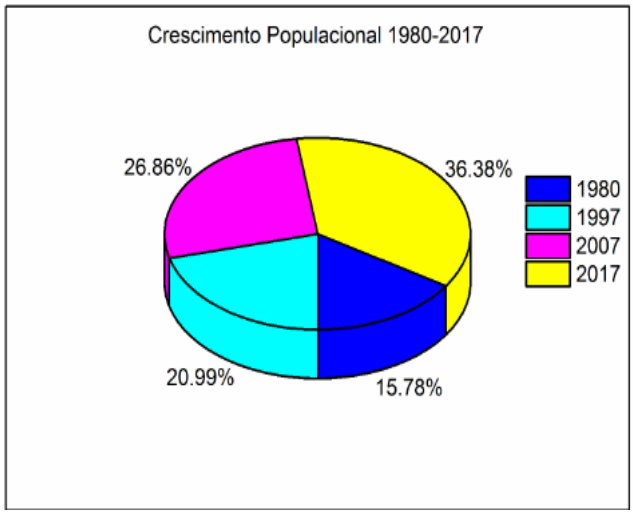
As Figuras A e B mostram o alto índice de crescimento populacional de Moçambique, relacionado diretamente aos números elevados de taxa de fecundidade. Essa taxa alta de fecundidade gera consequências significativas no âmbito das políticas públicas e no nível da economia.

Na economia, o aumento da taxa de fecundidade entre as mulheres gera um crescimento populacional e mudanças na disponibilidade do fator humano e na sua demanda de serviços e recursos. No contexto moçambicano, as mulheres acabam de forma "naturalizada" sendo excluídas do mercado de trabalho, reservando-se ao trabalho doméstico e aos cuidados dos filhos. Embora esse cenário esteja em processo de mudança, paulatinamente, na zona urbana, há ainda um grande número de mulheres que se reserva aos afazeres domésticos e à procriação

e criação dos filhos. Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística de 2018, existe uma grande disparidade de gênero na ocupação das vagas de trabalho, entre os professores em todos os níveis essa diferença existe: no secundário, 77,4% dos cargos são ocupados por homens e 22,6% são mulheres; no técnico, são 77,6% homens e 22,4% mulheres; exceto no nível primário, em que as professoras aparecem em vantagem com 54,5% e em relação a 45,5 % de homens, fato em parte explicado por ser uma faixa etária muito associada ao cuidado em detrimento do conhecimento.

Quando vamos para ensino superior, este cenário se repete, 212 mil pessoas de 17 anos para cima, registradas pelo censo 2017, responderam ter frequentado algum nível superior, e, destas, 60,8% são do sexo masculino e 39,2% do sexo feminino. Podemos afirmar que, neste contexto do Norte de Moçambique, a prática e valorização dos ritos é muito notável.

Figura 5 - Gráfico em Pizza do nível do, crescimento populacional de Moçambique de 1980-2017.

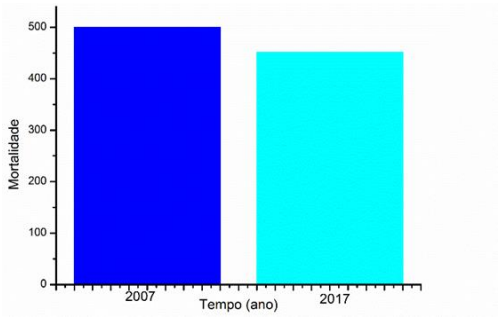


Fonte: Adaptado dos dados do último censo da população e habitação de Moçambique 2017.

Desse modo, enfatizamos que o nível de fecundidade varia de acordo com a localização geográfica da mulher ou mesmo sua situação socioeconômica, o que significa que as mulheres que vivem na zona rural tendem a ter mais filhos em relação às que vivem na zona urbana, as que vivem no Norte do País tem tendência a ter mais filhos em relação às que vivem em outras regiões de Moçambique, principalmente no Sul.

Porém, ainda que este índice de fecundidade seja bastante elevado, destacamos também o alto índice de mortalidade neonatal, como ilustra a Figura 6. Nos resultados das entrevistas, trazemos alguns indicativos que ilustram fatores que contribuem para essas mortes. Vejamos a Figura 6.

Figura 6 - Gráfico de barra da taxa de mortalidade neonatal por cada 1000 nascidos vivos em Moçambique, 2007 e 2017.



Fonte: Adaptado dos dados do último censo da população e habitação de Moçambique 2017.

Embora o índice de mortalidade neonatal seja elevado em Moçambique, há uma tendência a reduzir, embora essa redução não seja significativa. Esse fato deve-se, na maioria das vezes, à falta de acesso aos serviços hospitalares, principalmente nas zonas rurais e, consequentemente, devido à chegada tardia das mulheres grávidas aos serviços de atendimento à saúde. Um outro aspecto a se destacar é que, muitas das vezes, as mães dessas crianças são muito jovens[14], não possuem experiência e nem orientação em como proceder durante a gravidez, mantendo os hábitos culturais tradicionais.

Autores como LIMA & MACHADO (2011) apontam o seguinte: que o maior índice de mortes neonatais é de filhos de mães com pouca escolaridade (estudaram até o 4º ano, correspondente a 4ª classe do ensino primário em Moçambique) e camponesas. E quase 50% das mulheres são assistidas pelas parteiras tradicionais em sua própria casa. Este estudo sobre "Fatores associados aos óbitos neonatais e pós-neonatais em Moçambique" apresenta dados que dão conta de que as crianças nascidas de mães com menos de 20 anos têm maior chance de morte neonatal em relação aos filhos de mães com idades entre 20 e 29 anos de idade.

[14] Há casos de mulheres grávidas a partir dos 12 anos.

Estes dados apontam para uma grande necessidade de produzir informações e fazer com que todas mulheres tenham acesso a essa informação, principalmente as que vivem nas zonas rurais de maneira que optem pelos serviços de saúde, ademais usem os métodos contraceptivos para prevenção da gravidez. A adesão correta ao uso de métodos contraceptivos reduz, de forma significativa, as mortes por complicações pós-parto e dá às mulheres a possibilidade de escolherem adiar a maternidade e até evitar que elas optem pelos abortos inseguros. Embora em Moçambique o aborto seja legalizado, nem todas as mulheres têm acesso aos serviços de saúde, como as mulheres da zona rural.

Na sociedade moçambicana, as mulheres não têm voz dentro do lar, quanto a fazer ou não filho, em muitos casos, quem decide é o homem, portanto, a maior parte destes não apoiam as mulheres no uso de contraceptivos e contribui de forma negativa na adesão, por parte das mulheres, aos serviços de saúde e prevenção da gravidez indesejável.

A ideia não é propor a diminuição das taxas de fecundidade e, sim, trazer reflexões sobre a responsabilidade dos atores sociais, instâncias governamentais e comunidades diversas, pela condição das mulheres moçambicanas hoje. Que a articulação intelectual aqui feita possa se unir às vozes das comunidades que lutam pelo direito da mulher e mobilizar cobranças para que os governos criem políticas públicas que viabilizem projetos de partos e atendimentos hospitalares melhor assistidos.

Há que se considerar que, na tradição de Moçambique, a fecundação é um capital "simbólico", pois uma mulher com filhos teria algum reconhecimento na comunidade como mulher fértil e como aquela que se encontra em condições de segurar o seu casamento. Um homem com muitos filhos teria um *status* mais elevado na comunidade. Portanto, quando falamos de altos níveis de fecundidade em Moçambique e, principalmente, na zona rural, podemos perceber que, por questões culturais, os casais e as mulheres optam por ter mais filhos para se sentirem integrados socialmente.

Ao nível político, esse crescimento populacional associado à alta taxa de natalidade pode resultar em políticas públicas eficazes para o setor da saúde que poderão refletir nas taxas de fecundidade, como, por exemplo: campanhas de educação e acesso aos métodos contraceptivos. Entendemos que, se as taxas de fecundidade forem reduzidas, isso, por outro

lado, permitirá maior participação da mulher no mercado de trabalho, assim como a não exclusão destas da escola.

Capítulo 2. Ritos de Iniciação em Moçambique: tradição e relação com o desenvolvimento humano a partir do enfoque histórico-cultural

2.1 Apresentando os Ritos de Iniciação Macua e Yao em Moçambique

Os Ritos de Iniciação são práticas predominantes no Norte e no Centro do país, com maior prevalência no Norte, isto é, Nampula, Cabo Delgado e Niassa, e pode ser vista como parte dos direitos culturais. É a partir desta prática que são organizadas a forma de ser e estar dentro da comunidade. Por meio dela, define-se os lugares e as funções sociais de cada um dentro da sociedade, dessa forma, as pessoas se reconhecem a partir dos ritos. Passar pelos Ritos de Iniciação pode ser visto, também, como uma forma de emancipação, pois, após os ritos, a menina e o rapaz iniciados passam a gozar de *status* de adultos e são mergulhados neste universo.

Segundo Azevedo (1980), o colonizador conhecia a força da cultura popular. Por isso, tentou destruí-la, transformando-a em folclore e exotismo. Desde a época colonial, os Ritos de Iniciação sempre existiram. Entretanto, foi após a independência de Moçambique do colonialismo Português que começaram a ser visibilizadas, porque o colonialismo oprimia toda e qualquer forma de manifestação cultural. Já na década 1980, após esse período colonial, o Partido FRELIMO se colocou contra os ritos por entender que ele colocava a mulher numa situação de opressão. Partindo da perspectiva dos Direitos Humanos e da igualdade de gênero, Assunção e Silva (2017) descrevem a associação entre os Ritos de Iniciação, os casamentos prematuros, a desigualdade de gênero, e, sobretudo, a dominação masculina. Para eles, embora "o grupo etnolinguístico makhuwa" seja matrilinear, sua orientação é patriarcal (ASSUNÇÃO & SILVA, 2017). Esta prática que é vista como direitos culturais e que, por sinal, é preservada até os dias de hoje pode ser considerada como uma forma das pessoas acessarem direitos, como, por exemplo, ter direito à participação em eventos importantes na sociedade.

As pesquisas sobre casamentos prematuros em Moçambique - desenvolvidas por Bassiano e Lima (2018) - asseveram que os Ritos de Iniciação são uma prática que envolve vários intervenientes dentro das comunidades e contribuem para a persistência dos casamentos prematuros e gravidezes precoces em Moçambique, sendo esta uma das piores formas de

violência contra meninas moçambicanas. Mais da metade das meninas se casa antes da idade legal, ou seja, antes dos 18 anos. Embora essa forma de casamentos seja ilegal, os adultos envolvidos dificilmente são levados à justiça, pois esta prática é naturalizada.

Na década de 1980, por associarem os ritos aos casamentos prematuros e às gravidezes precoces, esta prática começou a ser questionada pela mídia e pelas organizações governamentais e não-governamentais sem fins lucrativos, sendo responsabilizada pela desigualdade de gênero e dominação masculina (ASSUNÇÃO & SILVA, 2017).

Por outro lado, os Ritos de Iniciação são vistos por essas mulheres como um momento único, importante e necessário para todas aprenderem a ser uma mulher completa, dotada de muita sabedoria sobre o próprio corpo e sobre o corpo masculino. Por isso, as próprias mulheres na zona Norte de Moçambique defendem, com afinco, a manutenção dos ritos, por entenderem que ela é necessária:

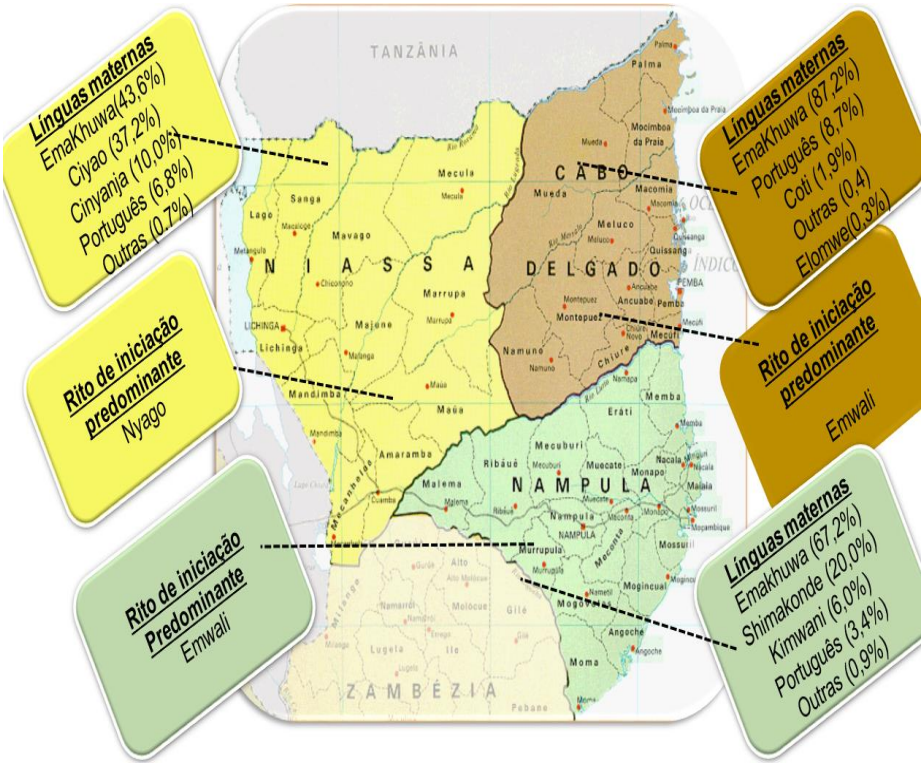
> Na iniciação aprendes a conhecer o tesouro que tens dentro de ti. A flor púrpura que se multiplica em pétalas intermináveis, produzindo todas correntes benéficas do universo. Nos Ritos de Iniciação habilitam-te a viver e a sorrir. Aprendes o ritmo dos corações que palpitam dentro de ti. (CHIZIANE, 2015, p.37).

Os Ritos de Iniciação em Moçambique compreendem um sistema de valores que regula o comportamento dos indivíduos ao longo do processo de socialização. Esta sabedoria das mulheres do Norte é também compartilhada pelos homens que olham a mulher do Norte como um símbolo sexual.

Analisaremos, neste trabalho, um dos Ritos de Iniciação presente entre os Macuas[15], etnia a qual pertenço, denominado *Emwali* na língua Macua, em Nampula, Nyago e Niassa, região onde trabalho. Esses Ritos de Iniciação acontecem nas províncias de Cabo Delgado, Nampula e Niassa, embora não seja predominante nestas duas, conforme pode ser visto na Figura 7.

[15] Macua é o nome que denomina um dos diversos grupos humanos que compõem a população as províncias de Nampula e Nampula e Niassa, em Moçambique.

Figura 7 – Predominância dos Ritos de Iniciação



Fonte: Mapa adaptado pela autora a partir do mapa de Nicurebede, de 2013.

Ressalta-se que tanto as meninas como os rapazes, ambos, são submetidos aos Ritos de Iniciação, embora existam diferenças em relação aos critérios para que eles sejam submetidos aos rituais, pois, para as meninas, a condição básica é apanhar a primeira menstruação e, para os rapazes, os Ritos são programados para ocorrer no período das férias escolares, quando são unidos pelo menos cinco ou mais rapazes de uma só vez. Esse pequeno detalhe em relação ao critério para a submissão aos rituais faz muita diferença quando falamos da desvantagem em que estão as meninas em relação aos rapazes. Durante o trabalho de campo, podemos constatar que existem aspectos em comum nos dois casos: o primeiro é a idade, ambos entram para o ritual ainda menores de idade, os rapazes a partir dos sete anos de idade, e as meninas a partir dos nove anos idade, momento em que as elas atingem a puberdade. Eles ficam confinados, distante dos seus familiares, num período de, no mínimo, um mês. Durante o período dos Ritos de Iniciação, para além dos vários ensinamentos transmitidos, aprende-se, culturalmente, a se tornar homem e mulher, cada qual de acordo com o seu gênero.

Os rituais de passagem (como os ritos de circuncisão) dão certa unidade às práticas e aos saberes da comunidade, em que são partilhadas as mesmas experiências da vida cotidiana. Nesse processo, o ritual tem como objetivo educar os jovens de acordo com o comportamento que deverão apresentar na sociedade. Durante o período dos Ritos de Iniciação, as meninas são retiradas do convívio familiar e levadas ao confinamento por, no mínimo, um mês. Neste período de confinamento, recebem os seguintes ensinamentos: cuidar do marido, lhe servir e, ainda que maltratada por ele, continuar sempre sorrindo e nunca o rejeitar em suas necessidades de manter relações sexuais (CIPIRE, 1992). Este ritual é também marcado pelo alongamento dos lábios inferiores nas mulheres e a circuncisão dos homens.

Quero aqui ressaltar que, por meio deste ritual, são bem definidas as relações de gênero entre as mulheres e os homens, não só a subalternização da mulher ao homem e ao seu futuro marido, como também a separação do trabalho entre eles. Isso quer dizer que as meninas aprendem os trabalhos domésticos, como cuidar da casa e dos filhos, a cozinhar, dentre outras tarefas relacionadas à preservação e reprodução da vida familiar; já os homens se encarregam dos trabalhos considerados "pesados", tais como construir casa e colocar comida em casa, além de outras funções que, simbolicamente, reforçam seu papel central de dono da casa.

Procuro trazer algumas práticas culturais da sociedade tradicional moçambicana que, de certa forma, acabam interferindo no espaço escolar e, principalmente, na educação da mulher, porque os efeitos dessas práticas culturais refletem diretamente na relação entre os homens e as mulheres, visto que Moçambique ainda é uma sociedade majoritariamente machista[16]. Entende-se por machismo aqui uma relação pautada na submissão da mulher ao homem em todos os aspectos. Na sociedade moçambicana, o homem é considerado o cabeça da família e é quem dita as regras; a mulher, por sua vez, aparece como coadjuvante: "As mulheres são 'amputadas', sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores" (SAFFIOTI, 2015, p.37).

Segundo Chiziane (2016, p.14), "o nascimento de uma mulher significa mais riqueza, uma força de ajuda a transportar água, mais dinheiro ou gado cobrado pelo lobolo"[17]. Esta

[16] Entendemos por machista, uma sociedade em que as relações entre homens e mulheres é marcada pela submissão da mulher em todas as ocasiões.

[17] Lobolo é o pagamento de um valor para a família da noiva para que se autorize o casamento. E a partir desse momento, o marido passa a ter domínio sobre esta mulher, sua esposa. Segundo KHAPOYA (2015: 44) o dote

autora relata, em seu livro, uma das histórias que ouvia de sua avó materna. Ora, vejamos, uma mulher escritora nascida em uma época em que era impensável uma mulher na escola. Ela ainda conta que, na infância, a mulher brincava com a mãe e com a cozinheira, imitando as tarefas da mãe. Para a mulher não são permitidos sonhos nem desejos, sendo destinada a casar e ter filhos. Esta prática tende a desaparecer no cotidiano moçambicano devido às transformações culturais da mulher na sociedade, porém ainda prevalece, especialmente na zona rural.

Nos últimos anos em Moçambique, há um grande movimento que visa desencorajar casamentos prematuros, significando que, para uma parcela significativa da sociedade, as meninas devem estudar para exercer atividades no mundo do trabalho, fato que, em minha opinião, é positivo. Porém, existe muito trabalho ainda por fazer, pois boa parte das famílias destas duas províncias, Nampula e Niassa, incentivam as adolescentes a participarem de Ritos de Iniciação. No entanto, ainda hoje, pensar a mulher em Moçambique é igualmente pensar em uma dona de casa, mãe e alguém que possa servir ao marido da melhor forma possível (ao preparar boa refeição e estar à disposição para relações sexuais sempre que ele desejar).

Ainda que muitas mães e encarregados de educação não tenham conhecimento de tudo o que acontece no confinamento destas meninas, mesmo que algumas dessas tenham passado neste ritual, esta cerimônia continua sendo tão importante que, muitas vezes, têm-se observado a interrupção das aulas para que as meninas sejam submetidas aos Ritos. Em muitos momentos, após o seu regresso, essas meninas não conseguem acompanhar o ritmo das aulas, pois a matéria está avançada e não há um plano de reposição de aulas perdidas. É importante ressaltar que as turmas nas escolas moçambicanas de educação básica, em sua maioria, são formadas por, em média, 60 estudantes. Portanto, este número excessivo de alunos por professor impede qualquer atendimento mais individualizado aos estudantes.

Enquanto realizava o trabalho de campo da pesquisa, tive a oportunidade de estabelecer um diálogo com uma senhora, mãe da babá de minhas sobrinhas. Segundo a mãe, ela veio buscar a filha, de 16 anos, para ser submetida ao Ritual de Iniciação. Atentei-me em conversar com esta mãe, em particular, a respeito do tema. Em princípio, trouxe a ela várias questões, tais como: qual é a importância da filha passar pelos Ritos de Iniciação? Não seria melhor esperar

(lobolo) foi frequentemente chamado preço da noiva, mas essa última locução conota a compra de uma noiva, o que não é uma reflexão cuidadosa sobre o verdadeiro significado do costume.

o período das aulas terminarem para levá-la a esta cerimônia? Teria conhecimento de tudo que acontece lá dentro dos Ritos de Iniciação? E, por fim, se ela não gostaria de ver a sua filha formada no futuro até para lhe ajudar?

Enfim, percebi que, ao fazer todas essas questões, a mãe não respondia e permaneceu cabisbaixa. No início, nem queria falar, mas, quando eu comentei que eu também fiz este ritual, percebi que esta mãe ficou mais à vontade para conversar. Foi então que ela mencionou que sabia de algumas coisas que aconteciam lá dentro, que as meninas eram preparadas para serem boas mulheres para os seus maridos: ensinam também a dançar na cama para eles. Nesse momento elas ficavam apenas de seios de fora e, lá dentro, tinha um homem assistindo a essas danças. Perguntei novamente qual era o papel dos homens, além de assistir a essas danças. Foi então que ela disse que não sabia. Fiz um comentário em forma de pergunta: seria possível um homem ver uma menina com seios de fora fazendo essas danças sem as tocar? Ela olhou para mim, riu, e disse não ser possível.

Este pequeno relato, realizado de modo informal, mostra que, por mais que as mães tenham algumas dúvidas em relação a este ritual, ainda assim julgam importante levar suas filhas. Esta mãe, felizmente ou infelizmente, não levou a filha naquele momento. O fato dessa mãe não ter retirado a sua filha da escola para participar do ritual, para mim, foi motivo de muita satisfação. Cabe relatar que ela prometeu que, assim que a menina ficasse de férias, viria buscá-la para o ritual.

As mulheres desta região do Norte de Moçambique, foco desta pesquisa, são vistas por pessoas de outras regiões do país como: "as mulheres mais bonitas[18] de Moçambique e que melhor estão preparadas para casarem". Isto porque ao passarem pelos Ritos de Iniciação (*Emwali* e *Nyango*)[19] e serem submetidas ao alongamento dos lábios inferiores, denominado *mathunas*, passam a ser consideradas como mais atraentes para os homens. Considera-se que este alongamento permite que haja maior prazer na penetração para o homem durante o ato sexual, bem como para a mulher. Essa prática atrai um movimento de mulheres de outras regiões de Moçambique para o norte do país, principalmente Nampula, com o intuito de se preparem por meio dos Ritos de Iniciação e, assim, manterem seus casamentos. Segundo elas,

[18] São aquelas mulheres dóceis, obedientes e submissas.
[19] Ritos de Iniciação feminino Macua e Yao em Nampula e Niassa, respectivamente.

se o marido tiver a oportunidade de estar com uma mulher de Nampula, jamais voltará ao seu lar.

Embora vários autores moçambicanos abordem a educação tradicional, com destaque para o lugar da mulher na sociedade moçambicana, poucos estudos apresentam, de fato, uma perspectiva crítica a respeito da temática. No geral, detêm-se apenas na descrição do problema. Desse modo, a perspectiva da crítica comparada entre a realidade brasileira e moçambicana oferece potencialidade para a reflexão da questão central desta pesquisa. A produção acadêmica brasileira, mais consolidada que a moçambicana, permite uma visão criteriosa sobre as queixas escolares, como são produzidas e quais os seus encaminhamentos**.** Scortegagn & Levandowski (2004), por exemplo, apresentam quatro categorias das queixas escolares, a destacar: problemas de aprendizagem, problemas de comportamento, problemas emocionais, problemas relacionados às queixas escolares. Estas categorias abrem espaço para se pensar formas efetivas e viáveis de encaminhamento dos casos de queixas escolares na realidade Moçambicana, assim como a possibilidade de se pensar as queixas escolares no contexto cultural e o impacto da cultura dos Ritos de Iniciação sobre essas meninas.

Os Ritos de Iniciação, denominados como *emwali* na língua Macua e *nyago* em Yao, remete-nos à esfera do universo adulto. Dado que o processo de socialização primária tem origem na família, esta instituição basilar também é um espaço primário de educação, em que a transmissão do patrimônio social e cultural daquela sociedade é realizada de modo afetivo. A inserção do indivíduo no contexto familiar compreende também sua participação num contexto de cultura, anteriormente formado. Ao ser submetido, de modo inescapável, a um processo de socialização primária, o novo membro da família e, por extensão, da sociedade, tem que se portar de forma que seus perfis ou traços de personalidade ou de comportamentos expressem uma identidade comum ao seu grupo. Ressalta-se que, a partir do momento em que a pessoa nasce, a sociedade já deposita uma expectativa em torno do seu pênis ou da sua vulva. Essa inserção na cultura, no entanto, é bastante desigual para os homens e as mulheres moçambicanas, uma vez que a "educação tradicional ensina a mulher a guardar a casa e a guardar-se para pertencer a um só homem. A escola também [ensina] a obediência e a submissão e [prepara] as mulheres para serem boas donas de casa" (CHIZIANE, 1994, p.17).

Do ponto de vista da percepção social da sociedade moçambicana, é mais mulher aquela que passou pelos Ritos de Iniciação do que a que não passou. O que significa que as mulheres

iniciadas se sentem mais mulheres do que aquelas que não passaram pelos rituais, estando melhor preparada para o casamento, como ele é concebido na sociedade. E o mesmo é válido para os homens, que se sentem mais homens por terem vivido a experiência dos rituais masculinos de iniciação. Na zona Norte de Moçambique, aos homens, após terem passado pelos Ritos de Iniciação, são entregues uma faca ou uma catana[20], pois esses são vistos como instrumentos de poder para proteger a sua família. O casamento é também concebido mais como uma relação entre duas famílias extensas do que entre um homem e uma mulher (KHAPOYA, 2015, p. 44). Desse modo, a passagem pelos Ritos de Iniciação significa a iniciação para a vida adulta, que, por sua vez, está ligada à sexualidade e às relações de poder. Quem determina as questões da vida em família, o número de filhos gerados pelo casal e quando e como fazer o sexo são os homens. Os Ritos de Iniciação fazem parte da identidade sexual e de gênero da maior parte do povo moçambicano direta ou indiretamente, abordar esta temática significa refletir sobre uma prática cultural que está inscrita nos corpos do povo do Norte de Moçambique, seja pela rememoração da experiência vivida nos rituais ou na imaginação de como teria sido ou como será a iniciação, que é diversa tanto em relação ao tempo quanto à região. No entanto, não é muito comum se falar deste tema abertamente em Moçambique, pois ainda faz parte do secretismo, ou mesmo de um tabu, sendo que apenas adultos iniciados têm o direito de conversar sobre o assunto.

Aos olhos de quem não faz parte desse contexto cultural, principalmente os de cultura Ocidental de matriz europeia, o impacto inicial diante dessa prática tradicional pode suscitar várias interpretações que descontextualizam essa prática cultural e simbólica da sociedade moçambicana. Como uma mulher pode ser ensinada a satisfazer sexualmente o seu homem? Estará a ser ensinada a ser um objeto sexual para o seu marido? Perguntariam os olhares estrangeiros diante do imediato contato com esses ritos de passagem. Nesse sentido, as leituras feministas de países com outros contextos históricos e culturais que defendem que a mulher é historicamente humilhada e escravizada pelos homens, embora indispensável, precisam ser filtradas para a realidade em estudo. Em 1985, durante a Conferência sobre a mulher das Nações Unidas, em Nairóbi, no Quénia, as mulheres de fora da África queriam discutir como pauta central a poligamia estabelecida na África; no entanto, o que as mulheres não africanas viam

[20] Faca de lâmina comprida.

como a central marca de opressão das mulheres africanas não era uma unanimidade na Conferência (KHAPOYA, 2015, p. 41).

A produção deste grande choque cultural é um acontecimento histórico importante para se considerar a investigação do contexto, pois todas as práticas culturais estão atravessadas por uma história singular, é uma tarefa crítica a ser enfrentada, de modo a se levar em conta as contradições dos processos. Ainda segundo Khapoya, muitas mulheres africanas não gostam da poligamia, porém este assunto não era prioritário naquela Conferência, pois questões como a mutilação dos clítoris era a opressão mais importante para as mulheres africanas.

Appiahe, em seu livro *Na casa do meu pai*, 2017, e Khapoya, em *A experiência africana*, 2015, são unânimes em afirmar que, apesar de algumas práticas culturais africanas merecerem uma atenção especial e suscitaram críticas em vários momentos, há que se pensar em uma forma de reflexão que não super potencialize a cultura ocidental em detrimento da tradição cultural africana. Entender que a cultura é mutável e que, embora as ideias estrangeiras possam iluminar muitas questões, a agência de transformação deve permanecer nos indivíduos que vivenciam determinada realidade.

2.2 Os Ritos de Iniciação no contexto do desenvolvimento humano a partir do enfoque histórico-cultural

De maneira geral, considera-se que a passagem pela adolescência é marcada pela rebeldia, por conflitos e pelas mais diversas pressões em relação à sexualidade e às crises de identidade. De maneira geral, a adolescência é considerada como um momento dramático e negativo que, muito mais do que alterações hormonais e orgânicas, centra-se em um conjunto de relações e de necessidades que muitas vezes não encontra na sociedade um espaço de escuta e de compreensão.

Geralmente os rapazes participam dos Ritos em período de férias escolares, pois permite maior adesão. A maior parte das crianças nas zonas rurais cresceu ouvindo dos adultos que passarão pelos rituais em algum momento da vida. A passagem pelos Ritos de Iniciação na tenra idade é vista pelos grupos étnicos desta região como fundamental para que as crianças cresçam respeitando a cultura.

Nesta seção, buscamos compreender a questão do desenvolvimento enquanto um elemento central nos Ritos de Iniciação. Analisaremos este tema, tomando por base uma das teorias do desenvolvimento da adolescência: o Enfoque Histórico-Cultural (EHC). Também levaremos em conta, neste item, as relações que se estabelecem entre a escolarização e os Ritos de Iniciação.

Um primeiro desafio que nos defrontamos está em compreender essa "passagem" anunciada pelo Ritos na qual a criança iniciada estaria vivendo uma situação de transição da infância para a fase adulta. A passagem apresentada em Ritos de vários grupos étnicos em diversas partes do mundo, principalmente aqueles pertencentes aos povos indígenas, são produto de uma cosmovisão humana na qual essa passagem é fundamental. Assim, no caso das famílias dos povos estudados, compreender esta visão e este processo nos parece importante. De qualquer forma, é fundamental considerar que nesta passagem, a adolescência torna-se uma fase que não se apresenta como existente. Embora estando por volta de 10 a 13 anos, meninos e meninas iniciados são tratados como adultos e ensinados a se perceberem desta forma por si mesmos, pelos pais, familiares e demais colegas com quem convivem.

Do ponto de vista da do Enfoque Histórico-Cultural, o processo de desenvolvimento na adolescência "trata-se de uma etapa de transição entre a infância e a fase adulta, uma transição para formas mais desenvolvidas de conduta, num processo de superação por incorporação e não como uma simples recapitulação do vivido na infância." (ANJOS, 2017, p. 50).

Ricardo Eleutério dos Anjos (2017, p. 70), na sua tese de doutorado intitulada "O desenvolvimento da Personalidade na Adolescência e na Educação Escolar", a partir dos pressupostos vigotskianos, defende que o estudo sobre o desenvolvimento da personalidade na adolescência deve considerar uma relação dialética entre desenvolvimento das funções psíquicas superiores e desenvolvimento da personalidade.

Assim, o desenvolvimento da personalidade do adolescente é mais do que uma simples descrição dos estágios de desenvolvimento; é necessário que se analise a interdependência desses estágios, bem como a sua relação com a formação e o desenvolvimento da personalidade, com a finalidade de se superar a simples descrição do fenômeno, buscando compreender o processo e as múltiplas determinações do desenvolvimento da personalidade do adolescente (ANJOS, 2017, p.71).

Anjos (2017, p.72) aponta que, na concepção biologicista, os caracteres sexuais seriam as principais causas do comportamento adolescente, pois é nesta fase que ocorrem várias mudanças corporais denominadas caracteres sexuais primários, como hormônios-estímulos (hormônios gonadotróficos da hipófise anterior ou hormônios sexuais como a testosterona, estrógenos e progesterona produzidos pelas gônadas sexuais), produzindo óvulos ou espermatozóides, bem como o aumento do pênis e dos testículos ou o aumento do útero e da vagina. Mas destaca o autor, a partir do EHC, que o processo de desenvolvimento possibilita a incorporação da dimensão biológica por meio do desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Dando continuidade a esta reflexão, Anjos considera que,

> No entanto, as mudanças biológicas ocorridas na adolescência, ou em qualquer outra época do desenvolvimento humano não podem ser negadas, pois as relações entre o biológico e o social no ser humano são de incorporação daquele por este e não de eliminação ou mesmo separação entre ambos. Portanto, discordar das concepções biologicistas não significa negar as influências da materialidade orgânica do corpo humano na vida de uma pessoa. (ANJOS, 2017, p. 77).

Em uma perspectiva histórico-cultural, Vigotski (2006) em seu artigo "O desenvolvimento das funções psíquicas superiores na idade de transição", presente no Tomo 4 de suas *Obras Escolhidas***,** faz uma crítica aos estudos levados a cabo por Stanley Hall (1884-1924), considerado o primeiro psicólogo a pensar o problema da adolescência e pioneiro nos Estados Unidos, que busca explicar o desenvolvimento da criança (ontogênese), a partir do desenvolvimento da espécie (filogênese), com base na teoria de Darwin sobre a Evolução das Espécies, visando compreender a hereditariedade do comportamento humano.

Vigotski não nega que a crise na adolescência exista e somente seja marcada naturalmente pela impulsividade e pela emotividade incontornáveis por questões hormonais, ele nega que este momento seja algo negativo e aponta como um momento privilegiado para o desenvolvimento do pensamento conceitual e para a formação da concepção do mundo. "É na adolescência que o processo de internalização das funções psíquicas superiores, como categoria intrapsíquica, tem seu auge formativo." (ANJOS, 2017, p. 91).

Como analisa Beatón (2021),

> Na perspectiva do EHC, o psicológico é produto da dinâmica que se produz na unidade das condições biológicas da pessoa, das condições sociais e culturais com as quais se encontra desde o momento do nascimento e ao longo da vida e as próprias qualidades psicológicas que vão se conformando e que adquirem suas propriedades particulares que repercutem, inclusive nas condições que lhe deram origem, dado o sistema que se produz entre o funcionamento biológico, sociocultural e e o propriamente psicológico. (Tradução nossa).

A concepção histórico-cultural reforça a ideia de que o ser humano é fruto de uma construção historicamente construída pela sociedade, sendo ele pertencente a uma sociedade que carrega valores culturais como os Ritos de Iniciação, tema desta pesquisa. Uma criança e um adolescente na cultura Macua e Yao não têm escolha de participar ou não dos Ritos de Iniciação. O adolescente acaba sendo obrigado a participar dos Ritos como condição de pertencimento ao grupo social.

Podemos, então, afirmar que a adolescência é também um marco cultural, pois a partir da puberdade, a sociedade moçambicana, concretamente no Norte do país, entende que é o momento certo para a transmissão de valores culturais ligados à fase adulta. Este momento já é complexo, segundo as diversas teorias psicológicas, marcado pelas mudanças hormonais e neurológicas e pelas características externas, tais como: aparecimento dos seios nas meninas e pelos nos homens; porém os Ritos de Iniciação, pode-se considerar que este momento torna-se ainda mais complexo ao incutir nas meninas com menor idade conhecimentos indicados para fase adulta, tais como: ser esposa, mãe e dona de casa.

Ricardo Eleutério dos Anjos e Newton Duarte (2017) no artigo “A teoria da individualidade para si como referência à análise da educação escolar de adolescentes” trazem à luz a discussão sobre o processo de humanização dos indivíduos historicamente, inter-relacionando com a importância da qualidade das relações interpessoais como condição para a qualidade do desenvolvimento das funções psicológicas superiores:

> A partir do momento em que o ser humano passa a apropriar-se não mais da natureza diretamente, mas da matéria transformada pelo próprio homem, o processo de objetivação pode ser caracterizado como produção e reprodução da cultura da humanidade. O processo supracitado é uma especificidade humana, visto que o homem não se adapta simplesmente à natureza, como o

> fazem os demais animais, mas transforma a natureza para suprir suas necessidades. (ANJOS & DUARTE, 2017, p.117).

Segundo Luria (1981), no livro *Fundamentos da Neuropsicologia*, o córtex cerebral em conexão com os órgãos do corpo humano formam um sistema funcional que garante a sobrevivência desse corpo humano. Esse corpo, ao relacionar-se com a cultura imediatamente ao nascer e ao percurso dos cuidados de uma pessoa, está sendo interpelado e estimulado de maneira intencional ou não, saudavelmente ou não, para o desenvolvimento das funções nervosas superiores, as quais são condições para transformá-los em seres humanizados. Essa humanização acontece no processo de escolarização.

Anjos e Duarte (2017, p. 120), no artigo sobre "A Teoria da individualidade para si como referência à análise da educação escolar de adolescentes", entendem que:

> A individualidade para si não ocorre de forma natural, mas sim, pela apropriação das objetivações humanas, apropriação está, efetivada no processo de educação [...] O indivíduo não deixa sua cotidianidade, o que ele deixa é de ser guiado, de forma espontânea, por sua vida cotidiana. Ele se apropria da linguagem de dada sociedade, internaliza as várias maneiras de utilização de instrumentos e utensílios, bem como assimila as formas de comportamentos que têm como base os usos e costumes de uma sociedade.

Assim como Newton Duarte, Lígia Márcia Martins na tese de livre docência, intitulada "Desenvolvimento do Psiquismo e a Educação Escolar", defende o papel da educação escolar como fundante e modo de garantia de apropriação dos conhecimentos mais desenvolvidos pela humanidade de modo condensado:

> É a serviço do desenvolvimento equânime dos indivíduos que a educação escolar desponta como um processo a quem compete oportunizar a apropriação do conhecimento historicamente sistematizado – o enriquecimento do universo de significações –, tendo em vista a elevação para além das significações mais imediatas e aparentes disponibilizadas pelas dimensões meramente empíricas dos fenômenos. (MARTINS, 2011, p 213).

Portanto, pensarmos que a maturação biológica de uma pessoa se torna condição central de desenvolvimento, é pensarmos em uma psicologia cuja perspectiva é biologizante e que, ao fragmentar o indivíduo analisando-o somente do ponto de vista de sua organicidade, utiliza o método de análise tomando por base a ciência positivista (SILVA, 1997).

Segundo Marangoni e Ramiro (2012, p. 28), existem seis períodos de crises de desenvolvimento humano na perspectiva de Vigotski, a considerar: a crise pós-natal; a crise do primeiro ano;a crise dos três anos; a crise dos sete anos; a crise dos treze anos; e a crise dos dezessete. Podemos apresentá-las brevemente da seguinte maneira:

a) **Crise Pós- Natal:** o desenvolvimento psicológico da criança começa com o nascimento e a idade crítica se inicia logo depois do parto, em que o bebê se separa física, mas não biologicamente da mãe. Ele descreve como a transformação e separação do período embrionário ao primeiro ano de desenvolvimento de vida (MARANGONI & RAMIRO, 2012, p.31).

b) **Crise do primeiro ano:** delimita o primeiro ano de vida do bebê humano ao início da infância e ressalta que esse momento se constitui quando a criança começa a andar a falar e a ter iniciativa e vontade no meio externo. Esta crise é destacada pela construção da relação da criança e o cuidador reconhecido por ela e se sente ligada emocionalmente e mentalmente ao cuidador (MARANGONI & RAMIRO, 2012, p.34).

c) **Crise dos três anos:** esta fase consiste no negativismo e oposição que aparece de novo no comportamento da criança e a ternura da crise anterior que se perde. Esta crise é a zona próximo do desenvolvimento para as próximas idades (MARANGONI & RAMIRO, 2012, p.38).

d) **A crise dos sete anos:** Esta crise se refere a passagem da idade pré-escolar para a escola. O início da escolaridade da criança promove um mergulho no mundo externo e amplia as relações com os pares. Esta crise é também caracterizada pela perda da espontaneidade infantil à medida que a criança começa a construir a noção de que os outros são sujeitos psicológicos e podem ter desejos e vontades diferentes delas (MARANGONI & RAMIRO, 2012, p. 41).

e) **A crise dos treze anos:** É importante destacar este período, pois é desta fase que estamos falando desde o início deste capítulo, uma vez que a fase de adolescência é o ponto principal. Na Psicologia Histórico-Cultural a crise da adolescência, é considerado adultez psicológica, que passa necessariamente por vários aspectos a considerar: qualidade do desenvolvimento das funções nervosas superiores em relação a dinâmica de

desenvolvimento do eu psicológico, concepção do outro como outro psicológico, percepção da realidade para além de si mesmo e sentido da vida que se volte ao coletivo (MARANGONI & RAMIRO, 2012, p. 44).

As crises de desenvolvimento citadas pelo Vigotski são descritas como momentos que propiciam a construção do sujeito psicológico. Vigotski refere que o desenvolvimento da personalidade do sujeito ocorre em períodos de crises psicológicas, cujas dimensões desenvolvidas necessitam se transformar por conta das novas exigências externas. Nesse sentido, as crises psicológicas propiciam o desenvolvimento do sujeito psicológico, a concepção do outro e a construção mental da realidade.

Neste período de vida o adolescente demonstra a continuação do seu desenvolvimento social "em busca de si mesmo" se comparado com os outros, assumindo papéis e características sociais e individuais, incluindo o significado da realidade e o sentido da vida. Reconhece a figura de autoridade como quem oferece as orientações morais e assume algumas responsabilidades e se posiciona de modo crítico às doutrinas e crenças ditas até o momento como sagradas, possibilitando a criação de sentido de si do outro e significado da realidade.

Quanto à crise dos dezessete anos, Vigotski nomeia essa crise enquanto um caminho rumo à maturidade psicológica e a descreve como um período de transição com características como queda de interesses infantis, descontentamento inquietude, tendência à solidão, isolamento e negativismo em função da complexidade nos sistemas funcionais que operam nessa fase. O adolescente, muitas vezes, se afasta do seu meio social e adota uma atitude negativa diante de tudo que o rodeia como forma de conseguir se posicionar de modo mais autônomo e intelectualizado no meio social. O sujeito psicológico adolescente pode refrear suas ideias, pensamentos e comportamentos como forma de verificar as suas ações e se posicionar no meio externo, possibilitando a constituição de uma atitude mais madura nas relações sociais. Estas crises de desenvolvimento permitem mostrar como é que ocorre o desenvolvimento da personalidade das crianças (MARANGONI & RAMIRO, 2012, p. 45).

Para Vigotski, no seu livro *Obras escolhidas* Tomo 4 (2006), a crise pode acontecer em qualquer fase da vida e não é determinada pelas idades fixas e específicas e o fim desta fase é indefinida também, porque depende da qualidade e intencionalidade das relações interpessoais

e acesso a direitos que a pessoa possa ter. A forma como as crianças e os adolescentes vivenciam as suas experiências é distinta, mesmo que estes estejam em mesmos espaços sociais. Nessa fase, em que as crianças são submetidas aos Ritos de Iniciação, considerando as reflexões apresentadas pelo EHC, embora os(as) iniciados(as) estejam em uma situação de infância ou de adolescência, segundo os objetivos do Rito, as vivências promovidas nesse contexto supõem que, pela maturação biológica, haja as condições suficientes para que a criança e o adolescente constituam-se em um adulto.

Leal entende que:

> Ser adulto é poder aventurar-se a partir, para fora de si mesmo em busca de maneiras novas para atender às necessidades básicas e preencher lacunas - com objetivo de atingir fins públicos e / ou significados íntimos, defendendo a própria esfera de senhorio sem pedir licença para circular com flexibilidade dentro das realidades do próprio trabalho e da própria vida de todos os dias. (LEAL, 2010, p. 143 *apud* MARANGONI & RAMIRO, 2012, p. 46).

É importante ressaltar que, nos Ritos de Iniciação, o desenvolvimento biológico, ao ser considerado como determinante do desenvolvimento da pessoa para ser iniciada à vida adulta, reduz o processo de desenvolvimento humano a uma de suas dimensões: a biológica. É necessário reafirmar que, do ponto de vista do EHC, para que essa criança alcance a fase adulta saudavelmente, deveria se apropriar dos conteúdos mais desenvolvidos pela humanidade de maneira que o ato do conhecimento e seus impactos não promovam sofrimento psíquico. Ou seja, até o presente momento uma das maneiras de garantir acesso a uma pessoa a esses conteúdos mais desenvolvidos pela Humanidade, de maneira que possa desenvolver um olhar científico e crítico da realidade é a escola que passa a ter um papel primordial na aprendizagem e no desenvolvimento humano.

A retirada dessa criança do seu entorno afetivo e da rotina cotidiana a afeta de maneira intensa, pois o grupo e pertinência fazem parte do desenvolvimento desse sujeito em pessoa humanizada, seu retorno coloca-o em condições de exercer papéis sociais diversos. Como observa-se, há dificuldade de pertencimento de crianças que passaram pelos Ritos nos grupos de amigos na escola.

Vigotski no seu livro *Obras escolhidas* Tomo 4 (2006) ao falar da crise na adolescência considera que é o período da vida em que a criança consegue descrever melhor as atividades lúdicas, adquire conhecimento a partir do depósito de imagens e sintetiza a partir do desenho

que ela vê . Essas imagens desorganizadas transformam-se em conhecimento. O adolescente também descreve a partir do que ele está observando.

Nesse sentido, as funções psicológicas superiores impactam a constituição do pensamento crítico, possibilitando que a pessoa se aproprie de novas dimensões dos valores que constituem a cultura e possa, pelo processo de internalização, obter uma compreensão mais complexa que venha, inclusive, a superar limitações dos conteúdos anteriormente aprendidos.

Como analisa Facci (2004, p.71),

> Segundo Vygotski (1996), nessa fase de desenvolvimento se produz no adolescente um importante avanço no desenvolvimento intelectual, formando-se os verdadeiros conceitos. O pensamento por conceito abre para o jovem um mundo da consciência social, e o conhecimento da ciência, da arte e as diversas esferas da vida cultural podem ser corretamente assimiladas. Por meio do pensamento em conceito ele chega a compreender a realidade, as pessoas ao seu redor e a si mesmo. O pensamento abstrato desenvolve-se cada vez mais e o pensamento concreto começa a pertencer ao passado. O conteúdo do pensamento do jovem converte-se em convicção interna, em orientações dos seus interesses, em normas de conduta, em sentido ético, em seus desejos e seus propósitos.

Podemos considerar, então, que a criança possa participar nos Ritos de Iniciação que tenham um cunho religioso ou cultural ou de pertença ao grupo cultural; no entanto, a decisão de seguir ou não os preceitos desse ritual, serão objeto de reflexões e concepções que vão sendo constituídas por meio de várias vivências e aprendizagens, permitindo novas avaliações e possibilidades de compreensão de aspectos que passam a ser revisitados sobre as práticas e valores que compõem o Rito de Iniciação em novos períodos de seu desenvolvimento humano. Nesse contexto, é possível que as vivências e constituição de novos conceitos - na qual a escola tem papel fundamental - possam ampliar suas possibilidade de decidir sobre as tomadas de decisão e suas consequências e não ficar somente à mercê de restrições que se fazem presentes nos aspectos definidos no Rito, tais como o pecado ou a desobediência a certos valores de submissão, principalmente no caso das mulheres. A compreensão dos motivos, no entanto, possibilitam novas análises e tomadas de decisão, ampliando o entendimento dos caminhos percorridos e buscando uma nova qualidade desse processo.

Enquanto é imposto a uma criança ou adolescente participar de um ritual que é realizado por adultos, podemos nos perguntar que compreensão terão a respeito das práticas e valores a que são submetidos neste contexto? Se considerarmos que a esta criança e a este adolescente

não é dado o lugar da participação e sim da recepção de informações e de orientações para a vida adulta sob determinadas perspectivas, nos perguntamos como este processo passa a ser compreendido pelas crianças e adolescentes, sem que tenham qualquer lugar de decisão ou de diálogo necessário para que esta aprendizagem se transforme em uma condição de desenvolvimento.

Analisando os relatos dos Ritos de Iniciação, é possível considerar que a relação estabelecida entre adultos e crianças nos Ritos revela a ausência de um processo de aprendizagem centrado no diálogo e na permissão da criança no contato do adulto com o seu corpo, sendo parte do ritual o alongamento os lábios inferiores com objetivo de criar mais prazer ao homem ou ainda serem iniciadas sexualmente ou ensinadas como se comportar com o seu marido em relações sexuais; revela também o fato de crianças serem impedidas de decidir sobre o que se passa com elas, passando a viver esse momento como um ato de submissão aos valores e ensinamentos próprios do mundo adulto, trazendo para elas restrições ao próprio corpo e à sua individualidade. Dessa forma, a introdução de crianças e adolescentes nestes contextos culturais se distancia de ações que propiciariam um desenvolvimento humanizador, ao considerarmos os processos discutidos em uma perspectiva histórico-cultural.

Do ponto de vista das feministas, Varikas (2016); Chiziane (2016); Carvalho (2001); Carvalho, Senkevics, Loges (2016), que abordam a violência de gênero, quando a uma mulher é imposta a situação a qual há algo que vai violar o seu corpo e a sua personalidade, estabelece-se um ato de violência. Essa violência é exercida por meio de imposições para ser aceito ou não em grupos, invadindo o percurso saudável do desenvolvimento do psiquismo, gerando sofrimento psíquico, retirando desse sujeito a possibilidade de um desenvolvimento que venha a enfrentar as crises de forma a superar os grandes desafios impostos pela cultura e pela realidade social.

Do ponto de vista da Declaração Universal dos Direitos Humanos, podemos fazer a seguinte reflexão, a partir dos artigos 17 e 18:

> Todo ser humano tem direito à propriedade, só ou em sociedade com outros. Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade; Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular**.** (Resolução 217 A III, 10 de dezembro de 1948).

Quando a criança, especialmente a menina, é retirada do espaço escolar e fica confinada por um mês sendo "preparada para ser esposa e dona de casa", e essa expectativa é corroborada por sua família e por seu grupo étnico, ela se distancia de várias possibilidades para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores que são constituídas por meio do acesso ao pensamento científico, função primordial da escolarização. Conforme analisam os autores do EHC, cada período do desenvolvimento individual humano é caracterizado por uma atividade principal, ou atividade dominante, a partir da qual se estruturam as relações do indivíduo com a realidade social. No caso das crianças na faixa de 6 a 10 anos, a atividade principal caracteriza-se pelos estudos, pela apropriação do conhecimento científico, de forma a superar o conhecimento espontâneo (FACCI, 2004).

Podemos considerar também que a superação das crises de desenvolvimento tem como necessidade a relação com as dimensões sociais e culturais; neste caso, torna-se de grande importância a qualidade intencional das relações interpessoais que podem ser vividas como um ato de violência, gerando sofrimento psíquico. Esse é um dos motivos pelos quais o EHC enfatiza a importância da qualidade intencional nas relações interpessoais e cada setor da vida pública e privada tem funcionalidades imprescindíveis para o desenvolvimento humano, impactando profundamente nos sistemas funcionais, relacionais, culturais e sociais.

Como analisa Beatón (2005),

> O desenvolvimento psíquico ou de constituição da subjetividade ou da mente, é um processo muito complexo, que tem sua origem ou fonte nas condições e na organização do contexto social e cultural, por meio de relações sociais, a atividade e a comunicação que influem sobre o sujeito e se produz, definitivamente, como resultado da acumulação de sua experiência individual, a partir de suas vivências e da atribuição de sentidos. (Tradução nossa).

Corroborando a complexidade e o papel social e cultural na constituição da personalidade, afirma Bozhovich (1976, p. 80):

> Por isso, podemos dizer que em um momento e nível do desenvolvimento social, cultural e psíquico, o ser humano se constitui ou se torna uma personalidade. Desta maneira, a personalidade é um produto do desenvolvimento histórico, cultural, que é social na sua origem e fonte.
> Portanto, no nível mais individual: a condição fundamental que determina (em última instância) a formação da personalidade de um ser humano é o lugar que

> ele ocupa no sistema de relações sociais, a atividade e a comunicação que nela são cumpridas ou produzidas (Tradução nossa).

Então, uma importante pergunta se destaca no processo de desenvolvimento: como ocorre a passagem de uma etapa do desenvolvimento humano para a seguinte? Conforme analisa Leontiev, nas palavras de Facci (2004, pp.71-2),

> Leontiev (1998a) argumenta que, no decorrer do seu desenvolvimento, a criança começa a se dar conta de que o lugar que ocupava no mundo das relações humanas que a circundava não corresponde às suas potencialidades e se esforça para modificá-lo, surgindo uma contradição explícita entre esses dois fatores. Ela torna-se consciente das relações sociais estabelecidas, e essa conscientização a leva a uma mudança na motivação de sua atividade; nascem novos motivos, conduzindo-a a uma reinterpretação de suas ações anteriores. A atividade principal em determinado momento passa a um segundo plano, e uma nova atividade principal surge, dando início a um novo estágio de desenvolvimento.

Dessa forma, a qualidade das relações interpessoais e a estruturação dos grupos, coletivos, comunidades, movimentos e culturas são atos promotores de desenvolvimento e de emancipação humana. Portanto, são também atos políticos que constituem uma sociedade baseada na garantia de direitos sociais e humanos ou que perpetuam a violência institucional de modos distintos, por meio de regimes autoritários, ditatoriais, negacionistas, de submissão e de exploração (FREIRE, 2013).

Quando saem deste ritual, as crianças demonstram mudanças significativas na sua forma de ser, estar, de se comportar até a maneira de se vestir. Saem mais retraídas, ou seja, a sua postura é de assumir as atitudes de uma pessoa adulta. Estas crianças deixam de viver experiências de acordo com a sua idade. Quando essa menina retorna à escola, depois do Rito de Iniciação, ela passa a ser uma pessoa que se vê como diferente em seu grupo da escola e ao mesmo tempo é vista também dessa forma, tanto em função das vestes que passa a usar, que a caracterizam como adulta, ou mesmo pelos códigos culturais aos quais foi exposta, impedindo realizar brincadeiras infantis, ou se agrupar com colegas que não passaram pelo mesmo ritual. Dessa forma, também consideramos que esses impedimentos passam a interromper uma série de experiências que deveriam ser vividas por crianças da mesma faixa etária.

Os rituais fazem parte de uma cultura, mas o que discutimos é o fato de que essa criança, que está em processo de aprendizagem e de desenvolvimento, passa a ter contato com informações do mundo dos adultos, passando por experiências em seus corpos, preparando-os para futuros relacionamentos sexuais e incutindo valores vinculados a fases da vida adulta ainda na infância; assim nos perguntamos o quanto tais vivências são consideradas enquanto um ato de violência, por impedir que a criança perpasse pelos papéis sociais de forma a viver essa infância com os valores que competem a esta fase da vida, podendo a ela ser garantida a possibilidade de estudar e de brincar. Sendo assim, como esperar que uma criança atue enquanto uma pessoa adulta? As discussões apresentadas pelas análise das crises apresentadas pelos autores referenciados neste texto nos permitem considerar que são as experiências resultantes dos contextos culturais e sociais, o desenvolvimento biológico e as atividades principais que norteiam as possibilidades de passagem de períodos da infância para a adolescência e da adolescência para a fase adulta. Assim, se considerarmos esse processo, a partir da THC, pode-se afirmar que a exigência pelas quais passam essas crianças de apresentar atitudes de mulheres adultas e de utilizar vestuários específicos que escondam seu corpo, bem como ter passado por um mês pela experiência oferecida pelos Ritos de Iniciação, não são suficientes para que esta criança se "torne" um adulto e se aproprie dos valores e aspectos que constituem a vida adulta. Pode-se considerar que instale na criança uma série de conflitos e de incompreensões que talvez na fase adulta ela venha a compreender e ressignificar em função de vivências e de apropriação do conhecimento oferecidos pela escolarização e pela convivência em sociedade, a partir das idiossincrasias e da complexidade que compõe uma cultura. No EHC,

> Os estágios de desenvolvimento da psique infantil, todavia, não apenas possuem um conteúdo preciso em sua atividade principal, mas também uma certa sequência no tempo, isto é, uma liame preciso com a idade da criança. (VIGOTSKI, LURIA, LEONTIEV, 1988, p. 65).

Os Ritos de Iniciação fazem parte do quotidiano da população na região Norte de Moçambique e acredita-se que quem passa por este ritual está mais preparado para enfrentar a vida, participar em eventos importantes dentro da comunidade como: cerimônias fúnebres, assistir a realização dos ritos de outras pessoas. As famílias têm um papel importante nesses rituais, pois são eles quem decidem que os filhos sejam submetidos aos Ritos de Iniciação.

Cabe-nos perguntar, como educadoras e psicólogas escolares e educacionais, que papel a escola desempenha nesse processo, ao receber esta criança que retorna à escola após sair dos Ritos de Iniciação? Que planos de acolhimento a essas crianças a escola precisaria construir? Consideramos que pelos menos quatro aspectos precisam ser considerados: a) a recuperação de conteúdos das aulas e de avaliações realizadas, bem como a justificação das faltas; b) a compreensão em sala de aula e na unidade escolar a respeito do que significa receber colegas com valores que se diferenciam daqueles vividos pelo grupo mais numeroso de crianças da escola; c) a escuta sensível dessas crianças por terem passado por uma experiência tão intensa e peculiar; d) a construção de espaços de discussão sobre os Ritos na infância na sua dimensão social, cultural e de formação da personalidade, dentre outros. Ou seja, pensar em possibilidades de acolhimento nas escolas das crianças as quais são impostos os Ritos de Iniciação seria definir um território muito interessante para ampliar a discussão de um tema sensível sobre o qual a escola não tem poder de decisão pois, na condição de crianças, seus pais ou responsáveis são os guardiães legais.

Outro aspecto a ser considerado, neste caso, é o de pensarmos que políticas públicas poderiam ser implementadas? Tendo em vista a temática em questão, consideramos que temas sobre educação sexual nas escolas poderia ser um importante instrumento de elucidação e de ampliação de informações quanto às mudanças biológicas e psicológicas que se constituem na puberdade e na adolescência. Nessa perspectiva, não seria uma política pública para "educar" a família contra os ritos, mas refletir sobre aspectos na perspectiva de promoção da saúde física e mental com questões que articulem aspectos de desenvolvimento humano, educação e saúde pública por meio de programas de intervenção comunitária.

Conforme nos apresenta o EHC, a adolescência e a juventude são um importante período no processo de desenvolvimento humano pela ampliação da complexidade e da interrelação estabelecida pelas funções psicológicas superiores, possibilitando que os adolescentes e jovens possam reconhecer suas limitações e construir uma consciência crítica ampliando seu conhecimento e incorporando pela via da internalização, as mudanças biológicas de seu corpo.

Esta visão dos autores sobre a adolescência é importante para que tenhamos uma percepção sobre o desenvolvimento na adolescência e na juventude, com base em importantes autores que representam o EHC. O ser humano necessita dos conteúdos acadêmicos como caminho para humanização, conforme afirma a perspectiva histórico-cultural, porém não

devemos nos esquecer que a referida teoria foi elaborada pensando nas questões dos indivíduos do Ocidente, daí a nossa escrita não pretende de forma alguma estabelecer imposições da teoria sobre a prática cultural dos Ritos de Iniciação em Moçambique. Porém não podemos ignorar que estes conteúdos podem sim ajudar a refletir sobre as práticas da sociedade moçambicana, no sentido de encontrar caminhos para assegurar, no interior das culturas, o processo de desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens bem como garantir com mais qualidade a permanência das meninas e meninos no espaço escolar.

Capítulo 3. A pesquisa

A abordagem desta pesquisa me remete, novamente, ao meu percurso acadêmico aliado a minha vivência cultural, ou seja, leva-me a considerar a minha experiência como pesquisadora inserida em um meio em que eu sou fruto da cultura que investigo. Eu também fui iniciada como muitas outras meninas da minha faixa etária. Como professora primária, deparei-me com muitas meninas desistindo da escola e refugiando-se no casamento, pois não conseguiam se integrar ao mundo escolar após terem voltado dos Ritos de Iniciação. Motivada por isso, suscitou-se em mim a vontade de entender as diversas facetas dos ritos. Para isso, eu precisava me inserir profundamente no mundo dos ritos para dar respostas a essas minhas inquietações.

Portanto, os resultados colhidos no campo deram um panorama geral dos Ritos de Iniciação, a sua importância, conjuntura, peculiaridades e suas contradições. O trabalho de campo é, sem dúvida, um momento muito importante, em que se vive intensamente a pesquisa. Apesar de eu ser moçambicana e ser fruto deste ritual, tive a oportunidade de conhecer o outro lado dos Ritos. Em alguns momentos, tive dificuldade de encontrar participantes da pesquisa, o DPEDH e OMM, pois era época das eleições autárquicas e, nessa ocasião, os funcionários não comparecem às instituições, pois se envolvem ativamente nas campanhas eleitorais.

3.1 O objeto de estudo

Por meio desta pesquisa, intitulada *Práticas culturais e escolarização de mulheres em Moçambique:* um caminho para ressignificação dos Ritos de Iniciação, buscou-se levantar questões que permitam refletir sobre como os Ritos de Iniciação, prática marcante da cultura tradicional de Moçambique, interferem na escolarização formal das mulheres moçambicanas, marcada pelo alto índice de exclusão escolar. Os Ritos de Iniciação das mulheres dos grupos etno-linguísticos Macua e Yao, respectivamente, são marcados pela menarca, que se configura como um ritual de passagem para o universo adulto. Esse marco é acompanhado pelo processo de inserção das mulheres Macua e Yao na sociedade, que por um período mínimo de um mês participam dos Ritos de Iniciação. Tais ritos constituem uma série de aprendizados transmitidos

pelas mulheres mais velhas, que versam acerca de como as mulheres devem se comportar socialmente e sexualmente. Esse ritual é definido por uma marcante diferença cultural de gênero, como veremos ao longo dos próximos capítulos.

3.2 Objetivo geral

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar a relação entre as práticas culturais referentes aos Ritos de Iniciação e a educação escolar da mulher no grupo étnico-linguístico Macua e Yao, situado no Norte de Moçambique. Busca-se, assim, identificar as contradições entre a educação da mulher em seu âmbito formal, a saber, na instituição escolar, e informal, especificamente nos Ritos de Iniciação, de modo a refletir como o papel da cultura na formação das mulheres Macuas e Yaos interfere no processo de escolarização, fortemente marcado pela exclusão escolar.

3.3 Objetivos específicos

- Entender as relações de gênero na sociedade moçambicana e sua influência na manutenção dos Ritos de Iniciação dos grupos étnico-linguísticos Macua e Yao.
- Investigar as atividades desenvolvidas nos Ritos de Iniciação dos grupos étnicos-linguísticos Macua e Yao de Moçambique.
- Identificar os principais fatores que influenciam o processo de escolarização das mulheres, fortemente marcado pela exclusão da escola, e sua relação com os Ritos de Iniciação.
- Analisar as contradições entre o papel das políticas públicas oficiais de educação e a formação das mulheres desses dois grupos étnicos na cultura tradicional.
- Compreender como as mulheres universitárias analisam a influência dos Ritos de Iniciação no seu processo de escolarização e na sua vida profissional.

3.4 As fontes de dados

Para concretização dos objetivos, as fontes de dados compreenderam: a) levantamento bibliográfico sobre o tema; b) identificação de documentos escolares relativos ao desempenho das estudantes que passaram pelas práticas tradicionais; c) entrevistas com as "Madrinhas" responsáveis pelas práticas tradicionais dos Ritos de Iniciação; d) entrevistas com os dirigentes

do Ministério de Educação e Cultura e Direção Provincial do Gênero Mulher e Ação Social; e) entrevistas com representante do Movimento Social de Mulheres Moçambicanas; f) Mesa Redonda sobre o tema da tese na Universidade Pedagógica; g) entrevistas com mulheres universitárias que passaram pelo Ritos de Iniciação; h) Grupo focal com parte das estudantes entrevistadas.

a. Levantamento bibliográfico sobre o tema:

Esta etapa consistiu na compilação de livros, artigos e documentários em Moçambique que versam sobre esta temática, a destacar: A Teoria Histórico Cultural, *Olhar sobre África*, *Na casa do meu Pai*, *A experiência africana*, de Kwame Anthony Appiah; *A educação tradicional em Moçambique* e *O olhar sobre Moçambique*, de Felizardo Cipiri; *Niketche* e *Eu mulher*, da Paulina Chiziane; *"WaMacua e Yao'we"*- no conhecido Niassa, do Pe. João Baptista Amide; assim como no filme intitulado "À Espera", realizado pela moçambicana Sónia André e pelo brasileiro Nivaldo Vasconcelos, que, por sinal, foi gravado na província de Niassa e narra o drama dos casamentos prematuros em Moçambique em Nampula e Niassa. E a tese de doutorado, defendida na Universidade Católica Portuguesa, intitulada "A Mulher Moçambicana na ocupação de cargos de decisão: um estudo de caso no âmbito das direções provinciais de Nampula", de Natália Helena da Fonseca Bolacha.

b. Identificação de documentos escolares relativos ao desempenho das estudantes que passaram pelas práticas tradicionais:

Nesta etapa da pesquisa foram recolhidos diversos documentos importantes disponibilizados pela Direção Provincial de Educação de Nampula e Niassa, a saber:

1. Plano de Ação para Redução de Desistência da Direção Provincial de Educação e Desenvolvimento Humano.
2. Breve Informe sobre Planejamento Familiar e sobre os Casamentos Prematuros na província de Nampula e Niassa.
3. Relatório sobre o Censo da População e Habitação de 2007.

Esses documentos fornecidos pelas instituições são de grande importância, pois apresentam um panorama geral do drama vivido pelas mulheres após o regresso dos Ritos de Iniciação. Vale ressaltar que, por meio desses documentos, é também possível ter dados mais

precisos acerca do número de estudantes do sexo feminino que ingressam e concluem o ano letivo, assim como o número de exclusão escolar.

c. Entrevistas com as responsáveis pelas práticas tradicionais dos Ritos de Iniciação:

Participaram da entrevista duas "Madrinhas", sendo uma da comunidade Macua e outra da comunidade Yao, tendo elas, respectivamente, 90 anos e 40 anos. As entrevistas com essas duas mulheres permitiram o acesso a informações importantes e ricas a respeito dos Ritos de Iniciação. A partir do olhar delas a respeito da prática, buscou-se compreender os meandros do processo e a finalidade dos ritos para a preservação da cultura.

d. Entrevistas com os dirigentes do Ministério de Educação e Cultura, da Direção Provincial do Gênero Mulher e Ação Social e da Direção Provincial de Saúde:

1. Representante da Direção Provincial de Educação e de Desenvolvimento Humano: entrevista com o Diretor Provincial que apresentou aspectos relacionados à educação das mulheres na região de Nampula e Niassa, assim como disponibilizou vários documentos mencionados no item b.
2. Representante da Direção Provincial do Gênero: a entrevista com o Diretor permitiu conhecer aspectos importantes sobre a situação da mulher nas regiões de Nampula e Niassa.
3. Representante da Direção Provincial de Saúde: entrevista com o Diretor que trouxe questões riquíssimas sobre como os casos de meninas grávidas prematuramente repercutem nos atendimentos de saúde.

e. Entrevista com representante do Movimento Social de Mulheres Moçambicanas

Participou desta entrevista a secretária da OMM, que permitiu a investigação sobre como a mulher é vista no âmbito político sob a perspectiva do movimento social, assim como o papel da OMM na afirmação das mulheres em Moçambique.

f. Entrevista com as estudantes

Entrevistas com estudantes universitárias que participaram dos Ritos de Iniciação das comunidades Yao e Macua. Tais entrevistas foram precedidas por um questionário com informações e dados pessoais.

g. Mesa Redonda na Universidade Pedagógica

Produtivo debate acerca do tema Ritos de Iniciação (*nyanho*) e escolarização das mulheres em Nampula e Niassa, realizado na Universidade Pedagógica em Lichinga, em junho de 2017, com duração de três horas e meia. Além da abordagem relevante do tema na comunidade acadêmica, por meio das apresentações e discussões das entidades convidadas, foi possível ter acesso ao olhar psicossocial tanto de alunas quanto de professoras que passaram pelos rituais.

h. Grupo focal

A seleção do grupo focal foi a partir das mulheres universitárias entrevistadas de acordo com a disponibilidade delas. O encontro teve duração de 2 horas aproximadamente. Usou-se um breve roteiro para guiar a discussão.

3.5 Procedimentos de investigação e análise de dados

Tendo em vista os objetivos propostos, a pesquisa desenvolvida caracteriza-se por ser qualitativa, centrada em dados bibliográficos e biográficos recolhidos por meio de entrevistas e análise de documentos. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.16), o pesquisador deve estar em constante interação com os sujeitos da pesquisa, uma vez que são estes os nossos interlocutores privilegiados. Ademais, a ênfase no processo e não no produto final também é um aspeto fundamental para esta pesquisa. Assim sendo, a preocupação central do material recolhido para reflexão é com o significado que as pessoas atribuem a si mesmas e para as suas experiências. Por fim, é importante considerar que o contexto do pesquisador no campo é sempre marcado por variáveis condicionantes, que criam diversas possibilidades para a pesquisa.

Estes são alguns aspectos importantes a se ter em conta quando se trabalha com a pesquisa do tipo qualitativo, que consiste na "descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade" (ANDRÉ, 2003, p. 30). Como uma mulher Macua iniciada, minha relação com o campo de pesquisa é de alguém que emerge da própria comunidade. O conhecimento da língua Macua e dos códigos culturais do povo Macua e Yao foram fatores decisivos para tecer as relações estabelecidas em campo. Esse conhecimento prévio permitiu um maior aprofundamento da relação entre a escolarização formal e os Ritos de Iniciação de meninas em Moçambique.

Consideramos fundamental nesta modalidade de trabalho a análise de documentos oficiais. O estudo desses documentos nos permite refletir sobre a implementação das políticas públicas, bem como a posição institucional das províncias de Nampula e Niassa diante dos desafios da educação das meninas no contexto nacional. Vários dos documentos disponibilizados são de circulação interna dos Ministérios, possibilitando o acesso a informações relevantes para maior compreensão do fenômeno da escolarização. Além dos documentos institucionais, as entrevistas realizadas com estes profissionais, em cargos atualmente de direção, possibilitam uma compreensão mais clara do contexto de produção desses documentos. Como analisa Rockwell (2009), é fundamental conhecer o contexto social, histórico, político e cultural da produção de um documento. Este conjunto de informações expressa diversas concepções, interesses e forças políticas em jogo no campo de conhecimento.

As entrevistas foram semiestruturadas para que os participantes do processo se sentissem à vontade em explanar os aspectos íntimos dos Ritos de Iniciação, dando liberdade inclusive para tópicos que não estavam previstos (MINAYO, 2006, p.263). As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e podem ser consultadas nos apêndices deste trabalho.

Os conteúdos dessas entrevistas serão organizados e classificados de acordo com os objetivos da pesquisa. Para efetivação desta etapa, foi utilizado um roteiro de entrevista pré-definido para cada participante envolvido. A partir das entrevistas, buscou-se apreender as impressões sobre os Ritos de Iniciação na construção da subjetividade das mulheres e seu impacto prático na vida escolar de cada uma das iniciadas.

Para a materialização da pesquisa e dos seus objetivos privilegiou-se:

a. Investigar os Ritos de Iniciação das mulheres Macuas e Yaos, por meio da rememoração de minha vivência nesse processo - rito em que participei em minha adolescência - e de observações realizadas em trabalho de campo, além de entrevistas semi-dirigidas com as "Madrinhas", mulheres da comunidade Macua e Yao a quem as famílias delegam a responsabilidade pela preparação das meninas.

b. Compreender como as políticas públicas em educação de Moçambique dialogam com tais ritos. Para tanto, realizamos entrevistas com representantes de instituições governamentais que atuam na área de educação, como membros da equipe da Direção Provincial de Educação, da Direção Provincial do Gênero e da Direção Provincial de Saúde.

c. Refletir sobre as discussões difundidas pela Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM), entidade que atua em prol da emancipação das mulheres em Moçambique, promovendo ações pela realização dos seus direitos na família e na sociedade.

As entrevistas permitiram conhecer com mais clareza a consideração das autoridades governamentais e do movimento social em relação ao alto índice de exclusão escolar das mulheres desses grupos, com políticas que, por um lado, desencorajam essa prática tradicional durante o período letivo com o objetivo de promover a escolarização e, por outro lado, causam tensões entre a cultura formal e informal.

Na data marcada para a entrevista da "Madrinha" Yao, quando fui a casa dela, coincidentemente, encontrei outra "Madrinha", da etnia Macua, e a convidei para participar, ao que ela prontamente aceitou, contribuindo com a sua experiência.

Outro momento marcante no campo foi a mesa redonda organizada por mim dentro da Universidade Pedagógica, delegação de Niassa, intitulada: *Ritos de Iniciação e escolarização de mulheres no Niassa* , que contou com a participação de várias entidades da Província de Niassa na cidade de Lichinga, assim como as alunas e alunos da então Universidade Pedagógica na mesma cidade. Por meio desta mesa redonda, consegui observar o envolvimento das alunas e dos alunos, bem como de pesquisadores com a temática proposta, o que evidencia a importância deste tema para Moçambique.

Os dados foram analisados à luz da teoria histórico-cultural de Vigotski, teorias feministas e a minha própria experiência com os Ritos, com intuito de entender as tensões entre

a escola e as práticas culturais que envolvem o Rito de Iniciação e procurar propor uma prática coletiva junto a essas mulheres para a criação de possibilidades de emancipação diante do manejo do saber tradicional e do saber escolarizado.

Para análise dos dados, utilizou-se tanto os dados colhidos a partir das entrevistas e do diário de campo como documentos oficiais e referências bibliográficas, que possibilitaram uma triangulação dos dados obtidos (DENZIN & LINCOLN, 2005).

Capítulo 4. O lugar da mulher em Moçambique e a igualdade de gênero

"Sempre me entreguei nas mãos da vida. Do destino. Nunca mexi nenhum dedo para que as coisas corressem de acordo com os meus desejos. Mas será que algum dia tive desejos?" (CHIZIANE, 1994).

A consagrada escritora Paulina Chiziane traz uma importante provocação: qual é a capacidade de agência da mulher moçambicana sobre seu destino? Qual é a margem de ação possível sobre o que está socialmente prescrito à mulher moçambicana? Tendo em vista que a tradição também pode ser emoldurada pela dinâmica histórica, as permanências são provocadas e tensionadas no sentido da mudança, reinventando a tradição permanentemente. É importante ter em mente o cuidado para não romantizar nem condenar as tradições, sobretudo quando se flagra algum processo de subalternização da mulher. E, seguindo as trilhas abertas por Paulina Chiziane, esta pesquisa também reconhece a dor e o valor das tradições. Seguindo uma via de mão dupla, ou seja, de entender criticamente a força dos Ritos de Iniciação, este capítulo aborda algumas reflexões sobre o lugar da mulher na sociedade moçambicana e suas consequências para a escolarização. Dessa forma, trazemos questões sobre o dilema vivido por essas mulheres no percurso da escolarização formal, que tem, no início e no término, problematizações a serem investigadas, assim como o lugar dessas mulheres na sociedade, com destaque para seu papel social na família, que influencia no processo escolar de diversas maneiras. Sendo assim, em vários momentos da escrita desta tese, levantam-se questões que visam investigar o que significa ser mulher na sociedade moçambicana. Ainda que, em um primeiro momento, esta questão pareça genérica ou demasiadamente ampla, permite-nos refletir sobre as especificidades do drama que muitas dessas meninas vivem ao ir para Ritos de Iniciação em seus territórios geopolíticos e afetivos. Desse modo, procuramos analisar como se dão as relações de gênero em Moçambique a partir da importância da educação, que se dá tanto pela escolarização formal quanto pela tradição dos Ritos de Iniciação.

Tendo em vista que a tradição acadêmica instrumentaliza ferramentas analíticas ocidentais, o cuidado na leitura dos Ritos de Iniciação é um desafio que atravessa toda essa pesquisa. Nas considerações de Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí:

> Penso, portanto, que, mesmo quando a pesquisa africana procura validar a especificidade da experiência africana, ela o faz dentro dos quadros das categorias de conhecimento derivadas da Europa. [...] Não é exagerado afirmar que, nos Estudos Africanos, uma avaliação cuidadosa da genealogia de conceitos e formulação teórica deva ser parte integrante da pesquisa. Em última análise, sobre os esforços de pesquisa, defendo uma interpretação cultural e dependente do contexto da realidade social. O contexto inclui a identidade social de quem pesquisa, a localização espacial e temporal da pesquisa e os debates na literatura acadêmica. Há, obviamente, a questão fundamental da relação entre pesquisa e realidade social, uma questão importante, dada a tendência política da pesquisa – **particularmente em estudos sobre mulheres.** (OYĚWÙMÍ, 1997, p. 24-25, grifo nosso).

Assim, os Ritos de Iniciação, também conhecidos como ritos de passagem, são instituições culturais praticadas na região Central e no Norte do país, que têm como finalidade a formação de identidades. Essas identidades, no entanto, são formadas por meio de uma forte separação de gênero, de modo que, além da construção binária entre sexo masculino e feminino ser fortemente enfatizada, as mulheres são subalternizadas na hierarquia desta relação. Os Ritos de Iniciação representam tanto a transição particular para o indivíduo quanto a sua progressiva aceitação e participação na comunidade na qual está inserido, tendo tanto o cunho individual quanto o coletivo.

Lembrando que Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí chama a atenção para o fato de que analisar as relações de gênero na sociedade e, em especial, na realidade africana é, a um só tempo, um processo paradoxal e dialético; ainda que se tenha consciência de que ver essa sociedade africana pelas lentes de gênero do Ocidente é sempre uma percepção distorcida.

> O gênero, como a beleza, está frequentemente nos olhos de quem vê. A ideia de que, ao lidar com os construtos de gênero, necessariamente contribui para sua criação, é evidente na alegação de Judith Lorber de que ‘o principal paradoxo do gênero é que, para desmantelar a instituição, você deve, primeiro, torná-la bastante visível’. Efetivamente, tornar o gênero visível também é um processo de criação do gênero. (OYĚWÙMÍ, 1997, p. 23).

Assim, analisar os ritos implica desvelar a subordinação e ação das mulheres nessa teia intrincada. Os Ritos de Iniciação são acordados coletivamente, sendo conduzidos pelas chamadas "Madrinhas", mulheres que são reconhecidamente autorizadas pela comunidade local, sobretudo pelos pais das adolescentes. Em entrevista para esta pesquisa, uma madrinha macua de 90 anos sintetiza o que costuma ensinar nos Ritos de Iniciação:

> Ensinamos como respeitar os pais e as pessoas adultas, como andar aqui na sociedade, o seu respectivo marido etc. Por exemplo, eu nunca posso insultar ou responder mal o meu marido. Quando o meu marido chega em casa, ele tem que encontrar água quente para tomar banho, a mulher tem que acordar cedo para preparar o mata-bicho e organizar a roupa limpa e bem passada para o marido ir trabalhar. Você tira palavras insultuosas para o seu marido, quando estiverem com pessoas em casa, a mulher deve evitar responder de má vontade ao seu marido. Mesmo que tenham algum problema, na frente das pessoas, a mulher deve fingir que está tudo bem, logo que as pessoas se retirarem, podem continuar com as discussões. **Nós ensinamos o que é ser mulher.** (MADRINHA MACUA, 90 anos, grifo nosso).

Os Ritos de Iniciação definem marcos regulatórios no ciclo de vida e na biografia de quem, porventura, nasceu como mulher, a regra é que tenha início logo após a primeira menstruação, embora, em algumas regiões de Moçambique, se iniciam muito antes deste acontecimento:

> Então arruma as crianças em filas e coloca os panos de acordo com as cores para as meninas escolherem. Se for uma menina dos seus 5 a 6 anos, que ainda não teve a menstruação, essas não conseguem escolher, aí ela explica, mas se for uma menina que já teve menstruação, ela escolhe o pano vermelho. (MADRINHA MACUA, 90 anos).

As meninas são compelidas a acreditar que a menstruação opera como uma fronteira que delimita o final da infância e o abrupto acesso à vida adulta. Os ritos são como a ponte de passagem para assumir a nova etapa da vida e seus desafios. Dessa forma, a mulher só é reconhecida como completa depois de ter passado pelos ritos. Esta prática tem como objetivo a preparação da mulher para enfrentar as múltiplas tarefas do lar e se tornar uma futura esposa excelente, obediente, dócil e agradável ao seu marido. A menstruação é definida como nódoa ou chaga na condição feminina que a inferioriza perante a condição masculina. A atividade de escolha da cor do pano citada acima é bem ilustrativa nesse sentido:

> Então começo com alerta sobre o vermelho escolhido dizendo: esse vermelho que acaba de escolher é muito perigoso. Este vermelho mata, pois é perigoso. Sempre que você ver essa cor vermelha sair na calcinha, deves esconder, não podes dizer a ninguém. Tem que correr à casa de banho, lavar-se e lavar o pano. Sempre deve esconder, ninguém pode ver, nem os pais. Explico a menina que se ela vir esse vermelho a sair nas calcinhas deve evitar ter contactos com um homem, e é perigoso isso, não se faz enquanto estás nessas condições. Se ela for a fazer relações sexuais com um homem, ela sofre, e o homem também vai sofrer. O corpo do homem vai ficar cheio de escamas amanhã, pode encher a barriga, ele terá muitos problemas de saúde. O principal objetivo deste ritual é mostrar à menina como ela deve se comportar diante de um homem e das pessoas quando estiver menstruada. E quando ela

> está menstruada não pode colocar sal na comida quando estiver a cozinhar, nas cerimônias não pode cozinhar, há pessoas sensíveis que já vacinaram que passam mal comendo comida feita por uma mulher menstruada. (MADRINHA MACUA, 90 anos).

Conforme sugere Glória Anzaldua (2021), a vulva é lida como uma "ferida aberta" que nunca cicatriza, independemente de sangrar ou não. Assim, a menstruação se torna um fato escatológico que assombra a realidade das meninas que acabaram de viver a menarca e também daquelas que não atingiram idade ou maturidade biológica para esse evento. É o que ilustra o relato da "Madrinha" Yao:

> Nós explicamos: vocês agora já cresceram, daqui a pouco vão apanhar menstruação. Para as que não apanharam: o que é isso menstruação? Vocês começarão a sangrar nas suas vaginas, nesse momento tem que evitar pôr sal na comida, não deve dormir com homem, tem que prevenir a sua vida porque, quando dormir com homem, o homem fica escuro e dói na bexiga dele. E você pode passar mal, e aquela menstruação pode não passar rápido. Nós antecipamos para quem ainda não apanhou para ela ir colocando na cabeça sobre essa mudança que irá acontecer em sua vida. Nós também falamos para elas que logo que apanhar menstruação não deve entrar na casa de banho dos seus pais, não pode tomar banho na mesma casa de banho, senão o seu pai pode pisar no sangue e as pernas dele vão doer. Elas tomam banho fora da casa de banho. (MADRINHA YAO, 40 anos.)

Apesar das diferenças étnicas e geracionais, a "Madrinha" Macua de 90 anos e a "Madrinha" Yao estão em pleno consenso interpretativo sobre o que significa menstruar e o que deve ser ensinado às meninas durante os ritos. Ou como pontuou a dirigente da Direção Provincial de Saúde (DPS), "*a questão de etnia de certa forma joga um papel importante; da experiência que eu tenho, esta componente dos Ritos de Iniciação de forma veemente é muito mais notória na cultura Macuas e Yao*".

Assim, seja antes ou a partir da primeira menarca, marco fundamental para essa prática cultural, as meninas são levadas ao confinamento. Distante das suas famílias e alocadas em uma *palhota* no meio do mato, elas são acompanhadas de suas "Madrinhas", que efetuam o ritual. Com a plena autorização dos pais, durante o confinamento, as "Madrinhas" assumem a mais completa responsabilidade sobre a guarda dessas meninas, bem como sobre a formação do que significa ser mulher na sociedade moçambicana.

> Os pais vêm ter comigo a dizer que querem levar a filha para fazer os Ritos de Iniciação. Nas férias trazem as meninas e elas ficam aqui durante um mês. Vem em grupo de 5, 6 até 16 meninas, depende da procura naquele período. [...] Eu escolho o que ensinar. A missão dos pais é só me trazer as crianças; os pais confiam. Tudo o que transmito às filhas, elas cumprem, e os pais nunca reclamaram de algum comportamento negativo da filha após o regresso do ritual. Uma das coisas que as meninas fazem quando saem dali é evitar pedir moedas aos homens na rua e não manter contactos com os homens, principalmente desconhecidos na rua. Todas as meninas que passaram por minhas mãos estão casadas, sinônimo que são bem comportadas. (MADRINHA MACUA, 90 anos.)

Apesar de ser um período relativamente curto, os Ritos de Iniciação deixam marcas perenes na vida das meninas. Normalmente, a menarca dessas meninas ocorre durante o processo das aulas escolares, elas são retiradas da escola para o confinamento, que dura aproximadamente um mês. Apesar de ser plenamente possível continuar a formação escolar findado o período dos Ritos, no geral, as meninas se vêem numa encruzilhada: voltar às aulas, mesmo que sejam grandes as chances de serem reprovadas por frequência, ou optar apenas por colocar em prática os saberes tradicionais aprendidos nos ritos? Segundo uma dirigente da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM), mesmo que as meninas voltem para a escola formal, não é incomum prevalecer o aprendizado dos ritos:

> Pois a menina, quando volta para escola, ao invés de escutar o professor, já começa a apreciar o professor. Desde sua constituição, vai mentalizando aquilo que foi ensinado, como cuidar do marido etc. (DIRIGENTE DA OMM).

Os ritos ensinam a ser adultas, a serem esposas, o que, por vezes, soa incompatível com a condição de aluna em formação, que é próprio do processo escolar. Os Ritos não ensinam as meninas a pensarem para ocupar a vida pública e, sim, a se adequarem aos ofícios da vida doméstica, seja de filha, esposa ou mãe. Ao que tudo indica, a Direção Provincial de Educação e de Desenvolvimento Humano (DPEDH) não tem mostrado ações efetivas para a mudança desse quadro. Conforme a posição do seu dirigente, um senhor de meia idade que se mostrou bem alheio ao destino da escolarização das meninas depois de passar pelos ritos:

> Muitas das vezes somos surpreendidos quando as crianças não aparecem nas salas de aula. Se houvesse essa informação, haveria coordenação entre a escola e os líderes responsáveis pelos ritos. Nós diríamos ok, vocês querem realizar este trabalho, tudo bem, nós valorizamos e reconhecemos, mas gostaríamos que aguardassem o período das férias, que é para permitir que os alunos participem das atividades escolares até ao fim do período e sem interrupção. Portanto, muitas das vezes não temos informação e somos

> confrontados com o desaparecimento das crianças nas salas de aulas. E, como imagina, nós temos aquele sistema de controle das presenças, portanto, com certo número de faltas, a criança perde o ano. Como resultado disso, podem imaginar que umas das primeiras consequências são a desistência das raparigas que ficam muito envolvidas nos Ritos de Iniciação, pois dão prioridade aos ritos do que à própria escola. (DIRIGENTE DA DPEDH).

Apesar do dirigente afirmar que as instituições escolares devem disputar e encantar as crianças, em última instância, acaba por responsabilizá-las por seu sucesso ou fracasso escolar:

> A escola admite: o que nós queremos é ganhar a criança e continuarmos a dar o ensinamento. Se ela tiver conhecimento e competências suficientes para transitar de classe, passa. Caso contrário, fica na mesma classe. Tem havido um trabalho gigantesco para recuperar estas crianças, mas, como pode imaginar, algumas delas, para concluir estes ritos, são ditas como adultas, e já a escola para elas não é importante. (DIRIGENTE DA DPEDH).

Vale lembrar que tanto as moças quantos os rapazes passam pelos Ritos de Iniciação, as instituições escolares sabem que os índices de evasão são grandes, mas o dirigente não aprofunda a disparidade de gênero implícita nos dados:

> Esta situação é recorrente em todos os distritos de Nampula e Niassa. Importa realçar que este fenômeno não acontece somente com as raparigas, mas também os rapazes são envolvidos nos Ritos de Iniciação. Por isso, o índice de desistências escolar na nossa província é muito alto, pelo menos, até 2015, a média de desistência na escola era de 17%. Portanto, é um número muito alto. [...] Tanto as meninas como os rapazes têm o mesmo tratamento em relação à permanência na escola... (DIRIGENTE DA DPEDH).

No entanto, o dirigente admite que medidas devem ser adotadas para promover uma maior permanência das meninas nas escolas:

> Queria acrescentar que, como forma de motivar a permanência das mulheres na escola, em alguns distritos ou escolas nos DP, temos recomendado que as direcções das escolas não cobrem as mensalidades, principalmente as famílias de meninas desfavorecidas. Quando existe também algum material didático, são oferecidas a essas famílias. No período de contratação de professores, temos também privilegiado a afetação de professoras em locais onde os Ritos de Iniciação são muito fortes para demonstrar para aquela sociedade que, afinal, o lugar da menina não é só no casamento. Nas nossas reuniões, também temos demonstrado que existem ministras, médicas (etc.) que se estão ali é porque estudaram, também fazemos com os rapazes, mas a nossa maior preocupação são as mulheres. (DIRIGENTE DA DPEDH).

É possível inferir, a partir das declarações do dirigente, que não há políticas públicas de educação que promovam o retorno das meninas à escola após os Ritos de Iniciação efetivamente. Assim, o dirigente tem apostado na "sensibilização" de segmentos da sociedade moçambicana para a progressiva mudança de mentalidades e da escolarização das meninas moçambicanas. Em última instância, para o dirigente, a responsabilidade para a reversão desse hiato de gênero cabe mais à família e às lideranças comunitárias, enquanto a escola deve ser apenas um agente de sensibilização:

> As entidades que fazem parte deste trabalho atuam no nível das comunidades, temos as chamadas matronas, temos os líderes comunitários, os próprios professores e os pais ou os encarregados de educação, porque entendemos que estes entendem o papel da escola, estes farão tudo para manter o seu filho na escola. [...] O nosso papel como DPEDH, como eu disse, inicialmente, é de sensibilizar as comunidades para manter as crianças nas escolas; sensibilizar as comunidades para realizarem os Ritos de Iniciação em períodos das férias; sensibilizar os pais e encarregados de educação, os líderes desses rituais de iniciação e os comunitários, pois eles mandam lá nas comunidades para manterem as crianças na escola. Para que deixem as crianças estudarem até completarem 10ª e 12ª classe, reservarem o casamento para mais tarde. Esse tem sido nosso papel como gestores da Educação. (DIRIGENTE DA DPEDH).

Sem dar continuidade à formação escolar, as meninas têm poucas opções além do casamento prematuro incentivado por seus pais, que também são pouco escolarizados, estes estão, igualmente, presos num ciclo de pobreza, que tem na condição feminina a sua âncora. Tal processo acaba por promover e perpetuar os altos índices de sexualização que beira à pedofilia, casamentos prematuros, gravidezes na adolescência, violência obstétrica e esterilidade precoce, ainda que o aborto seja legal em Moçambique, conforme indica a dirigente da Direção Provincial de Saúde (DPS):

> Na verdade, nós sabemos que o aborto dentro do país é legalizado desde que tenha 10 semanas. Os legítimos representantes, se não for maior idade, podem solicitar o aborto, sobretudo se ela for indesejada, mas nós sabemos que, em nível das comunidades, há muito pouco conhecimento em relação a isto. Portanto, acabam não aparecendo para interrupção. Em parte, entendemos que também não aparecem porque os casamentos prematuros nas comunidades é uma moda que acontece com maior frequência nas nossas comunidades, mas é claro que uma e outra podem ser dessas que, se tivessem conhecimento, poderiam, portanto, vir para fazer interrupção. Portanto, não fazendo a interrupção da gravidez, desenvolve-se até ao fim, temos estado a receber crianças ou adolescentes, mas... eu prefiro chamar crianças com 12, 13 anos de idade numa situação de gravidez. Como bem sabemos, é uma criança que

> não está preparada para gerar outra criança. Têm outros efeitos psicológicos, transtornos da personalidade quando colocamos a criança em risco quando as crianças logicamente não fazem esta interrupção e acabam caindo nas nossas maternidades, eu devo confessar que a maior parte desses casos de gravidez que são consequência de casamentos prematuros são complicadas. Portanto, uma jovem dos seus 12, 13, 14 anos não está preparada do ponto de vista anatômico, ainda não está desenvolvida para ter um parto, muitas das vezes a criança é grande relativamente à conjugada óssea, portanto, ao pélvis por onde o bebê deve nascer acaba surgindo, portanto, aquilo que nós chamamos de incompatibilidade céfalo pélvica. Portanto há uma desproporção entre a cabeça do bebê e a conjugada óssea por onde o bebê vai sair e se isso acontece o bebê nunca vai sair e a única alternativa é a via de cesariana que nós temos que fazer. O grande problema é que algumas dessas situações acontecem nas comunidades e essas comunidades, às vezes, estão distantes das nossas unidades sanitárias; e há um hábito nesses locais em que as unidades sanitárias estão distantes e de algumas matronas acharem que podem assistir ao trabalho de parto, e não conseguindo assistir tecnicamente perdem muito tempo a assistir um parto que não vai acontecer e isto faz com que haja um atraso de chegada destas mesmas meninas e adolescentes grávidas às unidades sanitárias para serem revistas. Aí também não é possível, aí também vamos perdendo algum tempo até a altura em que esta mesma menina ou adolescente chega a uma unidade com capacidade cirúrgica para intervir. O que muitas vezes acontece é que estes casos específicos de demora acabam… em que o bebê nunca sai por via normal, o útero está a contrair e chega certa altura que o útero também cansa, e quando cansa rompe aquilo que nós chamamos de ruptura uterina e algumas delas perdem a vida, e as que não perdem a vida acabam chegando às unidades sanitárias com capacidade cirúrgica e são submetidas à intervenção cirúrgica; tiramos o bebê às vezes vivo às vezes morto. O grande problema disto aqui é que dependendo do grau de ruptura de lesão do útero rompido, pode se dar o caso de termos que tirar o útero também, e deixamos, portanto, aquele adolescente ou criança sem possibilidade de fazer mais filhos pelo resto da vida dela. Estas situações acontecem, é verdade que nos últimos tempos tem a tendência de diminuir; já temos a receber cada vez menos casos graças ao trabalho que está sendo desenvolvido a nível comunitário, mas de um a dois casos temos estado a registar por ano, de situações similares a essa. Ou que perde a vida porque demora chegar à unidade sanitária, ou chega à unidade sanitária, mas muitas das vezes o bebê já está morto, muitas das vezes o que temos que fazer, porque não há proveito com aquele útero, temos que tirar o útero e a jovem fica sem o respectivo útero. E claro que, em termos estatísticos só podemos recolher esta informação para poder fornecer, mas esta é uma informação geral que estou a tentar dar aqui a conhecer aqui, que temos estado a recolher dados dessa natureza. (DIRIGENTE DA DPS).

Profundamente arraigado no imaginário e nas práticas cotidianas da sociedade norte-moçambicana, vale reiterar que os Ritos de Iniciação tem como principal objetivo, conforme a "Madrinha" Yao:

> [...] ensinar as meninas como andar aqui na sociedade. Nós ensinamos o que é ser mulher. [...] é saber cuidar do marido e saber cozinhar. [...] Durante este período as meninas são mostradas ao sexo masculino, e lhes são ensinadas

> como limpar o seu marido após relações sexuais, aprendem como fazer o sexo muito antes de apanhar a menstruação. As madrinhas ensinam como abrir o seu orifício sozinho, para quando começarem a vida sexual não terem dificuldades. (MADRINHA YAO, 40 anos).

No período de confinamento, essas meninas que têm entre 11 e 12 anos são ensinadas a respeitar os seus progenitores, os mais velhos, bem como a pessoa responsável por elas, que muitas vezes será o futuro marido. Aprendem ainda a nunca levantar a voz, mesmo que tenham razão. Para além desta preparação, para se tornarem esposas excelentes, o que implica a submissão ao sexo masculino, as raparigas são também ensinadas a alongarem as *mathunas*, conhecidos também como lábios inferiores, com o objetivo de aumentar o prazer sexual dos homens.

Assim, os ritos se prestam a conformar as mulheres a normas estabelecidas, ainda que aprender a ser mulher signifique abdicar de seus desejos e prioridades, colocando seu corpo à disposição dos homens e da família, abdicar de sua formação e mesmo de sua integridade física, ou seja, para além de perpetuar tradições comportamentais, os Ritos são também face de negligências de políticas públicas nas áreas de educação e de saúde.

Apesar de alertar para os perigos imanentes aos Ritos de Iniciação, a Direção Provincial de Saúde (DPS) tem condições efetivas de fazer muito pouco, além de levantar dados empíricos que possam ter caráter de denúncia ou de simples alerta. Nesse sentido, sua atuação acaba por se aproximar da Direção Provincial de Educação e de Desenvolvimento Humano (DPEDH), têm atuado em ambas direções, fundamentalmente, em campanhas de sensibilização das comunidades para os aspectos negativos dos ritos, com a diferença de que a DPS é mais atenta aos agravantes de gênero:

> Até este momento, as ações estão sendo feitas pela própria DPS e o pessoal técnico nosso são funcionários da saúde que se deslocam às comunidades e discutem. Porque mesmo esta questão, sobretudo, mortes maternas nestas circunstâncias em alguns casos nós adotamos esta ideia de ir à comunidade onde aconteceu esta situação a fim de discutir óbito naquele local como uma forma de desencorajar. Nós trazemos esta informação de que ‘olha a Menina Joana (nome fictício) estava na situação de gravidez bem antes da hora ideal para engravidar e porque demoraram com ela aqui na comunidade do ponto de vista de levar ela para unidade sanitária, acabou fazendo a ruptura uterina e perdeu a vida. Então evitemos esta situação’. Portanto esta abordagem quando ela é feita em nível da comunidade tem algum peso, tem algum impacto em termos de percepção do problema, portanto isso parecendo que

> não, ajuda a moldar a consciência da nossa população para evitar situações desta natureza. (DIRIGENTE DA DPS).

Apesar de acreditar na potência dessa forma de abordagem de sensibilização, a dirigente tem muita consciência dos limites da mesma:

> O que eu sei é que a mudança de hábitos e costumes de uma determinada comunidade é um processo complexo e leva muito tempo. A experiência que tenho é que isto leva muito tempo. Portanto é necessário que haja cada vez mais acções concretas no nível das comunidades para chegarmos a um nível em que realmente a própria sociedade ou a própria comunidade condene de verdade e não tenhamos mais situações desta natureza. (DIRIGENTE DA DPS).

A dirigente tem muita lucidez ao elencar o conjunto de fatores que atrasam as mudanças de mentalidades e joga foco para o peso do patriarcado que perpetua a situação de vulnerabilidade e pauperização da condição feminina:

> Só que infelizmente temos aquela tal situação que o homem continua a ter algum poder sobre as mulheres, as mães podem não concordar, mas como homem ele continua a colocar em sua casa cada vez mais meninas casadas com ele por causa da capacidade financeira, às vezes até os pais aceitam que estas meninas se casem, e mesmo nesta perspectiva de alívio à pobreza. Portanto 'se nós entregarmos essa nossa menina aquele agricultor produtor de tabaco eles vai nos dar X, então vamos sobreviver à custa dela', há um pouco disto, portanto, a componente pobreza acaba ajudando num papel extremamente importante nesta situação dos casamentos prematuros que temos estado a registar no nível da nossa província. É claro que o resultado é este: gravidez precoce. A mulher não está preparada do ponto de vista biológico para ter a criança, demora chegar à unidade sanitária e tem dois riscos ou: ela perde a vida, ou ela sobrevive, mas depois perde a oportunidade de fazer filhos para vida toda e perde a oportunidade de casar, como bem sabemos nós, em África, a mulher que não faz filho é condenada a não ter casamento. Então perde tudo: não casa, não estuda, já estamos a ver que vai acontecer com esta mulher no futuro, portanto, perdeu tudo [...]. (DIRIGENTE DA DPS).

Este ritual é tão importante nas comunidades, principalmente nas zonas rurais, que as famílias começam a se preparar com muita antecedência para este grande acontecimento. Famílias humildes apostam suas parcas economias para colocarem suas filhas nas cabanas ou *palhotas*, onde, aos cuidados das "Madrinhas", as meninas passarão pelos Ritos. Quando as filhas retornam, têm esperança de que o investimento se reverta num *lobolo* ou em um dote que garanta o sustento da família. A menina é, portanto, uma moeda de troca, numa transação social

feita à revelia dela. Na prática, o que se observa é a perpetuação de um baixo nível de escolaridade e vulnerabilidade social tanto dessas meninas quanto de suas famílias. Ainda que pareça contrariar essa ordem social, algumas mudanças só serão possíveis com a adoção efetiva de medidas que pareçam, num primeiro momento, impopulares. A diretora aponta uma via que seja também jurídica:

> O homem até diz se a própria lei permite que eu possa me casar com com 16 anos… Eu acho que há um trabalho de advocacia que deve ser feito no sentido de ver qual seria, portanto, a altura ideal para o casamento, seria um dos mecanismos agora. É importante que as estruturas tradicionais tomem respeito desta necessidade de advocacia junto das comunidades. (DIRIGENTE DA DPS).

É um trabalho árduo, devido ao desinteresse da comunidade ou à baixa adesão de figuras públicas que tenham capacidade de grande engajamento coletivo. Infelizmente, as campanhas de sensibilização dependem da generosidade de algumas poucas autoridades:

> Mas muitas vezes as lideranças comunitárias marcam certa distância, portanto não há compromisso, falta um pouco deste compromisso. E por esta razão que há esses movimentos, penso que a primeira-dama há pouco tempo desencadeou um movimento nacional de desencorajamento aos casamentos prematuros, esperamos que haja réplicas deste tipo de trabalho para as províncias e depois possam descer para os distritos até as comunidades de uma forma uniforme [...]. (DIRIGENTE DA DPS).

A dirigente da DPS diagnosticou bem a complexidade do quadro. De maneira ousada, faz campanha tanto pela diminuição do casamento quanto da gravidez prematura. De modo incipiente e inovador, até vislumbra campanhas junto a cada menina pelo uso de preservativo dentro do casamento. Face ao volume do que deve ser feito, a dirigente sabe que a reversão do quadro depende de esforços conjugados:

> Portanto há muitos problemas que estão associados a esta situação, por isso que a abordagem não pode ser unidireccional tem que ser multissetorial, portanto todos os atores devem estar envolvidos: o governo, as associações comunitárias, os líderes comunitários. Tem que haver um envolvimento multidisciplinar, as instituições de ensino também, essas pesquisas básicas e pesquisadores, porque há vários aspectos, porque nós talvez não fazemos estudos profundos, nós não estamos a conseguir identificar onde está o real problema. (DIRIGENTE DA DPS).

Enquanto não se delineia ou se adote políticas efetivas que auxiliem essas meninas no sentido de maior escolarização e/ou de adiamento do casamento e da gravidez prematura, a realidade é que a subversão desse destino prescrito desde o nascimento, acontece de modo randômico, que contempla as garotas numa loteria cujas chances e regras são ainda desconhecidas. Assim como eu, a dirigente da DPS é uma mulher de 40 anos de idade, que também passou pelos Ritos e pela universidade e que também aposta na pesquisa acadêmica para dar subsídios a políticas públicas que favoreçam as meninas norte-moçambicanas: "*Essa pesquisa poderia nos ajudar a identificar e orientar sobre o ponto de vista de estratégias que podem ser levadas a cabo para minimizar esta situação*".

Destaco que os aspectos acerca dos rituais aqui analisados são fruto de algumas observações realizadas em trabalho de campo com mulheres que vivenciaram essa experiência, com algumas *nacangas* (na língua Yao) ou "Madrinhas" responsáveis pela transmissão desses ensinamentos e, especialmente, fruto da rememoração de minha própria vivência nesse processo. Admito aqui a importância da "escrevivência" tal como cunhada por Conceição Evaristo, encorajando as mulheres negras a conciliarem a escrita com a vivência da negritude na pele subjetiva de ser mulher.

Passar por este ritual e crescer ouvindo que esses aprendizados nunca devem ser compartilhados com as mulheres que não passaram por ele foi algo que, durante muito tempo, me aprisionou em meu silêncio. Comentar sobre o ritual com quem não passou por ele é um tabu. Segundo as "Madrinhas", isso pode até trazer azares para dentro da família. Embora se trate de uma temática muito delicada, pois essa prática cultural tradicional deve ser respeitada, é importante abordar este assunto e falar a respeito de suas implicações na desigualdade de gênero no país. Estas desigualdades se perpetuam devido à cumplicidades de diversas autoridades ou instituições, seja a das "Madrinhas", das famílias do patriarcado, da religião ou das lideranças políticas. Ou conforme aponta Samora Machel em *Fundamentos da alienação da mulher*:

> O obscurantismo, a ignorância, são irmãos gêmeos da superstição e os pais da passividade. Todas as superstições, as religiões, sempre encontraram o terreno mais fértil no seio da mulher, porque esta se encontrava mergulhada na maior ignorância e obscurantismo. Na nossa sociedade, os ritos e cerimonias aparecem como o veículo principal de transmissão dos conceitos da sociedade sobre a inferioridade da mulher, sobre a sua subserviência em relação ao homem. É a este nível ainda que se propagam numerosos mitos e superstições

> que se destinam objetivamente a destruir o espírito de iniciativa da mulher; e reduzi-la à passividade. (SAMORA, 1973, p. 24).

Vale pontuar que o obscurantismo e o medo são estratégias também adotadas pelas "Madrinhas" para garantir a relevância e a legitimidade da posição e autoridade que lhes são inerentes:

> [...] Nós as amedrontamos, ameaçando que se contar aos pais, eles podem perder a vida. Então elas nunca contam e mudam de comportamento. Lá no mato nós até simulamos um leão a fazer o barulho do leão, mandamos ela pular o leão, com tanto medo a menina implora para não fazer isso, chega até a lamber os pés tão sujos da madrinha. (MADRINHA MACUA, 90 anos).

Para garantir uma maior obediência aos Ritos, as "Madrinhas" infligem penalidades às meninas que resistem à adaptação aos Ritos, além de serem rotuladas de mal comportadas:

> Elas cavam o chão com dentes, cavam com dedos, partimos pedrinhas e a mandamos ajoelharem-se por cima delas por 30 minutos, nua, molhamos o chão e mandamos elas rebolarem no chão. Chamamos a pessoa adulta, ora perdida por respeito por esta, e mandamos elas se ajoelharem para pedir perdão, se é vadia e malcriada. (MADRINHA MACUA, 90 anos).

Conceição Evaristo nos encoraja a afrontar tabus em suas múltiplas violências: "Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer". Isso traduz a minha atitude de romper com o que me estava prescrito, subvertendo o destino a favor da destinação, que combina a ação sobre o próprio destino. A primeira subversão foi ser uma menina iniciada nos Ritos que achou por bem priorizar os estudos em detrimento de um casamento ou gravidez precoce e agora, analisar os Ritos academicamente, de modo a dissecá-los para separar sua potência de seu perigo.

Assim, um momento marcante da minha vida em relação aos Ritos foi, após passar pela iniciação, ter dado prosseguimento aos estudos e me tornado professora primária. Em muitos momentos da minha atividade, trabalhei com meninas que, ao atravessarem a fronteira da menarca e se tornarem donzelas, eram retiradas das aulas para a prática do ritual, ainda que isso implicasse a reprovação ou desistência escolar, sem que eu nada pudesse fazer para impedir que isso acontecesse. Algumas, depois de algum tempo, regressavam às aulas, já outras não, e eu infelizmente ficava sem saber o destino das que não retornavam. Isso foi acontecendo ao

longo de todo o período em que trabalhei em uma escola dentro de uma das comunidades onde a prática dos Ritos de Iniciação é bastante comum.

Portanto, esse breve relato mostra que em toda minha infância, adolescência e fase adulta vivenciei, de forma direta e indireta, os Ritos de Iniciação, o que atesta tanto meu lugar de fala, quanto o desafio de estranhar metodologicamente o que me é familiar. Quanto me tornei professora e comecei a olhar a situação com mais criticidade, eu me questionava sobre as consequências da prática, mesmo tendo consciência que, naquele momento, não havia muito o que fazer. Estar no território brasileiro pela primeira vez, em 2011, para a realização do meu Curso de Mestrado, foi fundamental para a elaboração das minhas reflexões, uma vez que passei a ter contatos com pesquisadores que trabalhavam com a temática de gênero; em virtude desse contato, comecei a vislumbrar outros modos de elaborar minhas inquietações sobre os Ritos de Iniciação, embora eu mantenha, ainda, um profundo respeito por esta prática, que prevalece com muita intensidade, até hoje, em algumas regiões do Norte de Moçambique.

A partir das reflexões elaboradas no mestrado e a aproximação com teóricos que tratavam sobre a temática do gênero, especialmente, tive a oportunidade de, no doutorado, sair do aprisionamento do meu silêncio e não apenas reelaborar minha experiência, mas também falar sobre o que não pode ser falado como forma de pressionar os órgãos competentes do meu país a se posicionarem sobre esta questão, impedindo que mais crianças, meninas, percam o direito de continuar a estudar por causa do ritual, e, quiçá, diminuindo a desigualdade social de gênero e as assimetrias entre as mulheres e os homens, assim como os efeitos que esta prática exerce na formação das identidades masculinas e femininas.

Essa desvalorização e inferiorização da mulher enquanto ser integrante da sociedade é fortemente reforçada pelos Ritos, embora ela esteja presente desde as brincadeiras infantis, o que denota que a posição que ocupam os agente da sociedade está rigidamente definida no sistema, que podemos chamar de patriarcado, cujas práticas culturais apenas acentuam e perpetuam o lugar de cada um. O fato de se colocar a mulher em uma situação de incapaz de realizar atividades consideradas “difíceis”, muito embora haja mulheres, hoje, que desempenham a função de motoristas de ônibus, ajudantes de obra, agentes funerárias, entretanto em número não muito significativo, é a prova da ausência de igualdade de oportunidades em razão da divisão sexual do trabalho, que coloca as mulheres nesse lugar do “sexo frágil”, porque subalterno. Diante da recorrente desmobilização e desconsideração do

potencial da mulher moçambicana, é comum o sentimento expresso na seguinte questão: para que estudar se o que está reservado à mulher é ficar em casa cuidando da sua família e dos afazeres domésticos?

Além do desafio de driblar a pobreza da família que aposta economias nos Ritos de Iniciação à espera de um bom *lobolo*, cada menina que quiser continuar a formação escolar após passar pelos Ritos, irá depender do estímulo e apoio de alguma pessoa para seguir adiante. No entanto, mesmo depois que essas primeiras barreiras forem transpostas, dentro do casamento, prematuro ou não, a batalha não arrefece, pois persiste a queda de braço que pende para a superioridade masculina:

> Tive situações de brigas muito sérias de algumas mulheres fortes que achavam que tinham que estudar até acabaram separando-se porque o homem nunca aceitou que a mulher fosse à escola. Portanto a questão é antes vale que ela não se case e fique na casa dos pais para poder estudar, porque passar para o casamento aí a função é cozinhar, ir a machamba [roça], e não... este assunto de estudar, e depois?, vai complicar a hegemonia do homem no lar; este é um fato real, isto eu vivi. Não é coisa de ouvir dizer, vivi estava lá em Mavago quando esta situação acontecia. Mas, na verdade, em relação às etnias aqui no Nampula e Niassa é muito mais frequente na etnia Macuas e Yao. (DIRIGENTE DPS).

Neste sentido, apesar das distâncias abissais entre a realidade das mulheres norte-moçambicanas e as do norte-ocidental, a compulsória confinação da mulher na vida doméstica por vezes se torna um denominador, em que mulheres precisam romper os grilhões que configuram um cárcere ou carma da vida privada.

Em *A Mística Feminina*, Betty Friedman investiga a frustração da dona de casa norte-americana, branca e de classe média em meados do século passado, cunhando o conceito do "problema sem nome" onde as mulheres relatavam uma enorme sensação de vazio, de ausência de projeto próprio, de viver em função do outro, de confinamento na vida privada. A partir deste suposto inominável da condição feminina na vida privada, Mayorga (2010) segue na esteira da teoria feminista em seus diversos campos do conhecimento, buscando desenvolver metodologias para o estudo das desigualdades de gênero, ampliando a possibilidade de nomeação desse problema. Assim,

> [...] o patriarcado, sistema sexo/gênero, política sexual, sexismo, violência de gênero foram dos desses nomes propostos para analisar a situação de exclusão, não autonomia e subalternidade vivenciada pelas mulheres, e que

> possibilitaram precisar, descrever e, consequentemente, criar estratégias públicas de enfrentamento a exclusões e a explorações das mulheres e criminalização das violências. (MAYORGA & ZILLER, 2010, p. 153).

De modo pioneiro no campo dos estudos feministas no Brasil, a socióloga Heleieth Saffioti (2013, p.66), em seu estudo *A mulher na sociedade classes,* indica que a elaboração social do fator natural do sexo, enquanto determinação comum, assume uma feição inédita e determinada pelo sistema de produção social na nova sociedade. A autora chama atenção pelo fato de não olhar a mulher integrada na sociedade como um empecilho ao desenvolvimento social. Esse olhar sobre o modo capitalista de produção, que subalterniza as mulheres como seres não capazes de competir com os homens em suas potências, explicita não apenas a natureza dos fatores que promovem a divisão da sociedade em classes sociais, como também lança mão da tradição para justificar a marginalização efetiva ou parcial de certos setores da população do sistema produtivo de bens e serviços.

Esse cenário apresentado vai ao encontro das discussões, a meu ver, acerca de desigualdades de gênero, identidade de gênero, o enquadramento da mulher na sociedade e a não valorização da escolarização da mulher. Dentro das salas de aula do meu país, os alunos do sexo masculino e do feminino recebem tratamentos distintos por parte dos profes,sores, que vêem a mulher como aquela que tem menos condição intelectual de aprender em relação ao homem, decorre daí o abandono da escola pelas mulheres não ser atribuído aos diversos fatores da cultura que as impedem de continuar, mas à suposta “fraqueza” do gênero. Eleni Varikas (2016) assinala que os valores e a experiência da cultura são comumente usados de forma a estabelecer as relações de poder, hierarquizando um sexo ao outro, vitimizando o sexo ora considerado o frágil.

A relação hierárquica entre os homens e as mulheres é muito acentuada nos Rituais de Iniciação, pois uma mulher que constantemente está entre os homens, ainda que sejam apenas amigos, é conotada como aquela que tem uma conduta duvidosa diante de sua comunidade, que a condena por isso.

Dentro desse quadro, há que se defender a igualdade de direitos e posicionar a mulher como um ser humano capaz de tomar as suas próprias decisões e escolher o espaço no qual ela pretende estar. No contexto atual, desde pequena são impostas às mulheres de Nampula e Niassa

tarefas, sem que elas tenham a possibilidade de escolha. Ser mulher é sinônimo de ser obrigada a casar e ter filhos? Ter que usar capulana e ser proibida de usar calças e botas? Não ter condições de ser chefe de família? Essas perguntas podem ser respondidas ao olharmos para realidades altamente desiguais como a sociedade brasileira, em que, apesar de ainda persistir fragilidades, como mulheres submissas e dependentes totalmente do seu marido, violência doméstica e alto índice de feminicídio, ainda assim podemos encontrar mulheres que são responsáveis pela manutenção da família, em acordos conjugais nos quais o homem cuida dos afazeres domésticos, ou até mesmo mulheres que optam pela sua independência. No entanto, é na divisão social do trabalho que o machismo arraiga sua estrutura: de acordo com Cecília Toledo (2017, p.78), a força de trabalho feminina vale menos que a masculina, essa é a contradição principal sobre a qual ocorre múltiplas discriminações.

Em Moçambique, encontrar homens que se reservam a cuidar dos afazeres domésticos é raro e, se isso acontece, o questionamento parte da sua própria família, que afirma até que esse homem está dopado com remédios tradicionais feitos pela mulher, ao ponto de estar cego por se tornar empregado de sua esposa. Essa mentalidade é fruto de uma história de um país machista, onde sempre foi bem definido o que é trabalho de mulher e de homem, obviamente sob alegação de que as mulheres só conseguem realizar tarefas mais "leves", condizentes com a sua fragilidade, julgando serem leves os trabalhos domésticos, o que acaba por sublinhar, social e culturalmente, a mulher como o sexo mais frágil e subalterno. A desqualificação das tarefas domésticas se dá concomitante à feminização. As mulheres não são devidamente remuneradas pelas extenuantes jornadas de trabalho no âmbito doméstico, sobretudo no que diz respeito à maternagem, entendida como compulsória e vocação primeira da mulher no casamento. Nesse ciclo iniciado ainda no nascimento, o fenômeno da feminização da pobreza parece inevitável.

Isso reconduz à divisão sexuada do trabalho e de poder – tal como se exprime no domínio dos comportamentos – à "diferença dos sexos" e, em particular, aos valores femininos da "esfera" doméstica. Esta divisão de trabalho de forma sexuada, segundo a crítica de Varikas (2016, p.98), evidencia que a mulher está apenas em condição de servir e não de ser servida, por isso a importância de seu apelo para se ter um olhar profundo sobre a valorização da mulher em outras atividades, sem subestimar as suas competências. No entanto, a luta pela igualdade de gênero é uma discussão ainda bastante delicada em meu país, pois até hoje persiste a prática

de homens que vão ao Norte de Moçambique em busca de mulheres detentoras dos atributos assimilados nos Ritos de Iniciação, para, assim, se casarem com mulheres bem preparadas para a tarefa de esposa ou até mesmo para os satisfazerem sexualmente.

Há casos até de homens de outras regiões do país que mandam suas esposas alongarem os lábios inferiores sob pena de os perderem, colocando essas mulheres em uma situação de responsabilidade pela manutenção do casamento, uma vez que elas devem estar em condições de agradá-lo sexualmente com esses atributos assimilados pelas mulheres do Norte, região conhecida pelos tradicionais Ritos de Iniciação. Está claro que a sociedade moçambicana não abre espaço para outras formas de relacionamentos, como os homoafetivos, por exemplo, ou pura e simplesmente a opção das mulheres permanecerem solteiras ou abrirem mão da maternidade.

A consideração das diferenças só faz sentido no campo da igualdade. Nessa direção, o par da diferença é a identidade, enquanto o da igualdade é a desigualdade, sendo que esta precisa ser eliminada (SAFFIOTI, 2015). As discussões sobre gênero são importantes e necessárias para a igualdade das mulheres em todo o mundo e, apesar de termos consciência das dificuldades de se transformar em curto prazo a cultura machista, estão a ser travadas lutas muito significativas para legitimar o lugar e a força da mulher na sociedade, sendo o movimento feminista uma das entidades que tem alcançado bons resultados nesta luta. Em Moçambique existe um movimento social chamado Organização das Mulheres Moçambicanas **(**OMM), que tem o objetivo de lutar pela emancipação da mulher e igualdade de gênero. No entanto, embora haja várias conquistas, há muito trabalho ainda para ser feito, pois ainda que esta organização funcione há uns trinta anos, continua existindo uma intensa subalternização das mulheres moçambicanas e a desigualdade de gênero no país segue favorecendo a masculinidade em todas as esferas sociais.

Tendo em vista a importância institucional da OMM, esta pesquisa tentou insistentemente contatos e entrevistas com alguma de suas representantes, porém sem sucesso. A estratégia adotada foi convidar a secretária da área de Educação, Saúde e Cultura, que também compõe a OMM, para compor uma mesa, por mim organizada, sobre os Ritos de Iniciação e a escolarização, que contou também com representantes das instituições do DPEDH, DPS e DPGMAS . Apesar do contato ter se estabelecido num rápido evento público, foi possível prospectar importantes aspectos sobre a maior organização nacionalmente estabelecida em

Moçambique como o fato de a OMM admitir que tem apoio da FRELIMO ou de sua dirigente ser uma senhora que também passou pelos ritos e que portanto consegue entender a necessidade de abordagens mais desafiadoras, ainda que não tenham se efetivado ainda na prática.

Apesar do rápido contato com a OMM, esta pesquisa endossa, adota e pretende expandir alguns pontos trazidos pela dirigente da Organização, a saber: respeitar e abraçar os Ritos de Iniciação de modo a atualizar a tradição para que se interrompa o comprometimento da escolarização formal das meninas. Busca-se a plena superação das desigualdades de gênero no casamento, bem como a ampliação das fases dos ritos conforme o amadurecimento físico e emocional das meninas, substituindo a fase condensada no mês da menarca da jovem por pelo menos outras três fases do rito, que comece com a menarca e siga pela adolescência até a maternidade. E ao contrário do que defende a dirigente da OMM, não endossamos a subalternização da mulher face ao marido. Estas questões são melhor ilustradas a seguir:

> Sim, há necessidade de manter [os ritos], porém devem ser revisto o que se ensinar. Pois temos visto um grande empenho do governo em valorizar as mulheres em cargos de destaque. Nós estamos num momento de equilíbrio ou de igualdade aos homens em lugares de destaque, para isso precisamos de mais mulheres na escola. O governo da FRELIMO tende a nos ouvir, mas nessa questão de ceder mais espaço às mulheres. Hoje podemos observar que temos mais governadoras, ministras e administradoras. Mas nós, as mulheres, somos culpadas em algum momento, não gostamos de ver outra mulher a se destacar. Quando isso acontece, a difamação desta vem por parte das próprias mulheres. [...] Para nós é um pouco complicado dizer que vamos retirar os Ritos de Iniciação, pois eles são muito importantes para educação da mulher. Porém, os pais precisam aderir que façam as três fases desse ritual; na fase adulta a menina pode aprender esses detalhes para servir o marido. (DIRIGENTE DA OMM).

Tendo em vista que um dos elementos da pesquisa-ação é a possibilidade de intervir na realidade investigada, uma proposta desta tese é fomentar a descontinuidade do ciclo de analfabetismo funcional e disparidades educacionais entre os sexos, bem como garantir que as mulheres com maior escolarização possam efetivamente serem valoradas como sujeito de direitos e por sua luta por melhores condições de vida laboral, na vida privada ou pública. Esta pesquisa endossa a percepção de que a academia, em confluência com o poder público, seja a OMM, DPS, DPEDH, DPGMCAS, possam atuar na disputa e transformação tanto na realidade cotidiana quanto de imaginários sociais fortemente marcados pela violência patriarcal. Mesmo

quando as mulheres flagrantemente possuem maiores qualificações, a tendência é ser violentada e reconduzida a um lugar de subordinação.

Para melhor compreensão destas questões, esta pesquisa ouviu nove entrevistadas e realizou um grupo focal com outras quatorze mulheres. Este universo de entrevistas se assemelha muito à minha realidade enquanto norte-moçambicana e acadêmica: todas nós passamos pelos Ritos de Iniciação, conseguimos chegar ao ensino superior e defendemos os Ritos com algum nível de criticidade, que obviamente reflete a multiplicidade de singularidades de nossos percursos político-biográfico.

Há algum consenso sobre a importância dos Ritos, com maior ou menor resignação às faces compulsórias do casamento e maternidade, ainda que criticando a subalternidade da mulher na satisfação dos desejos do marido ou em conflito com a capacidade de conciliar o que se aprende dos Ritos e o que se aprende na universidade:

> Diria que é bom, ganha-se várias experiências, lá a mulher é preparada para cuidar da família, como tratar o homem na cama, etc. (ENTREVISTADA 1).
>
> Os aspectos positivos: ensinam a ter respeito com o próximo, cuidar da família, a valorizar a cultura. Esta prática de Ritos de Iniciação é boa, porque aprendemos a ter higiene com nossos corpos e muito mais. Aspectos negativos: ensinar como cuidar do marido antes da rapariga se casar.
> O desafio é conciliar os ensinamentos aprendidos nos Ritos de Iniciação; e os aprendidos na Universidade. (ENTREVISTADA 3).
>
> No meu ponto de vista, considerando o tempo atual, depende de cada um, porque os ensinamentos dados lá agora podem muito bem darem dentro de uma casa/família, variando de família para família, então, façam a vossa parte. (ENTREVISTADA 5).
>
> Positivos: aconselham a respeitar os mais velhos. Negativos: aprender como tratar o homem no ato sexual. (ENTREVISTADA 6).
>
> A prática dos Ritos tem sido muito importante por nos ajudar, muita das vezes, na educação dos nossos filhos, por nos ensinar a termos bons hábitos diante das pessoas e também na percepção da sexualidade e das diferentes transformações fisiológicas do corpo humano. O desafio é saber aplicar os conhecimentos aprendidos na universidade sem esquecer de cuidar do meu marido. (ENTREVISTADA 8).
>
> Nem tudo o que aprendemos nos ritos pode ser aplicado na Universidade, pois pode ser inadequado no contexto acadêmico, por exemplo: nos ritos, as mulheres aprendem que devem se ajoelhar perante os mais velhos, como uma forma de respeito e submissão. Entretanto, ela não pode se ajoelhar perante os docentes e seus colegas. (ENTREVISTADA 2).

> Aprende-se que a mulher não deve olhar nos olhos dos mais velhos, mas a universidade ensina que pode sim e não há problema algum olhar nos olhos dos docentes. (ENTREVISTADA 4).
>
> A sociedade incomoda-se com essas doutoras, temem ser arrogante dentro de uma sociedade. A perda de lar após a saída da academia é bastante notória nos dias atuais. (ENTREVISTADA 8).
>
> Mesmo estando na universidade, ela deve ter consciência que sempre o homem será superior. Além disso, ela tem que aceitar as críticas dos mais velhos e vestir-se de forma adequada, não usando roupas muito decotadas e curtas. As vestes das universitárias incomodam a sociedade. (ENTREVISTADA 12).

Uma questão central para essa pesquisa é aferir como os Ritos de Iniciação interferem na longevidade da escolarização feminina. Como as entrevistas e o grupo focal foram feitos a partir de um seminário que organizei na universidade, a amostra de narrativas que esse capítulo trouxe à tona é referente a um conjunto de mulheres moçambicanas que passaram pelos Ritos e que chegaram à universidade, ou seja, trata-se de uma parcela minoritária, porém fundamental para o entendimento e a consideração de que os Ritos e a vida escolar não são incompatíveis, ainda que pareçam conflitantes.

Para os fins desta pesquisa, foram feitas algumas questões e cabe aqui destacar duas. O conjunto de respostas destacadas nos ajudam no entendimento do que está em jogo:

1) Na sua opinião, os Ritos de Iniciação interferem, de alguma maneira, na escolarização das mulheres?

> Depende dos casos e das zonas. Para algumas, quando saem de lá, já querem implementar o aprendizado antes da hora. (ENTREVISTADA 1).
>
> Sim, porque lá não existe nenhum conselho que diz “não pode estudar, tudo é válido para o homem. (ENTREVISTADA 2).
>
> Não, porque isso depende de família para família, na minha família exigimos que todas mulheres fossem à escola. (ENTREVISTADA 3).
>
> Sim, antigamente, não mais. Agora, parece que quando voltam, dizem para abandonarem a escola para se dedicarem aos homens. (ENTREVISTADA 5).
>
> Não interfere na escolarização. (ENTREVISTADA 6).
>
> Sim, quando o mesmo acontece no período letivo. (ENTREVISTADA 7)..

> Em alguns casos sim, porque a mulher passa a se sentir mais adulta e responsável de si, ao ponto de considerar que já pode viver a sua própria vida num lar. (ENTREVISTADA 8).

> Há muito tempo, não influenciava, porque acontecia nas férias, mas agora, por colocarem as crianças nos Ritos de Iniciação no período das aulas, ao voltarem, elas acabam desistindo da escola. Sim, influencia na desistência da escola, porque elas aprendem como cuidar do marido e como fazer sexo portanto a tendência é colocarem em prática o que aprenderam. Aprende-se a não negar um homem, se este for lhe procurar. (ENTREVISTADA 9).

2) Como foi a entrada na Universidade?

> A minha entrada foi para realizar o sonho do meu avô de me formar e ser alguém na vida, infelizmente ele perdeu a vida. (ENTREVISTADA 1).

> Normal, porque na educação informal há diferenças nos benefícios, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Foi bom, após ter concorrido, passei, não sofri para entrar na universidade. (ENTREVISTADA 2).

> Foi difícil porque eu estava muito tempo sem estudar. (ENTREVISTADA 3).

A divergência de posições dentro de um grupo de mulheres iniciadas e com formação superior diz muito sobre as circunstâncias e contingências que possibilitaram a longevidade escolar dessas mulheres, apesar da ausência de políticas públicas que sejam robustas o suficiente para encorajar o retorno das meninas à escolarização formal após os Ritos como alternativa mais segura ao casamento e gravidez de caráter duplamente prematuro. A aposta nos Ritos como única opção, não garante um casamento de sucesso, conforme bem lembra a dirigente da OMM:

> [...] a maior parte dessas mulheres que passam dos ritos são azaradas, não conseguem ter marido. Em outras províncias onde não se faz os ritos, têm tido mais casamentos até. Na minha opinião os Ritos de Iniciação não são garantia para o casamento. (DIRIGENTE OMM).

É necessário destacar ainda, que os Ritos de Iniciação além de contar com a cumplicidade da comunidade, movimenta a economia afetiva-sexual e financeira da vida cotidiana. As Nacangas ou “Madrinhas” têm nos ritos o seu filão e as famílias humildes acabam

por preferir condensar os Ritos no mês da menarca para poupar parcos recursos. Mas nem sempre foi assim, conforme indica a dirigente da OMM:

> Como mulher também passei por essa etapa que naquela altura foram três das quais: a primeira fase consistiu em ensinamentos para cuidar da higiene pessoal no período da menstruação; na segunda fase, recebi conselhos do tipo: não poderia me envolver com homens, pois eu corria risco de engravidar, respeitar os mais velhos etc.; na terceira fase eu já era adulta e fui ensinada como cuidar do meu lar e do meu marido, e como agradá-lo sexualmente. O objetivo dos Ritos de Iniciação, em minha opinião, são dois, o primeiro é de educar a menina para saber como se comportar dentro e fora casa, e na sociedade. Só que ultimamente outras mães adulteram essas etapas, não cumprindo essas etapas que eu me referi, alegando que não tem condições, daí que agregam todas as fases numa só. (DIRIGENTE OMM).

Assim, esta pesquisa endossa a posição de que qualquer mudança na dinâmica dos Ritos tem que ser estratégica e respeitosa:

> Portanto, se tiver que fazer esse tipo de trabalho tem que entrar na onda. Na tal perspectiva que é coisa boa para permitir que eles abram- se no final da conversa e que poderá trazer aquela que é a sua visão: que tal se fizermos assim… Não vocês tem que fazer isto! Não pode impor! Basta impor a primeira vez que, acredite Dra, não há de se conseguir ir avante com a investigação que pretende. Agora há um aspeto que não é menos importante é que, há aspectos econômicos associados aos Ritos de Iniciação, porque os tais Nacangas e as tais madrinhas cobram pelo trabalho que elas fazem, em algum momento até é uma forma de sustento dessas entidades, portanto se é uma forma de sustento, por isso que até muitas das vezes violam aquelas orientações que não devem colocar as crianças nos Ritos de Iniciação no período das aulas, porque é uma fonte de sustento. Então há um pouco desta componente. É por esta razão que, mesmo na altura em que for abordado, há de se perceber que, se for a entrar nesta perspectiva de cortar eles/as, logo ficam chateados porque vão perceber que está a querer cortar uma fonte de rendimento. Para acabar com isso teríamos que encontrar formas de ele poder ter rendimento alternativo para não depender desta prática. Este é outro aspecto que vale a pena considerar na altura que for aprofundar mais estes aspectos. (DIRIGENTE DPS).

Considerando que esta pesquisa endossa a percepção de que os ritos devem se dar em pelo menos três etapas desde a menarca, faz-se necessário ainda destacar que o rito pode e deve co-responsabilizar o marido:

> A mulher, depois de dar a luz, deveria passar novamente pelo Rito de Iniciação junto ao marido para poder receber alguma educação a respeito de como cuidar da criança. (ENTREVISTADA 1).

> Os Ritos de Iniciação no Norte ocorrem em três fases: na adolescência, durante a gravidez, e depois do nascimento da criança, essa fase se faz junto ao marido. (ENTREVISTADA 9).

Nesse sentido, entendo que ainda há que se dar passos longos para a emancipação das mulheres moçambicanas e acredito que, apesar das contradições, essa prática faz parte da identidade destas comunidades. Sendo assim, há grande necessidade de conciliar o respeito pelas tradições dos Rituais de Iniciação e pelas tradições acadêmicas, fortemente marcadas pelo saber letrado dos países centrais do Ocidente, uma vez que todos os dois modos de conhecimento da realidade têm suas lógicas e sentidos. Para tal, precisa existir um diálogo entre a linguagem da tradição dos ritos de passagem e a do método de pesquisa acadêmico, que parecem ser, à primeira vista, desencontradas, mas podem promover um enriquecimento mútuo.

Dessa forma, acredito que, por meio da própria prática cultural dos Ritos de Iniciação, se pode potencializar a importância da educação formal, promovendo a possibilidade de regresso dessas meninas ao espaço escolar. Os líderes tradicionais têm um grande poder de influência nessas comunidades, e a mercantilização da prática os sustenta em suas posições, embora as atuais tensões também as questionem. Desse modo, procurar propor por meio da pesquisa uma prática coletiva junto a essas mulheres iniciadas para criação de possibilidades de emancipação diante do manejo do saber tradicional e do saber escolarizado me parece fundamental. Além de tentar perceber o que brilha neste ritual e o que enferruja, o que faz com que as mulheres não avancem na escolarização e fiquem numa situação de imobilidade social. Mais do que apontar aspectos negativos deste ritual, as políticas públicas poderiam, sem desconsiderar esta experiência da cultura, promover a emancipação feminina, que inegavelmente seguem paralelamente ao processo de libertação do homem, uma vez que estes rituais são violentos para todos, dada a impossibilidade de se construir uma sexualidade para além de uma rígida norma estabelecida.

Em 2017, a lendária ativista Angela Davis visitou o Brasil para uma série de palestras por ocasião do Dia 25 de Julho, data escolhida para celebrar a mulher afro-latina e caribenha. Dentre algumas de suas falas memoráveis, em Cachoeira na Bahia, Ângela Davis disse que

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo”. Transpondo para a realidade moçambicana, a melhor escolarização e inserção da mulher na vida pública é capaz de gerar um poderoso efeito de melhorias articuladas no seio de suas famílias, de modo a diminuir as altas taxas de fecundidade ou mesmo a expectativa do *lobolo* como fonte de renda para meninas de famílias humildes.

Apesar de potente e necessária essa movimentação das placas tectônicas sobre as quais estão assentados costumes tão arraigados, certamente não será fácil e nem mesmo imediata. Saffioti (2013, p.128) nos alerta que seria ilusório, entretanto, imaginar que a mera emancipação econômica das mulheres fosse suficiente para libertá-las de todos os preconceitos que as discriminam socialmente. A cultura da subalternização feminina em Moçambique é ainda provedora de silenciamentos, eu, ainda hoje, embora mais consciente que meus questionamentos são partilhados não só por algumas conterrâneas, como pela posição das mulheres no atual contexto capitalista, sinto-me, muitas vezes, pressionada a seguir algumas normas sociais da minha comunidade. Dessa forma, é muito importante pensar a realidade moçambicana tanto em perspectiva da formação individual, que permita a garantia do direito à igualdade, quanto na esfera econômica, com paridade salarial entre os sexos e a promoção de cargos de destaque para as mulheres, que hoje estão totalmente subordinadas ao homem.

Portanto, essa emancipação deve ser conquistada em todos os sentidos, desde as classes iniciais do processo de formação escolar até a inserção no mercado de trabalho assalariado, sendo o salário calculado de acordo com suas competências e trabalho, sem desigualdade de gênero. O estudo sobre questões de gênero é certamente um campo de forças a ser enfrentado, e esta experiência de estar no Brasil e cursar uma disciplina sobre gênero e educação certamente foi uma rica oportunidade de conhecer um conjunto de estudos tanto pioneiros como canônicos deste campo, com destaque para a articulação entre gênero e educação.

Acredito que esses estudos têm sua importância histórica e são uma grande potência para as leituras sobre desigualdades de gênero na sociedade brasileira, mas também tem os seus limites dados, tanto pela mudança histórica permanente quanto pela própria natureza da crítica teórica; ademais, considerando a multiplicidade dos aspectos das relações de gênero no Brasil, no que concerne à raça, classe e orientação sexual, esses estudos fazem um mapeamento importante, porém há ainda muito trabalho a ser produzido em relação a essa discussão. Esses

estudos sobre gênero têm seus limites e também suas potências, considerando a sociedade brasileira, que tem se debruçado historicamente sobre esta questão, e seus instrumentos teóricos, devem sim irradiar suas potências sobre a realidade moçambicana, embora apresentem seus limites em função das potências políticas e históricas de cada um dos contextos nacionais.

A confluência de leituras e análises próprias de uma tese de doutoramento sobre Moçambique feita no Brasil é profícua também na produção de novos imaginários. Seguindo as trilhas de Édouard Glissant, que aposta na criação de imaginários, uma investigação política tem potência de criação e intervenção de novas realidades, subvertendo e reconfigurando a tradição, conciliando política, ética e estética.

Assim, abertura de possibilidades e janelas de diálogo me permite olhar a realidade moçambicana com alguma tristeza, mas também muita ternura e esperança. A escritora moçambicana Paulina Chiziane, em seu romance *Niketche* - uma história de poligamia, oferece uma possibilidade poética literária de entendimento de questões culturais profundamente arraigadas no imaginário moçambicano, nos modos como se constrói os imaginários sobre como ser mulher, esposa e mãe na nossa sociedade, e como que isso dialoga com os privilégios dos homens numa sociedade na qual a poligamia é permitida para um só sexo. Paulina Chiziane anuncia que o argumento do romance é, antes de tudo, um olhar antropológico sobre situações cotidianas acerca de como as mulheres entendem casamento e poligamia.

No entanto, devido à liberdade poética que o texto literário possibilita, no desfecho do romance, propõe-se uma solução para um caso específico de poligamia. A solução proposta pela narradora de *Niketche* é convocar as mulheres para um sistema de irmandade para quebrar ou desestruturar uma espinha dorsal do sistema que favorece o lugar das masculinidades. Certamente é uma importante obra de diálogo sobre as tradições moçambicanas e os escritos da literatura ocidentais sobre debates de gênero. O encontro entre o Ocidente e suas muitas margens, o olhar da mulher branca e o olhar de mulheres de outras cores, convocavam o respeito a outras experiências e realidades sobre o que é ser mulher. A literatura, assim, se apresenta como possibilidade de reflexão da realidade e de um espaço imaginário em que a construção de outros paradigmas existem, sem deixar de reconhecer a importância das muitas especificidades, porém sem valorá-las hierarquicamente, se bem intencionada.

Nesse sentido, convoco também outra autora feminista negra, a norte americana bell hooks que, em seu livro *Eu não sou uma mulher*, relata um embate que viveu com suas congêneres feministas brancas que, de alguma maneira, questionaram a metodologia empregada no seu pensamento nas discussões das questões de gênero. bell hooks entende o que é ser mulher, embora fale de seu lugar social, lançando mão metodologicamente das próprias experiências e memórias para falar sobre o que significa ser mulher negra.

Tanto Chiziane como hooks abrem um caminho muito rico de possibilidades de entendimento da realidade das mulheres negras a partir da própria experiência. A brasileira Conceição Evaristo, ponte importante entre o Brasil e Moçambique no entendimento das questões de gênero, em sua obra *Escrevivências*, relata a experiência de ser uma mulher negra como uma vivência que ultrapassa o caráter localista e ganha dimensões universais, considerando as realidades raciais das mulheres negras em conjunto, subjugadas pelo racismo e pelo machismo operante.ç2

A literatura produzida por Paulina Chiziane e Conceição Evaristo lançam uma narrativa poderosa para o entendimento das questões de gênero, nas leituras silenciosas entre autoras e leitores, nos debates acadêmicos e nas palestras presenciais, ademais a representação literária em suas obras revela questões pertinentes sobre a tradição e cultura oral, tecendo um diálogo importante entre o saber de tradição oral e o saber acadêmico letrado na fatura de suas obras; À guisa de conclusão, vale destacar que este capítulo empreendeu esforços para analisar os Ritos de Iniciação costurando um conjunto de posição de sujeitos, que encarnam diferentes instituições, que entendem e operam a tradição dos Ritos a partir de seus respectivos lugares de fala. Seja pelas “Madrinhas” ou mulheres que viveram os ritos; seja pelas entidades de saúde, educação ou de organização das mulheres. Conforme indicado ao longo deste capítulo, cada uma dessas instituições encarnadas em distintos sujeitos históricos, ajudam a entender como os Ritos de Iniciação ajudam a fomentar e perenizar a condição da mulher moçambicana.

Vale lembrar que os Ritos de Iniciação não seriam os únicos condicionantes, uma vez que a desigualdade de gênero engendra a sociedade moçambicana para além da região Norte, onde os ritos prevalecem. A condição da mulher moçambicana é pauta de análise e atuação em todo o território nacional, a exemplo da criação da Organização da Mulher Moçambicana, a OMM, que teve representante ouvida nesta pesquisa.

Na obra *Paz na terra, guerra em casa*, Casimiro além de diagnosticar a condição da mulher moçambicana, reforça a necessidade de esforços analíticos para a reversão do hiato de gênero:

> [...] as mulheres africanas terem, no geral, menos direitos como cidadãs e nacionais, menos acesso às infra-estruturas produtivas e aos serviços sociais, serem vulneráveis à violência sexual, e de o seu papel na tomada de decisões e planificação, e o seu acesso à ciência e tecnologia serem marginais, importa analisar o impacto que as relações sociais de género, raça/etnia, religião, estatuto, idade, formação, têm na manutenção e reprodução de desigualdades entre mulheres e homens e entre as próprias mulheres. [...] Tem havido nos últimos 30 anos, bastantes iniciativas, tanto por parte de mulheres da comunidade científica como por parte de profissionais e activistas, através da criação de diferentes centros de investigação e de organizações, bem como de redes nacionais, regionais, pan-Africanas e internacionais de mulheres, em diversos sectores da vida política, económica, social e cultural. Todavia, grande parte destas iniciativas não produziu ainda um impacto significativo em termos de formulação e implementação de políticas que alterem a discriminação e opressão das mulheres e de outros grupos oprimidos nas sociedades Africanas, sobretudo, em termos de alternativa ao projecto societal no continente. (CASIMIRO, 2014, p. 150).

Guardadas as devidas especificidades, a situação de subalternidade das mulheres moçambicanas é irmanada com as mulheres do mundo todo. A onda feminista que agitou o mundo na década de 1960 também foi sentida em Moçambique, que teve no seio das lutas de independência, outros impulsos: *"A situação de invisibilidade alterou-se, por um lado, a partir da revolução historiográfica Africana e, por outro, por influência do ressurgimento do movimento feminista a nível mundial, a partir dos anos 60.*" (CASIMIRO, 2014, p.153).

À sombra da FRELIMO, uma das sementes que germinaram com o processo de revolução foi a Organização das Mulheres Moçambicanas, a OMM. Apesar da retórica poderosa endossada por líderes da estatura de Samora Machel, a OMM ainda não vicejou por completo em sua promessa de melhoria da condição da mulher moçambicana:

> A Organização da Mulher Moçambicana (O.M.M.), constituída em 1973, estendeu a sua organização a todo o território, tendo sido a única organização que conseguiu manter-se, desde a luta armada até ao presente, com uma implantação nacional e um papel decisivo nas diversas fases de transição por que Moçambique tem atravessado. Em Moçambique após a Independência o Estado adoptou um compromisso pela melhoria do estatuto e participação da mulher no desenvolvimento, tal como havia acontecido durante a Luta Armada. Mas a sua postura, em tanto que teoria e prática, foi sempre bastante contraditória. A Frelimo entendeu, durante o processo de Luta Armada, que a participação da mulher era importante para o avanço da revolução - quando as

> mulheres participavam mais activamente, a luta avançava, havia vitórias. [...] Entretanto, apesar de todo o seu vanguardismo, a Frelimo não avançou ao ponto de acompanhar as reflexões do movimento feminista internacional - um movimento que surgiu em circunstâncias idênticas às dos movimentos de libertação dos Países da periferia, nos anos 60 - colando-se demasiado às análises dos partidos de esquerda mais dogmáticos. Daí a crítica severa da Frelimo em relação ao movimento feminista, entendido como um grupo de mulheres liberais e que confunde os propósitos da libertação. (CASIMIRO, 2014 p. 234-235).

A revolução foi informada da necessidade da emancipação da mulher para o completo sucesso do projeto colonial. No entanto, amparados pelos privilégios da estrutura patriarcal, os líderes que conduziram o processo político ainda não mostraram real comprometimento no combate de práticas obscurantistas que reproduzem e perenizam situação de inferioridade da mulher em casamentos prematuros, forçados e herdados, *lobolo*, poligamia, prostituição etc.; que, não por acaso, são consequências diretas ou não dos Ritos de Iniciação. Ou, conforme indica Oyéronké Oyewúmi (1997), num primeiro momento, o sistema de estado europeu foi uma imposição ao continente africano, no entanto, o processo pós-colonial tem preservado engrenagens dessa estrutura que afasta as mulheres das estruturas em se efetivam as decisões políticas. Assim, a mulher moçambicana segue refém não apenas da condição de raça, como da de fêmea.

Capítulo 5. Ritos de Iniciação e escolarização

No presente capítulo, apresentamos as discussões a respeito dos Ritos de Iniciação considerando-os em quatro eixos de análise: a saber: **Eixo 1:** Atividades desenvolvidas nos Ritos de Iniciação dos grupos étnicos-linguísticos Macua e Yao de Moçambique; **Eixo 2:** Identificação dos principais fatores que influenciam o processo de escolarização das mulheres, fortemente marcado pela exclusão da escola, e sua relação com os Ritos de Iniciação; **Eixo 3:** Reflexão sobre as relações de gênero na sociedade moçambicana e sua influência na manutenção dos Ritos de Iniciação dos grupos étnico-linguísticos Macua e Yao; e **Eixo 4:** Contradições entre o papel das políticas públicas oficiais de educação e a formação das mulheres desses grupos na cultura tradicional.

Em cada eixo, busca-se identificar as diferentes formas de procedimentos dos ritos e mostrar o quanto essas práticas estão presentes na vida do povo moçambicano e, principalmente, na vida das mulheres do Norte deste país, destacando, nesta tese, os ritos dos povos Macua e Yao e sua relação com o processo de escolarização na infância. Trazemos nesses eixos de análise as falas dos seguintes intervenientes: "Madrinhas", responsáveis pelos ritos; representantes da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM); mulheres que passaram pelos Ritos de Iniciação; entidades governamentais como a Direção Provincial de Educação e de Desenvolvimento Humano (DPEDH), Direção Provincial de Saúde (DPS) e Direção Provincial da Mulher, Criança e Ação Social (DPMCAS). Ao final deste capítulo, apresentaremos as articulações entre essas diversas instâncias sociais, discutindo-as à luz da perspectiva da Teoria Histórico-Cultural.

5.1 Atividades desenvolvidas nos Ritos de Iniciação dos grupos étnicos- linguísticos Macua e Yao

A partir das entrevistas realizadas com as "Madrinhas", é possível observar que as meninas são submetidas aos Ritos de Iniciação bem antes de atingir a idade adulta. Na verdade, são submetidas aos Ritos assim que se dá o aparecimento da menarca.

> Entram num número de 10, 15, 20, dependendo do povoado. Elas entram neste ritual no período de férias [escolares] para permitir mais aderência. (MADRINHA MACUA, 90 anos).

> Depende, às vezes, poucas. Às vezes, tem muitas meninas que acabam de apanhar a menstruação e aí vão todas, já teve vezes que entraram 13. (MADRINHA YAO, 40 anos).

As “Madrinhas” entendem que é melhor oferecer o ritual no período das férias, pois tem mais aderência. Tal afirmação ressalta o papel central da escolarização para as meninas na atualidade política do país.

5.2 Dos Ritos de Iniciação: práticas e segredos a partir do olhar das "Madrinhas"

Destacamos aqui o papel dos Ritos de Iniciação no processo de escolarização e, para tanto, realizamos duas entrevistas com duas “Madrinhas”, uma da comunidade Macua e outra da Yao, que participam ativamente dos Ritos de Iniciação com várias jovens na província de Niassa e Nampula. Nesse momento, vamos apresentar quais são as práticas relacionadas aos Ritos, em especial o papel do segredo daquilo que, segundo a tradição, não pode ser contado para aqueles que não participaram dos Ritos de Iniciação. Apesar do segredo da prática, tivemos acesso a essas informações graças ao fato da confiança estabelecida comigo que, além de pesquisadora, sou uma mulher da província de Nampula e resido em Niassa, ambas localizadas no Norte de Moçambique, ou seja, também sou do Norte. Dessa forma, como mulher próxima à região estudada, também pude conhecer uma tradição que me é ao mesmo tempo estranha e familiar.

Iniciaremos então apresentando como se dão essas práticas. Vejamos os depoimentos a seguir:

> Meus pais faziam mesmo trabalho de Ritos de Iniciação, desde que fiz 6, 7, 8 anos andava com os meus avós para apreender aquele trabalho; eles disseram que assim que eles morressem, eu seria herdeira do trabalho naquela comunidade.
> Eu também tenho espíritos, por isso que também sou curandeira, para além de ser madrinha. Os espíritos me levaram para o mato e eles é que me diziam que este medicamento é para isto e aquilo, mostrando os respectivos paus [raízes]. (MADRINHA MACUA, 90 anos).

> Eu comecei também a fazer trabalho de curandeira juntos dos meus avós e depois dos Ritos de Iniciação. Mas agora faço mais trabalho dos ritos porque tem mais procura das famílias. (MADRINHA YAO, 40 anos).

Estes depoimentos traduzem o que estamos a abordar desde o início desta pesquisa, evidenciando que as práticas culturais em Moçambique são historicamente cultivadas pela

população para manutenção e conciliação dos saberes locais e o respeito pelas ancestralidades. Segundo Castiano, o termo local diz respeito a "todos os tipos de saberes, atitudes e valores resultantes da confrontação que os sujeitos de qualquer comunidade cultural criam como respostas a sua exposição ao conhecimento 'importado', isto é, exterior aos elementos culturais gnosis." (CASTIANO, 2013).

A partir desses depoimentos percebe-se ainda o quanto as questões dos mitos e da herança estão presentes nessas práticas. Uma cosmologia que além de ser um acervo de famílias, narra que todo trabalho é guiado pelos ancestrais, pois se entende que estes são os detentores da sabedoria. Ainda podemos constatar que a questão da "superstição", que Cipiri (1992) chama de "ciência oculta", também está presente no trabalho dessas mulheres e que isso é passado de geração em geração para que se perpetue e seja respeitado:

> Este ramo é o que mais polémica traz às pessoas dentro do seio da sociedade tradicional. Assim, para afastar os azares provocados pelos maus espíritos como falta de chuva numa povoação, a esterilidade de uma mulher, a falta de um marido ou a conquista de uma mulher para o casamento [...] através de cerimónias apropriadas acompanhadas de oferendas aos defuntos e aos bons espíritos e com danças cerimónias conseguem expulsar os azares no corpo de um que sofre. (CIPIRI, 1992, p.17).

Este trecho nos permite entender como funcionam as noções de sorte e azar para o povo local e sua íntima ligação com o papel da mulher nestas sociedades. A fertilidade, seja da terra ou da mulher, vem em tempos de boa aventurança: seja a partir da chuva, seja na capacidade de conseguir um marido e parir. Sorte e azar diz respeito então sobre o sucesso da mulher em corresponder às expectativas que lhe são impostas. Para afastar o insucesso, a figura do feiticeiro se mostra necessária. Mas apesar disso, percebem-se também contradições e ambiguidades na figura de quem está apta a realizar as cerimônias apropriadas para afastar o azar.

Assim, estas questões trazidas pelo autor também têm gerado um mal-estar junto às comunidades, pois há relatos de pessoas que têm sido penalizadas ou até excluídas se lhe forem atribuídas, por exemplo, a fama de feiticeira. Nota-se ainda, a partir desses depoimentos, que, embora o respeito pela cultura esteja presente na vida da comunidade local, há um medo de contrariar os espíritos evitando dessa forma as consequências que podem vir de várias formas. Segundo Azevedo (1980), as crenças e os ritos religiosos travam uma batalha diária com a

concepção científica do mundo nas regiões onde a vida econômica já se transforma. Assim, as tradições disputam espaço com transformações culturais e as contradições entre os saberes tradicionais e científicos habitam o desempenho feminino no casamento e na fertilidade, e entre o respeito pelos ensinamentos dos Ritos, há também um temor do linchamento público, muito comum na figura dos feiticeiras, mal vistas nas comunidades.

Quanto aos rituais em si, veremos o que apontam as "Madrinhas" quanto às orientações dadas a meninas que são iniciadas "Madrinhas" Macua e Yao:

> Elas entram com 12 anos de idade. Nós explicamos: vocês agora já cresceram daqui a pouco vão apanhar menstruação, para as que não apanharam. O que é menstruação? Vocês começaram a sangrar nas suas vaginas, nesse momento tem que evitar por sal na comida, não deve dormir com homem, tem que prevenir a sua vida porque quando dormir com homem, o homem fica escuro e dói na bexiga dele. E você pode passar mal, e aquela menstruação pode não passar rápido. Nós antecipamos para quem ainda não apanhou, e para ela ir colocando na cabeça sobre essa mudança que irá acontecer em sua vida. Nós também falamos para elas que logo que apanhar menstruação não deve entrar na casa de banho dos seus pais, não pode tomar banho na mesma casa de banho, senão o seu pai pode pisar no sangue e as pernas dele vão doer. Elas tomam banho fora da casa de banho. Durante este período as meninas são mostradas ao sexo masculino, e lhes são ensinadas como limpar o seu marido após relações sexuais, aprendem como fazer o sexo muito antes de apanhar a menstruação. Nós ensinamos como abrir o seu orifício sozinha, para quando começarem a vida sexual não terem dificuldades [...].
> Transmitimos ensinamentos da vida, como viver na sociedade. Sempre respeitar o próximo, saber se cuidar. Nunca levantar a voz para os mais velhos e principalmente respeitar os mais velhos. (MADRINHA MACUA, 90 anos).
>
> O principal objetivo deste ritual é mostrar a menina como ela deve se comportar diante de um homem e das pessoas quando estiver menstruada. E quando ela está menstruada não pode colocar sal na comida quando estiver a cozinhar, nas cerimónias não pode cozinhar, há pessoas sensíveis que já vacinaram que passam mal comendo comida feita por uma mulher menstruada. Ensinamos como puxar mathunas, Ensinamos como se comportar dali para frente. (MADRINHA YAO, 40 anos).

À primeira vista, esses depoimentos parecem uma interpretação atualizada de uma passagem bíblica que se encontra no livro de Levítico, capítulo 15, versículos 19 e 20 que diz:

> Quando uma mulher tiver sua menstruação, ficará impura pelo período de sete dias. Quem tocar nela durante esse tempo será igualmente impuro até o pôr do sol. Toda cama sobre a qual se deitar com seu fluxo ficará impura; todo móvel sobre o qual se assentar ficará também impuro...

Considerando a menstruação como frustração, tanto a passagem bíblica quanto os depoimentos das "Madrinhas" ensinam a culpa para as jovens, que aprendem a menstruação não como um fato cotidiano da vida de uma mulher, mas como algo que as criminalizam quando ocorre. A sujeira atribuída às mulheres menstruadas diz tanto do fracasso de ter engravidado, quanto da inutilidade do sexo nesse período, onde as chances de gravidez são pequenas. No caso dos Ritos de Iniciação, há ainda os ensinamentos para como se comportar diante do homem, como se fazer desejável e como satisfazê-lo sexualmente. Apesar da não proibição do prazer feminino, o destaque para o prazer masculino, coloca em segundo plano o desejo feminino.

Ainda que não aconteça a mutilação genital feminina, presente em mais de 27 países e denunciada por várias entidades internacionais, nos Ritos de Iniciação também mutila simbolicamente a jovem dessas comunidades, porque são ensinadas que o prazer sexual é um direito masculino enquanto cabe a elas o dever de satisfazê-lo.

Essa tradição ainda é muito aceita nessas comunidades e apesar de terem bastante aceitação na cultura local observamos que estamos diante de uma situação em que fere os direitos da criança, de acordo com lei vigente em Moçambique. A Lei nº 7/2008 de Promoção e Proteção da Criança diz que a "criança goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral, assegurando-lhe, através do adequado quadro jurídico e outros meios, todas as oportunidades e facilidades a fim de lhe promover o desenvolvimento físico, mental, moral, social e espiritual, em condições de liberdade e de dignidade." Por outro lado, segundo Assunção & da Silva (2017):

> A preparação sexual do corpo feminino que passa pelo alongamento dos pequenos lábios (que se inicia antes da puberdade), as tatuagens e escarificações, e o uso de missangas nos quadris, bem como os movimentos/danças sexuais ou de preparação para o ato sexual, constituem o erotismo feminino sem dúvidas [...] mas as mulheres dessa região é um orgulho de sua maestria sexual e elas apreciam os encontros sexuais com os seus maridos ou com os homens aos quais elas querem.

A referida maestria sexual das meninas torna-se uma promessa de bônus que o marido vai obter por tirá-la da casa dos pais e faz dessas meninas uma mercadoria mais valiosa. Algumas famílias até incentivam essas meninas a seduzirem homens com "posse" de forma a trazer alguma fonte de renda, e tem algumas famílias até que negociam essas meninas para se

casarem com esses homens em troca de produtos de primeira necessidade. A princípio a negociação dessas meninas sugere que haja um pagamento real que conseguiria alavancar a vida das famílias, porém o que se percebe na prática e que elas são negociadas a preço irrisório com produtos básicos, como farinha, uma garrafa de cachaça, quando muito um cabrito ou uma galinha. Em comunidades de extrema pobreza, quando nasce uma menina aparece uma oportunidade de negociação de ganhos no futuro. Desse modo, as famílias não querem esperar mais de uma década para ganhar em cima da filha, assim, quando a menina atinge seu primeiro sinal de maturidade e a menstruação, elas são convocadas ao casamento. Os Ritos de Iniciação ensinam as mulheres a se resignarem a ser moeda de troca e subservientes a quem pagou por elas, ainda que o valor seja vazio. As meninas precisam ser gratas e virtuosas, e também se sentirem culpadas como sujas quando menstruam. Os deveres das mulheres estão colocados, ao passo que os homens desfrutam das regalias que valem infinitamente mais do que pagaram.

Apesar da violência compartilhada, há um pacto de silêncio entre as meninas que vivenciam o ritual. De acordo com as entrevistas, percebemos que há um mistério quanto aos ensinamentos das "Madrinhas" durante o processo dos rituais, pois as meninas que costumam passar pelo mesmo, não revelam o que lá ocorre. A interdição dos iniciados em compartilhar o que acontece nos rituais é muitas vezes mantida pela intimidação por parte das "Madrinhas":

> Nós amedrontamos que se contar aos pais eles podem perder a vida. Então elas nunca contam e mudam de comportamento. Lá no mato nós até simulamos um leão a fazer o barulho do leão, mandamos pular o leão, com tanto medo a menina implora para não fazer isso, chega até a lamber os pés tão sujos da madrinha. [...] Não, ninguém vem visitá-las; há vezes que nós deixamos as mães apenas participarem quando estiverem a dar ensinamentos as filhas. (MADRINHA MACUA, 90 anos).

O fato das meninas via de regra não receberem visitas dos seus familiares não significa que as mães não têm informação a respeito dos preceitos de conduta transmitidos nos Rituais, uma vez que elas também passaram pelos Ritos de Iniciação e, como integrantes ativas da cultura têm conhecimento do que acontece nesse Ritual e carregam na sua pele as marcas dele.

Assim, vem à tona a discussão sobre a questão do segredo de procedimentos dessas práticas, entendidas sob dois pontos de vista: a primeira pode ser a de manter o senso de identidade no seio dessas comunidades. A segunda forma aponta para a noção de cumplicidade, para que a prática dos ritos continue sendo algo protegido como tem sido até hoje. Essa questão,

trazida acima nas falas das “Madrinhas”, faz com que essas meninas fiquem amedrontadas a ponto de não compartilharem nada do que acontece dentro dos Ritos. Isso se mostra particularmente em sociedades que criam mitos, ritos e tradições para justificar e acentuar a suposta inferioridade das mulheres no intuito de preservá-las submissas e cativas desta forma de pensar e organizar a vida (AZEVEDO, 1980).

Não desconsideramos aqui que parte fundamental dos ritos envolve a manutenção de segredos, mas sentamos aqui a hipótese de que o segredo seja também parte do processo de silenciamento dessas meninas. As “Madrinhas” ocupam uma posição estratégica: foram silenciadas quando meninas e agora são autorizadas a cobrar o silêncio das meninas que educam dentro da tradição. As meninas silenciadas valem como esposa e moeda de troca. As “Madrinhas”, que já viveram o auge da fertilidade, têm agora o poder de educar, como recompensa por terem sobrevivido às práticas de silenciamento e concordarem em dar continuidade às mesmas. Uma mulher como eu, nortista e pesquisadora, compartilho signos da região até certo ponto, mas também sou signo da ciência e de outras leis possíveis. Portanto, os Ritos de Iniciação têm um papel fundamental na determinação do papel, da ação e tradição de mulheres moçambicanas de distintas gerações.

No que se refere ao **papel dos Ritos de Iniciação,** buscando entender sua função, nos deparamos com várias atividades realizadas nesse processo que amplia de certa forma o nosso olhar sobre esta prática. Permitiram saber o quanto os Ritos de Iniciação oferecem ensinamentos mais amplos que não se restringem apenas no cuidado a ter pelos homens. Vejamos os recortes de falas:

> O vosso pai trouxe-vos aqui e vocês estão na minha responsabilidade, eu quero conversar convosco e quero que vocês falem-me a verdade. Então arruma as crianças em filas e coloca os panos de acordo com as cores para as meninas escolherem. Se for uma menina dos seus 5 a 6 anos, que ainda não teve a menstruação, essas não conseguem escolher, aí ela explica. Mas se for uma menina que já teve menstruação, ela escolhe o pano vermelho. Então ela começa com alerta sobre o vermelho escolhido dizendo: esse vermelho que acaba de escolher é muito perigoso. Este vermelho mata, é uma coisa que nem sua tem, pois é perigoso, só para amedrontar a menina. Sempre que você ver essa cor vermelha sair na calcinha, deves esconder, não pode dizer a ninguém. Tem que correr a casa de banho, lavar-se e lavar o pano. Sempre deve esconder ninguém pode ver, nem os pais.
> Explico a menina que se ela vir esse vermelho a sair nas calcinhas deve evitar ter contactos com um homem, e é perigoso isso, não se faz enquanto estás nessas condições. Se ela for a fazer relações sexuais com um homem, ela sofre, e o homem também vai sofrer. O corpo do homem vai ficar cheio de escamas

> amanhã, pode encher a barriga, ele terá muitos problemas de saúde. O principal objetivo deste ritual é mostrar a menina como ela deve se comportar diante de um homem e das pessoas quando estiver menstruada. E quando ela está menstruada não pode colocar sal na comida quando estiver a cozinhar, nas cerimônias não pode cozinhar, há pessoas sensíveis que já vacinaram que passam mal comendo comida feita por uma mulher menstruada. (MADRINHA MACUA, 90 anos).
>
> Nós também falamos para elas que logo que apanhar menstruação não deve entrar na casa de banho dos seus pais, não pode tomar banho na mesma casa de banho, senão o seu pai pode pisar no sangue e as pernas dele vão doer. Elas tomam banho fora da casa de banho.
> Durante este período as meninas são mostradas ao sexo masculino, e lhes são ensinadas como limpar o seu marido após relações sexuais, aprendem como fazer o sexo muito antes de apanhar a menstruação. As madrinhas ensinam como abrir o seu orifício sozinho, para quando começarem a vida sexual não terem dificuldades [...]. Ensinamos como respeitar os pais e as pessoas adultas, o seu respectivo marido etc. Por exemplo, eu nunca posso insultar ou responder mal o meu marido.
> Quando o meu marido chega a casa, ele tem que encontrar água quente para tomar banho, a mulher tem que acordar cedo para preparar o mata-bicho e organizar a roupa limpa e bem passada para o marido ir trabalhar. Você tirar palavras insultuosas para o seu marido, quando estiverem com pessoas em casa, a mulher deve evitar responder de má vontade ao seu marido. Mesmo que tenham algum problema, na frente das pessoas, a mulher deve fingir que está tudo bem, logo que as pessoas se retirarem, podem continuar com as discussões. (MADRINHA YAO, 40 anos).

Entendemos aqui com as falas das "Madrinhas" que o papel dos Ritos de Iniciação para as mulheres Yaos e Macua é o de adquirirem ensinamentos e habilidades a nível das relações pessoais e interpessoais. Considerando como a menstruação afeta o cotidiano, as garotas são ensinadas a se comportarem no período menstrual, cuidar da sua higiene pessoal. A menstruação é entendida como um momento de recolhimento, de evitar exposições, porque é entendida como perigosa e passível de infecções e afecções diversas. Nesse sentido, as meninas são informadas de que não devem ter contactos com os homens neste período, pois a menstruação é considerada como algo que pode provocar alguma doença e por isso só a mulher deve ver e ter contatos com ela. Ademais, as meninas são ensinadas a respeitar as pessoas mais velhas, principalmente os pais. Esses aspectos fazem parte do cotidiano das mulheres do Norte e por mais emancipadas que sejam, continuam respeitando esses aspectos culturais.

Nesse sentido, é possível dizer que há um exercício de constrangimento contínuo no processo de reiteração de práticas para que determinados sujeitos sejam assujeitados para serem aceitos. Conforme indica Geertz em seu livro *A interpretação das Culturas*:

> [...] consiste, em práticas realizadas na comunidade em que todos devem saber, acreditar e agir para que sejam aceites dentro da comunidade e façam parte do grupo. Quem foge desta regra passa a ser não membro do grupo. Portanto a mulher por mais que alcance a sua emancipação, não deve de forma alguma se esquecer das suas obrigações costumeiras. (GUEERTZ, 1989, p.15).

As mulheres das comunidades Macua e Yao são compelidas a entenderem normas e repeti-las até que o estranhamento seja dissipado. Essa forma de estar e ser das mulheres nesta comunidade faz com que elas sejam aceitas e respeitadas como baluarte de um repertório cultural definido como sendo radical, perene e necessário. Suspende-se a crítica histórico-temporal e transforma-se um rito recente em imemorial. Nota-se que por mais que elas consigam alcançar a sua independência financeira continuam preservando a sua família e o seu lar. Esses rituais trazem consequências negativas e positivas, pois, de um lado, há a violência da submissão, de outro, quando esses ensinamentos são respeitados e cumpridos por elas e pela comunidade, o respeito pela cultura local fica evidenciado, como apontam as "Madrinhas" abaixo:

> Eu é quem escolhe o que ensinar. A missão dos pais é só trazer as crianças e os pais confiam em mim. Tudo que eu transmito as filhas deles cumprem, e os pais nunca reclamaram de algum comportamento negativo da filha após o regresso do ritual. Uma das coisas que as meninas fazem quando saem daqui é evitar pedir moedas aos homens na rua e não manter contacto com os homens, principalmente desconhecidos na rua. Todas as meninas que passaram nas minhas mãos estão casadas, sinónimo que são bem comportadas. (MADRINHA MACUA, 90 anos)

> Elas cumprem sim, respeitam os seus maridos. As que não cumprem é devido ao comportamento da mãe, elas mandam as filhas para irem se prostituir por adquirir dinheiro. Mas outras mães dizem às filhas para se casar, há outras que querem só dinheiro. [...] Sim, pois elas não se tornam putas… da má vida. Elas casam-se e ficam nos seus lares. (MADRINHA YAO, 40 anos).

Contudo, qualquer conduta que foge desses ensinamentos tem uma conotação negativa e é associada ao fato da menina não ter assimilado como devia os ensinamentos ou até ao fato de não ter passado pelos rituais. Um fato interessante é lançar a culpa do mau comportamento às mães da menina e não ao pai. A assertiva da "Madrinha" Yao traz à tona a discussão sobre o lugar da menina ao lado da mãe. Nota-se que as "Madrinhas" se isentam de qualquer autocrítica e sequer citam os homens como co-responsáveis pelo sucesso da perpetuação dos Ritos. São poupadas de críticas, assim como os pais. As "Madrinhas" confirmam a posição de respeito nas comunidades, ao passo que as meninas e suas mães têm suas idoneidades e capacidades morais

e cognitivas postas à prova. Ademais, as “Madrinhas” assumem a posição de guardiãs da tradição, da moral e dos bons costumes. As figuras que podem proteger a comunidade de práticas e comportamentos inadequados. Por comportamentos inadequados, um dos mais temíveis é o da suposta prática da prostituição. Mas, prostituição aqui não implica necessariamente vender sexo, mas qualquer iniciativa de emancipação feminina que questione as regras dos casamentos arranjados e pagos por dotes.

Paradoxalmente, os Ritos têm suas origens vinculadas à luta contra o domínio colonial, ainda que lance mão de práticas patriarcais próprias do colonialismo. O discurso defendido é ambíguo: a não observação dos Ritos é apontada como importação de práticas ocidentais e extemporâneas do repertório cultural africano. Os Ritos foram defendidos como prática de resistência ao regime colonizatório, escamoteando o preço que as mulheres devem pagar para que a ideia de africanidades seja preservada.

5.3 As fases dos Ritos de Iniciação segundo Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM)

Foi muito interessante ouvir a responsável da Organização das Mulheres dizer que, para além de ter conhecimento teórico da prática dos Ritos de Iniciação, ela também é fruto desta prática:

> Tenho informação sobre os ritos nesta província. Como mulher também passei por essa etapa que naquela altura foram três fases das quais: a primeira fase consistiu em ensinamentos para cuidar da higiene pessoal no período da menstruação; na segunda fase, recebi conselhos do tipo: não poderia me envolver com homens, pois eu corria risco de engravidar, respeitar os mais velhos etc.; na terceira fase eu já era adulta e fui ensinada como cuidar do meu lar e do meu marido, e como agradá-lo sexualmente. (DIRIGENTE DA OMM).

Esta lança uma crítica sobre a junção desses três momentos em uma só etapa. Nota-se um grande engajamento da OMM na sensibilização das mães e pais encarregados de educação, para que optem em usar essas três fases e não somente uma fase agregando todos os ensinamentos. Abre-se aqui espaço para uma possibilidade de negociação em relação aos conteúdos transmitidos entre as organizações, governo e as “Madrinhas” para que haja mudanças significativas na forma como os Ritos se apresentam atualmente, e

consequentemente na cultura de aprendizagem do estar e ser mulher na sociedade moçambicana.

> As crendices e os ritos religiosos travam uma batalha diária contra a concepção científica do mundo nas regiões onde a vida econômica já se transforma. Perdem pouco a pouco seu espaço. Mas dominam onde a economia permanece inalterada, ao nível da subsistência e com uma organização familiar. (AZEVEDO, 1980, p.96).

Entendemos então que para o povo moçambicano as questões culturais fazem parte do seu cotidiano, e de forma alguma queremos propor a abertura de mão disso, temos que consciência que os Ritos de Iniciação não somente servem para determinar as hierarquias e as diferenças significativas entre os homens e as mulheres, como também têm um papel importante na educação da comunidade, e isso é passado de geração em geração como uma forma de herança cultural. Freire (1998) ressalta o poder da herança cultural e aponta que ela precisa ser superada, porém essa superação não pode ser mecânica, deve ser paulatina e cuidadosa e cautelosa, daí a necessidade de se discutir abertamente sobre elas.

5.4 Os Ritos de Iniciação e o casamento

A OMM aponta que os Ritos de Iniciação não são a garantia de que essa menina será casada, muito pelo contrário, nas palavras da entrevistada muitas dessas mulheres são "azaradas" como aponta a fala que se segue:

> Eu penso que não, pois a maior parte dessas mulheres que passam dos ritos são azaradas, não conseguem ter marido. Em outras províncias onde não se faz os ritos, tem tido mais casamentos até. Na minha opinião os Ritos de Iniciação não são garantia para o casamento. Nós, do Norte, acabamos por nos separar dos nossos maridos, por causa do orgulho, tipo: sabemos cuidar do marido e muitas vezes ficamos sem inovar. Já aquelas que não passaram ficam sempre preocupadas em agradar o marido Não... e estão sempre a inovar. E acabamos tendo mais opções em homens, pois existem vários homens atrás de nós. (DIRIGENTE DA OMM).

A Organização das Mulheres em Moçambique foi criada para salvaguardar os direitos das mulheres e é resultado da participação na luta de resistência anticolonial (CASIMIRO, 2014, p.123). No entanto, é uma instituição que foi cooptada pelo interesse da FRELIMO, um partido majoritariamente masculino. Salienta-se aqui que a OMM tem sido complacente com os Ritos de Iniciação sem interpelar os objetivos para quais foram definidos ou suas consequências sobre o exercício da autonomia feminina. Desse modo, a OMM concorda que os

Ritos cumpram a função de preparar a mulher para o casamento e mantê-la no seu lar. Assim, entendemos que a OMM se esquiva de debater as incongruências entre os objetivos estabelecidos pelos Ritos e as metas alcançadas. Passar pelos Ritos não oferece nenhuma garantia de sucesso na vida dessas meninas.

A partir das questões trazidas acima a Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM) apresenta algumas propostas para que haja mudanças nos moldes em que os Ritos se apresentam sensibilizando a população de forma a pouparem as meninas, menores em alguns ensinamentos principalmente o de prepará-las para o casamento como aponta a fala seguinte:

> Para nós é um pouco complicado dizer que vamos retirar os Ritos de Iniciação, pois eles são muito importantes para educação da mulher. Porém, os pais precisam aderir que se façam as três fases desse ritual; na fase adulta a menina pode aprender esses detalhes para servir o marido. (DIRIGENTE DA OMM).

Para a OMM, os Ritos de Iniciação é algo a ser preservado, pois segundo esta instituição eles educam a mulher. Entretanto, propõem que se mudem a forma como os Ritos se apresentam atualmente, isto é, pontuam que todas as fases não se realizem ao mesmo tempo enquanto menores de idade, após os 18 anos considerando a fase adulta da mulher. Com isso, mostra-se que há uma grande preocupação da Organização das Mulheres com as consequências dos ritos, embora reconheçam a sua importância na cultura moçambicana. Elas propõem mudanças na forma como são realizados esses Ritos, com isso, percebemos que esta seja uma forma de revolução no combate ao colonialismo a partir da OMM: "A cultura é colocada como uma questão central de revolução [...] A revolução cultural moçambicana começou quando foi disparado o primeiro tiro na guerra de libertação" (AZEVEDO, 1990, p.62). Com este primeiro tiro, veio a independência de Moçambique e foi também a partir disso que essas práticas culturais - Ritos de Iniciação, as danças, as músicas, dentre outras - começaram a sobressair, o que pode ser também uma forma do povo moçambicano expressar a sua liberdade.

A OMM acredita que falar desta temática é fundamental para minimizar o efeito dos Ritos de Iniciação na educação. Apesar OMM ser organização feminina que defende a emancipação da mulher, ela está vinculada ao Partido FRELIMO[21], hoje a sua atuação tem mais

[21] Frente de libertação de Moçambique.

a ver com história do que com a sua capacidade de realizar e desafiar, de uma forma geral segue as orientações do partido no poder FRELIMO (CASIMIRO, 2004, p.15).

Assim, trazemos aqui a tese de maior responsabilização das entidades eleitas para a defesa das mulheres que observem e zelem pelos direitos das mesmas de modo crítico e propositivo e que não se rendam aos reclames e interesses do partido ou da tradição patriarcal que cercea a mulher nortista do pleno acesso à autonomia. Sendo assim, faz-se urgente pensar numa outra perspectiva onde haja espaço para mulher iniciada tenha repertórios para buscar formas de emancipação, sobretudo no mercado de trabalho. "A felicidade pessoal da mulher não pode ser entendida exclusivamente via o casamento e a maternidade. A autonomia financeira e profissional devem ser fomentadas para garantir a estabilidade ou prosperidade afetiva e econômica da mulher". (SAFFIOTI, 2013, p. 63).

5.5 Identificação dos principais fatores que influenciam o processo de escolarização das mulheres, fortemente marcado pela exclusão da escola, e sua relação com os Ritos de Iniciação.

Fatores que influenciam na exclusão escolar[22] das mulheres

O **Plano de Ação para Redução da Desistência** (2015, p.14) revelam que existem vários fatores que influenciam na exclusão de alunas e alunos na escola e principalmente nos primeiros anos de escolaridade, a destacar:

- **Uso de mão de obra infantil na atividade agrícola -** na época de limpeza e sacha das *machambas*[23], , alguns pais e encarregados de educação levam os seus educandos para reforçar a mão de obra nos campos de produção agrícola. Aliás, a realidade mostra que

[22] Optamos neste trabalho pelo termo exclusão (FERRARI, 1985), porque este termo expressa o processo de produção de saída precoce de crianças e adolescentes do ensino regular. Ferrari refere-se a duas modalidades de exclusão: exclusão *da* e *na* escola. O conceito de exclusão da escola refere-se à impossibilidade de acesso, identificadas pela alta taxa de analfabetismo ainda presente em várias regiões. Exclusão na escola refere-se ao conjunto de factores que precarizam as atividades educacionais fazendo com que, significativo número de crianças não se beneficie da escola.

[23] Roça.

algumas crianças tornam-se trabalhadores durante a lavoura, sementeira, sacha e até a colheita da produção.

- **Prática de Ritos de Iniciação na época escolar –** faz com que os pais muitas vezes retirem os seus filhos das escolas para serem submetidos aos Ritos num período mínimo de um mês.
- **Casamentos prematuros –** os casamentos prematuros na maior parte verificam-se entre estudantes e comerciantes; estes são os que mais se casam com estas meninas, visto que têm maior posse financeira, e como os o pais das meninas são em muitos casos desprovidos de recursos acabam aceitando que as suas filhas casem com os comerciantes para ajudar a suprir suas necessidades básicas.
- **Absentismo dos professores –** Em muitas comunidades, os professores têm se feito ausentes nas salas de aulas, e os alunos quando se dirigem a escolas não encontrando os professores repetidas vezes acabam desistindo.
- **Nomadismo –** Muitos pais e encarregados de educação abandonam a aldeia por esta inserida a escola à procura de terras férteis para prática de agricultura ou por conflito entre líderes comunitários e levam consigo os seus educandos.
- **Fome –** Como essas crianças são de famílias pobres, elas acabam abandonando as aulas ficam durante o dia todo sem comer e sem lanche por falta de condições.

Estamos perante seis causas possíveis sobre os motivos da exclusão das crianças na escola: uso de mão-de-obra infantil, prática de Ritos de Iniciação na época escolar, casamentos prematuros, absentismo dos professores, nomadismo e fome. Essa junção de fatores permite dar uma visão geral sobre a valorização da escola nas comunidades, uma vez que nem sempre a ausência nesse espaço é sinônimo de desvalorização, pois se uma criança não ajudar nas atividades agrícolas, por exemplo, não terá o que comer. Portanto, é preciso que as autoridades governamentais intensifiquem várias ações no combate a esses aspectos que fazem com que as crianças não permaneçam na escola. Temos também que evidenciar e reconhecer que há uma grande preocupação por parte do governo para minimizar essa situação.

Apesar de esse documento apresentar outros fatores que influenciam para exclusão escolar, há um indicativo de que os Ritos de Iniciação é um deles, porém não único e os casamentos prematuros são consequências da prática dos Ritos de Iniciação. A condição

financeira dos pais faz com que estes incentivem as suas filhas a optarem pelos casamentos em busca de um sustento. Podemos considerar aqui que as mulheres são colocadas numa situação até de se casarem com homens mais velhos, pois estes são detentores muitas vezes de cabeças gados e são grandes produtores.

> Este processo é resultante de uma sociedade patriarcal que institui hierarquicamente o que é trabalho de/atividade de homens e de mulheres. Por isso, a divisão sexual do trabalho e todas habilidades, qualidades e características a ela associadas como naturalmente pertencentes aos sexos, deve ser analisada como construção histórica com a nítida reprodução da desigualdade de gênero associada a interesses dominantes. (CISNE, 2015, p.57).

Segundo o informe da Educação sobre os casamentos prematuros na província de Niassa (2017, p.16), conseguimos perceber que a partir do aproveitamento global existe um elevado número de exclusão dos alunos a alunas e de reprovação. As mulheres lideram o nível de exclusão em relação aos homens em 2016, numa taxa de avaliação trimestral que engloga EP1 e EPS, há desistência de 5,3% para as mulheres e 4,8% para os homens. Com destaque aos distritos de Chimbonila, Sanga e Metarica. Esta questão dos casamentos prematuros tem consequências diversas na família, na escola na sociedade em geral e na saúde:

- **Na escola**: os casamentos prematuros fazem com que o índice de exclusão seja elevado por um lado e, por outro, abaixa o aproveitamento pedagógico.
- **Na família**: tornam as mulheres vulneráveis ao abuso sexual e muito dependentes dos maridos, tornando-se escravas do homem por estar totalmente desprovidas de meios financeiros.
- **Na sociedade:** reduz a participação da mulher na sociedade, prejudicando-a no seu desenvolvimento futuro à comunidade e ao Estado.
- **Na saúde:** há casos de má nutrição que retardam o desenvolvimento dessas meninas, correndo risco de ficarem com fístulas obstétricas durante a vida, trazendo o mal estar na sociedade. Há também uma grande probabilidade de ser infectada com HIV/SIDA, pois a negociação no uso de preservativo torna-se difícil, pois na maioria dos casos são homens mais velhos que talvez até já estejam infectados.

Os dados de 2016, ilustrados na tabela sobre os casamentos prematuros, mostram que Lichinga, a capital de Niassa, tem um índice mais elevado de casamentos prematuros em relação aos outros distritos desta província.

O índice de analfabetismo em Moçambique tem taxas elevadas, embora nas últimas décadas, principalmente a partir da independência tardia em 1975, haja uma ampliação do acesso à escolarização, com ênfase nas primeiras classes, o que revela um grande empenho por parte do governo na escolarização das crianças.

E quanto a situação de desistência escolar, os dados trazidos pela Documentação do Sistema de Informação Estatística da Educação, mostram que Nampula, apesar de ser umas das cidades mais populosas de Moçambique, tem uma taxa de escolarização muito baixa em relação às outras províncias, porque tem baixa oferta escolar para crianças a partir dos seis anos de idade. Já a província de Niassa está entre as cidades que suplantaram as metas de 73% de escolarização em ambos os sexos e de 72% para as mulheres.

Segundo as informações colhidas, os Ritos de Iniciação acontecem no período letivo tanto para as meninas como os rapazes, porém os índices de exclusão são mais elevados para as meninas:

> Como resultado disso podem imaginar, umas primeiras consequências é a desistência das raparigas que são muito envolvidas nos Ritos de Iniciação. Porque dão prioridade aos ritos do que à própria escola. Esta situação é recorrente em todos os na maior parte dos distritos de Nampula e Niassa. Importa realçar que este fenômeno não acontece somente com as raparigas, mas também os rapazes são envolvidos nos Ritos de Iniciação. Por isso o índice de desistências escolar na nossa província é muito alto, pelo menos até 2015 a média de desistência na escola era de 17%, portanto é um número muito alto. (Entrevista com DPEDH).

Um dado a destacar é que a prática desses Rituais de ambos os sexos são de conhecimento do Governo Central e Provincial, daí que a grande preocupação deste setor é principalmente com o abandono das meninas na escola. Diante disso *o informe sobre planejamento familiar* mostra que têm sido desenvolvidas várias ações de mitigação e sensibilização, tais como:

- Sensibilização da população com vista a salvaguardar os direitos da criança em idade escolar para o ingresso às escolas.

- Realização de palestras junto às comunidades de modo a não prática de mão de-obra infantil.
- Capacitação de membros dos conselhos de escola em matéria de gestão escolar, direitos da criança, protecção e participação das crianças.
- Intensificação das ações de sensibilização juntos aos líderes comunitários, pais e encarregados de educação e a população em geral para que as práticas culturais dos Ritos de Iniciação sejam realizadas fora da calendário letivo.
- Trabalhar em coordenação com os parceiros de cooperação do setor, incluindo as rádios comunitárias de modo a desencorajar a prática dos Ritos de Iniciação no tempo letivo.
- Inclusão de iniciativas de tolerância zero em relação à violência contra as crianças.
- Realização de encontros com os professores, alunos, conselhos de escola, líderes comunitários e religiosos abordando questões relativas à saúde sexual e reprodutiva, gravidezes precoces.
- Reforçar os espaços de denúncia nas escolas e comunidades em casos relacionados com casamentos prematuros, gravidezes precoces e assédio sexual.
- Atribuição de bolsas de estudos e outros incentivos para matrícula e retenção das crianças do sexo feminino provenientes de famílias mais vulneráveis.
- Potenciar a gestão escolar por meio de capacitações.
- Tomar medidas aos gestores infratores de ações não recomendadas através dos EGFAE (Estatuto Geral dos Funcionários e Agentes do Estado).
- Fazer o levantamento extraordinário, prestando maior atenção aos distritos com maior índice de exclusão.
- Realizar palestras junto às comunidades de modo a sensibilizar a população a não abandonar as aldeias, onde estão instaladas as instituições de ensino.
- Sensibilizar a comunidade para construção de residências condignas, de modo a evitar as transferências constantes. (2017, p.16).

Portanto, esses aspectos pelos documentos oficiais revelam grande preocupação e envolvimento do governo na mitigação dos efeitos negativos que os Ritos de Iniciação têm na vida da menina, procurando sempre de forma cautelosa soluções para o tal, respeitando esses valores culturais, uma vez que é nos ritos que se define o lugar social da mulher e do homem. A identidade social da mulher, assim como do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A

sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher e da mesma forma escolhe os terrenos em que pode atuar o homem (SAFFIOTI, 1987, p.8).

5.6 Reflexão sobre as relações de Gênero na sociedade moçambicana e sua influência na manutenção dos Ritos de Iniciação dos grupos étnico-linguísticos Macua e Yao

Foram entrevistadas nove mulheres nesse processo, a partir de um questionário estruturado. Cada uma dessas mulheres foi trazendo como foi a sua vida nos Ritos de Iniciação. Foram importantes os relatos dessas mulheres e o quanto esta prática está presente na vida delas. Nos relatos delas podemos perceber também o quanto é fundamental a manutenção do ritual como forma de preservar a cultura.

5.6.1 Dos Ritos de Iniciação: relatos de mulheres e repercussões em suas vidas

A primeira menstruação e os ritos

Neste item estaremos analisando como se dá a participação das adolescentes nos Ritos de Iniciação bem como a repercussão desses ritos nas suas vidas. Para tanto traremos depoimentos das estudantes universitárias que participaram dos Ritos**.**

No que tange à participação nos ritos, a primeira menstruação é condição básica para que as meninas sejam submetidas aos Ritos de Iniciação, pois é nessa fase que são consideradas adultas e consequentemente em condições de serem futuras esposas e mães. As entrevistadas são unânimes ao afirmar que a primeira menstruação é a condição básica para a submissão aos ritos:

> Depois que apanha primeira menstruação, A mulher, depois de dar a luz, deveria passar novamente pelo Rito de Iniciação junto ao marido para poder receber alguma educação a respeito de como cuidar da criança. (ENTREVISTADA 1).
>
> Atualmente, as mulheres são submetidas aos ritos apenas após a primeira menstruação. (ENTREVISTADA 5).
>
> Depois da primeira menstruação. (ENTREVISTADA 6).
>
> Após a primeira menstruação. (ENTREVISTADA 7).
>
> Após a primeira menstruação e antes do casamento. (ENTREVISTADA 8).

Salienta-se que a menstruação nas culturas dos povos Macua e Yao, especificamente, é vista como tabu[24]. Esta crença prevalece até os dias hoje, de modo que não é comum entre mulheres uma ver a menstruação uma da outra: "Durante os dias da primeira menstruação em algumas regiões de Moçambique, a rapariga[25]esconde-se e nenhum homem pode vê-la sob pena de ficar cego." (CIPIRI, 1992, p. 28). Há quem até os dias de hoje evita inclusive salgar a comida enquanto estiver menstruada. Podemos perceber então que esses segredos e mistérios em relação à menstruação são mais uma prática que faz com que estas mulheres não revelem o que é aprendido nos Ritos. Assim consideramos o quanto essas mulheres são silenciadas e aprisionadas na sua cultura.

As experiências das mulheres universitárias que passaram pelos Ritos

Podemos entender aqui, nesta entrevista, que sempre quem decide que a menina vai participar dos ritos é a família e nunca a própria menina. No caso da nossa entrevistada, ela cita que foram os encarregados de educação. É algo muito interessante é que ela passou pelo ritual já adulta, no segundo ano da universidade diferentemente das outras entrevistadas nossas, vejamos os relatos abaixo:

> Frequentava a 2a classe. [3º ano na educação básica brasileira]. (ENTREVISTADA 1).
>
> Foram meus encarregados de educação que decidiram a minha participação nos Ritos de Iniciação [2º ano da universidade pedagógica]. (ENTREVISTADA 2).
>
> Estava na 6a classe [7º ano na educação básica brasileira]. (Universitárias). (ENTREVISTADA 3).

Essas três falas demonstram a diferença de idade com que cada uma delas foi ao ritual, embora todas elas estivessem no processo escolar. Segundo as entrevistadas, nos Ritos de Iniciação transmitem-se ensinamentos importantes da vida e para a convivência dentro da

[24] O tabu é algo que tem uma significação multifacetada, reportando, de um lado, para o "sagrado" e, do outro, para o "misterioso", o "perigoso" e o "proibido". Em comum, entretanto, há o fato de todos esses elementos não devem ser tocados ou abordados, de forma que denotam algo que deve permanecer à distância daqueles que não compartilham dele (Araújo &Andrade, 2012).

[25] Refere-se à menina donzela.

comunidade e da sociedade em geral. Apontam ainda que melhor estão preparadas para enfrentar os desafios. A decisão da participação nos Ritos de Iniciação é dos responsáveis das crianças, e o respeito pelas pessoas mais velhas é algo destacado.

Mas temos que salientar como algo positivo o fato da entrevistada 2 passar pelos Ritos de Iniciação já adulta, visto que, a menina já tem consciência do que vai aprender e tem a capacidade decidir quando implementar o que que foi aprendido. Fica evidente que os Ritos de Iniciação estão presentes na vida das mulheres do Norte, independentemente da idade. Segundo essas mulheres ao saírem dos Ritos de Iniciação se veem mais seguras e preparadas para enfrentar diversos desafios da vida e nunca devem divulgar tudo que aprenderam no confinamento. Daí que, a voz e os conselhos dos mais velhos é algo que se perpetua de geração em geração. Para Chiziane (2012), os Ritos de Iniciação são uma instituição mais importante que todas outras instituições formais e informais juntas, cujos segredos não se divulgam nunca, segredos de amor e de vida e devem ser preservados.

> Nos Ritos de Iniciação explicam-nos que os antepassados são os nossos ancestrais por meio dos quais recebemos a vida e nos deixaram heranças da nossa tradição cultural. Eles deram-nos um modelo de conduta moral para seguir. Eles já morreram, adiantaram-se para junto do criador e agora estão em forma de espíritos que intercedem junto do criador da vida. Por isso devemos continuamente venerá-los. (AMIDE, 2008, p.80).

Este autor corrobora com a crença de que os Ritos de Iniciação, para além de uma prática simplesmente cultural, é uma forma de conexão com os ancestrais e é essa ancestralidade que justifica a permanência e a preservação dos Ritos de Iniciação e outras práticas culturais dentro da comunidade. Vale ressaltar que essa veneração aos ancestrais é compartilhada por todos os membros da comunidade, líderes comunitários, as “Madrinhas”, os pais e encarregados/responsáveis da educação e as crianças.

Aspectos positivos e negativos dos Ritos de Iniciação, segundo as mulheres que por eles passaram

Fica claro a partir das falas que os Ritos de Iniciação trazem aspectos negativos e positivos, e que a sua missão é de preparar a mulher para atender a família e o seu respectivo marido, muito antes de casar, como apresentamos nas falas a seguir:

Aspectos negativos:

> Antigamente não interferiam nos aspectos educacionais, hoje a prática dos ritos influenciam na evasão escolar e no alfabetismo da mulher, porque essa atividade é efectuada no período escolar. (ENTREVISTADA 1).

> Sim, porque lá não existe nenhum conselho que diz 'não pode estudar, tudo é válido para o homem'. (ENTREVISTADA 2).

> Sim, Ritos de Iniciação provocam desistência escolar e influenciam no índice de analfabetismo, porque algumas iniciantes, por curiosidade, querem colocar em prática o que aprenderam, consequentemente elas engravidam e desistem da escola. (ENTREVISTADA 6).

Aspectos positivos:

> O**s** ensinam a ter respeito com o próximo, cuidar da família, a valorizar a cultura. Aspectos negativos: ensinar como cuidar do marido antes da rapariga se casar. (ENTREVISTADA 3).

> Nos Ritos de Iniciação ensina-se que o espelho do sexo é a vagina e o lugar do sexo do homem é na vagina, logo os ritos podem provocar desistência escolar, porque estimula a mulher a implementar aquilo que aprendeu, o que resulta na gravidez precoce. (ENTREVISTADA 7).

O lugar da mulher em Moçambique já começa a se definir desde cedo, pela responsabilidade de cuidar do homem e pela definição do que é o trabalho da mulher e o que é do homem. Sendo que para a mulher se reserva os trabalhos mais "leves" e para os homens os mais pesados. Este cenário *a priori* coloca a mulher numa situação inferior ao homem: "Esta divisão segmenta os trabalhos de homens e mulheres e hierarquiza tais trabalhos de forma a subalternizar os considerados naturalmente femininos em relação aos considerados naturalmente masculinos." (CISNE, 2015, p.117). Esta divisão de trabalho e a colocação da mulher como frágil é fruto de uma história que vai além das questões biológicas, mas não deve ser naturalizado negativamente como tem sido em tempos atuais.

Da mulher universitária ora iniciada, espera-se que ela tenha consciência do seu lugar como mulher na sociedade moçambicana e esse lugar é sempre lembrado pela família e pela própria sociedade para que nunca se esqueça do seu papel que o de servir e ser dócil com o seu marido, como apontam as falas que se seguem:

> Na sociedade, a mulher não deve ser arrogante por ser alguém que passou da universidade. [...] Essa mulher não pode fugir dos hábitos e costumes da sociedade, ela deve saber consolidar e procurar estruturar os ensinos e a cultura. Diz-se que a maior parte das mulheres que passam por essas situações

> são mulheres que não passaram pelos Ritos de Iniciação. A sociedade critica a forma da mulher falar, se vestir e de se comportar. (ENTREVISTADA 5).
>
> A sociedade sente receio e incómodo da mulher universitária e da maneira como elas se vestem. Exemplo: em 2014, em uma viagem à Machamba, estava uma senhora que usava apenas saia e calcinha enquanto subia no carro, o motorista viu as partes íntimas da mulher que era estudante. E foi severamente criticada durante a viagem toda. (ENTREVISTADA 6).
>
> Quando a mulher vai dormir, ela deve usar apenas calcinha ou ficar nua para que possa satisfazer a necessidade do marido. Quando um homem zangar, a mulher tem que ser a primeira a procurá-lo trazer de volta, usando a sedução e o sexo. [...] Quando uma mulher tem salário, não vê a vantagem de ter um marido, porque dizem que o homem é a cabeça da família e a esposa está para servir ele, isso tira a responsabilidade do homem na família, porque a mulher consegue fazer tudo com o seu próprio dinheiro e não vê a vantagem de ter marido. (ENTREVISTADA 8).

A mulher, no entanto, deve ter cuidado com a forma de falar, de se vestir para que não sofram preconceitos da própria comunidade uma vez que são atribuídos nomes pejorativos, por exemplo. Com isso, quem define o tipo de mulher ideal chega a ser a própria comunidade. Ainda segundo Castiano:

> [...] olhando para o que constitui a forma 'Africana' de conceber o real cotidiano- de onde emergem os saberes locais-, torna-se embaraçosa a possibilidade de encaixar, neste quadro de ciência positivista, aqueles saberes no contexto institucional, sem correr o risco de serem considerados como sendo especulativos, folclóricos, exóticos, etc. (CASTIANO, 2003, p.40).

Sendo assim, estamos diante de um conflito de valores, em que está a questão cultural de um lado, em que a mulher deve ter o cuidado de não perder os valores aprendidos da cultura, e do outro a universidade, pois é aí que ela adquiri outro tipo de conhecimento centrado nas concepções científicas, com base no pensamento científico e este não pode se tornar superior ou igual aos conhecimentos transmitidos pela cultura.

A mulher iniciada e a Universidade

O sistema educacional em Moçambique é constituído por cinco níveis, dentre os quais: ensino pré-escolar, ensino primário, ensino secundário, ensino pré-universitário e ensino universitário. Desde 1975, após a independência de Moçambique, o ensino primário passou a ser gratuito por forma a permitir que todos tenham acesso. Foi nessa época que começou o

processo de expansão das escolas, e o governo abriu espaços para abertura de escolas particulares para atender a demanda. O ensino primário público em Moçambique absorve a maior parte dos alunos.

O ensino superior em Moçambique é constituído basicamente pelas instituições privadas e públicas, sendo que a maior parte dos alunos frequenta o ensino público. A Universidade, no entanto, para essas mulheres é sem dúvida um momento em que as mulheres começam a ter a oportunidade de se repensar como mulheres na comunidade, que o seu papel não se reduz ao de cuidar do marido.

Pelos depoimentos das mulheres iniciadas, que frequentam a universidade podemos perceber que para elas os Ritos de Iniciação as deixam fortalecidas no campo dos conhecimentos tradicionais dentro cultura, como apontam as falas a seguir:

> Me vejo mulher capaz de enfrentar vários desafios e preparar outras mulheres que não tiveram a mesma oportunidade. (ENTREVISTADA 1).
>
> A experiência é de ter modos de nos expressarmos dentro da sociedade, no meio dos mais velhos, as brincadeiras podem ser jogadas consoante as idades. [...] Sinto-me com melhores conhecimentos, sobretudo aquilo que achei do melhor. (ENTREVISTADA 2).
>
> Vejo-me uma mulher com meus princípios, valores morais e culturais completos. (ENTREVISTADA 3).

Esta forma de pensar das entrevistadas não desvaloriza os Ritos de Iniciação ou os concebe como algo negativo como um todo, mas a universidade também permite a mulher sair das regras impostas pela sociedade. Mas sim que a mulher tem outras possibilidades de acessar outros conhecimentos que também levam a emancipação, com o diferencial de que os conhecimentos universitários provocam algo transformador que as tira da dependência dos homens, criando caminhos para que, assim como os homens, as mulheres protagonizem as suas próprias vidas. Mas viver numa comunidade patriarcal, como é o caso das mulheres pesquisadas nesta tese, a "educação é sexista não educa homens e mulheres apenas de forma diferente, mas, também de forma desigual, levando muitas mulheres a crerem que possuem uma essência que as tornam naturalmente mais aptas para determinados trabalhos." (CISNE, 2015, p.118).

Estamos então perante a um cenário em que os Ritos de Iniciação não é algo que as enfraquece, muito pelo contrário, as fortalece, mas ainda assim não dá para ignorar o fato de

que é necessário que as próprias mulheres comecem a pensar que de fato é necessário que elas se sintam fortalecidas em outros contextos dentro da sociedade. E essa possibilidade pode ser ofertada concretamente a partir do saber escolarizado.

Moçambique é um país com três regiões[26] e 11 províncias, apresenta diferenças significativas entre seus grupos populacionais e suas mulheres também têm comportamentos diferenciados quanto à cultura. Por exemplo, as mulheres do Norte são identificadas pelos homens e mulheres de outras regiões do país como as que melhor estão preparadas para casar e para melhor "segurar" seus homens por terem passado pelos Ritos de Iniciação. Diante disso:

> As mulheres nesta região ostentam este ar de fraqueza, nas mordem como abelhas, Fazem o homem chorar de amor como uma criança, até esvaziar-se da alma, Têm a vida de uma homem na palma da mão, e este humilha-se, rende-se até perder o fôlego até se entregar de corpo e alma, e fazem dele um escravo. (CHIZIANE, 2012, p.45).

Essa mulher do Norte, como vemos, é confiante sobre esse lugar que a legitima. Assim, entende-se ser esse o único espaço de pertença que a sociedade não só autoriza como respeita. Elas se afirmam como as conhecedoras dos "segredos" dos homens e passam esse conhecimento para outras mulheres menos experientes tanto do Norte quanto das outras regiões do país.

As contradições da mulher universitária e iniciada

Quando a mulher entra na Universidade, segundo as nossas entrevistas, foge um pouco daquilo que foi aprendido nos Ritos de Iniciação o de cuidar do marido e permanecer casada como aponta a fala que se segue:

> Há um choque entre os ensinamentos da universidade e os dos ritos. Nem tudo o que aprendemos nos ritos pode ser aplicado na Universidade, pois pode ser inadequado no contexto académico, por exemplo: nos ritos, as mulheres aprendem que devem se ajoelhar perante os mais velhos, como uma forma de respeito e submissão. Entretanto, ela não pode se ajoelhar perante os docentes e seus colegas. É notório também que outras culturas tradicionais influenciam a mulher e a cultura moçambicana.
> São poucas mulheres que continuam com os maridos [quando estudam], outras ficam sem casar. (ENTREVISTADA 2).

[26] Norte, Centro e Sul.

> [As mulheres universitária] São vistas como pessoas que vão desenvolver a família e a comunidade, mas também tem um aspeto negativo que alguns que passaram pela universidade fazem, esquecem que passaram dos Ritos de Iniciação não reconhecerem por onde passaram. (ENTREVISTADA 3).

Podemos entender então que a universidade ao mesmo tempo em que emancipa a mulher é vista como algo tóxico para essas comunidades que passam a tratar essas mulheres com rechaço, pois elas sofrem pressões sociais e preconceitos por abandonarem os seus casamentos e até mesmo a enfrentar a violência doméstica por parte dos maridos. Nesse sentido, passam a viver em constantes conflitos psicossociais, pois provocam a tradição de seu povo. Emergi assim um novo campo de disputa, chocando seus novos ideais com a moral vigente da comunidade. Nos tempos atuais, a individualidade é tanto "vivida" quanto "conceptualizada" de forma diferente. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais (HALL, 2006, p.25). Essa liberdade não deve ser vista como a revolução, mas sim uma liberdade transformadora onde são respeitados as necessidades e os limites um dos outros.

5.6.2 O papel das políticas públicas oficiais de educação e a formação das mulheres na cultura tradicional.

Entrevistar essas instituições do Estado foi fundamental para ter um olhar mais amplo sobre a situação dos Ritos de Iniciação em Niassa e em Nampula, pois é a Educação que mais sofre com o abandono das crianças nas escolas, principalmente na época dos Ritos de Iniciação e na época da colheita. Nos serviços de saúde é onde chegam a maior parte dos casos de crianças vítimas de gravidez precoce. Estas instituições têm papel muito importante na sensibilização e conscientização da população sobre as consequências negativas dos casamentos prematuros e o abandono das crianças no período letivo.

A Direção Provincial de Educação e Desenvolvimento Humano (DPEDH) tem conhecimento da prática dos Ritos de Iniciação nessas comunidades e tem se mostrado bastante preocupada com suas consequências na vida escolar das alunas, pois segundo este profissional, os Ritos de Iniciação, apesar de serem importantes para as comunidades, de certa forma também desencorajam as meninas a continuar frequentando a escola, como mostra fala a seguir:

> De um modo geral a província de Nampula e Niassa é caracterizada pela prática de Ritos de Iniciação, sobretudo nesta parte do norte de Nampula e Niassa, estamos a falar dos distritos de Lichinga, Sanga, Mavago, Lago, Mandimba, Cuamba etc. Portanto é característico por isso, esta Direcção Provincial tem informações da predominância dos Ritos de Iniciação a nível dos nossos grupos alvos que são alunos, mas é preciso destacar que a maior incidência é nas raparigas, pois são muito envolvidas nos Ritos de Iniciação a nível da nossa província. Por causa disso, muitas das vezes as lideranças religiosas comunitárias realizam os ritos em períodos que coincidem com o calendário escolar (período letivo). Como resultado disso podem imaginar, umas primeiras consequências é a desistência das raparigas que são muito envolvidas nos Ritos de Iniciação. Porque dão prioridade aos ritos do que a própria escola. (DIRIGENTE DO DPEDH).

Há uma grande necessidade de se pensar a escola no currículo ou calendário diferenciado para estas regiões uma escola baseada nas necessidades dos alunos um modelo proposto pelas Escolas, como, por exemplo, as escolas Amorim Lima no Brasil[27] e Escola da Ponte em Portugal[28], um modelo de escola Democrática.

> A escola democrática não apenas deve estar permanentemente aberta à realidade contextual de seus alunos, para melhor compreendê-los, para melhor exercer sua atividade docente, mas também disposta a aprender de suas relações com o contexto concreto. Daí, a necessidade de, professando-se democrática, ser realmente humilde para poder reconhecer-se aprendendo muitas vezes com quem sequer se escolarizou. A Escola democrática de que precisamos não é aquela em que só o professor ensina, em que só o aluno aprende e o diretor mandante todo-poderoso. (FREIRE, 1998, p.100).

Para contexto moçambicano passaria necessariamente por incentivar os líderes tradicionais a participarem ativamente da vida escolar, como forma de agregar os saberes locais na escola e não excluí-los, uma vez que estes têm um poder influenciador nas comunidades: "Aqui se usam também diversas expressões 'integrar', 'articular' ou ainda considerar os saberes locais/endógenos nos sistemas formais e profissionais de ensino e de formação" (CASTIANO, 2013, p.9). Pois entendemos durante o período de trabalho de campo que os líderes tradicionais

---

[27] A Amorim Lima visa um compromisso coletivo em que seus agentes se engajem no processo de aprimoramento cultural e pessoal de todos, de forma integral, e na construção de uma intencionalidade educativa clara e compartilhada. Disponível em: https://escolastransformadoras.com.br/escola/emef-desembargador-amorim-lima/. Acesso em: 1 nov. 2019.

[28] O projeto educativo, a escola tem como pedagogia o "Fazer a Ponte", que visa a formação de pessoas autónomas, responsáveis, solidárias, mais cultas e democraticamente comprometidas na construção de um destino colectivo e de um projeto de sociedade que potencialize a afirmação das mais nobres e elevadas. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/experiencias/escola-da-ponte-radicaliza-ideia-de-autonomia-dos-estudantes/. Acesso em: 1 nov. 2019.

têm um poder muito grande nas comunidades e pensamos que estes poderiam ser o elo de ligação entre a comunidade e as políticas públicas/governo.

Segundo Souza (1991), este processo de construção de escola democrática, não é um processo simples, carece de muito diálogo e deve envolver a participação de outros agentes de educação. A autora evidencia a participação dos pais e dos mestres que tem uma função importantíssima na mediação entre bairro-pais-escola para melhoria dos conflitos com objetivo único de melhorar as condições da escola.

Em Moçambique tem um projeto nas escolas denominado LEC[29], que fazia este papel na mediação do diálogo e dos conflitos, porém carece de uma potencialização de forma a minimizar essas tensões entre as práticas culturais e escolarização.

Para mitigação dos efeitos que essas práticas trazem na vida dessas meninas este setor de educação tem feito um trabalho junto dos líderes tradicionais de sensibilização, vejamos a fala a seguir:

> As entidades que fazem parte deste trabalho é no nível das comunidades, temos as chamadas matronas, temos os líderes comunitários, os próprios professores e os pais ou os encarregados de educação, porque entendemos que estes entendem o papel da escola, estes farão tudo para manter o seu filho na escola.
>
> Na maioria dos casos não, muitas das vezes somos surpreendidos quando as crianças não aparecem nas salas de aula. Porque se houvesse essa informação, haveria coordenação entre a escola e os líderes responsáveis pelos ritos. Nós diríamos ok, vocês querem realizar este trabalho, tudo bem nós valorizamos e reconhecemos, mas gostaríamos que aguardassem para o período das férias, que é para permitir que os alunos participem das atividades escolares até ao fim do período e sem interrupção. Portanto, muitas das vezes não temos informação e somos confrontados com o desaparecimento das crianças nas salas de aulas. E como imagina nós temos aquele sistema de controle das presenças, portanto com certo número de faltas a criança perde o ano. (DIRIGENTE DO DPEDH).

Pensamos nós ser este um ponto positivo desse setor quando envolve estes agentes de educação nesta missão de sensibilização, pois permitirá à escola ter o controle da situação e saber se a criança está ainda na escola ou desistiu, a partir dessas figuras que de alguma forma tem poder sobre as famílias. Pode-se até pensar numa possibilidade de negociação para passar

[29] Ligação escola – comunidade.

a cerimônia dos Ritos para o período das férias tal como acontece com os rapazes. A equidade de gênero, no entanto, é um desafio a ser enfrentado pelas políticas públicas moçambicanas, pois "O ideal seria que ambos fossem desenvolvidos, pois isto resultaria em seres humanos bem equilibrados" (SAFFIOTI, 2015, p.39).

Ainda assim podemos notar que a escola tem consciência que essas práticas acontecem no período escolar e que ocasiona excesso de faltas dos alunos e naturalmente a desistência, daí a opção por manter a criança, ainda que faltosa, na escola, como aponta a fala a seguir:

> O que nós queremos é ganhar a criança e continuarmos a dar o ensinamento, e se ela tiver conhecimento e competências suficientes para transitar de classe, passa. Caso contrário fica na mesma classe. Tem havido um trabalho gigantesco para recuperar estas crianças, mas como pode imaginar algumas delas para concluir estes ritos, são ditas como adultas, e já a escola para elas não é importante. (DIRIGENTE DO DPEDH).

Há um grande interesse de querer ganhar a criança e mantê-la na escola. Por isso, mesmo que a criança com excesso de faltas, o que acarretaria reprovação, deveria ser recebida de forma sensível pelos professores, e se demonstrarem as competências suficientes, alçada a uma nova série; caso contrário, permanece na mesma classe. Vejo essa repetência como algo que poderia ser substituído por outras atividades que não levassem a aluna à reprovação. Com a reprovação estaremos a desistir dessa menina e a culpabilizá-la pelo fato de não estar a aprender algo que a fará optar com mais facilidade pelo casamento, uma vez que sente preparada para o feito: "A sociedade criou mitos, ritos e tradições para acentuar a inferioridade da mulher e preservá-la submissa." (AZEVEDO, 1980, p.97).

A implicação na saúde da mulher: aspectos negativos

Segundo a DPS (Direção Provincial de Saúde), os Ritos de Iniciação são realizados de fato nas comunidades, e as comunidades respeitam isso. Porém, a dirigente menciona os aspectos negativos que considera que dificultam a escolarização:

> Na verdade nós sabemos que o aborto dentro do país é legalizado desde que tenha 10 semanas. Os legítimos representantes se não for maior idade podem solicitar o aborto, sobretudo se ela for indesejada. Mas nós sabemos que em nível das comunidades há muito pouco conhecimento em relação a isto, portanto acabam não aparecendo para interrupção. Em parte entendemos que também não aparecem porque os casamentos prematuros nas comunidades é

> moda que acontece com maior frequência nas nossas comunidades. Mas é claro que uma e outra podem ser dessas que se tivessem conhecimento poderiam, portanto, vir para fazer interrupção. Portanto não fazendo a interrupção da gravidez, desenvolve-se até ao fim, temos estado a receber crianças ou adolescentes, mas... eu prefiro chamar crianças com 12, 13 anos de idade numa situação de gravidez.
> [...] o homem continua a ter algum poder sobre as mulheres, as mães podem não concordar, mas como homem ele continua a colocar em sua casa cada vez mais meninas casadas com ele por causa da capacidade financeira, às vezes até os pais aceitam que estas meninas se casem, é mesmo nesta perspectiva de alívio à pobreza [...] (DIRIGENTE DO DPS).

A falta de informação por parte das comunidades, associado ao fato de ser comum os casamentos prematuros nas comunidades faz com que a gravidez prematura aconteça. Porém, esta situação mostra que essas comunidades têm uma forma de estar e ser a qual é respeitada pelos nativos. Um aspecto não menos importante é que essas meninas servem como fonte de renda familiar, pois elas casadas com alguém com mais posse acabam de certa forma apoiando a família. Portanto, estamos aqui perante um cenário em que a mulher reserva-se aos afazeres domésticos, a procriar e cuidar dos filhos e os homens ficam responsáveis pelo sustento da família:

> A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento. É natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar luz. (SAFFIOTI, 1987, p.9).

A questão dos casamentos prematuros, que tem como consequência gravidezes prematuras, tem gerado várias consequências de saúde a essas meninas como aponta a fala a seguir:

> Como bem sabemos é uma criança que não está preparada para gerar outra criança. Têm outros efeitos psicológicos, transtornos da personalidade quando colocamos a criança em risco quando as crianças logicamente não fazem esta interrupção e acabam caindo nas nossas maternidades, eu devo confessar maior parte desses casos, portanto, de gravidez como consequência de casamentos prematuros, maior parte são complicados... O grande problema é que algumas dessas situações acontecem nas comunidades e essas comunidades às vezes estão distantes das nossas unidades sanitárias; e há um hábito nesses locais em que as unidades sanitárias estão distantes e de algumas matronas acharem que podem assistir o trabalho de parto, e não conseguindo assistir tecnicamente perdem muito tempo a assistir um parto que não vai acontecer e isto faz com que haja um atraso de chegada destas mesmas meninas e adolescentes grávidas às unidades sanitárias para serem revistas... O grande problema disto aqui é que dependendo do grau de ruptura de lesão do útero rompido, pode se dar o caso de termos que tirar o útero também, e

> deixamos, portanto, aquele adolescente ou criança sem possibilidade de fazer mais filhos pelo resto da vida dela. (DIRIGENTE DO DPS).

Embora a DPS tenha conhecimento deste cenário e mostrem-se preocupados, entendem que é uma situação que foge do seu controle, pois eles acabam tendo conhecimento somente da situação que chegam aos serviços de saúde. A culpa pelo fato destas meninas ficarem impossibilitadas de gerarem filhos por resto da vida é dado somente a essa menina, que passa a ser excluída da sociedade. Esse aspecto, na minha opinião, é uma questão de saúde pública e direito à infância. Segundo o Artigo 13 da Lei nº 7/ 2008 de Promoção da Criança, "a criança tem direito à proteção da vida e da saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o seu nascimento e desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições inerentes à dignidade humana". Assim, o Estado deve assegurar a sobrevivência, o crescimento e o desenvolvimento da criança.

Segundo o nosso entrevistado, essa situação está longe de acabar, pois essas duas etnias, Macua e Yao, têm os Ritos de Iniciação como uma prática muito forte. Para ele os casamentos prematuros estão totalmente ligados aos Ritos de Iniciação:

> [...] Mas está provado para o caso específico que é da etnia Macua e Yao, que eu já tive oportunidade de viver em Mavago por cinco anos, e convive com eles, esta é uma prática real e está provado também que há uma relação direta entre o participar dos Ritos de Iniciação e a realização de casamentos prematuros, e há uma relação directa com gravidezes precoces. (DIRIGENTE DO DPS).

Uma vez que os Ritos de Iniciação contribuem para os casamentos prematuros e gravidezes precoce, podemos entender então que, ao mesmo tempo em que serve para a mulher se auto afirmar dona de casa e aquela dita especialista em agradar os homens, tira a possibilidade dela se afirmar em outros campos de atuação. Segundo a Direção Provincial da Mulher Gênero e Ação Social, os Ritos de Iniciação são uma grande preocupação, pois há uma mistura de crianças menores com as adultas para serem ensinadas os mesmos conteúdos. Além da retirada dessas meninas das aulas para participar dos Ritos, como aponta a fala seguir:

> Os Ritos de Iniciação em si não são problemas. Para mim o problema é misturar as crianças de 9, 10 e 17 anos ao mesmo tempo. Interromperem as aulas por causa dos Ritos de Iniciação também é um aspeto a destacar, pois algumas delas não voltam para escola. Entretanto elas saem a respeitar os valores e não conseguem separar os aspectos negativos dos positivos. (DIRIGENTE DO DPMGAS).

Essa questão trazida por este profissional releva que os Ritos de Iniciação é uma escola informal tão importante quanto a escola formal, e que a participação nos Ritos é uma prática que acontece até hoje. Daí que esse setor leva a cabo várias atividades de sensibilização nas comunidades de forma a desencorajar a evasão das crianças da escola por causa desta cerimônia:

> Por vias das palestras e debates, tentamos desencorajar esta prática, principalmente no período das aulas. Há um filme, À Espera, feito pela Sónia[30] André que apresenta o drama dessas meninas no momento do parto; nós também procuramos levar este filme para esses lugares. Há caso de meninas que durante o parto acabam se tornando deficientes. Mas segundo os régulos dessas comunidades (líder comunitário), o papel da mulher é fazer filhos. (DIRIGENTE DO DPMGAS).

Esta fala traz à tona várias discussões que questionam o papel da mulher e o seu lugar na sociedade. Com a maternidade a mulher fica limitada em exercer uma série de atividades pela natureza biológica. Segundo Safiotti. "A condição da mulher nas sociedades de classes tem sido vista por numerosos estudiosos como resultado da conjunção de fatores de duas ordens diversas: de ordem natural e desordem social. O aleitamento tornaria a mulher ainda insubstituível a mãe junto à criança pequena." (SAFFIOTI 2013, p.85).

Podemos entender então, a partir da perspectiva dos entrevistados, que os Ritos de Iniciação são uma realidade para povo moçambicano, principalmente no Norte de Moçambique, e que estão arraigados no cotidiano deste povo. Existem aspectos importantes da cultura[31], que devem ser preservados, pois eles fazem parte da identidade deste povo de certa forma. Os Ritos de Iniciação ao mesmo tempo em que torna as mulheres do Norte conhecedoras dos aspectos ligados ao casamento, as deixam fragilizadas em outras áreas de conhecimento, o saber escolarizado.

Nesse sentido, defendemos a ideia de se *ressignificar* os Ritos Iniciação de forma a salvaguardar essa identidade, por um lado, e, por outro, criar condições para que se não coloque a mulher numa situação em que ela não opte por outras formas de emancipação. Essa outra forma de emancipação, que passa necessariamente pela formação acadêmica, deve ser vista

---

[30] Este filme foi gravado em Niassa e Lança uma discussão importantíssima para o desencorajamento dos casamentos prematuras e as gravidezes precoces, na província de Niassa.

[31] O respeito pela pessoa mais velha, o cuidado pela família a preservação dos valores da cultura que identificam o povo.

pelas próprias mulheres e pelos homens como algo libertador. Possibilitar que as mulheres entendam que o seu lugar é também na escola e no trabalho fora de casa. E que os homens também entendam que quando cuidam dos filhos e dos afazeres domésticos, não estão ajudando a mulher, mas é também sua responsabilidade.

Portanto, *ressignificar* seria o ato de criar novos sentidos e ao mesmo tempo indica ação e potência de transformação. A ressignificação dos Ritos de Iniciação, no entanto, entende o sentido radical de papéis estabelecidos para homens e mulheres das comunidades Macua e Yao. Esta pesquisa compreende as raízes historicamente plantadas, mas propõe a necessidade e a possibilidade de outro tronco histórico-cultural. Novas seivas de ideias que circulem até as raízes, renovando ares pesados da violência patriarcal.

A luta das mulheres não deve ser para dominar o homem, e muito menos para ser igual ao homem, mesmo porque as questões biológicas não permitem. A luta aqui é a mulher ser mulher onde ela quiser e da forma que ela quiser ser na comunidade. Isso passaria pela tomada de consciência das próprias mulheres. Este movimento de ressignificar o que é ser mulher está acontecendo um pouco pelo mundo, e as mulheres africanas, moçambicanas e do Norte do país, não devem fechar os olhos ao grito de outras mulheres, mas sim devem lutar pelos espaços que lhes foi negado/retirado por direito (SAFFIOTI, 2015).

Ressignificar os Ritos de Iniciação, na cultura moçambicana, passa necessariamente por entender as experiências dessas mulheres com os Ritos de Iniciação como algo a ser olhado sob diversos ângulos de forma a dar outro sentido. Essa culpa/medo aprisiona as mulheres nessas comunidades e não permitem que elas se libertem dessas interdições. As interdições à nossa liberdade são muito mais produtos das estruturas sociais, políticas, econômicas, culturais, históricas e ideológicas do que das estruturas hereditárias. Não ter dúvidas do poder cultural, de como nos conformou e nos obstaculiza de ser. Mas o fato de sermos seres programados, condicionados e conscientes do condicionamento e não determinados é que se faz possível superar a força das heranças culturais (FREIRE, 1998, p.95).

Este posicionamento do educador Paulo Freire nos remete a pensar que os Ritos de Iniciação servem não somente para preparar o homem e a mulher para o casamento, ele supera este objetivo, pois regula o comportamento dos indivíduos por meio das interdições. Estamos perante uma cultura cheia de contradições e de acertos. Isso tudo é fruto dum período pós-

independência onde as questões culturais começaram a surgir com mais cor no povo moçambicano como sinônimo de expressar a sua liberdade. Segundo Azevedo (1980), a cultura é colocada como uma questão central da revolução em Moçambique; ela existia quase na clandestinidade. Podemos nos atentar a afirmar aqui que a independência foi algo pensado pelos homens para um país comandado pelos homens e que nesse sentido a revolução, por via da independência, enquanto libertava os homens e pensava nos homens, cativava as mulheres em algumas propostas de educação. Daí podemos dizer que os Ritos Iniciação são uma tradição que de alguma maneira não traz liberdade para as mulheres, ao contrário do que propagava a Revolução.

A partir disso, podemos pensar então que há espaço para uma negociação no sentido de proporcionar às mulheres mais liberdade de serem protagonistas das suas vidas por via de uma ressignificação dos Ritos de Iniciação. Essa ressignificação não é algo simples, pois gera um grande desconforto por parte dos homens fruto de uma história machista. Na década 1970 na Suíça, o movimento das mulheres eclodiu, foi onde teve início a primeira assembleia com objetivo único de criar uma linha teórica que justificasse a existência de um movimento feminista autônomo como fato político, que geraria uma transformação fundamental no lugar das mulheres na sociedade (FREIRE, 1980, p.40).

O termo *transformação* trazido por Freire, passaria pela revolução das mulheres no sentido de quebrar inúmeras barreiras para alcançar a liberdade almejada, isso só seria possível se as próprias mulheres se mantivessem unidas. Entendemos então que as mulheres moçambicanas, não vivem uma situação diferente de mulheres de outros países, embora a prática dos Ritos de Iniciação seja diferenciada. Elas estariam vivendo este momento agudo de incompatibilidade que viveram todos os colonizados. O drama da colonização, tal como ele foi estudado e pensado pelos homens, nós conhecemos e reconhecemos em todos os seus detalhes (FREIRE,1980, p.42).

A mulher necessita estar em todos os espaços que ela quiser, seja nos afazeres domésticos ou em qualquer outro tipo de trabalho; precisam estar menos ausentes, precisam deixar de ser oprimidas e estar num lugar de vitimização. Entendo a partir desta pesquisa que os Ritos de Iniciação são importantes no contexto moçambicano; sugerimos, então, uma ressignificação. Uma ressignificação em que se possa transformar os Ritos de Iniciação para que não haja uma ruptura entre a escola formal e não formal. Pensamos nós que os efeitos das

práticas trariam menos sofrimento para as meninas nessas comunidades e tornaria as mulheres protagonistas da sua própria história.

O casamento e a maternidade são instituições que podem ser apreendidas nas casas das "Madrinhas", mas a escolarização formal deve ser o espaço de aprendizagem de autonomia emocional e cidadã, lugar para a compreensão do lugar da mulher na sociedade moçambicana, que deve ir além da garantia do prazer do marido e da segurança dos filhos. O prazer das mulheres também deve ser pauta deste ensino, assim como a habilidade de auto-sustento numa sociedade agrícola. Ademais, os homens também devem ser responsabilizados pela criação dos seus filhos e pelo prazer de suas esposas. A prática de dominar as mulheres fomenta uma cultura de violência que deve ser interrompida. Os Ritos podem ser práticas de apoio e prazer recíproco. Os homens devem ser ensinados a respeitar o corpo e a mente de suas companheiras.

Na lógica dos Ritos, os homens só têm bônus e nenhum ônus. Dessa forma, nos processos de Ritos de Iniciação, eles pagam um preço irrisório e têm prazer garantido enquanto durar o casamento, além de se sentirem autorizados a sair da relação matrimonial quando quiserem e também, ainda que dentro de um relacionamento, são dadas as condições de terem outras mulheres. Assim, a promessa do Rito de Iniciação para "segurar" o marido não compensa a perda da escolarização, pois troca-se a formação, que propicia uma independência financeira, por um futuro incerto. Por isso, sugerimos mais pesquisas sobre os Ritos de Iniciação em Moçambique que procurem buscar mais dados sobre a função dos Ritos e também investigar se, de fato, essa prática é a garantia de um casamento duradouro buscando dados estatísticos sobre número de casamentos e de divórcios nessas regiões onde a prática dos Ritos de Iniciação é predominante. Além do mais, propõe-se mais pesquisas sobre os homens não vinculados às instituições, casados com essas mulheres que passaram pelos Ritos de Iniciação.

Na perspectiva da ressignificação, é importante que a discussão sobre a crise da adolescência bem como sobre a importância da função social da escola nesse período de grandes transformações, produzidas pela adolescência e pela juventude, possam também ser objeto de espaços de formação docente para que as educadoras possam melhor compreender essa dimensão do desenvolvimento humano, ampliando o diálogo com estudantes que vivem tais condições.

Considerações finais

Nesta pesquisa, analisamos a relação entre as práticas culturais referentes aos Ritos de Iniciação e a educação escolar da mulher no grupo étnico-linguístico Macua e Yao, situado no Norte de Moçambique. Para tanto, esta pesquisa identificou as contradições entre a educação da mulher em seu âmbito formal, a saber, na instituição escolar, e informal, na prática dos Ritos de Iniciação, de modo a refletir como o papel da cultura na formação das mulheres Macua e Yao interfere no processo de escolarização, fortemente marcado pela exclusão escolar. Esta pesquisa tem cunho etnográfico, mas traz também uma proposta de intervenção a partir da formulação de políticas públicas.

Para um diagnóstico mais apurado sobre as questões levantadas, esta pesquisa contou com a participação das "Madrinhas", mulheres geralmente mais velhas e/ou escolhidas e legitimadas pela comunidade como as responsáveis pelo ensino das práticas tradicionais dos Ritos de Iniciação às meninas; de representantes da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM); mulheres que passaram pelos ritos; e das entidades governamentais, como a Direção Provincial de Educação e de Desenvolvimento Humano (DPEDH), a Direção Provincial de Saúde (DPS) e a Direção Provincial da Mulher, Criança e Ação Social (DPMCAS). Além disso, realizou-se uma mesa redonda sobre o tema “Ritos de Iniciação e escolarização de mulheres na província de Niassa”, o evento aconteceu na Universidade Pedagógica e entrevistamos estudantes universitárias que passaram pelos Ritos de Iniciação, que também analisaram a temática por meio de participação em grupo focal.

A partir das investigações no trabalho de campo, pode-se constatar que, para além de outras atividades desenvolvidas no processo dos Ritos de Iniciação, como a formação e consolidação de identidades psicossociais de gênero, o objetivo principal dessa prática é preparar a mulher para servir ao seu futuro marido. Diferente de minha trajetória, muitas meninas têm sua iniciação nesse ritual mesmo antes da primeira menarca, pois, no período de confinamento, como pude observar ao entrevistar as “Madrinhas”, elas são iniciadas sexualmente por meio do rompimento do hímen, como forma de prepará-la para a vida sexual futura. Essa questão também foi abordada pela representante da OMM. De um modo geral, é consenso entre as mulheres entrevistadas de que os Ritos capacitam a mulher para servir o seu

marido; no entanto, conforme evidencia esta pesquisa, a adesão ou obediência aos Ritos não garante a manutenção do casamento.

A gravidade da situação é que as meninas abandonam a formação escolar sendo impelidas a apostarem no casamento e na maternidade, correndo o risco de serem abandonadas pelos maridos e pais de seus filhos. Sem encarar criticamente as encruzilhadas que definem o futuro dessas mulheres, a escola que deveria ser um espaço de garantia de direitos, e precisamos ampliar o debate em torno desse tema cultural e socialmente importante. Em muitos casos, a relação dessas meninas com os professores muda imediata e completamente quando regressam dos rituais, constituindo-se num impasse para a formação escolar das mulheres moçambicanas.

Assim, por meio do trabalho de campo e da análise de depoimentos e documentos fornecidos pelas instituições, pode-se constatar ainda uma clara relação entre os Ritos de Iniciação e a exclusão escolar das mulheres moçambicanas. Vale destacar que tanto as meninas quanto os meninos passam pelos Ritos no Norte do país, porém os rapazes são organizados a passar por este Ritual no período das férias; e as meninas, muitas vezes, interrompem o ano letivo para fazer parte desse processo, devido à indeterminação da menarca, retomando, ou não, as aulas após este período, prevalecendo a chance do não retorno.

O efeito é gravemente cumulativo numa combinação de fatores desfavoráveis que confluem na exclusão das meninas na e da escola, como a falta de recursos financeiros dos responsáveis que induzem aos casamentos prematuros e consequentemente a gravidez precoce. Assim, dentro de uma conjuntura estrutural de escassez de acesso ou recursos, os Ritos de Iniciação operam de forma determinante, pois se tornam a via mais curta para um problema cuja solução não deveria custar o sacrifício do futuro das meninas em prol de suas famílias.

Diante da miséria familiar e da omissão do poder público sobre o destino dessas meninas, a possibilidade de retorno à escola até que existe, mas posiciona essas meninas numa batalha semelhante à de Davi diante de Golias. Assim, um mês de confinamento pode custar o resto da vida, pois a interrupção do ano letivo nesse período define a menina mais como candidata à esposa do que como aluna. É assim que ela passa a ser encarada pela turma, como uma pessoa diferente, que não cabe mais naquele espaço escolar. Não existe formalmente um *apartheid* ou alguma outra interdição, mas existe o constrangimento, a avaliação da comunidade, no geral, e da escola, em particular. Por isso, a maior parte das meninas não

retornam à escola, e as que retornam não conseguem voltar rapidamente ao ritmo das aulas. Voltar aos ritmos das aulas é majoritariamente um esforço individual, pois a escola não possui um plano de reposição das aulas perdidas, devido ao reduzido número de professores para as turmas numerosas. A aguda falta de quadros docentes é uma realidade não apenas das zonas rurais, mas algo que afeta inclusive o ensino superior em que as disciplinas por vezes são ministradas por docentes sem microfone em auditórios para um corpo discente na casa das três centenas. Ressalta-se portanto, que, para além da prática de Ritos de Iniciação no período escolar, existem outros fatores responsáveis pela defasagem escolar, são eles: uso de mão de obra infantil, casamentos prematuros, absentismo dos professores, nomadismo e fome.

Dessa forma, pode-se apurar que é necessário ampliar e adensar políticas que visam promover o ingresso e permanência das mulheres na escola, tanto nas zonas rurais quanto urbanas, desde a formação fundamental até a graduação. Medidas bem tímidas e incipientes têm sido tomadas nessa direção. Por ora, destaca-se que têm sido feitos alguns trabalhos, a exemplo das palestras nas comunidades, com presença de mulheres que ascenderam ao mais alto nível por via da escolarização, além da inserção de mais profissionais com funções de destaque (médicas, administradoras e docentes) alocadas para trabalharem nessas regiões tradicionalmente mais conservadoras, para servirem de ilustração e inspiração para essas meninas.

Porém, as implicações dos Ritos continuam sendo muito fortes, pois os líderes comunitários nessas regiões têm um grande poder de tomada de decisão sobre as comunidades e, principalmente, sobre as famílias dessas meninas. Esse descompasso entre as políticas promovidas em nível governamental e a defesa dos Ritos pelos integrantes das comunidades evidencia a falta de diálogo permanente entre o governo e os líderes tradicionais. Ou ainda, a falta de empenho do poder público de interpelar e interromper a perpetuação das desigualdades escolares entre meninas e meninos. Apesar dos sintomas e diagnósticos evidentes, as soluções parecem distantes, bem como a falta de disposição de reverter esse hiato de gênero.

Esta pesquisa demonstrou que os Ritos de Iniciação são uma prática presente no cotidiano das comunidades e que definem em primeira instância a vida e destino das mulheres, e indiretamente o de suas famílias, que anseiam alguma melhoria de vida que pode ou não se efetivar. Raramente a mudança é significativa, de modo que a pobreza da família e sobretudo a de gênero continua a ser perpetuada por gerações. Seja no seio da família de origem ou a família

que cada menina vai construir após casar ou engravidar, o ritual é o dispositivo que define as relações de gênero, ou seja, o lugar social da mulher e do homem nas sociedade adeptas dos Ritos de Iniciação que se tornam em primeira e última instâncias, as práticas que contribuem de forma significativa para a demarcação de barreiras entre homens e mulheres, estabelecendo e perpetuando hierarquias na sociedade. Os Ritos são práticas legitimadas que não apenas têm poder de dominar a mulher, como serve para prometer emancipação sexual[32] ainda que confinando-as no casamento, na maternidade e sobretudo, na defasagem escolar.

Como o objetivo desta pesquisa foi identificar os principais fatores que influenciam o processo de escolarização das mulheres, fortemente marcado pela exclusão da escola, por meio do trabalho de campo, observamos que os Ritos de Iniciação, por si só, não interditam o retorno à sala de aula, mas ao estimularem os casamentos prematuros, aprofundam a exclusão das mulheres da escola. Mas é possível encontrar soluções mais dialéticas no sentido de respeitar os Ritos e garantir a longevidade no processo de escolarização. Assim, constatou-se, junto às mulheres universitárias, que os Ritos de Iniciação são importantes, por isso elas prezam e preservam essa prática. Porém, apesar de defenderem a manutenção da mesma, essas mulheres apontam a necessidade de se promover modificações estruturais na forma como os Ritos são praticados, para não entrarem em contradição e/ou competição com as escolas, que via de regra acaba ficando em último de plano. Portanto, esta pesquisa propõe a ressignificação dos ritos de iniciação buscando assim caminho para conciliação entre a tradição e o sucesso escolar.

Os Ritos de Iniciação oferecem, portanto, elementos culturais que tecem o modo como as comunidades Macua e Yao se apresentam diante das outras comunidades moçambicanas. Os Ritos promovem uma marca, uma distinção para as mulheres que sabem que não é vantajoso ter pouca escolarização e que, desse modo, criam um escudo para se defenderem de acusações de que são incultas. Na polarização entre ser mulher escolarizada e com possibilidades de maior autonomia econômica e/ou financeira ou ser mulher da tradição, em uma realidade econômica

[32] Entende-se aqui emancipação como um conceito que se atrela ao entendimento das mulheres que passaram pelo rito. Elas fazem parte de uma comunidade que se orgulha de conhecer bem o próprio corpo e o corpo dos homens. Essas mulheres têm orgulho da própria performance sexual, que faz parte de um patrimônio simbólico das mulheres nortistas. Essas mulheres se definem como doces e de corpo quente, o sonho de todo homem moçambicano. Uma questão que fica subjacente é se essas mulheres sentem prazer em apenas dar prazer ou se os ritos as tornam mais sensíveis ao prazer. Como o alongamento dos pequenos lábios faz parte dos ritos, afirma-se que é possível que essa prática interfira na sensibilidade do clitóris, ampliando o prazer dessas mulheres. Entretanto, é importante enfatizar: o alongamento dos pequenos lábios é pensando exclusivamente para o prazer do homem e não das mulheres.

altamente marcada pela agricultura, as sociedades Macua e Yao se orgulham de serem o celeiro do país que oferece safras generosas de mulheres que sabem saciar o apetite dos homens. Ainda que exista uma cosmo-percepção que exalta os saberes do corpo e os segredos da intimidade, há consequência em termos macro-institucionais, pois os Ritos promovem a exclusão da mulher na escola em larga escala. Diante do descompasso entre a romantização dos Ritos pela comunidade e suas reais consequências patriarcais, procuramos trazer, nesta pesquisa, a ideia de ressignificação dos Ritos para que se minimize o efeito deles na vida dessas mulheres.

Assim, a pesquisa mostra-se relevante porque a sociedade moçambicana, que pouco refletiu sobre as consequências políticas e pedagógicas dos Ritos na vida das mulheres. Isso pode ser afirmado com base na ausência de estudos e pesquisas a respeito da tradição dos Ritos de Iniciação e suas consequências. Assim, além de fazer um diagnóstico dos Ritos, essa pesquisa entende que é fundamental um olhar analítico que questione e respeite a um só tempo a tradição estudada. Respeito é também propor melhorias. Essa pesquisa oferece, portanto, a possibilidade de um olhar etnográfico que consiga capturar criticamente o modo de funcionamento e de organização da vida cotidiana e da construção de sentidos do ser mulher nas sociedades Macua e Yao.

A partir das entrevistas realizadas com as "Madrinhas" e mulheres que ensinam e/ou aprendem os Ritos, e os homens que atuam a nível institucional como representantes de governo na perpetuação dos Ritos, esta pesquisa conseguiu apresentar e analisar o modo como os Ritos afetam a vida das mulheres e como beneficiam a vida dos homens. Historicamente, as mulheres que ensinam e/ou aprendem os Ritos foram sistematicamente impelidas a reproduzirem os essa prática como forma de se sentirem inseridas e respeitadas nas suas respectivas comunidades. Ser "Madrinha" é tanto *status* como fonte de renda. As "Madrinhas" precisam endossar a primazia dos Ritos sobre a escolarização para garantirem a funcionalidade de seu ofício. As "Madrinhas" são elementos importantes na construção de uma narrativa acrítica e despolitizada dos Ritos que desresponsabiliza o poder público e o patriarcado. Fomentar a prática dos Ritos, no entanto, acaba por endossar a interrupção do ciclo de escolarização formal dessas mulheres, para que se tornem esposas e mães.

Ao ouvir os homens percebemos que eles são, em geral, grandes apoiadores dos Ritos de Iniciação por uma série de motivos: passam a ter “boas” esposas, mulheres cuja performance sexual é admirada em todo o território nacional e com um pagamento mais simbólico do que

efetivo. O *lobolo* pode ter valores de escalas bem discrepantes. O marido também não tem obrigação de zelar pelo casamento, tendo a liberdade de abandonar as esposas quando melhor lhe convém. Para romper esse ciclo foi fundamental ouvir o que as mulheres que passaram pelo Rito de Iniciação, mas que deram sequência ao processo de escolarização.

Sendo assim, esta pesquisa, para além de atribuir significado ao ser mulher e homem nesta sociedade, avança no sentido das ressignificações possíveis do Rito. Ressignificar os ritos é reinserir as mulheres na dimensão da cidadania, retomando sua potência como sujeitos de agência sobre seu destino, sujeito do saber e sujeito político. A força da mulher moçambicana em sua plenitude afetiva, acadêmica e profissional tem o poder de mover a nação na direção da ampliação das permanentes estratégias de lutas pela independência e contra o regime colonial. Um país próspero e autônomo não precisará de Ritos que constroem lendas sobre a beleza e performance sexual das mulheres Macuas e Yaos, como forma de escamotear a falta de oportunidades que marcam a vida dessas mulheres e de suas famílias.

Esta pesquisa não pretende extirpar a tradição ou impor redefinições do que deva ser a vida dessas mulheres; mas um documento fundamental para a consideração e construção de políticas que concebem tanto a escola quanto os ritos como duas instituições que marcam a vida das mulheres Macuas e Yaos. Assim como os Ritos, a escola deve ser assegurada sempre como uma oportunidade e um direito. Sendo assim, trata-se de uma pesquisa não apenas analítica, mas também um documento de proposições de políticas públicas em educação.

Ademais, esta pesquisa é um instrumento de análise e proposição de soluções para a realidade das mulheres moçambicanas que utilizam ferramentas da ciência ocidental. O esforço se amplia em face da histórica carência de olhares cuidadosos e não estereotipados sobre a sociedade africana e, especificamente, moçambicana. Vale lembrar que a pesquisa aconteceu na maior universidade brasileira, a Universidade de São Paulo (USP). Tal conexão se faz necessária para repensarmos o passado colonial que Moçambique e o Brasil compartilham, ainda que as experiências de colonização tenham marcado demográfica e culturalmente as duas nações de modo muito distintos. Assim, a solução para a superação de nefastas heranças coloniais devem ser feitas a partir de alianças transnacionais. Os enfrentamentos das desigualdades de gênero, raça e de classe é uma luta que deve ter alcance diaspórico. Assim, essa é uma pesquisa que se alimentou de repertórios e ferramentas analíticas, ao passo que trouxe ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

da USP a oportunidade de conhecer tradições culturais moçambicanas de modo orgânico, sem afetações de suposições preconcebidas sobre a vida de comunidades africanas.

A condição de mulher norte-moçambicana e pesquisadora de uma universidade brasileira me posiciona estrategicamente, pois além de conhecer a tradição ocidental que reitera estereótipos sobre ser mulher ou sobre ser africana, conheço também a tradição moçambicana que perpetua hiatos de gênero. Ou seja, consigo transitar entre a tradição machista e colonial da ciência ocidental para a superação da tradição machista dos ritos moçambicanos. Assim como a ciência, os Ritos são importantes para a organização da sociedade, porém devem e podem ser ressignificados no sentido de uma sociedade mais justa para as mulheres moçambicanas.

Proposta Político-Pedagógica frente aos Ritos de Iniciação e a escolarização

Os Ritos de Iniciação são importantes nas culturas Yaos e Macuas, de modo que se a criança não passar por eles pode estar sujeita a ser excluída de forma marginalizada do contexto social. Assim, essas crianças crescem, tendo consciência que em algum momento passarão pelo processo dos Ritos de Iniciação que trarão mudanças significativas. Conforme analisado neste trabalho, sabe-se que este ritual não respeita os limites da idade da criança, uma vez que elas são retiradas da escola para serem submetidas aos Ritos. Essa retirada da escola é brusca e não há um plano de restituição das aulas e avaliações perdidas para essas alunas após o confinamento. Aventa-se aqui a hipótese de que ressignificar os Ritos é analisar sua importância bem como as dificuldades que cria, traçando diagnósticos que pensem no bem estar e criem alternativas de autonomia das mulheres para não dependerem apenas do casamento ou da maternidade tão logo passe pela menarca. Assim, tendo em vista que a chegada do ciclo menstrual varia ao longo do ano e por faixa etária, a primeira proposta político pedagógica aqui sugerida é desvincular a chegada da menstruação ao confinamento para os Ritos.

Nenhuma menina deveria ser confinada ou iniciada sexualmente antes da menarca e os Ritos deveriam obedecer ao calendário de férias escolares para as meninas que menstruem pela primeira vez durante o período letivo. Deve-se ainda tornar mais progressivo os métodos de ensino da tradição, dividindo os Ritos por etapas marco-temporais: primeira etapa em férias escolares após a primeira menstruação. Nenhum confinamento pode ser anterior a este período.

A jovem deve ter a chance de escolher voltar para o confinamento somente após o cumprimento da etapa básica do ensino fundamental ou médio, de modo a diminuir a ocorrência de casamentos prematuros e priorizar a longevidade na formação escolar.

O projeto escolar da Escola Desembargador Amorim Lima, no Brasil, na cidade de São Paulo, inspirado na Escola da Ponte em Portugal, propõe um projeto pedagógico diferenciado, em que o corpo discente é protagonista da sua aprendizagem. Conforme analisam Oliveira & Souza (2020), estas são escolas que buscam se pautar nos princípios democráticos e participativos, considerando a educação como direito, proporcionando práticas que levem em conta a diversidade de forma a garantir os interesses dos estudantes e a construção de uma aprendizagem coletiva. Segundo o Ministério da Educação no Brasil, para que a escola seja considerada inovadora, ela tem que apresentar estes cinco aspectos: gestão democrática, ambiente de aprendizado diferenciado, incentivo ao protagonismo do aluno e compartilhamento de práticas com outras instituições[33].

Essas escolas desenvolvem currículos considerados modelos de inclusão e que contemplam alunos com distintas necessidades. Elas oferecem propostas pedagógicas que respeitam as necessidades físicas de acessibilidade, capacidade de cognição, idade, cor, gênero, raça, classe etc. Essas escolas são referências em atuação pedagógica efetivamente democrática, que possibilitam ao corpo discente o efetivo desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e o pleno desenvolvimento de sua cidadania. A partir das proposições desses modelos pedagógicos, bem como dos ensinamentos do brasileiro Paulo Freire, bússola para uma educação democrática, uma educação emancipatória é fruto da união do corpo docente, discente, dos pais e de toda a comunidade. A Escola Amorim Lima, por ter uma proposta pedagógica que prioriza as necessidades locais da comunidade, pode ser interessante na formulação de soluções para a realidade Macua e Yao. Para tanto, faz-se necessário um conjunto de esforços entre educadores de Moçambique que passaram por instituições paulo-freirianas e o poder público de Moçambique para capilarização da proposta em todo o território nacional, visando inclusive a formação e treinamento de educadores locais. As “Madrinhas”

[33] Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/08/politica/1465413699_392780.html. Acesso em: 3 de jan.2022.

poderiam ser estimuladas a terem mais de uma disciplina da formação, garantindo os Ritos e saberes da escolarização formal, ampliando suas possibilidades de fonte de renda.

Durante meu doutoramento pude acompanhar a atividade de parlamentares negras e brasileiras como a deputada estadual do Rio de Janeiro Renata Souza que propõe a segurança menstrual com a proposição do projeto de distribuição de absorventes para as meninas de famílias de baixa renda, para minimizar os constrangimentos que essas meninas vivem no período menstrual por falta de absorventes adequados. Tal prática pode ser pensada também para o contexto moçambicano.

Caso a menina não tenha conseguido escapar do casamento ou da gravidez precoce, é possível pensar em adaptar para a realidade moçambicana um projeto de lei da vereadora Marielle Franco que foi brutalmente assassinada. Marielle foi mãe na adolescência e teve que batalhar para dar continuidade em seus estudos, tendo conseguido se tornar mestre. Conhecendo de perto as dificuldades de conciliar estudos e trabalho, Marielle propôs um projeto de lei chamado Espaço Coruja em que as escolas oferecessem um turno noturno para acolhimento das crianças para mães que comprovassem trabalhar ou estudar no período noturno.

As escolas e as "Madrinhas" devem assumir compromisso conjunto de fomentar a presença da criança na escola após a passagem pelos Ritos durante as férias.

Tendo em vista que os Ritos de Iniciação não asseguram casamentos vitalícios, os maridos devem ser de fato responsabilizados pelos filhos e pela autonomia financeira das ex-esposas até que elas consigam retomar e avançar na escolarização. O governo deve aprovar legislações que visem o pagamento de pensões até a maioridade dos filhos.

Esta pesquisa tem plena consciência de que defender a ressignificação dos Ritos é apostar na utopia. De modo pragmático, apresentamos alguns pontos que podem ser adotados pelas escolas da comunidade, considerando e respeitando sua realidade. Porém, esta pesquisa entende que é possível um cenário de igualdade entre meninos e meninas, sem prejuízo do desempenho de seu ofício de aluno; propomos que as meninas, igualmente, possam se sentir acolhidas e incentivadas a voltarem para a sala de aula, para, assim, concretizar sua formação escolar sem comprometimentos; e que a menina que tiver abandonado a escola tenha chance e oportunidades de retomar sua formação. Ou ainda, que a esposa ou a mãe abandonada mesmo

após ter passado pelos Ritos, seja devidamente amparada por uma legislação que responsabilize o homem que a tirou de casa para casar.

Como nos ensina Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia* (1996), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”. Assim, finalizamos esta tese abrindo espaços para novas pesquisas que possam contribuir para a compreensão de dimensões tão complexas do processo de escolarização, como aquelas que envolvem os Ritos de Iniciação. Consideramos que a garantia do direito à escolarização plena é fundamental para a ampliação da democracia e da construção de estratégias e vivências de participação e de emancipação.

Referências

ALBERTO, S.A. et al. Fatores associados aos óbitos neonatais e pós-neonatais em Moçambique. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Est. Pop. Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 203-216, jan./jun. 2011.

AMIDE, B. J. *" WaYao'we" no Niassa:* os valores culturais e a globalização. Maputo: Diname, 2008.

ANDRÉ, M. E. D. A**.** *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 2003.

ANJOS R, E. *O desenvolvimento psíquico na idade de transição e a formação da individualidade para-si*: aportes teóricos para a educação escolar de adolescentes. Araraquara: Ed. UNESP, 2015.

ARAÚJO, R.H; ANDRADE, J.C. O tabu dos povos primitivos e o estigma das sociedades atuais: as duas faces de um mesmo fenômeno psicanalítico e sociológico. *Cogito* [online]. 2012, vol.13, pp. 58-62.

ASSUNÇÃO, Helena Santos & SILVA, Aline Beatriz Miranda da. Reflexões sobre o lobolo e os Ritos de Iniciação femininos em Moçambique a partir de uma perspectiva da interseccionalidade. 11 Seminário Internacional Fazendo Gênero, 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

AZEVEDO, L. *Moçambique com os milagres sul-africanos a 4 minutos*. São Paulo: Global editora, 1980.

BASSIANO, V., & LIMA, C. A. Casamentos prematuros em Moçambique: causas e consequências do abandono escolar. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal – UFMS/CPAN; *Imagens da Educação*, 2018. http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/download/43085/pdf/. Acesso em: 14 de jul. 2020.

BEATÓN, G.A. *La persona en lo Histórico-Cultural*. São Paulo: Linear B, 2005.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOZHOVICH, L. I. *La personalidad y su formación en la edad infantil*: investigaciones psicológicas. La Havana, Cuba: Editora Pueblo y educación, 1981.

CABRAL, E; SAWAYA, S.M. Concepções e atuação profissional diante das queixas escolares: os psicólogos nos serviços públicos de saúde. *Estudos de Psicologia*, 2001, vol. 6, n.2, p. 143-155.

CASIMIRO, I. *Paz na Terra, gerra em casa- Brasil e África*. Recife: Editora UFPE, 2014

CASTIANO, J. *Educar Para Quê?* As transformações no Sistema de Educação em Moçambique. Maputo, INDE, 2005.

CHIZIANE, P. *Eu, mulher por uma visão do mundo*. Belo Horizonte**:** Nandyala,2013.

CHIZIANE, P. *Niketche*: uma história de poligamia. 7ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

CIPIRE, F. *Educação tradicional em Moçambique*. Maputo: EMIDIL, 1992.

CISNE, M. *Gênero, divisão sexual do trabalho e Serviço Social.* 2. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

CROSS, M. The Political Economy of Colonial Education: Mozambique 1930-1975. *Comparative Education Review*, vol. 31, n. 4, 1987, p.550–569.

DE ALMEIDA CAVALCANTE, Lorena; AQUINO, Fabiola de Sousa Braz. Acções de psicólogos escolares de João Pessoa sobre queixas escolares. *Psicologia em Estudo*, 2013, vol. 18, n. 2, p. 353-362.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In.:(Eds.). *The Sage Handbook of qualitative research*. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005. p. 1 – 32.

ERRANTE, A. Education and National Personae in Portugal's Colonial and Postcolonial Transition. *Comparative Education Review*, vol. 42, n. 3, 1998, p.267-308.

FACCI, M.G.D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostski. Cadernos CEDES [online]. 2004, v. 24, n. 62, pp. 64-81. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100005. Acesso em: 4 dez. 2021.

FERRARI, A. R. Analfabetismo no Brasil: tendência secular e avanços recentes. Resultados preliminares. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.52, p. 35-49, fev. 1985

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Rio de .Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013, 67a.Ed.

_____. *Professora SIM tia NÃO:* cartas a quem ousa ensinar. Editora: Olho d`Agua, 1998.

Instituto Nacional de Estatística (2009). *III Recenseamento geral da População e Habitação - Indicadores Sócio Demográficos*, Maputo, INE.

Instituto Nacional de Estatística (2012). *O Perfil de Desenvolvimento Humano em Moçambique, 1997–2011*, Maputo, INE.

Instituto Nacional de Estatística (2014). *Anuário Estatístico 2013.* Moçambique**,** Maputo, INE.

KHAPOYA, Vicent B. *A Experiência Africana***.** Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Ptrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

MANOEL, Jones; LANDI; Gabriel (org.). *Revolução Africana*: uma antologia do pensamento marxista. São Paulo: Autonomia Literária, 2019. p.13-59.

MARANGONI Simone &RAMIRO Vanda Cianga (Org.). *Fundamentos da Neuropsicolgia clínica sócio histórica:* A compreensão do desenvolvimento cognitivo e sócio emocional do humano. 1ª Ed. São Paulo: Editora IPAF, 2012.

MACHEL, Samora. A libertação da mulher é uma necessidade da revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo. In: MACHEL, Samora et al. *A libertação da mulher.* 3. ed. São Paulo: Global, 1982.

MINAYO, M.C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006.

MOUZINHO, M., Buendia, M. Kouwenhoven, Adalberto, A. and Waddington, C. (2002) *Review of education sector analysis in Mozambique* (1990–1998). Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001251/125122Eo.pdf. Acesso em: 13 mar. 2018.

NEGREIROS, Fauston. Queixas escolares no ensino de história: concepções de professores da rede pública de ensino da microrregião de Floriano/PI. *Contraponto***,** 2015, 4.2.

NEVES, Marisa Maria Brito da Justa e MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria.A questão das dificuldades de aprendizagem e o atendimento psicológico às queixas escolares. *Aletheia* [online]. 2006, n.24, pp. 161-170. ISSN 1413-0394.

NGUNGA, A. Monolingual education in a multilingual setting: The case of Mozambique, *Journal of Multicultural Discourses*, 6, 2, pp.177-196, 2011.

OLIVEIRA F. ; SOUZA, M.P. R . Psicologia e escolarização: escolas democráticas e a formação para a democracia. In.: GALINHA, Sandra Alexandre (Org.). *Bem-estar, educação e direitos da criança*. Santarém, Portugal: Joia, PortugaL, 2021, v. 1, pp. 69-82.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *A invenção das mulheres*: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

QUEIROZ, Danielle Teixeira et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. *Rev. Enferm.* UERJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 279, 2007.

IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2017: Resultados definitivos. Moçambique, Maputo, abril de 2019: Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (INE).

RIBEIRO, Maria José, et al. Estágio profissionalizante em psicologia escolar e educacional: uma proposta de formação em serviço/work experience in school psychology: a proposal for in-service training**.** *Ensino em Re-Vista***,** 2014.

ROCKWELL,E. *La experiência etnográfica: historia y cultura en los procesos educativos.* Buenos Aires: Paidós, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes:* mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 3ª ed., 2013.

_____. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 3ª ed., 2015.

_____. *O poder do macho.* São Paulo: Editora Moderna,1987.

SCORTEGAGNA, P. LEVANDOWSKI, D. C. Análise dos encaminhamentos de crianças com queixa escolar da rede municipal de ensino de Caxias do Sul**.** *Interacções* 9.18, 2004: 127-152.

SHUARE, Marta. *A Psicologia Soviética: meu olhar*. São Paulo:Terracota, 2017.

SILVA, F. L. e. Conhecimento e Razão Instrumental. *Psicologia USP, [S. l.]*, v. 8, n. 1, p. 11-31, 1997. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/107575. Acesso em: 29 nov. 2021.

SOUZA, M.P.R. Psicologia Escolar e políticas públicas em Educação: desafios contemporâneos. *Em Aberto***,** v. 23, p. 129-149, 2010.

SOUZA, M. P. R., TEIXEIRA, Danile C.S. e SILVA, Maria Carolina Y. Gonçalves, Conselho tutelar: um novo instrumento social contra o fracasso escolar? *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n.2, p. 71-82, 2003.

SOUZA, M.P.R. Construindo a Escola Democrática: A luta Diária de Professores numa Escola de Primeiro e segundo Graus. São Paulo 1991. Dissertação de (Mestrado). IPUSP

SOUZA, M.P.R. *Atuação do Psicólogo na rede Pública de Educação: Concepções, práticas e desafios.* EDUFU, 2013.

STUART HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

TOLEDO Cecília. *Gênero e classe*. São Paulo: Editora Sundermann, 2017.

UNESCO. *Revisão de Políticas Educacionais Moçambique*. Paris: MINEDH/UNESCO, 2019.

VARIKAS, Eleni. *Pensar o sexo e o gênero.* Trad. Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista com as "Madrinhas"

Entrevista 1 – "Madrinha" Yao, de 40 anos

Pergunta - Como ela começou esse trabalho de madrinha dos Ritos de Iniciação?

Resposta: eu comecei também a fazer trabalho de curandeira juntos dos meus avós e depois dos Ritos de Iniciação.Mas agora faço mais trabalho dos ritos porque tem mais procura das famílias.

Pergunta - Quem solicita os trabalhos para meninas submetidas aos Ritos de Iniciação? E como tem sido a selecção dessas meninas?

Resposta: as mães é que solicitam o trabalho,e elas são selecionadas de acordo as idades e só vem participar dos ritos que apanhou a menstruação.

Pergunta - Qual é o objetivo dos Ritos de Iniciação?

Resposta: é ensinar as meninas como andar aqui na sociedade. Nós ensinamos o que é ser mulher.

Pergunta - O que é ser mulher?

Resposta: é saber cuidar do marido e saber cozinhar.

Pergunta - E neste período em que as meninas estão aqui, tem recebido visita dos pais?

Resposta: não, só outras mulheres da família que levam as refeições, mas não entram onde estão as meninas.

Pergunta - E neste período em que as meninas estão aqui as mães escolhem o que ensinar as filhas ou não?

Resposta: nós é quem ensinamos tudo que elas aprendem aqui, as mais até não sabem só recebem a filha já educada. Nós ensinamos tudo.

Pergunta - Com que idade as meninas entram nos Ritos de Iniciação?

Resposta: elas entram com 12 anos de idade. Nós explicamos: vocês agora já cresceram daqui a pouco vão apanhar menstruação, para as que não apanharam. O que é isso menstruação? Vocês começaram a sangrar nas suas vaginas, nesse momento tem que evitar por sal na comida, não deve dormir com homem, tem que prevenir a sua vida porque quando dormir com homem, o homem fica escuro e dói na bexiga dele. E você pode passar mal, e aquela menstruação pode não passar rápido. Nós antecipamos para quem ainda não apanhou, e para ela ir colocando na cabeça sobre essa mudança que irá acontecer em sua vida. Nós também falamos para elas que logo que apanhar menstruação não deve entrar na casa de banho dos seus pais, não pode tomar banho na mesma casa de banho, senão o seu pai pode pisar no sangue e as pernas dele vão doer. Elas tomam banho fora da casa de banho. Durante este período as

meninas são mostradas ao sexo masculino, e lhes são ensinadas como limpar o seu marido após relações sexuais, aprendem como fazer o sexo muito antes de apanhar a menstruação. As madrinhas ensinam como abrir o seu orifício sozinho, para quando começarem a vida sexual não terem dificuldades.

Pergunta - Com que idade elas fazem isso?

Resposta: a partir dos seis anos.

Pergunta - Quanto tempo elas ficam lá nos Ritos de Iniciação?

Resposta: elas ficam duas semanas.

Pergunta - E nesse tempo que elas ficam lá, só ficam consigo?

Resposta: elas ficam só comigo.

Pergunta - Qual número de meninas que entram lá?

Resposta: entram num número de 10, 15, 20, dependendo do povoado. Elas entram neste ritual no período de férias para permitir mais aderência.

Pergunta - Acha que elas estão a cumprir tudo que aprendem?

Resposta: elas cumprem sim, respeitam os seus maridos. As que não cumprem é devido ao comportamento da mãe, elas mandam as filhas para irem se prostituir por adquirir dinheiro. Mas outras mães dizem as filhas para se casarem, e há outras que querem só dinheiro.

Pergunta - As meninas ditas mal comportadas, como são tratadas?

Resposta: ensinamos que este comportamento não é adequado, se continuares assim perdes a vida rápido.

Pergunta - Quais os momentos mais importantes dos Ritos de Iniciação?

Resposta: transmitimos ensinamentos da vida, como viver na sociedade. Sempre respeitar o próximo, saber se cuidar. Nunca levantar a voz para os mais velhos e principalmente respeitar os mais velhos.

Entrevista 2 – Madrinha Macua, de 90 anos

A madrinha Macua não falava português, apenas Macua. Por isso as respostas às perguntas são a tradução da intérprete.

Pergunta - Eu gostaria de fazer umas perguntas. Como ela começou esse trabalho de madrinha dos Ritos de Iniciação?

Resposta: os pais dela faziam mesmo trabalho de ritos de indicação. Ela quando fez tinha uns 11 anos de idade. Não desde que ela fez 6, 7, 8 anos andava com os avós para apreender aquele trabalho, eles disseram para ela assim que eles morressem, ela seria herdeira do trabalho naquela comunidade. Ela também tem espíritos, por isso que também ela é curandeira, para além de ser madrinha. Os espíritos a levaram ao mato e eles é que lhe diziam que este medicamento é para isto, isto é aquilo, mostrando-lhe os respectivos paus. Ela já começou também a fazer trabalho de curandeira e Ritos de Iniciação.

Pergunta - Quem solicita os trabalhos para meninas submetidas aos Ritos de Iniciação? E como tem sido a selecção dessas meninas?

Resposta: os pais vem ter comigo a dizer que querem levar a filha para fazer os Ritos de Iniciação. Nas férias trazem as meninas e elas ficam aqui durante um mês. Vem em grupo de 5, 6 até 16 meninas, depende da procura naquele período.

Pergunta - Qual é o objetivo dos Ritos de Iniciação? *Na altura que fiz esta pergunta estava um rapaz sentado, o neto da senhora. Ela sentiu constrangida para responder e solicitou a retirada do rapaz do local.*

Resposta: nós começamos por dizer os vossos pais trouxe-vos aqui e vocês estão na minha responsabilidade. Eu quero conversar convosco e quero que vocês falem-me a verdade. Então arruma as crianças em filas e coloca os panos de acordo com as cores para as meninas escolherem. Se for uma menina dos seus 5 a 6 anos, que ainda não teve a menstruação, essas não conseguem escolher, aí ela explica, mas se for uma menina que já teve menstruação, ela escolhe o pano vermelho. Então ela começa com alerta sobre o vermelho escolhido dizendo: esse vermelho que acaba de escolher é muito perigoso. Este vermelho mata, é uma coisa que nem sua tem, pois é perigoso, só para amedrontar a menina. Sempre que você ver essa cor vermelha sair na calcinha, deves esconder, não pode dizer a ninguém. Tem que correr a casa de banho, lavar-se e lavar o pano. Sempre deve esconder ninguém pode ver, nem os pais. Explico a menina que se ela vir esse vermelho a sair nas calcinhas deve evitar ter contactos com um homem, e é perigoso isso, não se faz enquanto estás nessas condições. Se ela for a fazer relações sexuais com um homem, ela sofre, e o homem também vai sofrer. O corpo do homem vai ficar cheio de escamas amanhã, pode encher a barriga, ele terá muitos problemas de saúde. O principal objetivo deste ritual é mostrar a menina como ela deve se comportar diante de um homem e das pessoas quando estiver menstruada. E quando ela está menstruada não pode colocar sal na comida quando estiver a cozinhar, nas cerimônias não pode cozinhar, há pessoas sensíveis que já vacinaram que passam mal comendo comida feita por uma mulher menstruada.Ensinamos como puxar mathunas[34] , Ensinamos como se comportar dali para frente.

Pergunta - E neste período em que as meninas estão aqui, tem recebido visita dos pais?

Resposta: não, ninguém vem visitá-las; às vezes é que nos deixamos as mães apenas participarem quando estão a dar ensinamentos as filhas.

Pergunta - Mas o que acontece concretamente? Quando essas pessoas comem a tal comida salgada por uma mulher menstruada?

Resposta: há uma reação não muito boa. *Limitou-se a falar isso.*

Pergunta - E neste período em que as meninas estão aqui as mães escolhem o que ensinar as filhas ou não?

[34] Alongamento dos lábios inferiores

Resposta: eu é que escolho o que ensinar. A missão dos pais é só trazer as crianças; os pais confiam nela. Tudo que ela transmite as filhas elas cumprem, e os pais nunca reclamaram de algum comportamento negativo da filha após o regresso do ritual. Uma das coisas que as meninas fazem quando saem dali é evitar pedir moedas aos homens na rua e não manter contactos com os homens, principalmente desconhecidos na rua. Segunda ela, todas as meninas que passaram das mãos dela estão casadas, sinônimo que são bem comportadas.

Pergunta - Por que se uma menina para pedir um homem moedas na rua ele te dá? O que acontece?

Resposta: ela sorriu… Ela vai acabar trocando com o seu corpo e pode ficar grávida?

Pergunta - Acha que os objetivos estão sendo alcançados?

Resposta: sim, pois elas não se tornam putas… de má vida. Elas casam-se e ficam nos seus lares.

Pergunta - Como são tratadas as meninas tidas mal comportadas nos Ritos de Iniciação?

Resposta: elas cavam o chão com dentes, cavam com dedos, partimos pedrinhas e a mandamos ajoelharem-se por cima delas por 30 minutos, nua, molhamos o chão e mandamos elas rebolarem no chão. Chamamos a pessoa adulta, ora perdida por respeito por esta, e mandamos elas se ajoelharem para pedir perdão, se é vadia e malcriada.

Pergunta - E os pais sabem disto que acontece com as filhas?

Resposta: não, nós amedrontamos que se contar aos pais eles podem perder a vida. Então elas nunca contam e mudam de comportamento. Lá no mato nós até simulamos um leão a fazer o barulho do leão, mandamos ela pular o leão, com tanto medo a menina implora para não fazer isso, chega até a lamber os pés tão sujos da madrinha.

Pergunta - Quais os momentos mais importantes dos Ritos de Iniciação?

Resposta: ensinamos como respeitar os pais e as pessoas adultas *como andar aqui na sociedade*, o seu respectivo marido etc. Por exemplo, eu nunca posso insultar ou responder mal o meu marido. Quando o meu marido chega em casa, ele tem que encontrar água quente para tomar banho, a mulher tem que acordar cedo para preparar o mata-bicho e organizar a roupa limpa e bem passada para o marido ir trabalhar. Você tira palavras insultuosas para o seu marido, quando estiverem com pessoas em casa, a mulher deve evitar responder de má vontade ao seu marido. Mesmo que tenham algum problema, na frente das pessoas, a mulher deve fingir que está tudo bem, logo que as pessoas se retirarem, podem continuar com as discussões. Nós ensinamos o que é ser mulher.

APÊNDICE B – Entrevista com Dirigente da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM)

Todos os contactos para entrevistar alguém da OMM, reduziram-se a um fracasso. Depois de muitos vai e vem atrás de algum representante da OMM, consegui convidar a secretária da área de Educação, Saúde e Cultura da instituição para compor a mesa, por mim organizada, sobre os Ritos de Iniciação e a escolarização, que contou também com representantes das instituições do DPEDH, DPS e DPGMAS.

Pergunta - Gostaria de saber informações sobre os Ritos de Iniciação nesta província.

Resposta: tenho informação sobre os ritos nesta província. Como mulher também passei por essa etapa que naquela altura foram três das quais: a primeira fase consistiu em ensinamentos para cuidar da higiene pessoal no período da menstruação; na segunda fase, recebi conselhos do tipo: não poderia me envolver com homens, pois eu corria risco de engravidar, respeitar os mais velhos etc.; na terceira fase eu já era adulta e fui ensinada como cuidar do meu lar e do meu marido, e como agradá-lo sexualmente.

Pergunta - Em sua opinião, qual é o objetivo dos Ritos de Iniciação?

Resposta: o objetivo dos ritos de iniciação, em minha opinião, são dois, o primeiro é de educar a menina para saber como se comportar dentro e fora casa, e na sociedade. Só que ultimamente outras mães adulteram, não cumprindo essas etapas que eu me referi, alegando que não tem condições, daí que agregam todas as fases numa só. São crianças menores a receberem muita informação até de adultos. Em minha opinião, dessa forma há consequências negativas. Pois a menina quando volta para escola ao invés de escutar o professor, já começa a apreciar o professor, desde sua constituição vai mentalizando aquilo que foi ensinada, como cuidar do marido etc. Portanto, nós da OMM, estamos empenhados nesse processo de sensibilização das mães e pais encarregados de educação, para que optem em usar essas três fases e não somente uma fase agregando todos os ensinamentos. Para permitir que a menina cresça, estude sem saber esses segredos do lar. Portanto para isso estamos empenhados nas palestras, seminários e mobilização das mães como forma a desencorajar se essa prática na fase em que elas estão, ainda não atingiram a fase de adolescência. Pois ensinar a menina a cuidar do marido, como o limpar após o ato sexual, como rebolar no ato sexual, numa fase em que ela é ainda uma criança, tem consequências negativas. Até dentro de casa quando olha a mãe a entrar no quarto com o pai, já sabe o que eles vão fazer. Esses trabalhos temos feito dentro das comunidades.

Pergunta - Como OMM tem conhecimento de quanto tempo as meninas ficam confinadas para este trabalho?

Resposta: as meninas praticamente ficam três dias, dependendo de cada distrito. Algumas ficam trinta dias, a colocarem mussiro (uma espécie de esfoliante tradicional).

Pergunta - A OMM tem feito trabalhos junto às madrinhas deste ritual?

Resposta: sim , temos dado capacitações, temos dado informações do tipo: se uma mãe trouxer uma menina menor para este ritual deve evitar dar muitos detalhes sobre esses ensinamentos, e esta experiência tem surtido efeitos.

Pergunta - Como a OMM acha importante a manutenção dos Ritos de Iniciação?

Resposta: sim, há necessidade de manter, porém devem ser revisto o que se ensinar**.** Pois temos visto um grande empenho do governo em valorizar as mulheres em cargos de destaque. Nós estamos num momento de equilíbrio ou de igualdade aos homens em lugares de destaque, para isso precisamos de mais mulheres na escola. O governo da FRELIMO tende a nos ouvir, mas nessa questão de ceder mais espaço às mulheres. Hoje podemos observar que temos mais governadoras, ministras e administradoras. Mas nós, a**s** mulheres, somos culpadas em algum momento, não gostamos de ver outra mulher a se destacar. Quando isso acontece, a difamação desta vem por parte das próprias mulheres.

Pergunta - Acha que a questão dos Ritos de Iniciação tem um grande impacto para que as mulheres não progridam?

Resposta: sim, essa questão quando mal gerida, sem dúvidas, é um prejuízo, principalmente para aquelas mães que levam as meninas muito pequenas para este ritual.

Pergunta - A OMM apoia a manutenção dos ritos ou não?

Resposta: para nós é um pouco complicado dizer que vamos retirar os Ritos de Iniciação, pois eles são muito importantes para educação da mulher. Porém, os pais precisam aderir que façam as três fases desse ritual; na fase adulta a menina pode aprender esses detalhes para servir o marido.

Pergunta - Acha que os Ritos de Iniciação são garantia de que a mulher vai se casar?

Resposta: não... eu penso que não, pois a maior parte dessas mulheres que passam dos ritos são azaradas, não conseguem ter marido. Em outras províncias onde não se faz os ritos, tem tido mais casamentos até. Na minha opinião os Ritos de Iniciação não são garantia para o casamento. Nós, do Norte, acabamos por nos separar dos nossos maridos, por causa do orgulho, tipo: sabemos cuidar do marido e muitas vezes ficamos sem inovar. Já aquelas que não passaram ficam sempre preocupadas em agradar o marido e estão sempre a inovar. E acabamos tendo mais opções em homens, pois existem vários homens atrás de nós.

Pergunta - O vosso trabalho abrange a outras instituições? Quais?

Resposta: DPEDH, DPS, DPGMAS.

Pergunta - Qual é a sua opinião em relação a abordagem desta temática?

Resposta: com certeza esta temática é muito importante, é um tema que realmente precisa se falar para minimizar os efeitos que eles têm trazido na educação.

APÊNDICE C – Entrevista com Dirigente da Direcção Provincial de Educação e de Desenvolvimento Humano (DPEDH)

Pergunta - A Direcção Provincial tem dados e informação sobre Ritos de Iniciação em Nampula e Niassa?

Resposta: de um modo geral a província de Nampula e Niassa é caracterizada pela prática de Ritos de Iniciação, sobretudo nesta parte do norte de Nampula e Niassa, estamos a falar dos distritos de Lichinga, Sanga, Mavago, Lago, Mandimba, Cuamba etc. Portanto é característico por isso, esta Direcção Provincial tem informações da predominância dos Ritos de Iniciação em nível dos nossos grupos alvos que são alunos, mas é preciso destacar que a maior incidência é nas raparigas, pois são muito envolvidas nos Ritos de Iniciação em nossa província. Por causa disso, muitas das vezes as lideranças religiosas comunitárias realizam os ritos em períodos que coincidem com o calendário escolar (período letivo). Como resultado disso podem imaginar, umas primeiras consequências é a desistência das raparigas que são muito envolvidas nos Ritos de Iniciação. Porque dão prioridade aos ritos do que a própria escola. Esta situação é recorrente em todos os na maior parte dos distritos de Nampula e Niassa. Importa realçar que este fenômeno não acontece somente com as raparigas, mas também os rapazes são envolvidos nos Ritos de Iniciação. Por isso o índice de desistências escolar na nossa província é muito alto, pelo menos até 2015 a média de desistência na escola era de 17%, portanto é um número muito alto. Neste sentido, respondendo esta questão o essencial é isso: de fato temos informação, temos conhecimento em relação a isto que está a acontecer. Como eu dizia de fato, a nível técnico esses dados estatísticos podem ser encontrados nos relatórios formais.

Pergunta - Na sua fala anterior comentou que os rapazes também passam pelos Ritos de Iniciação. Em que período os rapazes são submetidos aos Ritos de Iniciação?

Resposta: normalmente coincidem no período das aulas tanto para os rapazes assim como para as raparigas. É verdade que é preciso opinar que nós, como gestores da educação, temos levado a cabo uma série de acções/atividades no sentido de sensibilizar as lideranças desses ritos para realizarem em tempos que não coincidam com o período letivo, tais como: férias e interrupções das aulas. É de conhecimento que o nosso regime escolar tem três períodos. 1º, 2º e 3º semestre que coincidem com as férias mais longas.

Pergunta - Será que as escolas são informadas sobre essa retirada das crianças para os Ritos de Iniciação?

Resposta: na maioria dos casos não, muitas das vezes somos surpreendidos quando as crianças não aparecem nas salas de aula. Porque se houvesse essa informação, haveria coordenação entre a escola e os líderes responsáveis pelos ritos. Nós diríamos ok, vocês querem realizar este trabalho, tudo bem nós valorizamos e reconhecemos, mas gostaríamos que aguardassem para o período das férias, que é para permitir que os alunos participem das atividades escolares até ao fim do período e sem interrupção. Portanto, muitas das vezes não temos informação e somos confrontados com o desaparecimento das crianças nas salas de aulas. E como imagina nós temos aquele sistema de controle das presenças, portanto com certo número de faltas a criança perde o ano.

Pergunta - O senhor Director disse que com certo número de faltas a criança perde o ano, e nos casos em que a criança volta e diz que estava nos Ritos de Iniciação, a escola a recebe?

Resposta: a escola admite, o que nós queremos é ganhar a criança e continuarmos a dar o ensinamento, e se ela tiver conhecimento e competências suficientes para transitar de classe, passa. Caso contrário fica na mesma classe. Tem havido um trabalho gigantesco para recuperar estas crianças, mas como pode imaginar algumas delas para concluir estes ritos, são ditas como adultas, e já a escola para elas não é importante.

Pergunta - Pelo trabalho que a DPEDH tem levado a cabo. Será que tem conhecimento dos conteúdos que são transmitidos, tem alguns conteúdos integrados da escola ou apenas visa preparar a criança para fase adulta?

Resposta: normalmente tem sido normas sociais, tradicionais aquilo que a mulher deve fazer dali para diante na vida adulta. Portanto muitas das vezes são conselhos da conduta social tradicionalista que não tem a ver com a modernidade e isso então muitas das vezes choca com aquilo que se pretende na escola, porque a escola tenta incutir valores modernos não obstante mantendo valorizar os valores tradicionais das comunidades, mas a tentativa é mostrar valores modernos. Mas como os Ritos de Iniciaçãotem muito peso com os valores tradicionais, são esses que são pedidos lá.

Pergunta - Já teve algum caso que mereceu atenção especial da escola que tenha chegado a DPEDH?

Resposta: Eu pessoalmente não tive nenhum caso, primeiro porque sou natural daqui do Distrito de Nipepe, mas eu saí a muito tempo desta província e fui vivendo em outras províncias: Maputo, depois Zambézia, o meu ambiente foi sempre citadino (urbano). Nesta

província esse é o meu terceiro mês. Portanto ainda não tive um caso concreto que dissesse, portanto, este é resultado dos ritos iniciação. Mas sabemos e sei que há muitos casos aí. E quero acreditar que quando for trabalhar com os nossos técnicos essa resposta vai ser encontrada.

Pergunta - Quais são as idades em que as crianças são submetidas aos Ritos de Iniciação?

Resposta: aqui tenho medo de falhar de novo, este é um aspecto técnico, mas… normalmente as crianças que entram no ensino secundário são as idades variam entre os 15 a 18 anos de idade.

Pergunta - Qual e o papel da escola ou a DPEDH neste processo de ritual de iniciação?

Resposta: o nosso papel como DPEDH como disse inicialmente é de sensibilizarmos as comunidades para manter as crianças nas escolas. Sensibilizar as comunidades para realizarem os Ritos de Iniciação em períodos das férias. Sensibilizar os pais e encarregados de educação, os líderes desses rituais de iniciação e os comunitários, pois eles mandam lá nas comunidades para manterem as crianças na escola. Para que deixem as crianças estudarem até completarem 10ª e 12ª classe, reservarem o casamento para mais tarde. Esse tem sido nosso papel como gestores da Educação.

Pergunta - Tem algum fundamento na tradição para que as crianças sejam submetidas aos Ritos de Iniciação?

Resposta: do ponto de vista tradicional tem alguns fundamentos olhando para aquilo que são usos e costumes das comunidades entende-se que só por via dos Ritos de Iniciação a criança, rapariga ou o rapaz estão melhor preparados para enfrentar, os desafios do futuro, então o grande sentido esta aí. Porque entende-se que toda a rapariga e rapaz que não passar por estes ritos não está preparado para ser maduro, para ser homem ou para ser mulher.

Pergunta - Quais são as entidades que participam deste trabalho de sensibilização das comunidades?

Resposta: as entidades que fazem parte deste trabalho é no nível das comunidades, temos as chamadas matronas, temos os líderes comunitários, os próprios professores e os pais ou os encarregados de educação, porque entendemos que estes entendem o papel da escola, estes farão tudo para manter o seu filho na escola.

Pergunta - Qual é a sua opinião como Gestor sobre esta prática dos Ritos de Iniciação?

Resposta: A minha opinião mesmo é de que os Ritos de Iniciação tem um lado positivo que procura transmitir os valores de boa convivência da rapariga e do rapaz dentro da sociedade onde este está inserido, procura transmitir valores positivos de boas relações entre vizinhos e o

espírito de trabalho. Portanto todos os valores positivos os Ritos de Iniciação tem de bom neste sentido. Mas, existem também aspectos negativos sobre tudo, e eu digo o fato dos Ritos de Iniciação não priorizarem a escola, olhando a escola como atividade que prepara também o homem para se inserir na sociedade e resolver problemas da vida dele e da família. Portanto, aqui encontramos também algumas divergências entre aspectos positivos e negativos na medida em que os Ritos de Iniciação desmotivam as crianças a se manterem na escola. Tanto as meninas como os rapazes têm o mesmo tratamento com relação à permanência na escola.... Queria acrescentar que como forma de motivar a permanência das mulheres na escola, em alguns distritos ou escolas nos DP, temos recomendado para que as direcções das escolas não cobrem as mensalidades principalmente as famílias de meninas desfavorecidas. Quando existe também algum material didáctico são oferecidas as essas famílias. No período de contratação de professores, temos também privilegiado a afectação de professoras em locais onde os Ritos de Iniciação é muito forte para demonstrar para aquela sociedade que afinal o lugar da menina não é só casamento. Nas nossas reuniões também temos demonstrado que existem ministras, médicas etc que se estão ali é porque estudaram, também fazemos com os rapazes, mas a nossa maior preocupação são as mulheres.

Comentários finais do dirigente do DPEDH

Primeiro o tema é aliciante, sendo um tema muito interessante queria encorajar lhe a continuar com esta pesquisa porque se conseguir concluir e publicar a tese em minha opinião este trabalho poderá contribuir futuramente não para acabar com os Ritos de Iniciação, “atenção”, mas sim para consciencializar a sociedade sobre a importância das crianças valorizarem a escola. Também poderá contribuir no futuro para que as comunidades saibam realizar os Ritos de Iniciação sem entrar em conflitos com os atos da modernidade da escola e reservar os ritos para mais tarde. A sua pesquisa irá contribuir também para reduzir os casamentos prematuros porque os casamentos prematuros estão intimamente ligados aos Ritos de Iniciação. Encorajo-me a continuar com o tema. Como dizia nos comentários que a rapariga logo que termina os Ritos de Iniciação está preparada para o casamento.

APÊNDICE D - Entrevista com Dirigente da Direção Provincial de Saúde (DPS)

Na verdade nós sabemos que o aborto dentro do país é legalizado desde que tenha 10 semanas. Os legítimos representantes se não for maior idade podem solicitar o aborto, sobretudo se ela for indesejada. Mas nós sabemos que em nível das comunidades há muito pouco conhecimento em relação a isto, portanto acabam não aparecendo para interrupção. Em parte entendemos que também não aparecem porque os casamentos prematuros nas comunidades é uma moda que acontece com maior frequência nas nossas comunidades. Mas é claro que uma e outra podem ser dessas que se tivessem conhecimento poderiam, portanto, vir para fazer interrupção. Portanto não fazendo a interrupção da gravidez, desenvolve-se até ao fim, temos estado a receber crianças ou adolescentes, mas... eu prefiro chamar crianças com 12, 13 anos de idade numa situação de gravidez. Como bem sabemos é uma criança que não está preparada para gerar outra criança. Têm outros efeitos psicológicos, transtornos da personalidade quando colocamos a criança em risco quando as crianças logicamente não fazem esta interrupção e acabam caindo nas nossas maternidades, eu devo confessar maior parte desses casos, portanto, de gravidez como consequência de casamentos prematuros, maior parte são complicados. Portanto, uma jovem dos seus 12, 13, 14 anos não está preparada do ponto de vista anatômico, ainda não está desenvolvida para ter um parto, muitas das vezes a criança é grande relativamente à conjugada óssea, portanto, ao pélvis por onde o bebê deve nascer acaba surgindo, portanto, aquilo que nós chamamos de incompatibilidade céfalo pélvica. Portanto há uma desproporção entre a cabeça do bebê e a conjugada óssea por onde o bebê vai sair e se isso acontece o bebê nunca vai sair e a única alternativa é a via de cesariana que nos temos que fazer. O grande problema é que algumas dessas situações acontecem nas comunidades e essas comunidades às vezes estão distantes das nossas unidades sanitárias; e há um hábito nesses locais em que as unidades sanitárias estão distantes e de algumas matronas acharem que podem assistir o trabalho de parto, e não conseguindo assistir tecnicamente perdem muito tempo a assistir um parto que não vai acontecer e isto faz com que haja um atraso de chegada destas mesmas meninas e adolescentes grávidas às unidades sanitárias para serem revistas. Aí também não é possível, aí também vamos perdendo algum tempo até a altura em que esta mesma menina ou adolescente chega a uma unidade com capacidade cirúrgica para intervir. O que muitas vezes acontece é que estes casos específicos de demora acabam… em que o bebê nunca sai por via normal, o útero está a contrair e chega certa altura que o útero também cansa, e quando cansa rompe aquilo que nós chamamos de ruptura uterina e algumas delas perdem a vida, e as que

não perdem a vida acabam chegando às unidades sanitárias com capacidade cirúrgica e são submetidas à intervenção cirúrgica; tiramos o bebê às vezes vivo às vezes morto. O grande problema disto aqui é que dependendo do grau de ruptura de lesão do útero rompido, pode se dar o caso de termos que tirar o útero também, e deixamos, portanto, aquele adolescente ou criança sem possibilidade de fazer mais filhos pelo resto da vida dela. Estas situações sim acontecem, é verdade que nos últimos tempos tem a tendência de diminuir; já temos a receber cada vez menos casos graças ao trabalho que está sendo desenvolvido a nível comunitário, mas de um a dois casos temos estado a registar por ano de situações similares a essa. Ou que perde a vida porque demora chegar à unidade sanitária, ou chega à unidade sanitária, mas muitas das vezes o bebê já está morto, muitas das vezes o que temos que fazer, porque não há proveito com aquele útero, temos que tirar o útero e a jovem fica sem o respectivo útero. E claro que, em termos estatísticos só podemos recolher esta informação para poder fornecer, mas esta é uma informação geral que estou a tentar dar aqui a conhecer aqui, que temos estado a recolher dados dessa natureza.

Pergunta - Este grupo de trabalho é criado pela DPS qual tem sido o critério da criação deste grupo?

Resposta: até este momento as ações estão sendo feitas pela própria DPS e o pessoal técnico nosso são funcionários da saúde que se deslocam às comunidades e discutem. Porque mesmo esta questão, sobretudo, mortes maternas nestas circunstâncias em alguns casos nós adotamos esta ideia de ir à comunidade onde aconteceu esta situação a fim de discutir óbito naquele local como uma forma de desencorajar. Nós trazemos esta informação de que "olha a Menina Joana (nome fictício) estava na situação de gravidez bem antes da hora ideal para engravidar e porque demoraram com ela aqui na comunidade do ponto de vista de levar ela para unidade sanitária, acabou fazendo a ruptura uterina e perdeu a vida. Então evitemos esta situação". Portanto esta abordagem quando ela é feita em nível da comunidade tem algum peso, tem algum impacto em termos de percepção do problema, portanto isso parecendo que não, ajuda a moldar a consciência da nossa população para evitar situações desta natureza. Só que bom infelizmente temos aquela tal situação que o homem continua a ter algum poder sobre as mulheres, as mães podem não concordar, mas como homem ele continua a colocar em sua casa cada vez mais meninas casadas com ele por causa da capacidade financeira, às vezes até os pais aceitam que estas meninas se casem, e mesmo nesta perspectiva de alívio à pobreza. Portanto "se nós entregarmos essa nossa menina aquele agricultor produtor de tabaco eles vai nos dar X, então

vamos sobreviver à custa dela", há um pouco disto, portanto, a componente pobreza acaba ajudando num papel extremamente importante nesta situação dos casamentos prematuros que temos estado a registar no nível da nossa província. É claro que o resultado é este: gravidez precoce. A mulher não está preparada do ponto de vista biológico para ter a criança, demora chegar à unidade sanitária e tem dois riscos ou: ela perde a vida, ou ela sobrevive, mas depois perde a oportunidade de fazer filhos para vida toda e perde a oportunidade de casar, como bem sabemos nós, em África, a mulher que não faz filho é condenada a não ter casamento. Então perde tudo: não casa, não estuda, já estamos a ver que vai acontecer com esta mulher no futuro, portanto, perdeu tudo…

Pergunta - O trabalho que tem está sendo feito é no sentido de não perder muito tempo ao levar as meninas às unidades sanitárias. E o desencorajamento da prática de casamentos prematuros têm se feito?

Resposta: este trabalho ainda é um caso sério, isto tem a ver com os hábitos e costumes da comunidade, o que eu sei é que a mudança de hábitos e costumes de uma determinada comunidade é um processo complexo e leva muito tempo. A experiência que tenho é que isto leva muito tempo. Portanto é necessário que haja cada vez mais ações concretas no nível das comunidades para chegarmos a um nível em que realmente a própria sociedade ou a própria comunidade condene de verdade e não tenhamos mais situações desta natureza. Provavelmente talvez agora porque primeiro a própria lei também permite um pouco disso, parece que aos 16 anos já pode casar, mas com 16 anos ainda se está em condições, nós próprios em algum momento estamos abrir espaço para isto. O homem próprio até diz se a própria lei permite que eu possa me casar com ela com 16 anos… eu acho que há um trabalho de advocacia que deve ser feito no sentido de ver qual seria, portanto, a altura ideal para o casamento, seria um dos mecanismos agora, é importante que as estruturas tradicionais tomem respeito desta necessidade de advocacia junto das comunidades. Porque, como estou a dizer, nós do sector de saúde é que temos estado nas comunidades a sensibilizar directamente as famílias a evitar situações desta natureza. Mas muitas vezes as lideranças comunitárias marcam certa distância, portanto não há compromisso, falta um pouco deste compromisso. E por esta razão que há esses movimentos, penso que a primeira-dama há pouco tempo desencadeou um movimento nacional de desencorajamento aos casamentos prematuros, esperamos que haja réplicas deste tipo de trabalho para as províncias e depois possam descer para os distritos até as comunidades de uma forma uniforme, porque um dos problemas que se coloca é que em algum momento podem ser

que as reacções podem ser tão intensas num determinado ponto e podem ser não ser intensas num outro ponto, em algum momento há mobilidade da população só por causa disto, quando a gente vai dizer "olha este não pode casar" até é capaz de transferir-se para outra comunidade onde não se fala isso. Portanto temos que chegar a uma fase onde não se fala isso, mesmo que ele saia de um ponto para outro, ouça a mesma coisa. Isto pode vir acelerar esta tendência de mudança de hábitos com relação a esta questão dos casamentos prematuros, que muitas das vezes se incorre nas gravidezes precoces, pois se sabe também que não usam preservativos. Há um aspeto por experiência própria quando estou na comunidade, porque eu pessoalmente sou uma das pessoas que estou preocupado com esta questão de casamentos prematuros seguidos de gravidezes precoces. Uma das mensagens que eu levo para as comunidades até é de planeamento familiar, porque sei que as nossas crianças e adolescentes, por causa dos Ritos de Iniciação, também os Ritos de Iniciação em particular na província de Nampula e Niassa, são um estímulo para o casamento. Portanto se nos também não conseguirmos resolver este assunto dos Ritos de Iniciação, culturalmente falando, provavelmente vamos nos atrasar muito na província de Nampula e Niassa a ultrapassar este problema dos casamentos prematuros. Então claramente que nós, do nosso lado, porque já sabemos que lá existem os Ritos de Iniciação, que sua vez daquilo que tem estado a acontecer, até há um estímulo para o ínicio das relações sexuais. Portanto se é um estímulo transformar uma criança em adulto e aquela criança tendo aquele conhecimento automaticamente comporta-se como se fosse uma pessoa adulta, já não é mito, em outros lugares ainda é mito, mas na nossa província de Nampula e Niassa já não é mito. Portanto vale a pena abordar para aquela adolescente sobre o uso de preservativo porque já não é mito, e mesmo que ela se case pelo menos ela não corre risco de engravidar apesar de sabermos que este casamento não deveria ser realizado, porque ela é criança. Portanto há muitos problemas que estão associados a esta situação, por isso que a abordagem não pode ser unidireccional tem que ser multissectorial, portanto todos os atores devem estar envolvidos: o governo, as associações comunitárias, os líderes comunitários. Tem que haver um envolvimento multidisciplinar, as instituições de ensino também, essas pesquisas básicas e pesquisadores, porque há vários aspectos, porque nós talvez não fazemos estudos profundos, nós não estamos a conseguir identificar onde está o real problema. Essas pesquisas podiam nos ajudar a identificar e orientar sobre o ponto de vista de estratégias que podem ser levadas a cabo para minimizar esta situação.

Pergunta - Acha que os Ritos de Iniciação são fortes na província se isso de fato interfere na vida das meninas aqui no Nampula e Niassa?

Resposta: na verdade aí há uma questão de fundo, a questão de etnia de certa forma joga um papel importante; da experiência que eu tenho esta componente dos Ritos de Iniciação de forma veemente é muito mais notória na cultura Macuas e Yao. A cultura Macua entra, por exemplo, naquela situação em que Macuas e Yao casou com Macua e automaticamente como é matrilinear aqui, a mulher é que tem peso mesmo, que o homem seja Macua e a mulher Macuas e Yao, o filho dos dois vai para o Nyago. Aquelas comunidades que maioritariamente são Macuas, a única informação que eu tenho em termos de práticas tradicionais é a tal *mathunas*, e já não tem muito aquela componente de Ritos de Iniciação que estão, portanto, virados, portanto, para esta componente da tal circuncisão que é feita e preparação da criança para ser mulher enquanto ainda é criança… eu iria colocar nestes termos. Mas está provado para o caso específico que é da etnia Macuas e Yao, que eu já tive oportunidade de viver em Mavago por cinco anos, e convive com eles, esta é uma prática real e está provado também que há uma relação direta entre o participar dos Ritos de Iniciação e a realização de casamentos prematuros, e há uma relação directa com gravidezes precoces, que depois tem complicações que de certa forma colocam situações de mortes maternas e perdas das capacidades de fazer filhos e em última instância que já é a componente social e de desenvolvimento, e que estas miúdas que casam-se, elas praticamente não estudam. Há uma concepção, sobretudo, onde estava em relação à população da etnia Macuas e Yao e que, se esta mulher casa e estuda, então vai ter visão, e eu vou perder o poder de decisão diante dela. Tive situações de brigas muito sérias de algumas mulheres fortes que achavam que tinham que estudar até acabaram separando-se porque o homem nunca aceitou que a mulher fosse à escola. Portanto a questão é antes vale que ela não se case e fique na casa dos pais para poder estudar, porque passar para o casamento aí a função é cozinhar, ir a *machamba*, e não... este assunto de estudar, e depois?, vai complicar a hegemonia do homem no lar; este é um fato real, isto eu vivi. Não é coisa de ouvir dizer, vivi estava lá em Mavago quando esta situação acontecia. Mas, na verdade, em relação às etnias aqui no Nampula e Niassa é muito mais frequente na etnia Macuas e Yao. Agora Macua pode entrar por causa desta relação que está casada, envolve uma mistura familiar, sobretudo se for uma mulher por causa desta situação matrilinear, ela acaba decidindo lá em casa, as crianças todas devem ir ao Nyago mesmo que você seja Macua. Na verdade é interessante que mesmo com… Nós podemos permitir que faça este trabalho a fundo nesta componente, claro que nós

muitas das vezes não nos preocupamos muito com a etnia, mas há de se perceber que, em muitas dessas situações de casamentos prematuros e gravidezes precoce, com ou sem complicação que chegam às unidades sanitárias são da etnia Macuas e Yao, muito pouco da etnia Macua. Significa também que pode haver a tal situação de Ritos de Iniciação da etnia Macua, talvez a abordagem que é usada, não posso dizer nada porque nunca estive lá. Mas vê-se claramente que há uma diferença de abordagem. Eu penso que em relação à Macua há uma abordagem virada a ter a noção, mas nunca perder de vista a necessidade de ela própria mulher empoderar-se, evoluir. Enquanto que na etnia Macuas e Yao não há nesta perspectiva, quer dizer tudo bem se casar, sobretudo, quando é com alguém que tem dinheiro, que vai bancar tudo, portanto, a vida está resolvida. Na verdade há sempre aquelas particularidades, há situações que do ponto de vista histórico nestas comunidades que depois ditam o comportamento de uma forma geral. Eu até na altura... depois não fui investigar com muita profundidade... e por isso que eu costumo dizer que há certas práticas, vão desaparecendo na medida em que os fomentadores vão desaparecendo (morrendo). Porque há de chegar a uma comunidade, em que há um líder que ele defende que tem que ser aquilo. Quando ele perde a vida deixa-se de se fazer aquilo. Portanto, penso que quando for a investigar com muita profundidade vai encontrar situações desta natureza, em que na verdade em algum momento… porque a componente de liderança, a liderança tem muito peso no caso específico da província de Nampula e Niassa, onde estou a viver, a liderança comunitária tem um poder muito forte, em que muitas das vezes eles é que ditam o rumo dos acontecimentos em nível da comunidade. Pode se dar o caso até de irmos lá tentar sensibilizar, mas se o próprio líder comunitário defende categoricamente que esta prática deve prevalecer, não importa o tipo de diálogo que a gente for a fazer, não consegue mudar este cenário; a não ser que seja ele. De certa forma, se quisermos mudar, temos que mudar o próprio líder comunitário, só depois é que alguma coisa acontece a nível daquela comunidade. Há um pouco disso também que eu penso que com mais profundidade poderá encontrar nas conversas que for a ter diretamente com as pessoas que estão envolvidas. Agora claramente que vou lhe chamar atenção que tem que evitar no máximo aqueles aspectos pejorativos, porque começa entrar com aqueles aspectos pejorativos, eles fecham-se e já não dizem mais nada. Portanto, se tiver que fazer esse tipo de trabalho tem que entrar na onda. Na tal perspectiva que é coisa boa para permitir que eles abram- se no final da conversa e que poderá trazer aquela que é a sua visão: que tal se fizermos assim… Não vocês tem que fazer isto! Não pode impor! Basta impor a primeira vez que, acredite Dra, não há de se conseguir ir avante com a investigação que

pretende. Agora há um aspeto que não é menos importante é que, há aspectos econômicos associados aos Ritos de Iniciação, porque os tais Nacangas e as tais madrinhas cobram pelo trabalho que elas fazem, em algum momento até é uma forma de sustento dessas entidades, portanto se é uma forma de sustento, por isso que até muitas das vezes violam aquelas orientações que não devem colocar as crianças nos Ritos de Iniciação no período das aulas, porque é uma fonte de sustento. Então há um pouco desta componente. E por esta razão que mesmo na altura que for abordado há de perceber que, se for a entrar nesta perspectiva de cortar eles/as, logo ficam chateados porque vão perceber que está a querer cortar uma fonte de rendimento. Para acabar com isso teríamos que encontrar formas de ele poder ter rendimento alternativo para não depender desta prática. Este é outro aspecto que vale a pena considerar na altura que for aprofundar mais estes aspectos.

APÊNDICE E – Trabalho com o grupo focal

1. Seleção do grupo

A seleção do grupo focal deu-se por meio de entrevistas concedidas por mulheres da Universidade Pedagógica de Niassa, na cidade de Lichinga. Apresentamos a pesquisa "Práticas culturais e escolarização das mulheres em Moçambique" em três turmas do curso de Psicologia e, após isso, realizamos a inscrição de vinte mulheres que passaram pelos Ritos de Iniciação e se voluntariaram para as entrevistas. Essas mulheres foram reunidas em pequenos grupos, de acordo com a disponibilidade de cada uma.

2. Duração do encontro e o local da realização

O encontro durou duas horas e aconteceu em uma das salas de aulas, lugar que propiciou um pouco mais de privacidade. Usamos uma mesa redonda como metodologia de trabalho. Os participantes foram informados previamente da existência dos auxiliares de pesquisa.

3. Roteiro da discussão

a) Ritos de Iniciação e o lugar da mulher na sociedade moçambicana;

- O que é ser mulher na cultura moçambicana?
- Qual é a importância da mulher participar dos Ritos de Iniciação na cultura moçambicana?

b) Ritos de Iniciação e escolarização;

- Em que aspecto você considera que a prática dos Ritos de Iniciação interfere na vida da mulher?
- Será que os Ritos de Iniciação influenciam o índice de analfabetismo e a desistência Escolar da Mulher;

c) Ritos de Iniciação e a Universidade;

- Para as mulheres, o que significa estar na universidade após participar deste ritual?
- Como vocês são vistas na família e na comunidade ao frequentarem a universidade?

d) Ritos de Iniciação e participação feminina.

- O que significa para a mulher moçambicanas participar dos Ritos de Iniciação?

4. Condução do debate

Conduziu-se um debate apropriado, fechado, com privacidade e com os temas acima propostos. Os pontos propostos foram poucos para permitir a flexibilização dos temas.

5. Registo da discussão

Os registos foram feitos por anotacções e gravacções.

6. Analise dos resultados

Após cada sessão, a equipe reuniu-se para analisar as anotacções e buscar as tendências das falas dos participantes.

ENTREVISTADA 1

1. **Quem decidiu a sua participação nos Ritos de Iniciação?**

R: foram os meus avôs.

2. **A sua família ou o responsável por você foi convidado para participar deste ritual?**

R: foi sim.

3. **Quanto tempo durou a sua estada nos Ritos de Iniciação?**

R: por volta de 1 mês.

4. **Foi em grupo ou sozinha?**

R: foi em grupo.

5. **Você se lembra do nome da madrinha?**

R: sim.

6. **Quem escolheu a madrinha?**

R: foi minha avó materna.

7. **Em que nível estava quando participou dos Ritos de Iniciação?**

R: frequentava a 2ª classe.

8. **Como é estar na universidade após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: não tem tanta diferença, mas já me sinto preparada para certos desafios.

9. **Quais são os desafios e as entraves?**

R: os desafios são vários, me formar e um dia contar a minha trajetória nos ritos e na faculdade.

10. **Qual foi a experiencia de ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: há várias experiências, uma delas é o tipo de vida bem diferente da vida de casais, a maneira de dormir, vestir.

11. **Como foi retorno dos Ritos de Iniciação? Retornou à escola?**

R: retornei sim, porque foi no tempo das férias. Na minha parte, não interferiu em nada.

12. **Como foi a entrada na Universidade?**

R: a entrada foi para realizar o sonho do meu avô de me formar e ser alguém na vida, infelizmente ele perdeu a vida.

13. **O que diria para as mulheres que não participaram dos Ritos de Iniciação?**

R: diria que é bom, ganha-se várias experiências, lá a mulher é preparada para cuidar da família, como tratar o homem na cama, etc.

14. **Como você se vê após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: me vejo mulher capaz de enfrentar vários desafios e preparar outras mulheres que não tiveram a mesma oportunidade.

15. **Na sua opinião, os Ritos de Iniciação interferem, de alguma maneira, na escolarização das mulheres? Por quê?**

R: depende dos casos e das zonas. Para algumas, quando saem de lá, já querem implementar o aprendizado antes da hora.

16. **Poderia apontar aspetcos positivos e negativos dos Ritos de Iniciação.**

R: o aspeto positivo é que a pessoa é preparada para enfrentar a sociedade, o negativo é que deixam participar crianças menores de idade, que acabam aprendendo coisas antes da hora.

17. **Quer deixar algum comentário em relação à prática dos Ritos de Iniciação?**

R: que deveria deixar participar indivíduos que já atingiram pelo menos 14 a 16 anos.

ENTREVISTADA 2

1. **Quem decidiu a sua participação nos Ritos de Iniciação?**

R: foram meus encarregados de educação que decidiram a minha participação nos Ritos de Iniciação.

2. **A sua família ou responsável por você foi convidado para participar deste ritual?**

R: não

3. **Quanto tempo durou a sua estada nos Ritos de Iniciação?**

R: durou um mês.

4. **Foi em grupo ou sozinha?**

R: sozinha.

5. **Você se lembra do nome da madrinha?**

R: sim, me lembro.

6. **Quem escolheu a madrinha?**

R: a minha mãe e o meu pai.

7. **Em que nível estava quando participou dos Ritos de Iniciação?**

R: 2º ano da universidade pedagógica.

8. **Como é estar na universidade após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: normal, porque na educação informal há diferenças nos benefícios, uma coisa não tem nada a ver com a outra.

9. **Quais são os desafios e as entraves?**

R: os desafios são melhorar o comportamento, aprender ainda mais, porque o conhecimento não ocupa espaço. As entraves... passei um momento na vida muito crítico, naquele tempo meus encarregados não tinha condições, andavam descalços.

10. **Qual foi a experiência de ter participado pelos Ritos de Iniciação?**

R: a experiência é de ter modos de nos expressarmos dentro da sociedade, no meio dos mais velhos, as brincadeiras podem ser jogadas consoante as idades.

11. **Como foi o retorno dos Ritos de Iniciação? Retornou à escola?**

R: aconselhar aos que não têm respeito, classe que retornei a escola

12. **Como foi a entrada na universidade?**

R: foi bom, após ter concorrido, passei, não sofri para entrar na universidade

13. **O que diria para as mulheres que não participaram dos Ritos de Iniciação?**

R: que vão para aos Ritos de Iniciação, lá completamos os nossos conhecimentos iniciais.

14. **Como se vê hoje após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: sinto-me com melhores conhecimentos, sobretudo aquilo que achei do melhor.

15. **Na sua opinião, os Ritos de Iniciação interferem, de alguma maneira, na escolarização das mulheres? Por quê?**

R: sim, porque lá não existe nenhum conselho que diz “não pode estudar, tudo é válido para o homem”.

16. **Poderia apontar aspectos positivos e negativos dos ritos de incitação.**

R: não tem nenhum aspeto negativo por tudo o que se vê lá.

17. **Quer deixar algum comentário em relação à prática dos Ritos de Iniciação?**

R: sim, por mais que estudamos é bom passar pelos Ritos de Iniciaçãoo, porque completa o nosso conhecimento.

ENTREVISTADA 3

1. **Quem decidiu a sua participação nos Ritos de Iniciação?**

R: minha família.

2. **A sua família ou o responsável por você foi convidado para participar deste ritual?**

R: foi sim.

3. **Quanto tempo durou a sua estada nos Ritos de Iniciação?**

R: dois dias.

4. **Foi em grupo ou sozinha?**

R: sozinha.

5. **Você se lembra do nome da madrinha?**

R: sim, Tereza.

6. **Quem escolheu a madrinha?**

R: foi minha avó.

7. **Em que nível estava quando participou dos Ritos de Iniciação?**

R: estava na 6ª classe.

8. **Como é estar na universidade após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: bem, porque aqui completamos os ensinamentos que lá tivemos.

9. **Quais são os desafios e os entraves?**

R: o desafio é conciliar os ensinamentos aprendidos nos Ritos de Iniciação; e os aprendidos na Universidade.

10. **Qual foi a experiência de ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: muito boa, porque tivemos muitos ensinamentos, como cuidar da família, respeito pelos outros, não importa a idade.

11. **Como foi o retorno aos Ritos de Iniciação? Retornou à escola?**

R: sim.

12. **Como foi a entrada na universidade?**

R: foi díficil porque eu estava muito tempo sem estudar

13. **O que diria para as mulheres que não participaram dos Ritos de Iniciação?**

R: diria que deveria experimentar, é uma experiência muito boa.

14. **Como você se vê hoje após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: vejo-me uma mulher com meus princípios, valores morais e culturais completos.

15. **Na sua opinião, os Ritos de Iniciação interferem, de alguma maneira, na escolarização das mulheres? Por quê?**

R: não, porque isso depende de família para família, na minha família exigimos que todas mulheres fossem à escola.

16. **Poderia apontar aspectos positivos e negativos dos ritos de incitação.**

R: os aspectos positivos: ensinam a ter respeito com o próximo, cuidar da família, a valorizar a cultura. Aspectos negativos: ensinar como cuidar do marido antes da rapariga se casar.

17. **Quer deixar algum comentário em relação à prática dos Ritos de Iniciação?**

R: esta prática de ritos de iniciação é boa, porque aprendemos a ter higiene com nossos corpos e muito mais.

ENTREVISTADA 4

1. **Quem decidiu a sua participação nos Ritos de Iniciação?**

R: meus pais.

2. **A sua família ou o responsável por você foi convidado para participar deste ritual?**

R: sim.

3. **Quanto tempo durou a sua estada nos Ritos de Iniciação?**

R: um mês.

4. **Foi em grupo ou sozinha?**

R: em grupo.

5. **Você se lembra do nome da madrinha?**

R: Fátima.

6. **Quem escolheu a madrinha?**

R: minha avó.

7. **Em que nível estava quando participou dos Ritos de Iniciação?**

R: 4ª classe.

8. **Como é estar na universidade após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: bem, tenho uma boa educação com os docentes, colegas da faculdade.

9. **Quais são os desafios e as entraves?**

R: os desafios são terminar a faculdade, ter uma boa formação para continuar a se dedicar ao trabalho.

10. **Qual foi a experiência de ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: foi perceber como estar com o marido dentro de casa, saber respeitar bem.

11. **Como foi o retorno dos Ritos de Iniciação? Retornou à escola?**

R: sim.

12. **Como foi a entrada na universidade?**

R: foi difícil, mas também fácil, porque foi via concurso.

13. **O que diria para as mulheres que não participaram dos Ritos de Iniciação?**

R: vale a pena participar para ter uma boa educação.

14. **Como você se vê hoje após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: me acho bem, com uma boa educação e boas perspectivas de lar quando me casar.

15. **Na sua opinião, os Ritos de Iniciação interferem, de alguma maneira, na escolarização das mulheres? Por quê?**

R: sim, porque algumas deixam de estudar.

16. **Poderia apontar aspectos positivos e negativos dos Ritos de Iniciação.**

R: quando as meninas vão aos rito de iniciação, algumas deixam de estudar para se casar e não voltam à escola.

17. **Quer deixar algum comentário em relação à pratica dos Ritos de Iniciação?**

R: sim, os Ritos de Iniciação é uma prática de costumes e hábitos de cada origem. em alguns momentos ajudam a ensinar a respeitar os mais velhos.

ENTREVISTADA 5

1. **Quem decidiu a sua participação nos Ritos de Iniciação?**

R: minha mãe.

2. **A sua família ou o responsável por você foi convidado para participar deste ritual?**

R: sim.

3. **Quanto tempo durou a sua estada nos Ritos de Iniciação?**

R: duas semanas.

4. **Foi em grupo ou sozinha?**

R: em grupo.

5. **Você se lembra do nome da madrinha?**

R: sim.

6. **Quem escolheu a madrinha?**

R: minha avó.

7. **Em que nível estava quando participou dos Ritos de Iniciação?**

R: primário.

8. **Como é estar na universidade após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: é uma honra, pois consigo assimilar quase tudo relacionado ao convívio fora ou dentro de uma sociedade ou organização.

9. **Quais são os desafios e as entraves?**

R: o desafio é colocar em prática os ensinamentos que aprendi nos Ritos de Iniciação e os transmitir as meninas mais novas.

10. **Qual foi a experiência de ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: a experiência foi de ter aprendido a conviver com as pessoas, seja de que nível for, dentro de uma sociedade.

11. **Como foi o retorno dos Ritos de Iniciação? Retornou à escola?**

R: foi bom e retornei à escola.

12. **Como foi a entrada na universidade?**

R: foi bom como havia planejado.

13. **O que diria para as mulheres que não participaram dos Ritos de Iniciação?**

R: que vão, porque é uma experiência única.

14. **Como se vê hoje após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: me vejo capaz de estar diante de uma sociedade e pronta para debater acerca dos ritos com maior precisão.

15. **Na sua opinião, os Ritos de Iniciação interferem, de alguma maneira, na escolarização das mulheres? Por quê?**

R: sim, antigamente, não mais. Agora, parece que quando voltam, dizem para abandonarem a escola para se dedicarem aos homens.

16. **Poderia apontar aspectos positivos e negativos dos ritos de incitação?**

R: os aspectos positivos: ser capaz de falar em palestra como essas acerca de Ritos de Iniciação em qualquer circunstância; negativos, não fazer ideia do quanto é importante trocar ideias no meio de pessoas diferentes.

17. **Quer deixar algum comentário em relação à prática dos Ritos de Iniciação?**

R: sim , no meu ponto de vista, considerando o tempo atual, depende de cada um, porque os ensinamentos dados lá agora podem muito bem darem dentro de uma casa/família, variando de família para família, então, façam a vossa parte.

ENTREVISTADA 6

1. **Quem decidiu a sua participação nos Ritos de Iniciação?**

R: meus avôs e meus pais.

2. **A sua família ou o responsável por você foi convidado para participar deste ritual?**

R: sim.

3. **Quanto tempo durou a sua estada nos Ritos de Iniciação?**

R: um mês.

4. **Foi em grupo ou sozinha?**

R: em grupo.

5. **Você se lembra do nome da madrinha?**

R: sim, Angélica.

6. **Quem escolheu a madrinha?**

R: eu mesma.

7. **Em que nível estava quando participou dos Ritos de Iniciação?**

R: 9ª classe.

8. **Como é estar na universidade após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: algo normal.

9. **Quais são os desafios e as entraves?**

R: não tenho nenhum desafio.

10. **Qual foi a experiência de ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: foi a aprender respeitar os mais velhos e de saber mais sobre a minha cultura.

11. **Como foi o retorno dos Ritos de Iniciação? Retornou à escola?**

R: retornei à escola sim.

12. **Como foi a entrada na universidade?**

R: foi normal.

13. **O que diria para as mulheres que não participaram dos Ritos de Iniciação?**

R: que pudessem ir participar.

14. **Como se vê hoje após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: uma mulher sábia da minha cultura.

15. **Na sua opinião, os Ritos de Iniciação interferem, de alguma maneira na escolarização das mulheres? Por quê?**

R: não interfere na escolarização.

16. **Poderia apontar aspectos positivos e negativos dos ritos de incitação.**

R: positivos: aconselham a respeitar os mais velhos. Negativos: aprender como tratar o homem no ato sexual.

17. **Quer deixar algum comentário em relação à prática dos Ritos de Iniciação?**

R: sim, os Ritos de Iniciação não interferem na escolaridade, isso depende de cada comportamento.

ENTREVISTADA 7

1. **Quem decidiu a sua participação nos Ritos de Iniciação?**

R: meus pais.

2. **A sua família ou o responsável por você foi convidado para participar deste ritual?**

R: sim.

3. **Quanto tempo durou a sua estada nos Ritos de Iniciação?**

R: trinta dias.

4. **Foi em grupo ou sozinha?**

R: foi em grupo.

5. **Você se lembra do nome da madrinha?**

R: não.

6. **Quem escolheu a madrinha?**

R: a responsável por mim.

7. **Em que nível estava quando participou dos Ritos de Iniciação?**

R: 7ª classe.

8. **Como é estar na universidade após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: é bom, porque estou vivendo algumas experiências.

9. **Quais são os desafios e as entraves?**

R: lutar de modo a terminar o curso, levando comigo um conhecimento novo.

10. **Qual foi a experiência de ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: ter noções de como viver com as pessoas na sociedade, assim como saber se preparar para a vida adulta.

11. **Como foi o retorno dos Ritos de Iniciação? Retornou à escola?**

R: o retorno foi bom, até porque os ritos coincidiram com o tempo de interrupção das aulas.

12. **Como foi a entrada na universidade?**

R: fiz exame de admissão.

13. **O que diria para as mulheres que não participaram dos Ritos de Iniciação?**

R: explicaria as coisas que aprendi para elas terem a mesma experiência.

14. **Como se vê hoje após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: madura, responsável.

15. **Na sua opinião, os Ritos de Iniciação interferem, de alguma maneira, na escolarização das mulheres? Por quê?**

R: sim, quando o mesmo acontece no período letivo.

16. **Poderia apontar aspectos positivos e negativos dos Ritos de Iniciação.**

R: aspeto positivo: é que ele faz com que o indivíduo fique preparado para a vida adulta. Aspeto negativo: faz com que o indivíduo tenha um crescimento precoce.

17. **Quer deixar algum comentário em relação à pratica dos Ritos de Iniciação?**

R: sim os ritos são muito importantes e todas mulheres devem participar para respeitarem os mais velhos.

ENTREVISTADA 8

1. **Quem decidiu a sua participação nos Ritos de Iniciação?**

R: minha mãe.

2. **A sua família ou o responsável por você foi convidado para participar deste ritual?**

R: sim.

3. **Quanto tempo durou a sua estada nos Ritos de Iniciação?**

R: uma semana.

4. **Foi em grupo ou sozinha?**

R: sozinha.

5. **Você se lembra do nome da madrinha?**

R: Maria.

6. **Quem escolheu a madrinha?**

R: minha mãe.

7. **Em que nível estava quando participou dos Ritos de Iniciação?**

R: 8ª classe.

8. **Como é estar na universidade após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: após ter participado dos Ritos de Iniciação, estar na universidade tem sido um grande passo.

9. **Quais são os desafios e as entraves?**

R: saber aplicar os conhecimentos aprendidos na universidade sem esquecer de cuidar do meu marido.

10. **Qual foi a experiência de ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: foi uma experiência boa, porque, por meio dos Ritos de Iniciação, pude perceber de forma real a vida adulta e como se posicionar diante dos mais velhos e encarar as situações da vida.

11. Como foi o retorno dos Ritos de Iniciação? Retornou à escola?

R: após os Ritos de Iniciação, retornei à escola, por meio dele, foi possível me preparar para a vida adulta.

12. Como foi a entrada na universidade?

R: a princípio foi um pouco difícil por estar num ambiente diferente e com pessoas diferentes, mas ao longo do tempo fui me ambientando, de modo a considerar o melhor lugar.

13. O que diria para as mulheres que não participaram dos Ritos de Iniciação?

R: para as mulheres que não participaram dos Ritos de Iniciação, diria para elas não se sentirem diferente das outras, porque, mesmo sem o rito de iniciação, elas podem agir e ser mulheres como as outras mulheres que foram.

14. Como você se vê hoje após ter participado dos Ritos de Iniciação?

R: me vejo como uma pessoa melhor e adulta capaz de encarar as situações da vida e capaz de participar de situações relacionadas a sexualidade feminina.

15. Na sua opinião, os Ritos de Iniciação interferem, de alguma maneira, na escolarização das mulheres? Por quê?

R: em alguns casos sim, porque a mulher passa a se sentir mais adulta e responsável de si, ao ponto de considerar que já pode viver a sua própria vida num lar.

16. Poderia apontar aspectos positivos e negativos dos ritos de incitação?

R: aspectos positivos: ensinam a respeitar os adultos, encarar a morte como uma situação normal, ensinam a saber estar. Aspectos negativos: muitas vezes as meninas saem com pensamento de poderem se envolver, uma vez que já se sentem crescidas, e interrompem a escolarização.

17. Quer deixar algum comentário em relação à prática dos Ritos de Iniciação?

R: a prática dos Ritos de Iniciação tem sido muito importante por nos ajudar, muita das vezes, na educação dos nossos filhos, por nos ensinar a termos bons hábitos diante das pessoas e por também na percepção da sexualidade e das diferentes transformações fisiológicas do corpo humano.

ENTREVISTADA 9

1. **Quem decidiu a sua participação nos Ritos de Iniciação?**

R: quem decidiu a minha participação no rito de iniciação foi a minha mãe.

2. **A sua família ou o responsável por você foi convidado para participar deste ritual?**

R: sim, foi convidada.

3. **Quanto tempo durou a sua estada nos Ritos de Iniciação?**

R: um mês.

4. **Foi em grupo ou sozinha?**

R: grupo.

5. **Você se lembra do nome da madrinha?**

R: sim.

6. **Quem escolheu a madrinha?**

R: minha mãe.

7. **Em que nível estava quando participou dos Ritos de Iniciação?**

R: 5ª classe.

8. **Como é estar na universidade após ter participado dos Ritos de Iniciação?**

R: bem, eu acho normal.

9. Quais são os desafios e as entraves?

R: cuidar da minha família, dos meus filhos sem deixar a minha cultura de lado.

10. Qual foi a experiência de ter participado dos Ritos de Iniciação?

R: muita coisa, principalmente como tratar as pessoas dentro de uma sociedade.

11. Como foi retorno dos Ritos de Iniciação? Retornou à escola?

R: claro que sim.

12. Como foi a entrada na universidade?

R: feliz.

13. O que diria para as mulheres que não participaram dos Ritos de Iniciação?

R: que afinal de conta é uma aprendizagem.

14. Como você se vê hoje após ter participado dos Ritos de Iniciação?

R: muito bem. Passar pelos ritos foi uma experiência, afinal de conta, como dizem, é uma tradição nossa.

15. Na sua opinião, os Ritos de Iniciação interferem, de alguma maneira, na escolarização das mulheres? Por quê?

R: sim, porque acontece no período das aulas.

16. Poderia apontar aspectos positivos e negativos dos Ritos de Iniciação?

R: os aspectos positivos: é que saímos sabendo como devemos respeitar as pessoas; negativo: apressamos em conhecer homem, o que não é bom.

17. Quer deixar algum comentário em relação à prática dos Ritos de Iniciação?

R: sim, aconselhar todas as mulheres que não participaram dos Ritos de Iniciação a passarem pelos ritos porque você aprende a ser uma boa esposa.

APÊNDICE F - Roteiro do grupo focal

PERGUNTA 1 - **O que é ser mulher na nossa cultura?**
E1: ser mulher na nossa cultura é desempenhar o papel da cultura, a mulher deve cuidar da casa.
E2: deve ter cuidado com os filhos, a mulher deve ser impecável dentro da comunidade deve ser exemplo.
E3: quando conceber deve manter essa momento em segredo até dar luz para evitar feitiço;
E4: na nossa cultura, a mulher deve saber cuidar do marido e, se possível, de acordo com a vontade dele, saber manusear e aplicar o rícino para alongar os lábios inferiores.
E5: a mulher deve ter respeito pelo marido, ela deve ter atividades únicas dentro do lar.
E6: é ser mãe e dona de casa, cuidar de todos afazeres da casa.
E7: cuidar do marido como um ovo.
E8: segurar o seu lar, saber balancear e desempenhar as funções destinadas apenas às mulheres, respeitando a sua própria cultura.
E9: saber se preparar como mulher.
E10: ser mulher é ter respeito pelo marido.
E11: mulher é aquela que cuida da casa e da família.
E12: mulher é aquela que respeita o seu marido/parceiro.
E13: é saber respeitar os valores da cultura.
E14: ser mulher é ser mãe da família e do marido.

PERGUNTA 2 - **Qual é a Importância da participação nos Ritos de Iniciação?**
E1: é importante porque a mulher aprende a higiene, pois quando se trata de higiene em todas as vertentes, aprende-se que depois do sexo deve se limpar, aprende- se lavar e manter-se sempre limpa no período mestrual e a usar a casa-de-banho separada entre mulher menstruada e os seus pais.
E2: quando a mulher já esta casada, deve saber lidar com o homem na cama para mim não tem importância, porque nos Ritos de Iniciação aprende-se a cumprimentar ajoelhada e a se humilhar perante aos homens.
E3: a mulher no estado menstrual deve deixar uma missanga vermelha na cama e, quando passar, deve deixar uma missanga branca, não pode salgar comida, não deve saltar os pés do marido e, quando a mulher se lava na casa de banho, deve ter cuidado, pois ensina-se que pode ferir a potência dela.
E4: aprende-se fazer a limpeza dos órgãos genitais. Há sofrimento como: dormir no chão, se pintar com terra e não participar da escola.
E5: uma das importâncias é que ela recebe um aconselhamento de como deve estar na sociedade, na casa e como atender ao marido.
E6: um dos sinais antes de comer é lavar o pau de xima, junto da panela, porque aprende-se que o pau de xima representa o sexo masculino e a panela representa o sexo feminino.
E7: o problema hoje é que as crianças quando saem procuram aplicar o que aprendem, porém não se ensina o que devem não praticar.
E8: é importante mais foco, aconselhamento e preparação da mulher futura.
E9: antigamente, aos Ritos de Iniciação, a mulher era submetida com 13 anos de idade. Quando a mulher está nO período, deve se cuidar, não atravessar o marido, não se lavar de

qualquer maneira na casa de banho. Deixar missanga vermelha para dar sinal ao marido e missanga branca quando terminar o período. Hoje em dia não tem importância porque não se ensina as bases da vida.
E10: Ritos de Iniciação é importante porque diz respeito à higiene pessoal
E11: uma mulher depois de preparar xima[35] deve lavar a panela e a manivela, porque a manivela representa o sexo do homem e a panela é o da mulher. Se a mulher não lavar, significa que ela está assim como a panela, suja.
E12: uma das importâncias dos Ritos de Iniciação é porque ele ensina que quando está no período não pode salgar caril pois pode adoecer os homens, não pode também usar a mesma casa-de-banho que os pais, porque se ela deixa as calcinhas sujas com período, o pai pode ver.
E13: receber conselhos primários: como atender ao marido, respeitar a sociedade; quando estiver com marido, saber acarinhar, arrumar bem o quarto.
E14: é importante porque se ensina a respeitar os mais velhos**.**

PERGUNTA 3 - **Qual é a importância da mulher participar dos Ritos de Iniciação?**
E1: colocar um sinal no quarto de missanga vermelha, que indica que a mulher está na menstruação; e, quando terminar, colocar uma missanga branca.
E2: é importante dizer que a criança aprende melhor na escola.
E3: é importante dizer que a criança aprende melhor na escola
E4: é importante também para a higiene no ato sexual e para a lavagem da roupa interior da mulher.
E5: e aprendem também que uma criança feminina não pode tomar banho na mesma casa-de-banho que os seus pais, porque caso ela esqueça uma roupa interior na-casa-de banho, será considerado falta de respeito.
E6: receber aconselhamentos.
E7: ajuda a mulher saber organizar o quarto
E8: ajuda a mulher atender ao seu marido na cama.
E9: não se lavar de qualquer maneira na casa-de-banho enquanto estiver menstruada.
E10: agora é raro sentir a importância de ir aos ritos de iniciação.
E11: é importante porque aprende fazer limpeza dos órgãos genitais.
E12: é importante para a higiene pessoal.
E13: é importante porque orientam a mulher cuidar do seu lar.
E14: ajuda nas particularidades do uso da casa-de-banho no período menstrual da mulher.

PERGUNTA 4 - **Na sua opinião, os Ritos de Iniciação interferem, de alguma maneira, na escolarização das mulheres? Por quê?**
E1: antigamente não interferiam nos aspectos educacionais, hoje a prática dos ritos influenciam na evasão escolar e no alfabetismo da mulher, porque essa atividade é efectuada no período escolar.

[35] Prato típico de Moçambique cuja base é farinha de milho.

E2: os ensinos atuais nos ritos levam as mulheres a procura dessas práticas para aprenderem a proporcionar mais prazer aos homens, pois nos ritos ensinam como uma mulher deve se mexer na cama.
E3: os Ritos de Iniciaçãoinfluenciam sim no índice de analfabetismo e na evasão escolar, pois a prática do ensino dos ritos ensinam como fazer sexo, como cuidar do homem e como segurá-lo, de modo a tornar a mulher submissa às vontades e aos desejos do marido.
E4: diz-se, nos ritos, que o sexo da mulher foi feito para satisfazer o homem, por isso, a mulher não pode rejeitar o homem.
E5: antigamente não havia desistência escolar porque colocavam o "Unhago"[36] depois das férias. Hoje em dia, os Ritos de Iniciação acontecem no período escolar, o que ocasiona a desistência.
E6: sim, Ritos de Iniciação provocam desistência escolar e influenciam no índice de analfabetismo, porque algumas iniciantes, por curiosidade, querem colocar em prática o que aprenderam, consequentemente elas engravidam e desistem da escola.
E7: nos ritos de iniciacação ensina-se que o espelho do sexo é a vagina e o lugar do sexo do homem é na vagina, logo os ritos podem provocar desistência escolar, porque estimula a mulher a implementar aquilo que aprendeu, o que resulta na gravidez precoce..
E8: atualmente, sim, contribui porque as mulheres após a saída dos Ritos de Iniciação querem implementar aqui no norte, em particular no Niassa, a prática de Ritos de Iniciação decorria em três fases.
E9: algumas alegam que os homens não se negam, isso significa que quando um marido pedir para ter relação sexual, a mulher deve aceitar.
E10: algumas mulheres dizem que Isso é influência negativamente pois em nenhum momento se fala que a mulher deve se tornar independente.
E11: há muito tempo, não influenciava, porque acontecia nas férias, mas agora, por colocarem as crianças nos Ritos de Iniciação no período das aulas, ao voltarem, elas acabam desistindo da escola. Sim, influencia na desistência da escola, porque elas aprendem como cuidar do marido e como fazer sexo portanto a tendência é colocarem em prática o que aprenderam. Aprende-se a não negar um homem, se este for lhe procurar.
E12: atualmente influencia sim, porque o ato acontece no período de aulas, e isso acaba inibindo o processo educacional das crianças.
E13: sim, ela causa a desistência escolar porque fica muito tempo nos Ritos de Iniciação
E14: sim, porque nos Ritos de Iniciação aprende que a mulher é a base da família; e o homem é o pilar

PERGUNTA 5 – **É possível conciliar os ensinamentos dos ritos com os aspectos do trabalho e escolar. Concorda? Se sim de que maneira?**
E1: sim, é possível conciliar o que se aprendeu nos ritos e a realidade na universidade, porém há necessidade de saber como lidar e aplicar os ensinos aprendidos nos Ritos de Iniciação.
E2: tem sido difícil conciliar porque os ritos ensinam uma coisa e a universidade ensina outra coisa. Exemplo: a mulher aprende que ao entrar em um determinado local ou encontrar alguém se deve cumprimentar, há docentes que dizem que quando o estudante chegar ele só precisa entrar e sentar.
E3: as mulheres encontram um choque entre essas duas realidades.

[36] Ritos de Iniciação na língua Yao.

E4: aprende-se que a mulher não deve olhar nos olhos dos mais velhos, mas a universidade ensina que pode sim e não há problema algum olhar nos olhos dos docentes.
E5: o problema da conciliação dos ensinos dessas duas realidades é a inculturação que ocorre na cultura ocidental.
E6: elas não aceitam conciliar o emprego com as atividades domésticas, e tão pouco aceitam serem submissa aos homens.
E7: a mulher quando trabalha esquece suas responsabilidades de casa. Ela não aceita ser mandada pelo seu marido.
E8: a mulher, por mais que esteja cansada com o seu marido, não pode se recusar a fazer sexo com ele.
E9: explica-se que os ensinamentos podem influenciar positivamente ou negativamente. Os ensinamentos dos ritos é diferente dos ensinamentos dado na universidade.
E10: sim, todas as mulheres que passam pelos Ritos de Iniciação aprendem a se controlar para não engravidar
E11: não é possível conciliar, porque o trabalho doméstico nos ocupa muito.
E12: é muito difícil conciliar.
E13: às vezes é possível, mas em muitos momentos é complicado porque o marido não me ajuda em casa.
E14: é muito difícil porque eu tenho 5 filhos e eles demandam muito tempo. Já pensei muitas vezes em desistir na universidade.

PERGUNTA 6 - **Como vocês são vistas na família e na sociedade por frequentarem a universidade?**
E1: se a pessoa já está na universidade é porque desde cedo a família tem acompanhado a aprendizagem da mulher e a família se sente orgulhosa.
E2: olham na vertente de que esta mulher veio ajudar a família.
E3: a sociedade irá avaliar, mas logo depois de terminar o curso, ela espera uma mulher com personalidade clara para ajudar a sociedade e aplicar os conhecimentos adquiridos.
E4: a sociedade espera uma mulher pronta para mostrar os seus conhecimentos.
E5: na sociedade, a mulher não deve ser arrogante por ser alguém que passou da universidade. Essa mulher não pode fugir dos hábitos e costumes da sociedade, ela deve saber consolidar e procurar estruturar os ensinos e a cultura. Diz-se que a maior parte das mulheres que passam por essas situações são mulheres que não passaram pelos Ritos de Iniciação. A sociedade critica a forma da mulher falar, se vestir e de se comportar.
E6: a sociedade sente receio e incômodo da mulher universitária e da maneira como elas se vestem. Exemplo: em 2014, em uma viagem à Machamba[37], estava uma senhora que usava apenas saia e calcinha enquanto subia no carro, o motorista viu as partes íntimas da mulher que era estudante. E foi severamente criticada durante a viagem toda.
E7: a mulher deve procurar meios de como lidar com a sociedade.
E8: a sociedade incomoda-se com essas doutoras, temem ser arrogante dentro de uma sociedade. A perda de lar após a saída da academia é bastante notória nos dias atuais.
E9: deve aplicar as bases aprendidas nos Ritos de Iniciação, assim, ao entrar em um lugar, precisa pedir licença, saudar, porém na academia algumas coisas não são feitas.
E10: na família a mulher é vista como um homem preparado que vai alavancar a família.

[37] Roça

E11: após passar pelos Ritos de Iniciação, a mulher não deve se comportar de forma inadequada. Raramente a mulher consegue manter o seu casamento estável, devido a falta de consideração dos preceitos aprendidos nos Ritos de Iniciação.
E12: mesmo estando na universidade, ela deve ter consciência que sempre o homem será superior. Além disso, ela tem que aceitar as criticas dos mais velhos e vestir-se de forma adequada, não usando roupas muito decotadas e curtas. As vestes das universitárias incomodam a sociedade.
E13: a maior parte das mulheres universitárias não tem marido em Moçambique, pois, na medida em que passam a ter o próprio salário, elas ganham a sua independência e não querem se submeter ao homem.
E14: a comunidade sente um desafio entre uma mulher acadêmica que passou pelos Ritos de Iniciação.

PERGUNTA 7 - **O que leva as mulheres que estudaram estarem só?**
E1: entre as mulheres que já estudaram, há uma tendência notória de ficarem sem homem, dizem que eles não conseguem segurá-las, porque elas tendem a resistir e a estarem em pé de igualdade ou querer humilhá-los.
E2: as mulheres esquecem a importância da existência do homem. Explica-se que o maior problema é o emprego e os conhecimentos adquiridos.
E3: as mulheres devem saber se posicionar como mulher, mãe e funcionária. A mulher deve saber e entender e acima de tudo entender que mulher, dona de casa, não deve deixar existir o orgulho na sua relação com o marido.
E4: a questão, nessa situação, não é apenas pelo salário, mas também pela falta de submissão da mulher ao seu marido. A mulher precisa entender que o homem é a cabeça da casa e muitas, já funcionárias, se esquecem desse pormenor.
E5: a falta de submissão das mulheres que já são funcionárias está relacionada com a ausência delas nos ritos, onde as mulheres aprendem que existe uma hora adequada para conversar assuntos delicados relacionados a problemas: na madrugada.
E6: é importante, as mulheres devem participar dos ritos. As mulheres que já possuem um çsustento acabam zangando no completo (negando-se a manter relações sexuais), assim, explica-se que o casal pode estar zangado, mas no quarto não deve manter essa situação.
E7: insiste-se que a mulher nunca deve negar praticar sexo com o seu marido, mesmo em meio a grandes brigas.
E8: quando a mulher vai dormir, ela deve usar apenas calcinha ou ficar nua para que possa satisfazer a necessidade do marido. Quando um homem zangar, a mulher tem que ser a primeira a procurá-lo trazer de volta, usando a sedução e o sexo.
E9: quando uma mulher é traída por seu marido, ainda que ela descubra, ela deve o perdoar.
E10: porque não respeitam o marido.
E11: elas se acham superiores os maridos depois de estudarem.
E12: é porque elas esquecem tudo que aprenderam no rito de iniciação.
E13: porque essas mulheres não param em casa, o tempo estão na universidade, os homens não suportam isso.
E14: porque elas querem dominar os maridos, esquecendo que o homens é o cabeça da casa.

PERGUNTA 8 - **Para as mulheres, o que significa estar na universidade após a prática deste ritual?**
E1: estar na universidade e ter participado do ritual significa saber respeitar os colegas e os docentes, mas é muito difícil fazer todos os sinais de respeito aprendidos nos Ritos de Iniciação. Só o que é importante continuar a respeitar os colegas e docentes.
E2: há um choque entre os ensinamentos da universidade e os dos ritos. Nem tudo o que aprendemos nos ritos pode ser aplicado na Universidade, pois pode ser inadequado no contexto acadêmico, por exemplo: nos ritos, as mulheres aprendem que devem se ajoelhar perante os mais velhos, como uma forma de respeito e submissão. Entretanto, ela não pode se ajoelhar perante os docentes e seus colegas.É notório também que outras culturas tradicionais influenciam a mulher e a cultura moçambicana.
E3: são vistas como pessoas que vão desenvolver a família e a comunidade, mas também tem um aspeto negativo que alguns que passaram pela universidade fazem, esquecem que passaram dos Ritos de Iniciação não reconhecerem por onde passaram.
E4: é importante ter respeito pelos ensinamentos da sociedade.
E5: um universitário não pode ser arrogante com as pessoas. A sociedade nota uma mudança em algumas mulheres quando passam pela universidade, mudam a forma de falar com os outros tornando-se muito arrogantes e se vestem mal, com roupas curtas e transparentes que mostram a roupa interior (calcinha).
E6: outras, quando fazem universidade, abandonam o marido e casam-se com outra pessoa do mesmo nível. Muitas mulheres depois de fazer a universidade se divorciam porque não se rendem, não se humilham perante ao marido.
E7: são poucas mulheres que continuam com os maridos, outras ficam sem casar. Algumas mulheres preferiam superar os problemas do casamento do que se divorciar de seus marido, pois algumas delas não tinham uma condição financeira estável que a permitissem terem uma vida digna.
E8: quando uma mulher tem salário, não vê a vantagem de ter um marido, porque dizem que o homem é a cabeça da família e a esposa está para servir ele, isso tira a responsabilidade do homem na família, porque a mulher consegue fazer tudo com o seu próprio dinheiro e não vê a vantagem de ter marido.
E9: significa estar madura mentalmente, porque consegue atender muito bem o marido e estudar.
E10: ter muita maturidade.
E11: ser muito persistente porque não é fácil ultrapassar essa barreira.
E12: a mulher tem que ser muito persistente, por exemplo eu tive que me separar porque o meu marido não deixava eu estudar.
E13: é muito difícil porque quando eu sai do rito de iniciação fiquei grávida. Na gravidez fiquei muito doente.
E14: é muito difícil. Não consegui dar continuidade quando eu estava com o meu marido, porque ele não quis pagar a mensalidade.

PERGUNTA 9 - **Em que momento as mulheres são submetidas aos Ritos de Iniciação?**
E1: depois que apanha a primeira menstruação, A mulher, depois de dar a luz, deveria passar novamente pelo rito de iniciação junto ao marido para poder receber alguma educação a respeito de como cuidar da criança.
E2: antes e depois da primeira menstruação.
E3: depois do casamento;

E4: depois de conceber.
E5: atualmente, as mulheres são submetidas aos ritos apenas após a primeira menstruação. Antigamente existiam três formas de Ritos de Iniciação.
E6: depois da primeira menstruação.
E7: após a primeira menstruação
E8: após a primeira menstruação e antes do casamento
E9: a iniciação tem três fases: a primeira, na adolescência; a segunda, depois do casamento; e a terceira, após o parto.
E10: depois da primeira menstruação
E11: os Ritos de Iniciação no norte ocorrem em três fases: na adolescência, quando estiver grávida, e depois do nascimento da criança (essa fase se faz junto ao marido).
E12: depois dos 12 anos, após a primeira menstruação.
E13: quando eu vejo a menstruação.
E14: no período das férias vamos em um grupo de meninas todas que apanharam a primeira menstruação.

APÊNDICE G – Cartas de Apresentação

LIEPPE
Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar

São Paulo, 23 de janeiro de 2017.

Às
Madrinhas

Prezada Diretora,

Vimos, por meio desta, apresentar o projeto de pesquisa intitulado "Práticas tradicionais e escolarização: o caso da mulher moçambicana", que tem como objetivo investigar a relação das práticas culturais em Moçambique e a educação da mulher no grupo étnico-linguístico Macua, buscando identificar o processo da escolarização das mulheres.

Trata-se de projeto desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no curso de Doutorado, sob a orientação da Profa. Titular Marilene Proença Rebello de Souza.

Tal projeto pretende contribuir na perspectiva de construção de diálogos entre práticas culturais tradicionais e as políticas educacionais, de maneira a propiciar uma escolarização de qualidade. Para tanto, solicitamos a V. Sa. autorização para realizarmos a pesquisa em escolas de sua jurisdição. A pesquisa compreende algumas etapas que serão efetivadas por meio de levantamento de dados a respeito da escolarização de mulheres moçambicanas, a saber:

- ✓ levantamento de dados estatísticos sobre escolarização de meninos e meninas;
- ✓ levantamento de documentos oficiais que tratem do tema nas escolas pesquisadas;
- ✓ entrevistas com professores, coordenadores e diretores de escolas, membros do Conselho de Escolar.

Todos os participantes da pesquisa serão convidados a assinar Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, depois de informados e acordados a participarem livremente do estudo, e no qual a observância do sigilo dos participantes e a publicação dos resultados apenas em meios científicos e de modo a não permitir a identificação, seja da instituição e dos participantes, são salvaguardadas de acordo com que estabelece a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil, que regulamenta os procedimentos éticos para pesquisa com seres humanos (http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf)

Desde já, colocamo-nos à inteira disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários durante todo o transcorrer da pesquisa, pelo email aidabinze@gmail.com e agradecemos sua preciosa colaboração.

Atenciosamente,

Profa. Titular Marilene Proença Rebello de Souza
Orientadora da Tese
Diretora do Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo

Doutoranda Aida Duarte Binze

Instituto de Psicologia/USP – Departamento de Psicologia Faculdade de Ciências/UNESP – Bauru
Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Cidade Universitária – Bloco G – Sala 19A – Telefone: +55 11-3091-4269
http:// www.ip.usp.br/portal e-mail: lieppe.usp@gmail.com

São Paulo, 23 de janeiro de 2017.

À
Secretaria Provincial da
Organização de Mulheres Moçambicanas
Província de Niassa

Prezada Diretora,

Vimos, por meio desta, apresentar o projeto de pesquisa intitulado "Práticas tradicionais e escolarização: o caso da mulher moçambicana", que tem como objetivo investigar a relação das práticas culturais em Moçambique e a educação da mulher no grupo étnico-linguístico Macua, buscando identificar o processo da escolarização das mulheres.

Trata-se de projeto desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no curso de Doutorado, sob a orientação da Profa. Titular Marilene Proença Rebello de Souza.

Tal projeto pretende contribuir na perspectiva de construção de diálogos entre práticas culturais tradicionais e as políticas educacionais, de maneira a propiciar uma escolarização de qualidade. Para tanto, solicitamos a V. Sa. autorização para realizarmos a pesquisa em escolas de sua jurisdição. A pesquisa compreende algumas etapas que serão efetivadas por meio de levantamento de dados a respeito da escolarização de mulheres moçambicanas, a saber:

- ✓ levantamento de dados estatísticos sobre escolarização de meninos e meninas;
- ✓ levantamento de documentos oficiais que tratem do tema nas escolas pesquisadas;
- ✓ entrevistas com professores, coordenadores e diretores de escolas, membros do Conselho de Escolar.

Todos os participantes da pesquisa serão convidados a assinar Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, depois de informados e acordados a participarem livremente do estudo, e no qual a observância do sigilo dos participantes e a publicação dos resultados apenas em meios científicos e de modo a não permitir a identificação, seja da instituição e dos participantes, são salvaguardadas de acordo com que estabelece a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil, que regulamenta os procedimentos éticos para pesquisa com seres humanos (http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf)

Desde já, colocamo-nos à inteira disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários durante todo o transcorrer da pesquisa, pelo email aidabinze@gmail.com e agradecemos sua preciosa colaboração.

Atenciosamente,

Profa. Titular Marilene Proença Rebello de Souza
Orientadora da Tese
Diretora do Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo

Doutoranda Aida Duarte Binze

LIEPPE
Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar

São Paulo, 23 de janeiro de 2017.

À
Direção Provincial de Educação e Desenvolvimento Humano
Província de Niassa

Prezado(a) Diretor(a),

Vimos, por meio desta, apresentar o projeto de pesquisa intitulado "Práticas tradicionais e escolarização: o caso da mulher moçambicana", que tem como objetivo investigar a relação das práticas culturais em Moçambique e a educação da mulher no grupo étnico-linguístico Macua, buscando identificar o processo da escolarização das mulheres.

Trata-se de projeto desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no curso de Doutorado, sob a orientação da Profa. Titular Marilene Proença Rebello de Souza.

Tal projeto pretende contribuir na perspectiva de construção de diálogos entre práticas culturais tradicionais e as políticas educacionais, de maneira a propiciar uma escolarização de qualidade. Para tanto, solicitamos a V. Sa. autorização para realizarmos a pesquisa em escolas de sua jurisdição. A pesquisa compreende algumas etapas que serão efetivadas por meio de levantamento de dados a respeito da escolarização de mulheres moçambicanas, a saber:

- ✓ levantamento de dados estatísticos sobre escolarização de meninos e meninas;
- ✓ levantamento de documentos oficiais que tratem do tema nas escolas pesquisadas;
- ✓ entrevistas com professores, coordenadores e diretores de escolas, membros do Conselho de Escolar.

Todos os participantes da pesquisa serão convidados a assinar Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, depois de informados e acordados a participarem livremente do estudo, e no qual a observância do sigilo dos participantes e a publicação dos resultados apenas em meios científicos e de modo a não permitir a identificação, seja da instituição e dos participantes, são salvaguardadas de acordo com que estabelece a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil, que regulamenta os procedimentos éticos para pesquisa com seres humanos (http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf)

Desde já, colocamo-nos à inteira disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários durante todo o transcorrer da pesquisa, pelo email aidabinze@gmail.com e agradecemos sua preciosa colaboração.

Atenciosamente,

Profa. Titular Marilene Proença Rebello de Souza Doutoranda Aida Duarte Binze

Instituto de Psicologia/USP – Departamento de Psicologia Faculdade de Ciências/UNESP – Bauru
Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Cidade Universitária – Bloco G – Sala 19A – Telefone: +55 11-3091-4269
http:// www.ip.usp.br/portal e-mail: lieppe.usp@gmail.com

LIEPPE
Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar

São Paulo, 23 de janeiro de 2017.

À
Direção Provincial de Saúde
Província de Niassa

Prezado(a) Diretor(a),

Vimos, por meio desta, apresentar o projeto de pesquisa intitulado "Práticas tradicionais e escolarização: o caso da mulher moçambicana", que tem como objetivo investigar a relação das práticas culturais em Moçambique e a educação da mulher no grupo étnico-linguístico Macua, buscando identificar o processo da escolarização das mulheres.

Trata-se de projeto desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no curso de Doutorado, sob a orientação da Profa. Titular Marilene Proença Rebello de Souza.

Tal projeto pretende contribuir na perspectiva de construção de diálogos entre práticas culturais tradicionais e as políticas educacionais, de maneira a propiciar uma escolarização de qualidade. Para tanto, solicitamos a V. Sa. autorização para realizarmos a pesquisa em escolas de sua jurisdição. A pesquisa compreende algumas etapas que serão efetivadas por meio de levantamento de dados a respeito da escolarização de mulheres moçambicanas, a saber:

- ✓ levantamento de dados estatísticos sobre escolarização de meninos e meninas;
- ✓ levantamento de documentos oficiais que tratem do tema nas escolas pesquisadas;
- ✓ entrevistas com professores, coordenadores e diretores de escolas, membros do Conselho de Escolar.

Todos os participantes da pesquisa serão convidados a assinar Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, depois de informados e acordados a participarem livremente do estudo, e no qual a observância do sigilo dos participantes e a publicação dos resultados apenas em meios científicos e de modo a não permitir a identificação, seja da instituição e dos participantes, são salvaguardadas de acordo com que estabelece a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil, que regulamenta os procedimentos éticos para pesquisa com seres humanos (http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf)

Desde já, colocamo-nos à inteira disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários durante todo o transcorrer da pesquisa, pelo email aidabinze@gmail.com e agradecemos sua preciosa colaboração.

Atenciosamente,

Profa. Titular Marilene Proença Rebello de Souza
Orientadora da Tese
Diretora do Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo

Doutoranda Aida Duarte Binze

Instituto de Psicologia/USP – Departamento de Psicologia Faculdade de Ciências/UNESP – Bauru
Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Cidade Universitária – Bloco G – Sala 19A – Telefone: 11-3091-4355
http:// www.ip.usp.br/portal e-mail: lieppe.usp@gmail.com

LIEPPE
Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar

São Paulo, 23 de janeiro de 2017.

À
Direção Provincial de Gênero, Criança e Ação Social
Província de Niassa

Prezado(a) Diretor(a),

Vimos, por meio desta, apresentar o projeto de pesquisa intitulado "Práticas tradicionais e escolarização: o caso da mulher moçambicana", que tem como objetivo investigar a relação das práticas culturais em Moçambique e a educação da mulher no grupo étnico-linguístico Macua, buscando identificar o processo da escolarização das mulheres.

Trata-se de projeto desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no curso de Doutorado, sob a orientação da Profa. Titular Marilene Proença Rebello de Souza.

Tal projeto pretende contribuir na perspectiva de construção de diálogos entre práticas culturais tradicionais e as políticas educacionais, de maneira a propiciar uma escolarização de qualidade. Para tanto, solicitamos a V. Sa. autorização para realizarmos a pesquisa em escolas de sua jurisdição. A pesquisa compreende algumas etapas que serão efetivadas por meio de levantamento de dados a respeito da escolarização de mulheres moçambicanas, a saber:

- ✓ levantamento de dados estatísticos sobre escolarização de meninos e meninas;
- ✓ levantamento de documentos oficiais que tratem do tema nas escolas pesquisadas;
- ✓ entrevistas com professores, coordenadores e diretores de escolas, membros do Conselho de Escolar.

Todos os participantes da pesquisa serão convidados a assinar Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, depois de informados e acordados a participarem livremente do estudo, e no qual a observância do sigilo dos participantes e a publicação dos resultados apenas em meios científicos e de modo a não permitir a identificação, seja da instituição e dos participantes, são salvaguardadas de acordo com que estabelece a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil, que regulamenta os procedimentos éticos para pesquisa com seres humanos (http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf)

Desde já, colocamo-nos à inteira disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários durante todo o transcorrer da pesquisa, pelo email aidabinze@gmail.com e agradecemos sua preciosa colaboração.

Atenciosamente,

Profa. Titular Marilene Proença Rebello de Souza Doutoranda Aida Duarte Binze

APÊNDICE H – Termo de Consentimento

LIEPPE

Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Participante

Estamos realizando uma pesquisa intitulada **Práticas tradicionais e escolarização: o caso da mulher moçambicana,** que tem como objetivo investigar a relação das práticas culturais em Moçambique e a educação da mulher no grupo étnico-linguístico Macua, buscando identificar o processo da escolarização das mulheres.

Trata-se de projeto desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no curso de Doutorado, sob a orientação da Profa. Titular Marilene Proença Rebello de Souza.

Tal projeto pretende contribuir na perspectiva de construção de diálogos entre práticas culturais tradicionais e as políticas educacionais, de maneira a propiciar uma escolarização de qualidade. Para tanto, solicitamos a V. Sa. autorização para realizarmos a pesquisa em escolas de sua jurisdição. A pesquisa compreende algumas etapas que serão efetivadas por meio de levantamento de dados a respeito da escolarização de mulheres moçambicanas, a saber:

- ✓ levantamento de dados estatísticos sobre escolarização de meninos e meninas;
- ✓ levantamento de documentos oficiais que tratem do tema nas escolas pesquisadas;
- ✓ entrevistas com professores e dirigentes.

Para realizar esta pesquisa gostaríamos de entrevistá-lo(a) e, se possível, registrar em áudio a entrevista.

Salientamos que o conteúdo das fitas de áudio será utilizado unicamente para os fins da pesquisa e será mantido sob sigilo, e os dados finais colocados à sua disposição, sendo resguardada a sua identidade e da instituição a qual está vinculado. Ressaltamos também que sua participação não envolverá qualquer tipo de despesa e se em alguma das etapas do trabalho você decidir não participar mais, a sua decisão será respeitada enquanto voluntário do processo de pesquisa.

Desde já, colocamo-nos à inteira disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários durante todo o transcorrer da pesquisa, pelo email aidabinze@gmail.com e agradecemos sua preciosa colaboração.

Se você sente-se suficientemente esclarecido(a) e disposto(a) a participar desta pesquisa, pedimos que, por gentileza, assine este termo de consentimento e agradecemos a sua preciosa colaboração.

Atenciosamente,

Profa. Titular Marilene Proença Rebello de Souza — Doutoranda Aida Duarte Binze

Declaro, após ter lido os esclarecimentos acima explicitados, concordar em participar da pesquisa **"Práticas tradicionais e escolarização: o caso da mulher moçambicana."**

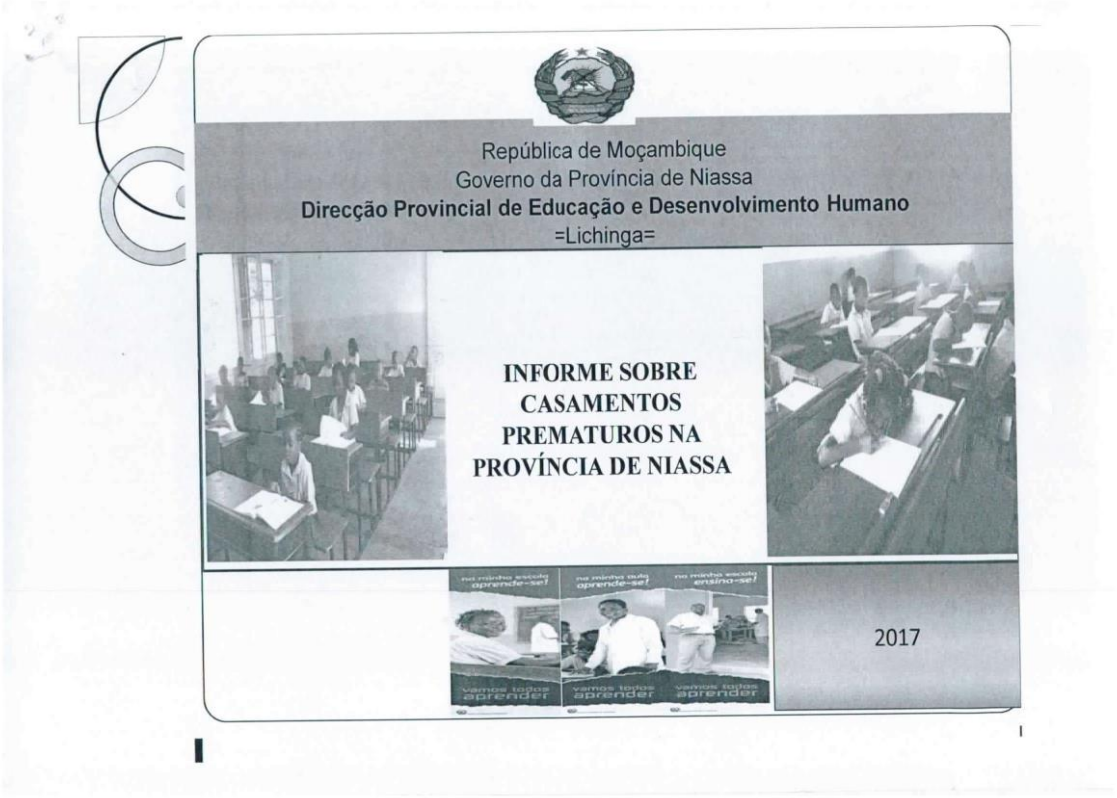
Nome:_____

Ass : _____

Data: _____

ANEXOS

ANEXO A – Informe sobre Casamento Prematuros na Província de Niassa



República de Moçambique
Governo da Província de Niassa
Direcção Provincial de Educação e Desenvolvimento Humano
=Lichinga=

INFORME SOBRE CASAMENTOS PREMATUROS NA PROVÍNCIA DE NIASSA

2017

Estrutura de Apresentação

- **Introdução**
- **Acesso e retenção**
- **Matrícula de Novos Ingresso da 1ª Classe/2016**
- **Alfabetização e Edução de Adultos**
- **Qualidade: Melhorar a aprendizagem do aluno**
- **Desistências 2014/2015**
- **Nível de desistências no EP1/2016**
- **Nível de desistências no EP2/2016**
- **Casamentos prematuros**
- **Consequências dos casamentos prematuros**
- **Constatações**
- **Conclusão**

Introdução

Uma das apostas do Governo Moçambicano é de proporcionar a educação para todos os cidadãos, garantido a equidade de género nas oportunidades da oferta.

Neste contexto, pretende-se com este informe dar a saber sobre os níveis de casamentos prematuros na Província de Niassa, apontando basicamente para os fenómenos concretos causadores deste problema.

- Objectivos
  - Descrever em linhas gerais, os fenómenos que têm causado os casamentos prematuros ao nível da província de Niassa
  - Apresentar as tendências do registo percentual da rapariga no sistema;
  -

ACESSO E RETENÇÃO: ASSEGURAR A INCLUSÃO E A EQUIDADE

Rede e Efectivo Escolar (Ensino Geral)

No ano de 2016, o sector funcionou com **403.611** alunos, (entre públicos, comunitários, privados, diurnos e nocturnos), sendo **192.280** mulheres, contra **396.613** de 2015, tendo-se registado um crescimento na ordem de **1,8%.**

As raparigas registaram um crescimento de **1,8%,** em relação as **188.834** de 2015, com uma representação de **45.6%.**

Rede e Efectivo Escolar

Níveis de Ensino	Escolas		Realiz. %	Comparação		Alunos				Realiz. %	Comparação			
	Plano/16	Real/16		2015	%	Plan/16		Real/16			2015		%	
						M	HM	M	HM	HM	M	HM	M	HM
EP1	1.057	1.057	100	1.036	2,0	151766	315.682	148355	305.362	96,7	147347	303.999	0.7	0,4
EP2	350	350	100	322	8,7	18820	41.427	19951	43.705	105,5	18887	41.572	5.6	5,1
ESG1	40	40	100	38	5,3	16919	38.342	16853	38.076	99,3	16250	35.893	3.7	6,1
ESG2	17	17	100	13	30,8	5845	13.851	5939	13.499	97,5	5300	12.607	12.1	7,1
ETPV	5	5	100	5	0,0	629	1.924	711	2.059	107,0	610	1.637	16.6	25,8
IFP	3	3	100	3	0,0	438	878	471	910	103,6	440	905	7.0	0,6
Total	1.472	1.472	100	1.417	3,9	194.417	412.104	192.280	403.611	97,9	188.834	396.613	1.8	1,8

Matrícula de Novos Ingresso da 1ª Classe/2016

Nº	DISTRITO	Meta		Meta	Total Matr.	%Execuc.
		1ª Pub	1ª Com			
1	Cuamba	15.630	165	15.795	812	5,1
2	Majune	1378	112	1.490	0	0,0
3	Mandimba	12.235	138	12.373	91	0,7
4	Marrupa	4275		4.275	39	0,9
5	Maúa	4.003		4.003	0	0,0
6	Mavago	1291		1.291	129	10,0
7	Mecanhelas	17211	142	17.353	647	3,7
8	Mecula	1.230		1.230	119	9,7
9	Lago	7199	51	7.250	208	2,9
10	Chimbunila	3.191		3.191	89	2,8
11	Lichinga	11377	33	11.410	207	1,8
12	Sanga	3.132	47	3.179	328	10,3
13	Muembe	1458	13	1.471	0	0,0
14	Ngaúma	3.527	201	3.728	72	1,9
15	Metarica	2.091	75	2.166	246	11,4
16	Nipepe	2379	56	2.435	486	20,0
Total Geral		**91.607**	**1.033**	**92.640**	**3473**	**3,7**

Alfabetização e Edução de Adultos

Este ano são **749** Centros de AEA, com **1.346** turmas, cumpriu se o plano em **97,7%**, dos **767** centros planificados, com um crescimento de **4,1%** em relação aos **718** centros de 2015.

Dos **60.000** alfabetizandos planificados registou um cumprimento de **62,2% (37.301)** registando um decréscimo de **37,8%** em relação aos **51.417** alfabetizandos em 2015.

Aproveitamento Global da província/2015

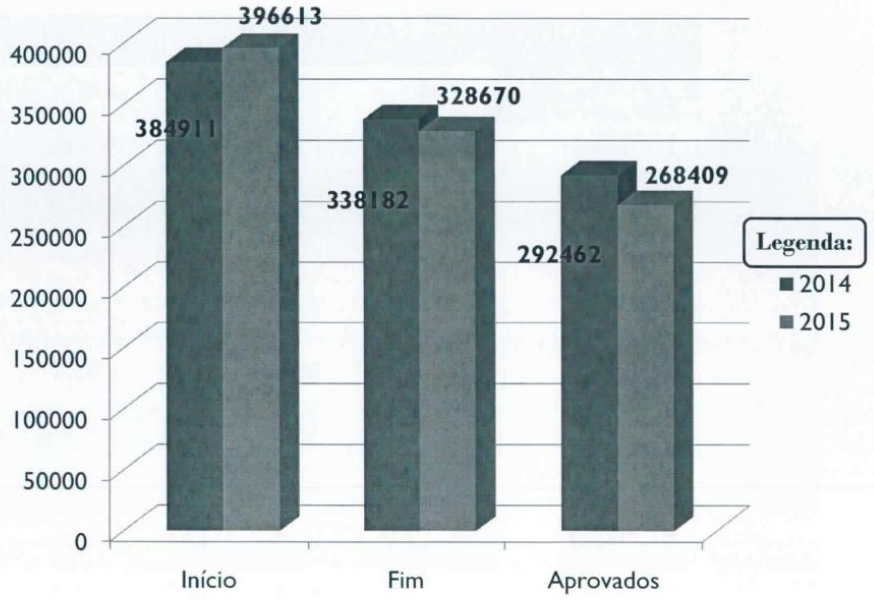
Em 2015, dos **328.670** que chegaram ao fim, **268.409** transitaram de classe, o correspondente a uma percentagem de **81.7%** de rendimento global, e quando comparado com o ano de 2014 onde **292.462** alunos obtiveram resultados positivos, regista-se um decrescimo de **9.0%**.

Para as raparigas, em 2015 o rendimento foi de **81.9%** e, em 2014, 86.8% registando-se um decréscimo na ordem de **4.9%.**

Aproveitamento Global da Província

Nº	Alunos	2014		2015		%Cres014/015	
		SF	FM	SF	FM	SF	FM
1	Início	181939	384911	188834	396613	3,7	3,0
2	Fim	160070	338182	156444	328670	-2,3	-2,9
3	Aprovados	138909	292462	128147	268409	-8,4	-9,0
4	%A:I	76.3	76.0	67,9	67,7	-8,4	-8,3
5	**%A:F**	**86.8**	**86.5**	**81.9**	**81.7**	**-4,9**	**-4,8**
6	**%D:I**	**12.0**	**12.1**	**17,2**	**17,1**	**5,2**	**5,0**
7	%D:F	13.2	13.5	18,1	18,3	4,9	4,8
8	**%R:I**	**23.7**	**24.0**	**15,0**	**15,2**	**-8,7**	**-8,8**
9	%R:F	13.2	13.5	14,1	13,8	0,9	0,3

Aproveitamento Global



Desistências 2014/2015

As desistências aumentaram de 2014 para 2015, ao subir de 12.8% para 17.1% no geral e, de 12.0% para 17.2% no sexo feminino. Salienta-se que, a taxa registada na Província do Niassa é a mais elevada do país.

Desistências II Trimestre/2016

Níveis	Classes	03-03-16		Fim II Trimest.		Desist.		%	
		SF	FM	SF	FM	SF	FM	SF	FM
EP1	1 a 5 Cl.	148355	305362	141012	288550	7343	16812	4.9	5.5
EP2	6 e 7 Cl.	19951	43705	19142	41993	809	1712	4.1	3.9
Total		**168306**	**349067**	**160154**	**330543**	**8152**	**18524**	**4.8**	**5.3**

ç

Nivel de Desistências no EP2/2016

Da radiografia feita em torno do apuramento no levantamento 3/3 do ano em curso, as taxas de desistência no EP2, no geral, foram de **4.1%** para o sexo feminino e **3.9%** para ambos. O peso das elevadas taxas de desistências neste nível de ensino, são apontados os distritos de Chimbunila com **14.6%**, Sanga com **12.6%** e Metarica com **11.2%** de desistências.

Consequências dos casamentos prematuros

Na vida real, os casamentos prematuros têm consequências diversas desde à família, à escola e à sociedade em geral. **Na escola,** por exemplo, os casamentos prematuros fazem com que o índice de desistência seja elevado por um lado e por outro, baixa o aproveitamento pedagógico, consequentemente o desperdício escolar. Também reduz o nível de participação da rapariga na escola, para além do acesso bem como a retenção, assim prejudicando a própria rapariga para o seu desenvolvimento futuro, à comunidade e ao Estado.

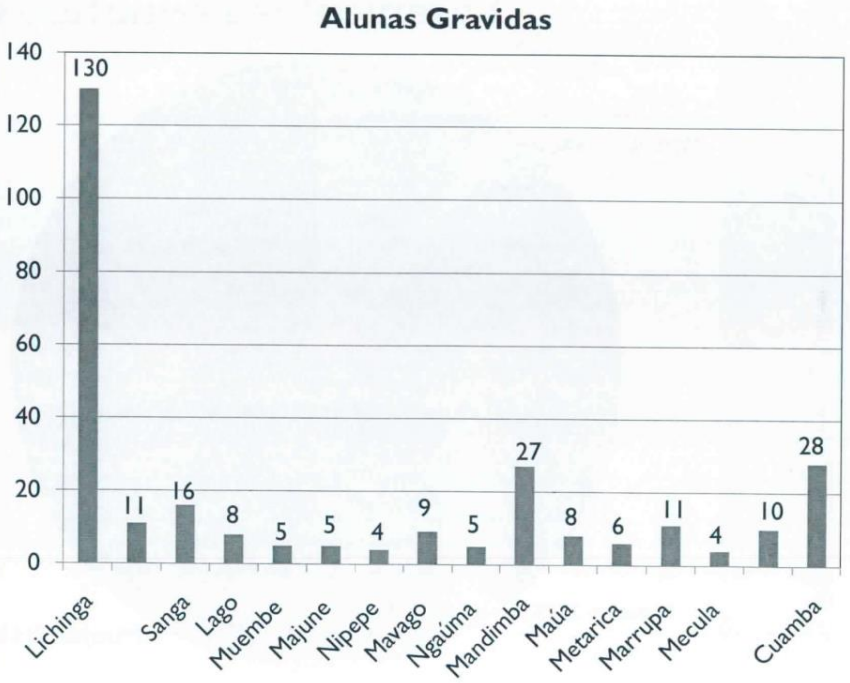
Na família: Ao nível da família, os casamentos prematuros tornam as raparigas vulneráveis ao abuso sexuais e muito dependentes dos seus maridos, tornam-se escravas do homem por estar totalmente desprovidas de meios financeiros.

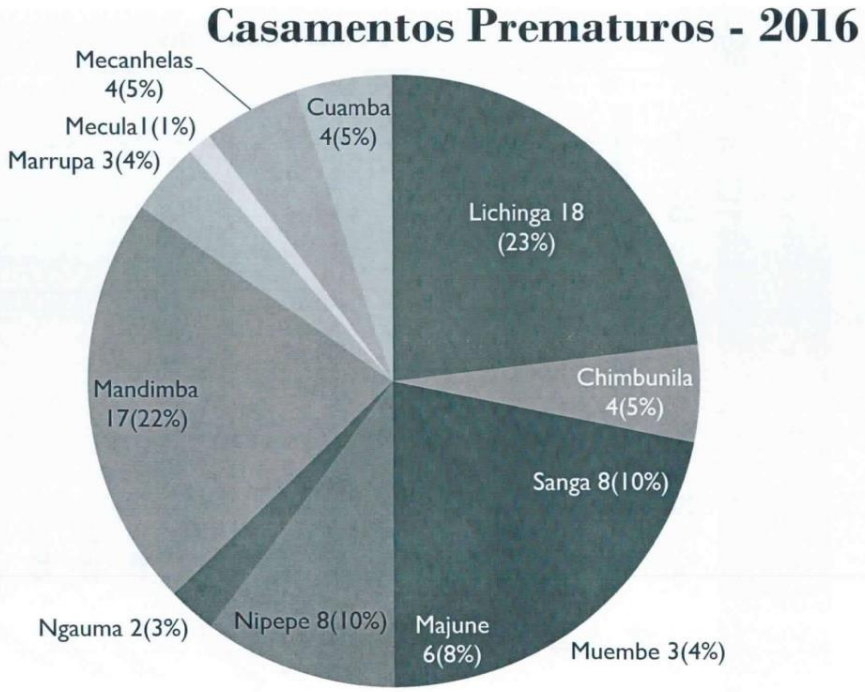
Na saúde: Agravam a má nutrição e retardam o desenvolvimento das crianças, para além do desespero e do aumento de casos de gravidez precoce, correndo o risco de ficarem com físculas obstétricas durante a vida, trazendo o mau estar na sociedade.

No entanto, "Há mais probabilidade de ser infectada com HIV/SIDA (pode ser mais difícil negociar o uso de preservativo com o marido; talvez um marido mais velho já foi infectado) ". (Manual workshop, 2012, p.20).

Tabela Ilustrativa de Alunas Grávidas na Província do Niassa ate o Segundo Trimestre de 2016

Nº de Ordem	Distrito	Período em referência 2016		
		Alunas Grávidas	Casamentos prematuros	Autores
01	Lichinga	130	18	00 Desconhecido
02	Chimbunila	11	04	00 Desconhecido
03	Sanga	16	08	00 Desconhecido
04	Lago	08	00	00 Desconhecido
05	Muembe	05	03	00 Desconhecido
06	Majune	05	06	00 Desconhecido
07	Nipepe	04	08	00 Desconhecido
08	Mavago	09	00	00 Desconhecido
09	Ngaúma	05	02	00 Desconhecido
10	Mandimba	27	17	00 Desconhecido
11	Maúa	08	00	00 Desconhecido
12	Metarica	06	00	00 Desconhecido
13	Marrupa	11	03	00 Desconhecido
14	Mecula	04	01	00 Desconhecido
15	Mecanhelas	10	04	00 Desconhecido
16	Cuamba	28	04	00 Desconhecido
Total		**287**	**78**	00 Desconhecido


Alunas Gravidas
140
120
100
80
60
40
20
0
130
11
16
8
5
5
4
9
5
27
8
6
11
4
10
28
Lichinga
Sanga
Lago
Muembe
Majune
Nipepe
Mavago
Ngaúma
Mandimba
Maúa
Metarica
Marrupa
Mecula
Cuamba


Casamentos Prematuros - 2016
Mecanhelas 4(5%)
Mecula1(1%)
Marrupa 3(4%)
Cuamba 4(5%)
Lichinga 18 (23%)
Chimbunila 4(5%)
Sanga 8(10%)
Mandimba 17(22%)
Ngauma 2(3%)
Nipepe 8(10%)
Majune 6(8%)
Muembe 3(4%)

Constatações

No princípio do ano verifica-se o número elevado de alunos no sistema, tanto para rapazes como para raparigas, numero verificado depois do levantamento estatístico 3 e 15 de Março. Contudo, no final do ano parte considerável destes alunos é dada como desistente. 2014, **12%** e 2015, **17.2%** para raparigas. Estas percentagens são assustadoras.

Redução do nível de aproveitamento escolar, de **86,5%** em 2014 para **81,7%** em 2015, correspondendo a **9%** de decréscimo.

Até ao fim do 2º trimestre, no EP desistiram **4,8%** de raparigas o que equivale a **8.152** das **141.012** existentes; e só no EP1 **4,9%** para as raparigas. Os distritos de Chimbunila, Majune e Sanga são os que contribuíram em taxas mais elevadas; **19,5%, 12,2%,** e **11,5%,** respectivamente.

Fraca aderência às matriculas das crianças para 1ª classe neste ano por parte dos pais/encarregados de educação que até ao dia 20 de Outubro de 2016 apenas tivemos **3.473** alunos matriculados, correspondentes à **3,7%,** num universo de **92.640** da meta prevista, havendo distritos com (zero) alunos matriculados (Majune, Maúa e Muembe). Estas matrículas terminam no dia 31 de Dezembro de 2016.

Nível de realização das matrículas

Nº	DISTRITO	Meta		Meta	Total Matr.	%Execuc.
		1ª Pub	1ª Com			
1	Cuamba	15.630	165	15.795	812	5,1
2	Majune	1378	112	1.490	0	0,0
3	Mandimba	12.235	138	12.373	91	0,7
4	Marrupa	4275		4.275	39	0,9
5	Maúa	4.003		4.003	0	0,0
6	Mavago	1291		1.291	129	10,0
7	Mecanhelas	17211	142	17.353	647	3,7
8	Mecula	1.230		1.230	119	9,7
9	Lago	7199	51	7.250	208	2,9
10	Chimbunil	3.191		3.191	89	2,8
11	Lichinga	11377	33	11.410	207	1,8
12	Sanga	3.132	47	3.179	328	10,3
13	Muembe	1458	13	1.471	0	0,0
14	Ngaúma	3.527	201	3.728	72	1,9
15	Metarica	2.091	75	2.166	246	11,4
16	Nipepe	2379	56	2.435	486	20,0
Total Geral		91.607	1.033	92.640	3473	3,7

Fraca retenção de alunos no sistema, sobretudo da rapariga.

Realização de ritos de em pleno tempo lectivo, condicionando assim a participação de alunos no PEA, incentivando desistências, abandono ou mesmo desperdício escolar.

Envolvimento de crianças nas actividades de rendimento imediato (machambas, pesca, caça, etc) comprometendo o futuro destas.

287 raparigas grávidas até ao 2º trimestre, sendo 130 destas só no distrito de Lichinga e maior numero e 4 nos distritos de Mecula e Nipepe.

78 Casamentos prematuros sendo o maior número verificado no distrito de Lichinga (18) e o menor no Distrito de Mecula (1).

Conclusão

O Governo investe milhões de meticais na educação das crianças promovendo um ensino gratuito no ensino primário, mas este investimento é posto a baixo sem motivos aplausíveis. Esta prática é posta em prática por pessoas adultas privando o direito que a criança tem de ser educada, consagrado no artigo 88 da Constituição da República.

Este é o objectivo pelo qual solicitamos este encontro para reflectirmos em conjunto com as autoridades locais estes cenários que constituem um mal que enferma o nosso sistema educativo na nossa província. O nosso objectivo é:

O nosso objectivo é:

Deixar de ser os primeiros na tabela de negatividade no aproveitamento escolar, nas desistências, em fim, em tudo aquilo que constitui obstáculo para o SNE.

A questão que se coloca é:

COMO SAIRMOS DISTO?

Pela atenção dispensada

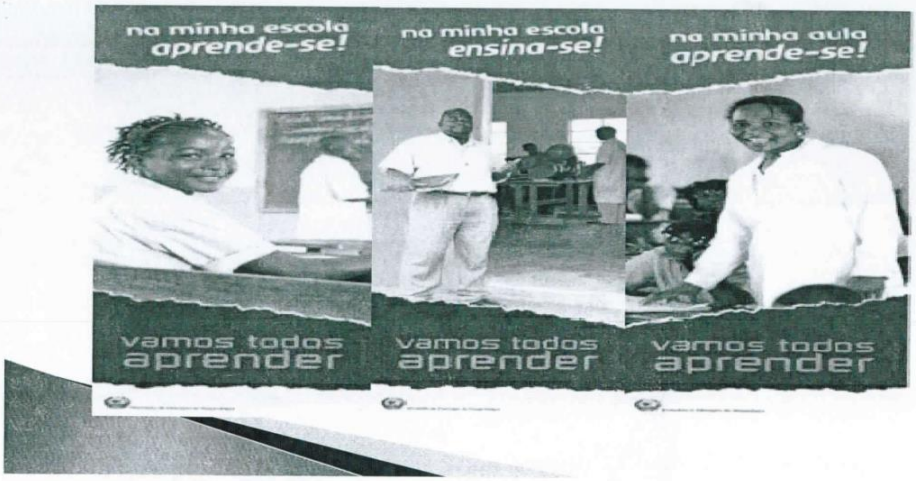
Muito Obrigado

Lichinga, 22 de Outubro de 2016

ANEXO B – Plano de Ação para a Redução da Desistência

República de Moçambique
Governo da Província do Niassa
Direcção Provincial de Educação e Desenvolvimento Humano
=Lichinga=

Plano de Acção para a Redução da Desistência



Estrutura de Apresentação

1. Introdução;
   1.1. Objectivo Geral;
   1.2. Objectivos Específicos;
   1.3. Contextualização
2. Desistências/2014 – 2015;
3. Inferências relativas às desistências médias nos últimos 5 anos ;
4. Matriz de acções de mitigação;
5. Considerações finais.

2

1. Introdução

O Governo da República de Moçambique encara a educação como um direito fundamental de cada cidadão, um instrumento para a afirmação e a integração do indivíduo na vida social, económica e política, um factor indispensável a continuação da construção de uma sociedade moçambicana e para o combate à pobreza.

É neste contexto que o governo tem priorizado a criação e a expansão de oportunidades para assegurar que todas as crianças possam ter acesso e completar uma educação básica de sete classes.

3

Cont.

Assim, os programas do Sector de Educação concebem a visão do governo, focalizando na educação como um direito de todos os cidadãos e um instrumento para a afirmação e integração do indivíduo na vida social, económica e política, com a missão virada para a criação de um sistema educativo justo, inclusivo, eficaz e eficiente em termos de gestão, onde os alunos possam obter as competências requeridas em termos de conhecimentos, habilidades e atitudes.

4

1.1. Objectivo Geral

- Reduzir o nível das desistências escolares.

1.2. Objectivos Específicos

- Apresentar acções concretas para a redução das desistências;
- Traçar linhas orientadoras para o combate das desistências, com envolvimento de vários actores do PEA.

5

1.3. Contextualização

Refletir sobre as práticas, atitudes e motivações que influenciam para o abandono escolar dos alunos é uma questão de extrema necessidade, dada a dimensão que tal problema tomou, não somente no âmbito educacional mas na sociedade moçambicana como um todo.

Permanecem ainda grandes desafios por superar, dentre os quais, destacam-se a existência de um número considerável de crianças fora da escola e crianças que tendo ingressado na 1ª classe não concluem as sete classes do ensino primário.

6

Cont.

O Dicionário Verbo de Língua portuguesa (2008:2), a desistência é um acto de sair de um lugar sem intensão de voltar, afastamento, desleixo e/ou negligência.

Porém, neste contexto, considera-se por abandono escolar, acto ou efeito de deixar de ir a escola por parte dos alunos anteriormente inscrito, para se dedicar a outras actividades.

7

2. Desistências/2014 – 2015

De 2014 a 2015, as desistências cresceram em **5.0%** no geral e **5.2%** para as raparigas, vide Tabela abaixo.

Tabela nº 01: **Desistencias/2014-2015**

Nº	Alunos	2014		2015		%Cres014/015	
		SF	FM	SF	FM	SF	FM
1	Início	181.939	384.911	188.834	396.613	3,7	3,0
2	Fim	160.070	338.182	156.444	328.670	-2,3	-2,9
3	%D:I	12.0	12.8	17,2	17,1	5,2	4,3
4	%D:F	13.2	13.5	18,1	18,3	4,9	4,8

Legenda:

SF – Sexo Feminino
FM – Sexo Feminino e Masculino
%D:I – Percentagem Desistência Início
%D:F – Percentagem Desistência Fim

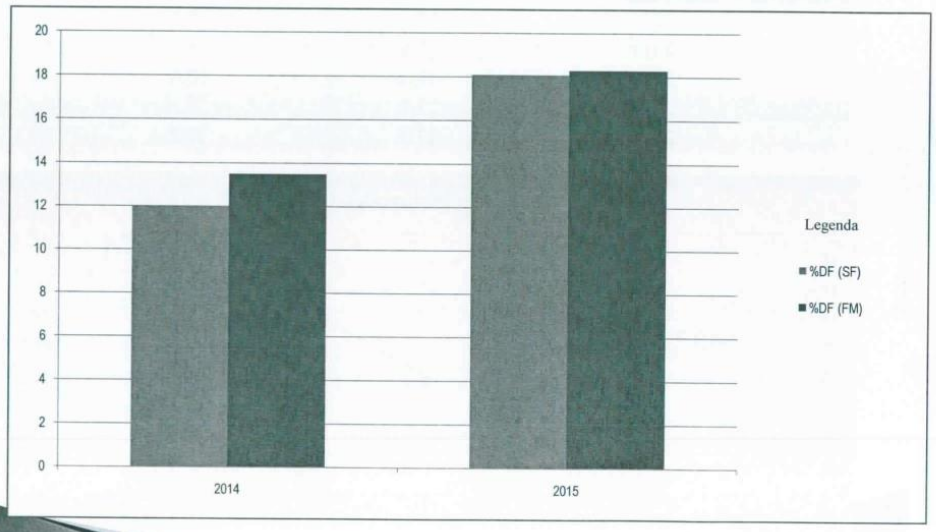
8

Cont.

Em relação ao fenómeno em destaque (desistencia escolar), no ano de 2015 dos 396.613 matriculados chegaram ao fim do ano 328.670 alunos tendo desistido 67.943 alunos, o que corresponde à 17.1%, e quando comparado com o ano de 2014, em que desistiram 21.869 alunos o que corresponde à 12.8%, resgistou-se um crescimento de 4.3%, como em seguida o grafico abaixo demonstra:

9

Grafico nº 01: **Desistencias 2014-2015**



10

Inferências relativas às desistências médias nos últimos 5 anos

Ano	DESISTENCIAS (%)		
	SM	SF	FM
2011	11,2	10,1	10,7
2012	3,9	12,7	8
2013	12,1	10,6	7,5
2014	12,2	12	12,8
2015	17,1	17,2	17,1

11

Tabela nº 06: Distritos destacados nas desistências 2014/2015

Ano	Distritos destacados %		
	1º	2º	3º
2014	Mecula-18,5%	Sanga-17,9%	Lago-15,1%
2015	Majune -29,5%	Nipepe-22,6%	Muembe-22,5

Tabela nº 07: Destaque anual da taxa mais elevada (1º lugar) em desistências 2011/2015

Níveis globais de destaque 2011/2015	
1º	Majune - 29,5% (2015)
2º	Mecula - 23,7% (2011/12)
3º	Nipepe - 22,6% (2015)
4º	Muembe - 22,5 (2015)

12

Tabela nº 08: Frequência de desitências 2011/2015

Nº	Distritos mais frequentes no registo de desistências 2011/2015
1º	Mecula (4 X)
2º	Sanga (4 X)
3º	Chimbunila (2 X)

Tabela nº 09: Taxas

Programa Sectorial	Indicador de resultado	Observado em 2016	Média nacional	Previsão até 2019
Ensino Primário	Taxa líquida de escolarização aos 6 anos na 1ª classe.	75,3%	81%	86%
	Rácio aluno/professor	65	62	57
	Rácio aluno/turma	49	50	50
	Taxa de desistência	17,1%		9%
	Taxa bruta de conclusão no EP2	58,7%	82,3%	92%

13

4. Matriz de acções de mitigação

Nº	Causas de desistências	Práticas	Acções de Mitigação	Intervenientes	Responsáveis
1	Uso de mão-de-obra infantil na actividade agrícola	na época da limpeza e sacha das machambas. Alguns pais e encarregados de educação, levam os seus educandos para reforçar a mão-de-obra nos campos de produção agrícola. Alias, a realidade mostra que algumas crianças são usadas durante a lavoura, sementeira, sacha e até a colheita da produção.	✓Continuar com a sensibilização da população com vista a salvaguardar os direitos da criança em idade escolar para mais ingresso às escolas; ✓Realizar palestras junto das comunidades de modo a não pratica de mão-de-obra infantil; ✓Capacitar membros dos conselhos de escola em matéria de gestão escolar, direitos da criança, proteção e participação das crianças.	Governos distritais, Conselhos de Escola, Gestores escolares, Líderes comunitários, Pais e Encarregados de educação, Parceiros de cooperação.	Governos distritais, SDEJT, DPEDH.

14

Cont.

Nº	Causas de desistências	Práticas	Acções de Mitigação	Intervenientes	Responsáveis
2	Prática de ritos de iniciação	A prática de ritos de iniciação tambem influencia para o abandono escolar quando é feita durante o tempo lectivo.	✓Intensificar acções de sensibilização junto aos líderes comunitários, pais e carregados de educação e população em geral para que as práticas culturais, ritos de iniciação sejam realizadas fora da calendarização lectiva; ✓Trabalhar em coordenação com parceiros de cooperação do Sector, incluindo as rádios comunitárias de modo a desencorajar a prática de ritos de iniciação no tempo lectivo escolar.	Governos distratais, Conselhos de Escola, Gestores escolares, Líderes comunitários, Pais e Encarregados de educação, Parceiros de cooperação.	Governos distritais, SDEJT, DPEDH.

15

Cont.

Nº	Causas de desistências	Práticas	Acções de Mitigação	Intervenientes	Responsáveis
3	Casamentos prematuros (*casamento prematuro é definido como a união marital, envolvendo menores de 18 anos. Este constitui violação dos direitos sexuais e reprodutivos*).	os casamentos prematuros na sua maior parte verificam-se em alunas, isto é, os comerciantes são os que mais casam se com as raparigas, pelo facto dos pais e encarregados de educação estarem desprovidos de recursos financeiros e consideram nestes como sendo a solução para resolver as suas necessidades básicas	✓Inclusão da iniciativa " tolerância zero em relação à violência contra as crianças"; ✓Realizar encontros com professores, alunos, conselho de escola, lideres comunitários e religiosos abordando questões relativas a saúde sexual e reprodutiva, gravidezes precoces; ✓Reforçar os espaços de denuncia nas escolas e comunidades de casos relacionados com casamentos prematuros, gravidezes precoces e assedio sexual; ✓Atribuição de bolsas de estudos e outros incentivos para matricula e retenção das crianças do sexo feminino provenientes de famílias mais vulneráveis.	Governos distratais, Conselhos de Escola, Gestores escolares, Líderes comunitários, Pais e Encarregados de educação, Parceiros de cooperação.	Governos distritais, SDEJT, DPEDH.

16

Cont.

Nº	Causas de desistências	Práticas	Acções de Mitigação	Intervenientes	Responsáveis
4	Absentismo dos docentes	Os alunos dirigem-se a escola e não encontram professores, repetindo – se várias vezes acabam desistindo.	✓Potenciar a gestão escolar através de capacitações; ✓Tomar medidas aos gestores infratores de acções não recomendadas através dos EGFAE; ✓Fazer o levantamento extraordinário, prestando maior atenção aos distritos com maior índice de desistência.	DPEDH, SDEJT, Gestores Escolares, Chefes dos Postos Administrativos e Localidades e Conselho de Escolas.	SDEJT, Gestores Escolares.

17

Cont.

Nº	Causas de desistências	Práticas	Acções de Mitigação	Intervenientes	Responsáveis
5	Nomadismo	Os pais e encarregados de educação abandonam a aldeia por onde está inserida a escola à procura de terras férteis para a prática de agricultura ou por conflito entre os líderes comunitários e, levam consigo os seus educandos.	✓Realizar palestras junto as comunidades de modo a sensibilizar a população para não abandonar as aldeias, onde estão instaladas as instituições de ensino; ✓Sensibilizar a comunidade para construção de residências condignas, de modo a evitar as transferências constantes (abandono).	Conselhos de Escola, Líderes Comunitários, Pais e Encarregados de educação Postos Administrativos e Localidades.	Governos distritais e Líderes Comunitários.

18

Cont.

Nº	Causas de desistências	Práticas	Acções de Mitigação	Intervenientes	Responsáveis
6	Fome	os alunos por falta de alimentação/lanche durante o período lectivo, abandonam as aulas.	✓Expandir a implementação do lanche escolar; ✓Incentivar a produção escolar.	DPEDH, SDEJT, Gestores Escolares.	DPEDH e Gestores Escolares.

19

5. Considerações finais

O sector de Educação e Desenvolvimento Humano, em coordenação com os outros sectores a vários níveis, irá até ao final do ano desencadear acções que visam a mitigação das desistências para retirar a Província na posição em que ocupa.

20

Pela Atenção Dispensada

Muito Obrigado

21

ANEXO C – Breve Informe sobre Planejamento Familiar

INTRODUÇÃO

O Programa de Saúde Escolar e Adolescentes é um elo importante na cadeia de intervenções previstas na atenção ao adolescente e jovem.

O Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, na sua Política, reconhece explicitamente que os alunos têm direito à saúde. Desta feita, a DPEDH em coordenação com as outras Direcções, nomeadamente a da Saúde, a de Género, Criança e Acçaão Social, Agricultura e Segurança Alimentar, Obras Publicas Habitação e Recursos Hidricos, entre outras e com apoio dos parceiros de cooperacao, concretamente a Embaixada da Irlada e Associação Progresso têm realizado várias actividades para a saúde e bem estar dos alunos.

2

A Saúde (por exemplo) promove campanhas de vacinação nas escolas contra varias patologias e palestras para a desnutrição crónica das mães e crianças.

OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS:

1. Contribuir a redução da morbi-mortalidade da população adolescente e jovens, através da identificação precoce de seus problemas, das suas necessidades de modo a promover um crescimento e desenvolvimento harmonioso e saudável dos cidadãos, cabendo a orientação técnica e organizativa, entre os Ministérios da Educação e da Saúde.

3

2. Promover e advogar os Direitos Sexuais, Reprodutivos e Humanos de Adolescentes e Jovens, conhecendo os tipos, vantagens e desvantagens dos métodos contracepcionais;

3. Fortalecer as actividades com impacto no estado nutricional dos adolescentes **(10-19 anos)** Anemia controlada em adolescentes dentro e fora da escola.

Neste contexto, a Direcção Provincial de Educação e Desenvolvimento Humano em coordenação com a de Saúde tem estado a implementar algumas intervenções de rotina para adolescentes e jovens nas Escolas.

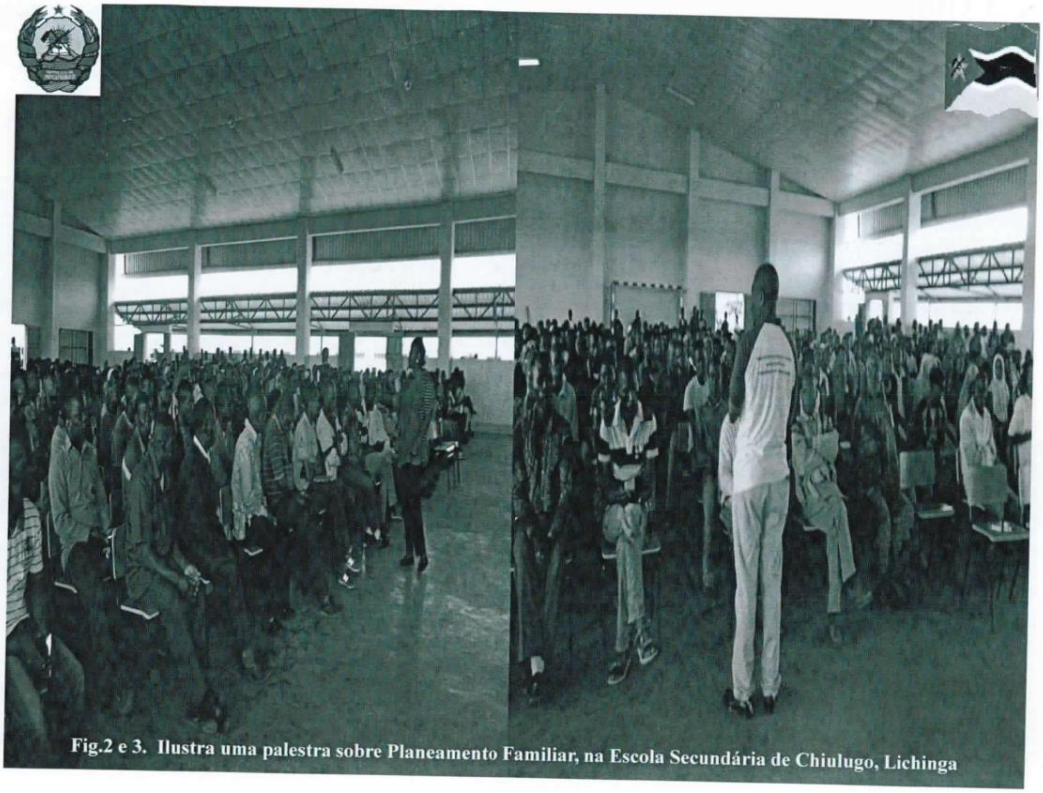


Fig.2 e 3. Ilustra uma palestra sobre Planeamento Familiar, na Escola Secundária de Chiulugo, Lichinga

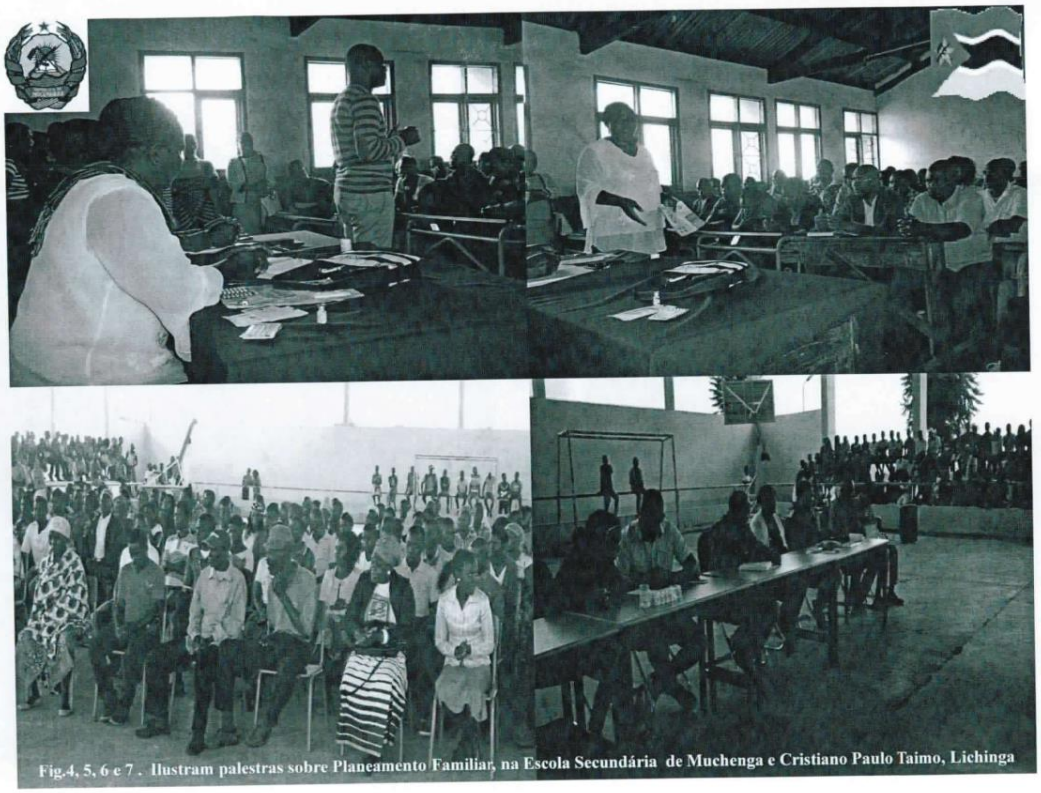
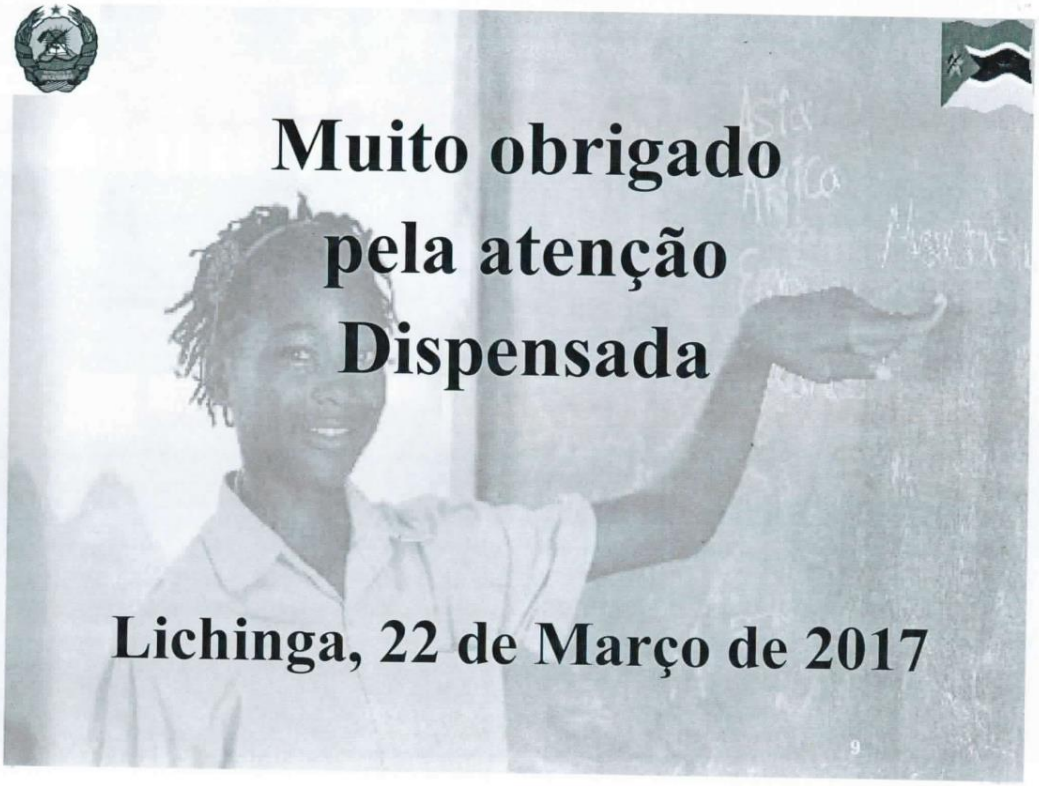


Fig.4, 5, 6 e 7 . Ilustram palestras sobre Planeamento Familiar, na Escola Secundária de Muchenga e Cristiano Paulo Taimo, Lichinga



ANEXO D – Lei nº 6/92 de 6 de Maio

Lei n.º 6/92
de 6 de Maio

Havendo necessidade de reajustar o quadro geral do sistema educativo e adequar as disposições contidas na Lei n.º 4/83, de 23 de Março, às actuais condições sociais e económicas do país, tanto do ponto de vista pedagógico como organizativo.

Ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 135 da Constituição, a Assembleia da República determina:

Sistema Nacional de Educação

CAPÍTULO I

Princípios e objectivos gerais

ARTIGO 1

Princípios gerais

O Sistema Nacional de Educação (SNE) orienta-se pelos seguintes princípios gerais:

a) a educação é direito e dever de todos os cidadãos;
b) o Estado no quadro da lei, permite a participação de outras entidades, incluindo comunitárias, cooperativas, empresariais e privadas no processo educativo;
c) o Estado organiza e promove o ensino, como parte integrante da acção educativa, nos termos definidos na Constituição da República;
d) o ensino público é laico.

ARTIGO 2

Princípios pedagógicos

O processo educativo orienta-se pelos seguintes princípios pedagógicos:

a) desenvolvimento das capacidades e da personalidade de uma forma harmoniosa, equilibrada e constante, que confira uma formação integral;
b) desenvolvimento da iniciativa criadora, da capacidade de estudo individual e de assimilação crítica dos conhecimentos;
c) ligação entre a teoria e a prática, que se traduz no conteúdo e método do ensino das várias disciplinas, no carácter politécnico do ensino conferido e na ligação entre a escola e a comunidade;
d) ligação do estudo ao trabalho produtivo socialmente útil como forma de aplicação dos conhecimentos científicos à produção e de participação no esforço de desenvolvimento económico e social do país;
e) ligação estreita entre a escola e a comunidade, em que a escola participa activamente na dinamização do desenvolvimento sócio-económico e cultural da comunidade e recebe desta a orientação necessária para a realização de um ensino e formação que respondam as exigências do desenvolvimento do país.

ARTIGO 3

Objectivos gerais

São objectivos gerais do Sistema Nacional de Educação:

a) erradicar o analfabetismo de modo a proporcionar a todo o povo o acesso ao conhecimento científico e o desenvolvimento pleno das suas capacidades;
b) garantir o ensino básico a todos os cidadãos de acordo com o desenvolvimento do país através da introdução progressiva da escolaridade obrigatória;
c) assegurar a todos os moçambicanos o acesso à formação profissional;
d) formar cidadãos com uma sólida preparação científica, técnica, cultural e física e uma elevada educação moral cívica e patriótica;
e) formar o professor como educador e profissional consciente com profunda preparação científica e pedagógica, capaz de educar os jovens e adultos;
f) formar cientístas e especialistas devidamente qualificados que permitam o desenvolvimento da produção e da investigação científica;
g) desenvolver a sensibilidade estética e capacidade artística das crianças, jovens e adultos, educando-os no amor pelas artes e no gosto pelo belo.

ARTIGO 4

Estudos das línguas moçambicanas

O Sistema Nacional de Educação deve, no quadro dos princípios definidos na presente lei, valorizar e desenvolver as línguas nacionais, promovendo a sua introdução progressiva na educação dos cidadãos.

ARTIGO 5

Idade escolar

1. As crianças moçambicanas que completem seis anos de idade serão matriculadas na 1.ª classe.

2. São estabelecidas e desenvolvidas actividades e medidas de apoio e complementos educativos visando contribuir para a igualdade de oportunidades de acesso e sucesso escolar.

3. Os pais, a família, os órgãos locais do poder e as instituições económicas e sociais contribuem para o sucesso da escolaridade obrigatória, promovendo a inscrição das crianças em idade escolar, apoiando-as nos estudos, evitando as desistências particularmente antes de completar as sete classes do ensino primário.

4. O Conselho de Ministros determina o ritmo de implementação da escolaridade obrigatória de acordo com o desenvolvimento sócio-económico do país.

CAPÍTULO II

Estrutura do Sistema Nacional de Educação

ARTIGO 6

Estrutura geral

O Sistema Nacional de Educação estrutura-se em ensino pré-escolar, ensino escolar e ensino extra-escolar.

CAPÍTULO III

ARTIGO 7

Ensino pré-escolar

1. O ensino pré-escolar é o que se realiza em creches e jardins de infância para crianças com idade inferior a 6 anos como complemento ou supletivo da acção educativa da família, com a qual coopera estreitamente.

2. É objectivo de ensino pré-escolar estimular o desenvolvimento psíquico, físico e intelectual das crianças e contribuir para a formação da sua personalidade, integrando as crianças num processo harmonioso de socialização favorável ao pleno desabrochar das suas aptidões e capacidades.

3. A rede do ensino pré-escolar é constituída por instituições e iniciativas dos órgãos centrais provinciais ou locais e de outras entidades colectivas ou individuais, nomeadamente associações de pais e de moradores, empresas, sindicatos, organizações cívicas, confessionais e de solidariedade.

4. Compete ao Ministério da Educação, em conjunto com o Ministério da Saúde e a Secretaria de Estado da Acção Social, definir as normas gerais do ensino pré-escolar, apoiar e fiscalizar o seu cumprimento, definir os critérios e normas para a abertura, funcionamento e encerramento dos estabelecimentos de ensino pré-escolar.

5. A frequência do ensino pré-escolar é facultativa.

ARTIGO 8

Ensino escolar

1. O ensino escolar compreende:

a) Ensino geral;
b) Ensino técnico-profissional;
c) Ensino superior.

2. Além do ensino ministrado nos estabelecimentos de ensino referidos no número anterior, o ensino escolar integra também modalidades especiais de ensino.

3. As instituições de ensino consoante a sua propriedade são estatais, cooperativas, comunitárias ou privadas.

CAPÍTULO IV

Ensino escolar

SECÇÃO I

Ensino geral

ARTIGO 9

Caracterização

1. O ensino geral é o eixo central do Sistema Nacional de Educação e confere a formação integral e politécnica.

2. Os níveis e conteúdos deste ensino constituem ponto de referência para todo o Sistema Nacional de Educação.

3. O ensino geral compreende dois níveis:

a) Primário;
b) Secundário.

4. O ensino geral é frequentado em princípio, a partir do ano lectivo em que completam 6 anos.

ARTIGO 10

Objectivos

São objectivos do ensino geral:

1. Proporcionar o acesso ao ensino de base aos cidadãos moçambicanos, contribuindo para garantir a igualdade de oportunidade de acesso a uma profissão e aos sucessivos níveis de ensino.

2. Dar uma formação integral ao cidadão para que adquira e desenvolva conhecimentos e capacidades intelectuais, físicas, e na aquisição de uma educação politécnica, estética e ética.

3. Dar uma formação que responda às necessidades materiais e culturais do desenvolvimento económico e social do país, nomeadamente:

a) conferindo ao cidadão conhecimentos e desenvolvendo nele capacidades, hábitos e atitudes necessários à compreensão e participação na transformação da sociedade;
b) Preparando o cidadão para o estudo e trabalho independentes, desenvolvendo as suas capacidades de inovar e pensar com lógica e rigor científicos;
c) Desenvolvendo uma orientação vocacional que permita a harmonização entre as necessidades do país e as aptidões de cada um.

4. Detectar e incentivar aptidões, habilidades e capacidades especiais nomeadamente intelectuais, técnicas, artísticas, desportivas e outras.

ARTIGO 11

Ensino primário

1. O ensino primário prepara os alunos para o acesso ao ensino secundário e compreende as sete primeiras classes, subdivididas em dois graus:

a) 1.º Grau, da 1.ª à 5.ª classes;
b) 2.º Grau, 6.ª e 7.ª classes.

2. São objectivos deste nível:

a) proporcionar uma formação básica nas áreas da comunicação, das ciências matemáticas, das ciências naturais e sociais, e da educação física, estética e cultural;
b) transmitir conhecimentos de técnicas básicas e desenvolver aptidões de trabalho manual, atitudes e convicções que proporcionem o ingresso na vida produtiva;
c) proporcionar uma formação básica da personalidade.

ARTIGO 12

Ensino secundário

1. O nível secundário do ensino geral compreende cinco classes e subdivide-se em dois ciclos:

a) 1.º Ciclo, da 8.ª à 10.ª classe;
b) 2.º Ciclo, 11.ª e 12.ª classes.

2. Os objectivos do ensino secundário são os de consolidar, ampliar e aprofundar os conhecimentos dos alunos nas ciências matemáticas, naturais e sociais e nas áreas da cultura, da estética e da educação física.

SECÇÃO II

Ensino técnico-profissional

ARTIGO 13

Caracterização

1. O ensino técnico-profissional constitui o principal instrumento para a formação profissional da força de trabalho qualificada necessária para o desenvolvimento económico e social do país.

2. O ensino técnico-profissional compreende os seguintes níveis:

a) Elementar;
b) Básico;
c) Médio.

ARTIGO 14

Objectivos

São objectivos do ensino técnico-profissional:

1. Assegurar a formação integral e técnica dos jovens em idade escolar, de modo a prepará-los para o exercício de uma profissão numa especialidade.
2. Desenvolver nos jovens as qualidades básicas da personalidade, em particular, educando-os no assumir de uma atitude correcta perante o trabalho.
3. Desenvolver capacidades de análise e síntese, de investigação e inovação, de organização e direcção científica do trabalho.

ARTIGO 15

Ensino elementar técnico

1 O ensino elementar técnico forma trabalhadores qualificados para os sectores económicos e sociais, que participem nas tarefas elementares dos processos produtivos e serviços.

2. Para ingresso neste tipo de ensino exige-se no mínimo a conclusão do 1.º Grau do ensino primário.

ARTIGO 16

Ensino básico técnico

1. O ensino básico técnico forma trabalhadores qualificados para os sectores económicos e sociais, que participem nas diferentes fases dos processos produtivos e dos serviços, dando-lhes conhecimentos científicos e técnico-profissionais e desenvolvendo capacidades, habilidades e hábitos de acordo com o estabelecido nos curricula e planos de estudos de cada especialidade.

2. Para ingresso neste ensino exige-se a conclusão do 2.º Grau do ensino primário ou o ensino elementar técnico-profissional ou equivalente.

ARTIGO 17

Ensino médio técnico

1. O ensino médio técnico forma técnicos para os sectores económicos e sociais com conhecimentos científicos e técnico estabelecidos no respectivo perfil profissional do ramo e especialidade e com capacidades de direcção.

2. Para o ingresso neste nível de ensino exige-se no mínimo a conclusão do 1.º ciclo do ensino secundário geral ou do ensino básico técnico-profissional.

ARTIGO 18

Duração dos cursos

A duração dos cursos e habilitações de ingresso em cada nível serão definidas pelo Conselho de Ministros.

ARTIGO 19

Equivalência dos cursos

O Ministro da Educação determinará a equivalência dos cursos em conformidade com os curricula.

SECÇÃO III

Ensino superior

ARTIGO 20

Caracterização

1 Ao ensino superior compete assegurar a formação a nível mais alto de técnicos e especialistas nos diversos domínios do conhecimento científico necessários ao desenvolvimento do país.

2. O ensino superior realiza-se em estreita ligação com a investigação científica.

3. O ensino superior destina-se aos graduados com a 12.ª classe do ensino geral ou equivalente.

ARTIGO 21

Objectivos

São objectivos do ensino superior:

1. Formar nas diferentes áreas do conhecimento, profissionais, técnicos e cientistas com um alto grau de qualificação.
2. Incentivar a investigação científica e tecnológica como meio de formação dos estudantes, de solução dos problemas com relevância para a sociedade e de apoio ao desenvolvimento do país.
3. Assegurar a ligação ao trabalho em todos os sectores e ramos de actividade económica e social, como meio de formação técnica e profissional dos estudantes
4. Difundir actividades de extensão, principalmente através da difusão e intercâmbio do conhecimento técnico-científico.
5. Realizar acções de actualização dos profissionais graduados pelo ensino superior
6. Desenvolver acções de pós-graduação tendentes ao aperfeiçoamento científico e técnico dos docentes e dos profissionais de nível superior em serviço nos vários ramos e sectores de actividade.
7. Formar os docentes e cientistas necessários ao funcionamento e desenvolvimento do ensino e da investigação.

ARTIGO 22

Tipos de instituições de ensino superior

O ensino superior realiza-se em universidades, institutos superiores, escolas superiores e academias.

ARTIGO 23

Criação de instituições de ensino superior

1. Compete ao Conselho de Ministros criar ou encerrar instituições de ensino superior estatais e autorizar a criação de instituições do ensino superior particulares, ouvido o Conselho de Reitores.

2. Lei especial definirá, os procedimentos a cumprir para a criação, funcionamento e encerramento de instituições do ensino superior.

ARTIGO 24

Natureza jurídica das instituições de ensino superior estatais

1 As instituições de ensino superior estatais são pessoas colectivas de direito público, têm personalidade jurídica e gozam de autonomia científica, pedagógica e administrativa

2. O conteúdo e alcance da autonomia são definidos na lei sobre o ensino superior referida no número 2 do artigo 23.

ARTIGO 25

Acesso

1. Poderão ter acesso ao ensino superior os indivíduos que tenham concluído com aprovação a 12.ª classe ou equivalente.

2. As condições de acesso a cada instituição de ensino superior são regulamentadas pela respectiva instituição.

3. O acesso a cada curso do ensino superior deve ter em conta a preferência do candidato, o seu nível de conhecimentos científicos e aptidões, bem como a capacidade da respectiva instituição.

4. Para permitir a frequência do ensino superior e de forma a atenuar os efeitos discriminatórios decorrentes de desigualdades económicas e regionais ou de desvantagens sociais prévias:

a) o Estado deve garantir bolsas de estudo com quotas pré-estabelecidas e outras formas de apoio para as classes de menor rendimento económico e para cada região. Estas bolsas poderão ser atribuídas a estudantes de instituições de ensino superior estatais e particulares;

b) nas instituições de ensino superior estatais poderão ser consideradas quotas e ou reserva de lugares para os vários grupos de indivíduos mencionados na alínea anterior.

ARTIGO 26

Graus e diplomas

1 O ensino superior confere os graus de bacharel e licenciado, podendo também conferir os graus de mestre e doutor quando se mostrarem criadas as condições para tal.

2. Além dos graus referidos no número anterior, as instituições de ensino superior podem atribuir certificados e diplomas para cursos especializados ou de curta duração.

3. As instituições de ensino superior outorgam títulos honoríficos.

4. Até à aprovação da legislação especial sobre o ensino superior, o Conselho de Ministros definirá as condições gerais de obtenção dos graus referidos no número 1 deste artigo, ouvido o Conselho de Reitores.

ARTIGO 27

Investigação científica

1. Nas instituições de ensino superior serão criadas condições para a promoção e realização da investigação científica e tecnológica.

2. A investigação científica no ensino superior deve ter em conta os objectivos da instituição em que se insere.

SECÇÃO IV

Modalidades especiais de ensino escolar

ARTIGO 28

Modalidades

1. Constituem modalidades especiais do ensino escolar:

a) o ensino especial;
b) o ensino vocacional;
c) o ensino de adultos;
d) o ensino à distância;
e) a formação de professores.

2. Cada uma destas modalidades é parte integrante do ensino escolar mas rege-se por disposições especiais.

ARTIGO 29

Ensino especial

1. O ensino especial consiste na educação de crianças e jovens com deficiências físicas, sensoriais e mentais ou de difícil enquadramento escolar e realiza-se de princípio através de classes especiais dentro das escolas regulares.

2. Crianças com múltiplas deficiências graves ou com atraso mental profundo deverão receber uma educação adaptada às suas capacidades através do ensino extra-escolar.

3. É objectivo do ensino especial proporcionar uma formação em todos os graus de ensino e a capacitação vocacional que permita a integração destas crianças e jovens em escolas regulares, na sociedade e na vida laboral.

4. O ensino especial é tutelado pelo Ministério da Educação em conjunto com o Ministério da Saúde e a Secretaria de Estado da Acção Social, a quem compete estabelecer as normas, apoiar e fiscalizar o seu cumprimento, definir os critérios para a abertura, funcionamento e encerramento dos estabelecimentos de ensino especial.

ARTIGO 30

Ensino vocacional

1. O ensino vocacional consiste na educação de jovens que demonstram especiais talentos e aptidões particulares nos domínios das ciências e das artes, educação física e outros e realiza-se em escolas vocacionais.

2. A formação vocacional é feita sem prejuízo da formação básica e geral própria do ensino geral por forma a permitir um desenvolvimento global e equilibrado da personalidade do aluno.

3. O ensino vocacional é tutelado em conjunto pelo Ministério da Educação, Ministério da Saúde e Secretaria de Estado da Acção Social e sempre que necessário, pelo órgão estatal especialmente ligado à actividade em que se revela o talento, competindo a este órgão estabelecer as normas, apoiar e fiscalizar o seu cumprimento, definir os critérios para a abertura, funcionamento e encerramento dos estabelecimentos do ensino vocacional.

ARTIGO 31

Ensino de adultos

1. O ensino de adultos é aquele que é organizado para os indivíduos que já não se encontram na idade normal de frequência dos ensinos geral e técnico-profissional.

2. Esta modalidade de ensino é também destinada aos indivíduos que não tiveram oportunidade de se enquadrar no sistema de ensino escolar na idade normal de formação, ou que o não concluíram.

3. Têm acesso a esta modalidade de ensino os indivíduos:

a) ao nível do ensino primário, a partir dos 15 anos;
b) ao nível do ensino secundário, a partir dos 18 anos.

4. Este ensino atribui os mesmos diplomas e certificados que os conferidos pelo ensino regular, sendo as formas de acesso e os planos e métodos de estudos organizados de modo distinto, tendo em conta os grupos etários a que destinam, a experiência de vida e os conhecimentos demonstrados.

5. O Ministério da Educação definirá as formas de avaliação dos conhecimentos e aptidões para efeitos de integração dos educandos em classes especiais.

ARTIGO 32

Ensino à distância

1. O ensino à distância, mediante o recurso às novas tecnologias da informação, constitui não só uma forma complementar do ensino regular, mas também uma modalidade alternativa do ensino escolar.

2. O ensino à distância terá particular incidência no ensino de adultos e na formação contínua de professores.

ARTIGO 33

Formação de professores

A formação de professores para os ensinos geral, técnico-profissional, especial e vocacional realiza-se em instituições especializadas e visa:

1. Assegurar a formação integral dos docentes, capacitando-os para assumirem a responsabilidade de educar e formar os jovens e adultos.
2. Conferir no professor uma sólida formação científica, psicopedagógica e metodológica.
3. Permitir ao professor uma elevação constante do seu nível de formação científica, técnica e psicopedagógica.

ARTIGO 34

Níveis da formação de professores

A formação de professores estrutura-se em três níveis:

1. *Nível básico*: realiza-se a formação de professores do ensino primário do 1.º Grau.

As habilitações de ingresso neste nível correspondem à 7.ª classe.

2. *Nível médio*: realiza a formação inicial dos professores do ensino primário e dos professores de práticas de especialidades do ensino técnico-profissional.

As habilitações de ingresso neste nível correspondem à 10.ª classe do ensino geral ou equivalentes.

3. *Nível superior:* realiza a formação dos professores para todos os níveis do ensino.

As habilitações para ingresso neste nível correspondem à 12.ª classe do ensino geral.

CAPÍTULO V

Ensino extra-escolar

ARTIGO 35

Ensino extra escolar

1. O ensino extra-escolar é o que engloba actividades de alfabetização e de aperfeiçoamento e actualização cultural e científica e realiza-se fora do sistema regular de ensino.
2. O ensino extra-escolar tem como objectivo permitir a cada indivíduo aumentar os seus conhecimentos e desenvolver as suas potencialidades, em complemento da formação escolar ou em suprimento da sua carência.
3. O ensino extra-escolar integra-se numa perspectiva de ensino permanente e visa a globalidade e a continuidade da acção educativa.
4. São objectivos fundamentais do ensino extra-escolar:
   a) eliminar o analfabetismo literal e funcional;
   b) contribuir para a efectiva igualdade de oportunidades educativas e profissionais dos que não frequentaram o sistema regular do ensino ou o abandonaram precocemente, designadamente através da alfabetização e do ensino de base de crianças e adultos;
   c) assegurar a ocupação dos tempos livres das crianças, jovens e adultos com actividades de natureza cultural e de ensino informal sobretudo aquelas que não tiveram acesso à escola.
5. Compete ao Estado promover a realização de actividades extra-escolares e apoiar as que neste domínio, sejam de iniciativa das associações culturais e recreativas, associações de pais, associações de estudantes e organismos juvenis, organizações sindicais e comissões de trabalhadores, organizações cívicas e confessionais e outras.
6. O Conselho de Ministros definirá em regulamentação específica a forma de certificação e de atribuição de equivalências dos estudos realizados no âmbito do ensino extra-escolar.

CAPÍTULO VI

Direcção e administração

ARTIGO 36

Responsabilidade do Ministério da Educação

1. O Ministério da Educação é responsável pela planificação, direcção e controlo da administração do Sistema Nacional de Educação, assegurando a sua unicidade.
2. Os curricula e programas do ensino escolar, com excepção do ensino superior, têm um carácter nacional e são aprovados pelo Ministro da Educação.
3. Sempre que se revele necessário, podem ser introduzidas adaptações de carácter regional aos currícula e programas nacionais por forma a garantir uma melhor qualificação dos alunos, desde que com isso não se contrariem os princípios, objectivos e concepção do Sistema Nacional de Educação. Estas adaptações são aprovadas pelo Ministro da Educação.

ARTIGO 37

Conselho de Reitores

1. Até definição da legislação especial, para assuntos respeitantes ao ensino superior será criado um órgão consultivo e de assessoria, o Conselho de Reitores.
2. O Conselho de Reitores tem como membros permanentes o Ministro da Educação, que o preside, e os reitores das instituições de ensino superior.
3. Compete, em especial, ao Conselho de Reitores:
   a) pronunciar-se sobre a criação ou encerramento de instituições do ensino superior;
   b) pronunciar-se sobre propostas de introdução, supressão ou equiparação de graus do ensino superior;
   c) propor a que cursos do ensino superior dão acesso os diferentes ramos do 2.º Ciclo do ensino secundário geral, bem como os diversos cursos do ensino médio técnico;
   d) propor as quotas previstas no artigo 23, n.º 5, alíneas *a)* e *b)*;
   e) fiscalizar a actividade das instituições do ensino superior;
   f) apreciar e avaliar o nível de ensino e da investigação científica nas instituições de ensino superior;
   g) apresentar propostas e recomendações visando aumentar a qualidade e eficácia do ensino superior;
   h) propor modalidades de estabelecimento de equivalências de estudos e habilitações para efeitos de ingresso no ensino superior;
   i) preparar legislação pertinente sobre a organização e funcionamento do ensino superior para aprovação competente;
   j) aprovar o regimento do Conselho.

CAPÍTULO VII

Implementação do Sistema Nacional de Educação

ARTIGO 38

Implementação

O Ministério da Educação, define a forma e métodos de implementação progressiva do Sistema Nacional de Educação.

ARTIGO 39

Reconhecimento e equivalência de habilitações anteriores

São reconhecidas as habilitações obtidas antes da entrada em vigor do Sistema definido na presente lei. O Ministério da Educação deverá publicar uma tabela oficial de equivalências.

CAPÍTULO VIII

Disposições finais

ARTIGO 40

É revogada a Lei n.º 4/83, de 23 de Março.

Aprovada pela Assembleia da República.

O Presidente da Assembleia da República, *Marcelino dos Santos.*

Promulgada em 6 de Maio de 1992.

Publique-se.

O Presidente da República, JOAQUIM ALBERTO CHISSANO.

Lei n.º 7/92

de 6 de Maio

Tendo-se verificado a aplicação do Decreto-Lei n.º 5/76, de 5 de Fevereiro, aos imóveis de construção precária;

Com a preocupação de resolver problemas específicos que exigem tratamento adequado;

Para se corrigirem procedimentos errados e se regularizarem a sua situação, acautelando os direitos do inquilino e do antigo proprietário quando nacionais, e levando o Estado a assumir as suas responsabilidades;

Ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 135 da Constituição, a Assembleia da República determina:

ARTIGO 1

A presente lei tem por objecto exclusivamente os imóveis de caniço, madeira e zinco e outros de construção precária ou similares que foram abrangidos pela aplicação do Decreto-Lei n.º 5/76, de 5 de Fevereiro.

ARTIGO 2

1. Os antigos proprietários quando nacionais têm direito a uma compensação do Estado ou a uma pensão vitalícia, segundo optarem, desde que apresentem prova de propriedade.

2. A compensação é igual a dez vezes o valor da renda anual no momento da aplicação do referido Decreto Lei n.º 5/76, valor a ser reajustado pelo Governo em função da desvalorização sofrida pela moeda nacional.

3. O Estado pagará essa compensação de uma só vez ou sob a forma de obrigações do Estado, na base da conveniência do Estado.

4. As obrigações vencem juros.

ARTIGO 3

Os antigos proprietários nacionais, cuja renda cobrada constituia o essencial do seu rendimento, manterão o direito à pensão vitalícia, caso não optem pela compensação.

ARTIGO 4

1. Os direitos do antigo proprietário nacional podem ser reclamados pelos herdeiros quando nacionais.

2. Consideram-se, quando nacionais, herdeiros para este efeito:

a) o cônjuge sobrevivo;

b) os demais herdeiros nos termos da lei.

ARTIGO 5

1. Quando nacionais, os inquilinos têm o direito a adquirir o imóvel de construção precária em que habitam, contra pagamento imediato ou por prestações, sendo o valor do mesmo imóvel calculado, com base exclusiva, no valor da compensação prevista no n.º 2 do artigo 2, desde que o imóvel se encontre em zona que se integre no plano de urbanização.

2. O máximo de prestações mensais aceites é de 180, devendo neste caso, ao valor da prestação ser acrescido um juro correspondente ao das obrigações do Estado, emitidas nos termos do n.º 4 do artigo 2.

ARTIGO 6

1. O Conselho de Ministros, no prazo máximo de 180 dias, estabelecerá o regulamento de aplicação da presente lei.

2. Esse regulamento deverá conter, entre outros, nomeadamente:

a) mecanismos para apresentação das provas de proprietário exigidos pelo n.º 1 do artigo 2 da presente lei;

b) mecanismos para aquisição pelos inquilinos nacionais dos imóveis de construção precária, nos termos do n.º 1 do artigo 5;

c) mecanismos para determinar o valor e obter a compensação ou pensão determinadas pelo artigo 2 da presente lei;

d) prazos para apresentação de reclamações;

e) o órgão onde será apresentada a reclamação e procedimentos a seguir para recurso da decisão, inclusive, até ao Tribunal Administrativo;

f) taxas a pagar para a cobertura de despesas administrativas, resultantes da aplicação da presente lei, pelos antigos proprietários nacionais ou pelos inquilinos.

Aprovada pela Assembleia da República.

O Presidente da Assembleia da República, *Marcelino dos Santos.*

Promulgada em 6 de Maio de 1992.

Publique se.

O Presidente da República, JOAQUIM ALBERTO CHISSANO.